



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

SILVIA CONCEIÇÃO LONGUIN MOTTA

**“ESCOLA DÁ VIDA”:**  
UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE SOCIOLOGIA EM  
ROLÂNDIA/PR

---

Londrina  
2020

SILVIA CONCEIÇÃO LONGUIN MOTTA

**“ESCOLA DÁ VIDA”:**  
UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE SOCIOLOGIA EM  
ROLÂNDIA/PR

Dissertação, apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO), do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH), da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Sociologia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Ângela Maria de Sousa Lima

Londrina  
2020

SILVIA CONCEIÇÃO LONGUIN MOTTA

**“ESCOLA DÁ VIDA”:**  
UMA METODOLOGIA DE ENSINO DE SOCIOLOGIA EM  
ROLÂNDIA/PR

Dissertação, apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO), do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH), da Universidade Estadual de Londrina (UEL), como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Sociologia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora Prof<sup>a</sup>. Dra. Ângela Maria de Sousa  
Lima  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Angélica Lyra de Araújo  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Alexandre Barbosa Pereira  
Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Ileizi L. Fiorelli Silva  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof<sup>a</sup> Dra. Zuleika de Paula Bueno  
Universidade Estadual de Maringá- UEM

Londrina, 06 de abril de 2020.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço imensamente o incentivo, o carinho e a compreensão da amiga e orientadora Ângela Maria de Sousa Lima, pessoa única, comprometida com uma educação justa e que faz a diferença na vida de todos nós.

À Tatiane Brito dos Santos, com quem compartilho a felicidade de ter construído essa experiência desafiadora e singular. Minha profunda gratidão, carinho e respeito, pelo apoio, parceria e confiança.

Ao LENPES – Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia, pela valiosa parceria durante esses 11 anos de intenso trabalho e êxito.

À professora Dra. Angélica Lyra de Araújo, à professora Dra. Márcia Rejania de Souza, ao professor Dr. Alexandre Barbosa Pereira, à professora Dra. Zuleika de Paula Bueno e à professora Dra. Ileizi L. Fiorelli Silva, pela honra e pela disponibilidade de terem aceito o convite para contribuir com este trabalho, enriquecendo-o com suas sugestões e conhecimentos.

Aos/as estudantes e egressos pelos importantes depoimentos e experiências disponibilizadas.

Ao Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, pelo apoio durante esta caminhada, acolhendo e confiando nos nossos trabalhos.

Ao mestrado PROFSOCIO, pela oportunidade de concretizar este estudo e por todos os ensinamentos e experiências vivenciadas.

Agradeço ao meu **AMOR**, à AMIZADE e à CUMPLICIDADE, que unem almas tão especiais e fazem a vida valer a pena.

*“Não existe tal coisa como um processo de educação neutra. Educação ou funciona como um instrumento que é usado para facilitar a integração das gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela se torna a "prática da liberdade", o meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo”. **Paulo Freire***

MOTTA, Silvia Conceição Longuin. **“Escola dá vida”**: uma metodologia de ensino de sociologia em Rolândia/PR. 2020. 209 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Rede Nacional em Sociologia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

## RESUMO

No Brasil, a partir de 2008, a Sociologia disseminou-se para um público juvenil muito maior, indo além do ensino superior. A sua reinserção no currículo do Ensino Médio passou a exigir que novas metodologias de ensino fossem mobilizadas no sentido de ressignificar a teoria sociológica e a prática escolar. Tudo isso, num contexto socialmente dinâmico, politicamente adverso e economicamente cada vez mais desigual, além das peculiaridades dos retrocessos pelos quais perpassaram as políticas públicas educacionais após a publicação da Lei nº 13.415/2017. Uma das mais importantes características da educação e, sem dúvida, um dos maiores desafios dos educadores está no ato de ensinar. Em face desta realidade e dessas concepções é que escolhemos o Projeto “Escola dá Vida” como objeto de análise dessa dissertação. Esse projeto que foi implantado há onze anos no Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, em Rolândia/PR, partiu de uma proposta de metodologia de ensino e de metodologia de pesquisa diferenciadas, por proporcionar aos alunos do Ensino Médio maiores possibilidades de participação no processo de ensino-aprendizagem da Sociologia. Neste percurso, partindo da observação científica da própria prática docente, elegemos como problema de pesquisa: reescrever sociologicamente estes onze anos do Projeto “Escola dá Vida” (2008-2019), de modo que pudéssemos, por meio da observação participante, das entrevistas com os jovens do Ensino Médio, dos relatos de alguns profissionais envolvidos e dos depoimentos dos egressos dimensionar a abrangência socioeducacional deste Projeto, dentro e fora da sala de aula, buscando apreender seus efeitos, sobretudo, para as juventudes protagonistas neste processo. Neste contexto atual de significativos retrocessos político- curriculares no Brasil, compreendemos tal iniciativa didático-pedagógica como uma proposta teóricometodológica que contribui para firmar a relevância da disciplina de Sociologia no Ensino Médio. Trata-se de uma iniciativa didático-pedagógica que busca proporcionar ao estudante significativas possibilidades de aprendizagem sociológica, fazendo-o perceber-se sujeito de sua história, ativo no processo ensino e aprendizagem quando desafiado em situações concretas dentro e fora da escola. Assim, o Projeto buscou demonstrar que pode contribuir para despertar nos estudantes a imaginação sociológica, possibilitando-os uma formação mais crítica, criando novas disposições, ao mobilizar diferente saberes.

**Palavras-chave:** Metodologias de ensino e de pesquisa. Ensino médio. Juventudes. Escola pública.

MOTTA, Silvia Conceição Longuin. **“Escola dá vida”**: a sociology teaching methodology in Rolândia/PR. 2020. 209 p. Dissertation (Professional Master's Program in National Network in Sociology) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

## **ABSTRACT**

In Brazil, as of 2008, Sociology has spread to a much larger youth audience, going beyond higher education. Its reinsertion in the High School curriculum started to demand that new teaching methodologies be mobilized in order to reframe sociological theory and school practice. All of this, in a context that is socially dynamic, politically adverse and economically increasingly unequal, in addition to the peculiarities of the setbacks through which public educational policies went through after the publication of Law No. 13,415 / 2017. One of the most important characteristics of education and, without a doubt, one of the greatest challenges for educators is in the act of teaching. In view of this reality and these conceptions, we chose the “Escola da Vida” Project as the object of analysis of this dissertation. This project, which was implemented eleven years ago at the Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, in Rolândia / PR, started from a proposal for differentiated teaching methodology and research methodology, by providing high school students with greater possibilities of participation in the teaching process. -Learning Sociology. In this path, starting from the scientific observation of the teaching practice itself, we chose as a research problem: sociologically rewrite these eleven years of the Project “School gives Life” (2008-2019), so that we could, through participant observation, interviews with young people from high school, from the reports of some professionals involved and from the testimonies of the graduates to measure the socio-educational scope of this Project, inside and outside the classroom, seeking to apprehend its effects, especially for the youth protagonists in this process. In this current context of significant political-curricular setbacks in Brazil, we understand this didactic-pedagogical initiative as a theoretical-methodological proposal that contributes to establishing the relevance of the discipline of Sociology in High School. It is a didactic-pedagogical initiative that seeks to provide students with significant sociological learning possibilities, making them perceive themselves as subjects of their history, active in the teaching and learning process when challenged in concrete situations inside and outside the school. Thus, the Project sought to demonstrate that it can contribute to arousing the sociological imagination in students, enabling them to have a more critical education, creating new dispositions, by mobilizing different knowledge.

**Key Words:** Teaching and research methodology. High School. Youth. Public school.

## LISTA DE SIGLAS E DE ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CENSE	Centro de Socioeducação
DCE'S	Diretrizes Curriculares Estaduais
D.C.N.E.B	Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DV	Deficiência Visual
EAD	Ensino a Distância
EUA	Estados Unidos da América
FACCAR	Faculdade Paranaense de Rolândia
FOPE	Fórum Permanente dos Cursos de Licenciatura
GAES	Grupo de Apoio ao Ensino de Sociologia
GEEMAS	Grupo de Estudos e de Extensão de Materiais Didáticos de Sociologia
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
INED	Instituto Nacional de Educação a Distância
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
ISBN	International Standard Book Number
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LENPES	Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia
LES	Laboratório de Ensino de Sociologia
MBL	Movimento Brasil Livre
MP	Medida Provisória
NRL	Núcleo Regional de Londrina
OBEDUC	Observatório da Educação
OCN'S	Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PNE	Plano Nacional de Educação
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROFSOCIO	Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional

PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
PTD	Plano de Trabalho Docente
SESI	Serviço Social da Indústria
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UNESP	Universidade Estadual Paulista

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
1.1	CONHECENDO A AUTORA .....	18
1.2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	21
<b>2</b>	<b>NOVOS E ANTIGOS DESAFIOS PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA</b> .....	28
2.1	BREVE ESTADO DA ARTE, COM RECORTE NA UEL .....	29
2.2	SEMANAS/JORNADAS DE SOCIOLOGIA/HUMANIDADES NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO DO NRE/LONDRINA .....	36
2.3	DESAFIOS PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA DIANTE DA NOVA REFORMA DO ENSINO MÉDIO.....	39
2.4	IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA: INDISSOCIABILIDADE PESQUISAENSINO .....	45
2.5	JUVENTUDES NO ENSINO MÉDIO .....	68
<b>3</b>	<b>CARACTERIZAÇÃO SOCIOLÓGICA DA ESCOLA, DOS ESTUDANTES E DO PROJETO “ESCOLA DÁ VIDA”</b> .....	79
3.1	HISTÓRICO DO MUNICÍPIO, DO BAIRRO E DA ESCOLA.....	80
3.2	CARACTERIZAÇÃO DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA PESQUISADA E A INSERÇÃO DO PROJETO “ESCOLA DÁ VIDA” NO PPP .....	85
3.3	CARACTERIZAÇÃO SOCIOLÓGICA DAS JUVENTUDES PARTICIPANTES DO PROJETO “ESCOLA DÁ VIDA” .....	89
3.4	CARACTERIZAÇÃO SOCIOLÓGICA DO PROJETO “ESCOLA DÁ VIDA”: INTERFACES ENTRE METODOLOGIAS DE PESQUISA E METODOLOGIAS DE ENSINO .....	97
3.5	O PASSO A PASSO DO PROJETO .....	107
<b>4</b>	<b>HISTÓRICO DAS JORNADAS DE SOCIOLOGIA NO COLÉGIO VILLANUEVA</b> .....	117
4.1	XI JORNADA DE SOCIOLOGIA NO COLÉGIO ESTADUAL PROF. FRANCISCO VILLANUEVA.....	126
4.2	QUANDO O PROJETO “ESCOLA DÁ VIDA” É APRESENTADO COMO PRODUTO DO PROFSOCIO .....	132

4.3	XII JORNADA DE SOCIOLOGIA E PROJETO “ESCOLA DÁ VIDA”/2019 “JUVENTUDE É MAIS QUE UMA PALAVRA” .....	134
4.4	APRESENTAÇÃO DOS PRÉ-PROJETOS DOS ESTUDANTES NA ESCOLA: JUNHO DE 2019 .....	139
4.5	RELATOS DOS PRÉ-PROJETOS: EXPERIÊNCIAS O QUE DESPERTARAM DISPOSIÇÕES PARA APRENDER.....	141
4.6	JULHO DE 2019 – “NÃO QUEREMOS FAZER O PROJETO” .....	149
4.7	DENÚNCIA ANÔNIMA: PROJETO “ESCOLA DÁ VIDA” É DESAFIADO .....	152
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS RELATOS DOS ESTUDANTES.. .....</b>	<b>164</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>175</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>178</b>
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>192</b>
	ANEXO A Consentimento esclarecido para os gestores .....	193
	ANEXO B Consentimento esclarecido para os professores .....	196
	ANEXO C Consentimento esclarecido para os técnicos .....	199
	ANEXO D Consentimento esclarecido para os estudantes .....	202
	ANEXO E Consentimento esclarecido para os egressos .....	205

## 1 INTRODUÇÃO

Especialmente na última década a Sociologia no Brasil disseminou-se para um público muito maior indo além do ensino superior. Sua reinserção no currículo do Ensino Médio passou a exigir que novas metodologias fossem pensadas e mobilizadas no sentido de submetê-las à teoria sociológica e à prática escolar. Tudo isso, num contexto pós-moderno, socialmente diverso e dinâmico além das peculiaridades da formação da sociedade brasileira.

Em face desta realidade e da necessidade de estimular os alunos para o aprendizado dos conceitos sociológicos como interpretação da realidade social, atendendo as orientações curriculares do ensino de Sociologia dispostas nas OCNs, e os objetivos do Ensino Médio dispostos na LDB/96, implementamos o Projeto “Escola dá Vida” (MOTTA, Silvia [201-?]) em um Colégio Estadual da rede pública de Rolândia – PR, chamado Professor Francisco Villanueva .

Pensamos ser crucial registrar que os onze anos do Projeto “Escola dá Vida” coincidem exatamente com a demarcação de um período histórico de alta relevância de pesquisa para o ensino de Sociologia, já que este nasceu exatamente no ano em que a Sociologia se tornou obrigatória em todas as séries do currículo do Ensino Médio e encontra-se agora (2019), no ano de recorte temporal ameaçada como “Estudos e práticas de”, atacada pela Lei da nova Reforma nº 13.415/2017 (BRASIL, LEI Nº 13.415, 2017), pela última versão da BNCC-Ensino Médio (Base Nacional Comum Curricular) (BRASIL, LEI Nº 13.415, 2018a) e pela Resolução nº 03/2018 (BRASIL, RESOLUÇÃO Nº 03/2018, 2018b), que traz as novas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio, descaracterizando as conquistas das DCNs-Ensino Médio de 2012 (BRASIL, RESOLUÇÃO Nº 02/2012, 2012) e revitalizando problemas que já pensávamos ter resolvido após regovação das DCNs-Ensino Médio de 1998.

Por tudo isso, justificamos a escolha do Projeto “Escola dá Vida” (MOTTA, Silvia, [201-?]) como objeto de estudo dessa dissertação, este Projeto partiu de uma proposta de metodologia de ensino e de pesquisa diferenciada, dentro de uma configuração teórico-prática que proporcionasse aos alunos, maiores possibilidades de participação no processo ensino-aprendizagem, por meio das diferentes linguagens utilizadas: pesquisa sociológica; trabalho em grupo; oficinas

pedagógicas; produção de material didático; elaboração de artigo; comunicação científica dos resultados, dentro e fora da escola.

Por ser uma metodologia que surge do que é significativo para a vida dos estudantes, propiciando-lhes ações mais autônomas para escolher os temas a serem trabalhados durante o Projeto, os integrantes que compõem as equipes definem os temas a serem estudados, os autores e os materiais de apoio que utilizarão, tanto para a elaboração do projeto e do artigo, quanto para a confecção da oficina.

Neste contexto, para o registro desse trabalho estudamos o processo de elaboração, de execução e, sobretudo, os resultados de onze anos de vigência ininterrupta deste referido projeto, idealizado por esta pesquisadora, docente responsável pela disciplina de Sociologia do Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, na cidade Rolândia – PR, localizado na Vila Oliveira. Nossa proposta, enquanto problema de pesquisa é reescrever sociologicamente estes onze anos do Projeto “Escola dá Vida” (2008-2019) (MOTTA, SILVIA, [201-?]), de modo que pudéssemos, por meio da observação participante, das entrevistas com os jovens do Ensino Médio, dos relatos de alguns profissionais envolvidos e dos depoimentos dos egressos dimensionar a abrangência socioeducacional deste Projeto, dentro e fora da sala de aula, buscando apreender seus efeitos, sobretudo, para as juventudes protagonistas neste processo.

Compreendemos que, enquanto hipótese de pesquisa, tentamos demonstrar que trata-se de uma iniciativa didático-pedagógica relevante e ao mesmo tempo de uma proposta teórico-metodológica que proporciona aos estudantes significativas possibilidades de aprendizagem sociológica, que não se limitam às exigências burocráticas do sistema educacional vigente. É uma tentativa de fazer com que o aluno possa se sentir sujeito de sua história, ou seja, ativo no processo de ensino e aprendizagem do qual também é responsável. Esta autonomia leva-o a ser desafiado em situações concretas, na vida escolar e na vida cotidiana.

Os diversos aspectos da vida social dos alunos entram na escola todos os dias. Neste espaço híbrido e heterogêneo, o público e o privado, a ciência e o senso comum, o saber popular e o saber erudito, a teoria e a prática nos revelam a necessidade de construção de um Projeto que seja capaz de problematizar essas interfaces e contradições das realidades, entendendo o estudante como um ser

sociocultural que ocupa um papel central no processo de seu desenvolvimento educativo, e que, portanto, tem direito de participar de todas as suas fases, desde a elaboração, a execução, até a avaliação das ações propostas. E, no caso dessa dissertação, poderão participar, inclusive, do processo de disseminação dos resultados dessa proposição. Mesmo porque;

A pesquisa escolar, motivada e orientada pelos professores, implica na identificação de uma dúvida ou problema, na seleção de informações de fontes confiáveis, na interpretação e elaboração dessas informações e na organização e relato sobre o conhecimento adquirido. Muito além do conhecimento e da utilização de equipamentos e materiais, a prática de pesquisa propicia o desenvolvimento da atitude científica, o que significa contribuir, entre outros aspectos, para o desenvolvimento de condições de, ao longo da vida, interpretar, analisar, criticar, refletir, rejeitar ideias fechadas, aprender, buscar soluções e propor alternativas, potencializadas pela investigação e pela responsabilidade ética assumida diante das questões políticas, sociais, culturais e econômicas. (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p. 164).

O que justifica, ao mesmo tempo, a escolha desse objeto de pesquisa e a longevidade do Projeto “Escola dá Vida”? Acreditamos que seja porque este projeto tem conseguido, ao longo de sua existência caminhar rumo a uma perspectiva cada vez mais autônoma e proporcionar resultados, como já enfatizamos cada vez mais significativos à apreensão dos conhecimentos sociológicos, saber este que precisa fazer sentido para a vida dos alunos. A este propósito, bem como aos demais que se seguirão, pretende-se validar e registrar os produtos do Projeto “Escola dá Vida” como uma proposta metodológica para o ensino de Sociologia, que consiga ser aplicada em outras escolas, com diferentes realidades.

Entendemos que a preocupação com a metodologia do ensino de Sociologia no Ensino Médio tem sido um dos desafios mais importantes no debate sobre a disciplina, haja vista seu histórico intermitente no currículo brasileiro, bem como sua própria especificidade teórico-prática. Assim, ao considerarmos que uma das mais importantes e mais desafiadoras etapas do processo educativo consiste no ato de ensinar a pensar e a agir autonomamente, pretendemos chamar a atenção dos educadores para refletirem sobre a mediação do processo ensino-aprendizagem, afinal tão importante quanto “o quê” se ensina é o “como” se ensina.

O Projeto “Escola dá Vida”, cuja natureza, representa a efetivação de conexão crítica entre uma metodologia de pesquisa e uma metodologia de ensino,

pensadas de forma indissociadas, que possibilitam aos alunos as condições necessárias para estabelecerem relações mais duradouras entre a teoria sociológica com a prática social, tem proporcionado aos mesmos um maior e mais significativo contato com as especificidades da investigação sociológica nas Ciências Sociais/Sociologia.

Por isso, nos apoiamos na perspectiva da pesquisa como princípio pedagógico, conforme explicam as DCNs-Ensino Médio (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013):

É necessário que a pesquisa como princípio pedagógico esteja presente em toda a educação escolar dos que vivem/viverão do próprio trabalho. Ela instiga o estudante no sentido da curiosidade em direção ao mundo que o cerca, gera inquietude, possibilitando que o estudante possa ser protagonista na busca de informações e de saberes, quer sejam do senso comum, escolares ou científicos. Essa atitude de inquietação diante da realidade potencializada pela pesquisa, quando despertada no Ensino Médio, contribui para que o sujeito possa, individual e coletivamente, formular questões de investigação e buscar respostas em um processo autônomo de (re)construção de conhecimentos. Nesse sentido, a relevância não está no fornecimento pelo docente de informações, as quais, na atualidade, são encontradas, no mais das vezes e de forma ampla e diversificada, fora das aulas e, mesmo, da escola. O relevante é o desenvolvimento da capacidade de pesquisa, para que os estudantes busquem e (re)construam conhecimentos. (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p. 163- 164).

Assim, o principal objetivo do Projeto é demonstrar que o mesmo pode contribuir para despertar nos alunos a imaginação sociológica, possibilitando que estes consigam compreender a relação de sua vida pessoal com a vida social, e ao mesmo modo contribuir na sua formação crítica, criando disposições e mobilizando diferentes saberes, como bem explica Bernard Charlot. Afinal, conforme Oliveira ([200-], p. 1) “de maneira geral, alerta Mills (1975), a nossa consciência é moldada pela nossa vivência cotidiana; as relações com vizinhos, família e amigos, constroem nosso olhar para a realidade”. E mais, pretendemos demonstrar como o Projeto é transformador à medida que dá voz aos estudantes e promove o diálogo entre os mesmos, o que, no nosso modo de ver é tanto uma questão pedagógica quanto uma questão política.

Desta forma, as questões que se apresentam no presente trabalho dizem respeito às possibilidades metodológicas que proporcionam aos estudantes maior

participação no processo de ensino e aprendizagem, bem como a possibilidade de romperem com o estigma cultural de desinteresse e apatia de alguns jovens com relação à escola, propiciando uma educação de qualidade, que esteja em consonância com a realidade dos adolescentes e suas necessidades, em sintonia com as D.C.N.E.B:

Mas as reflexões teóricas sobre currículo têm como referência os princípios educacionais garantidos à educação formal. Estes estão orientados pela liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o conhecimento científico, além do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, assim como a valorização da experiência extraescolar, e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p.24).

Ao nos debruçarmos sob uma perspectiva educacional libertadora, conseguimos ver o quanto somos herdeiros de um modelo duro e engessado de educação. Um modelo que, embora longe dos currículos ideais, ainda se faz presente no cotidiano escolar, seja na forma homogênia de ensinar e aprender resistentes às novas cognições, seja nas recorrentes dificuldades inerentes às condições materiais e imateriais do trabalho docente, ou ainda, diante dos inúmeros desafios enfrentados pelos profissionais da educação em constante conflito para garantir seus direitos. Todos estes contingenciais desiguais, repercutem nesse grande mosaico que é a escola. As vezes chegamos a pensar que a escola grita por socorro, mas não conseguimos ouvi-la.

É claro que o Projeto “Escola dá Vida” não se arroga redentor para sanar todas as dificuldades enfrentadas no processo de ensino e aprendizagem dos alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva. Não há a pretensão de afirmar que a partir de sua implementação, todos aqueles e aquelas que dele participaram, puderam transcender os limites epistemológicos do conhecimento sociológico. No entanto, supomos que, de alguma forma, ele possa ter contribuído para a formação tanto educacional, como pessoal dos estudantes sem, contudo, transformar o ensino de Sociologia em um cinto de utilidades, mas que o conhecimento sociológico seja simplesmente usufruído.

O trabalho está dividido em cinco seções: Introdução; Novos e antigos desafios para o Ensino de Sociologia; Caracterização Sociológica da Escola, dos

Estudantes e do Projeto “Escola dá Vida”; Histórico das Jornadas de Sociologia no Colégio Villanueva e Considerações finais. Cada seção aqui apresentada foi ilustrada pelos relatos dos estudantes (egressos ou participantes) que nos ajudaram a analisar e compreender as muitas dimensões que este Projeto abarcou. Na primeira seção, destacamos os motivos que nos levaram à escolha do tema e todos os elementos introdutórios centrados na explicação do problema de pesquisa. Na sequência, apresentamos uma breve biografia da autora contando sua trajetória na educação. Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta de dados (relatos), visando capturar as memórias que os alunos guardaram e experiencializaram ao longo do tempo.

A seção dois tratou dos novos e antigos desafios para o ensino de Sociologia, começando por um breve estado da Arte, mostrando algumas produções da área de ensino de Sociologia centradas no departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, pois como ressaltamos, muitas dessas produções científicas tem se articulado ao longo dos anos com o Projeto “Escola dá Vida”, refletidas, no chão da escola, através de palestras, de oficinas, de regências e de outras formas criativas de comunicação dos saberes sociológicos. Traçamos também a trajetória histórica sobre as Semanas/Jornadas de Sociologia/Humanidades nas Escolas Públicas de Ensino Médio do NRL/Londrina, destacando sua origem muito antes da Lei nº 11.684/2008 (BRASIL, 2008), lei este que se refere à obrigatoriedade da Sociologia e da Filosofia nos currículos do Ensino Médio. Em seguida abordaremos sobre a nova reforma do Ensino Médio, problematizando seus impactos e retrocessos para a educação, em especial para a Sociologia. Nesta seção dois abordamos a imaginação sociológica e a indissociabilidade entre ensino-pesquisa, ou seja, mostramos como a pesquisa é parte fundamental de todo processo educativo, sendo este também o princípio pedagógico do Projeto “Escola dá Vida”. Encerraremos a seção tratando das juventudes no Ensino Médio e das novas perspectivas sobre esta categoria social, ou seja, problematizando a partir de estudos recentes as diferentes formas e condições de se viver as juventudes.

Na seção três abordamos a caracterização sociológica da escola, dos estudantes e do Projeto “Escola dá Vida”. Para tal, iniciamos com o histórico do município e do bairro onde está localizada a escola participante do Projeto, buscando analisar como a configuração sócioeconômica e cultural do passado

dividiu a cidade entre bairros periféricos e de elite, demarcando espaços, criando estigmas e preconceitos.

Outro ponto relevante que buscamos abordar nessa seção diz respeito à relevância de conhecer de forma mais aprofundada a realidade vivenciada pelos alunos. Abordamos também como o ensino de Sociologia está caracterizado na escola e como se deu sua inserção do Projeto no Projeto Político Pedagógico (PPP), fato este que garantiu a sua legalidade e legitimidade diante da comunidade escolar. Caracterizamos sociologicamente as juventudes participantes do Projeto e por fim, apresentamos a caracterização sociológica do Projeto “Escola dá Vida” e as interfaces entre metodologia de pesquisa e metodologia de ensino, buscando valorizar a intelectualidade, as subjetividades e os diferentes saberes dos alunos como sujeitos socioculturais na construção coletiva do conhecimento.

A seção quatro traz o histórico das Jornadas de Sociologia no Colégio Villanueva a partir do ano de 2008, chegando até o ano de 2019 com a XI Jornada. Em destaque, trouxemos os contextos de cada edição, os temas escolhidos para cada Jornada e as diferentes resignificações pelo qual passou o Projeto, delineando os desafios e os muitos relatos que reafirmam a hipótese de que o Projeto, através de sua metodologia, desperta a imaginação sociológica e mobiliza diferentes saberes.

Para fechar, optamos por dois textos de considerações. Na seção cinco, buscamos alinhar as nossas hipóteses, o objetivo, a metodologia de pesquisa e referencial teórico aos relatos dos participantes da pesquisa, interfacetando estes elementos aos achados de pesquisa e às considerações dos próprios estudantes. Na sequência, nas considerações finais propriamente dita, destacamos o que significou para cada um de nós e para o ensino de Sociologia a experiência do Projeto “Escola dá Vida”.

O principal referencial teórico mobilizado para fundamentar o trabalho e para analisar os relatos colhidos partiu de autores das Ciências Sociais, da Sociologia, da Sociologia da Educação, da Sociologia das Juventudes e da Pedagogia/ Educação. Dentre outros tantos autores, nesta caminhada teórica nos auxiliaram significativamente as contribuições de: Juarez Dayrell, Antônio Groppo, Bernard Charlot, François Dubet, Pierre Bourdieu, D.Saviani, Luiz Gasparin, Alexandre Pereira Barbosa e Paulo Freire, além dos documentos oficiais da legislação educacional brasileira.

## 1.1 CONHECENDO A AUTORA

É ponto pacífico na ciência que o pesquisador deve manter distância do objeto pesquisado não permitindo que seus valores, sejam eles morais, éticos, afetivos, ou políticos possam intervir em sua avaliação. Entretanto, é consenso também que a escolha de um tema ou objeto de pesquisa carrega íntima relação com as subjetividades do pesquisador. O que estamos tentando problematizar é o lugar de onde eu, a professora Silvia, estou falando quando decidi, há 11 anos, idealizar e implementar o Projeto “Escola dá Vida”.

Chamo-me Silvia Conceição Longuin Motta. Tenho 50 anos de idade e dos quais 28 dedicados à educação. Sempre estudei em escola pública, do antigo primário até hoje no Mestrado Profissional. Minha formação acadêmica inclui Graduação em Ciências Sociais e Especialização em Ensino de Sociologia, ambas na Universidade Estadual de Londrina.

Sou nascida na cidade de Rondon-PR e aos dois anos de idade me mudei para Rolândia, onde moro até hoje. Estudei desde o 1º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental até o 3º ano do Curso de Magistério, no Colégio Estadual Souza Naves de Rolândia. Lá, enquanto aluna do Curso de Magistério, participei ativamente das atividades da escola. Antes mesmo de concluir o curso, eu já substituía as professoras quando estas não podiam dar aula.

Nestas ocasiões eu me esbaldava, pedagogicamente falando, é claro. Era a oportunidade de colocar em prática a minha metodologia de ensino, ou seja, ensinar de forma que o processo ensino/aprendizagem fosse significativo para a formação das crianças, porém de forma prazerosa, envolvente, despertando a criatividade das mesmas.

Após a conclusão do Curso de Magistério, fui trabalhar em uma instituição filantrópica (Creche São José). Lá tive a minha primeira turminha de alunos. A maioria das crianças que frequentava a instituição eram crianças oriundas de família economicamente “carentes”. Os desafios aumentavam diante de tal realidade, pois a instituição também carecia de recursos, tanto humanos quanto didáticos e estruturais. Mas, a vontade de fazer acontecer e a crença na educação nos levou a enfrentar com alegria e otimismo o nosso trabalho.

Em 1992 fui aprovada no concurso público para professores da rede

municipal de ensino de Rolândia, Estado do Paraná e fui lecionar na zona rural. No mesmo ano, começo a lecionar para a rede estadual de ensino na periferia da cidade, na condição de professora CLT, também para as séries iniciais. Anos difíceis, porém igualmente intensos e criativos.

O trabalho docente com crianças da zona rural e da periferia da cidade tem para mim sabor de pertencimento. As crianças respondem com mais desprendimento e interesse a todas as inovações metodológicas que propomos. Aliás, sempre foi essa a minha grande preocupação, ou seja, fazer com que aprendam com prazer.

Fazer da escola um lugar de criação e não de castração. Um lugar onde os alunos aprendam a pensar, a questionar e a agir com autonomia. Sempre lutei por um lugar em que compreendessem sua realidade para transformá-la. Essa sempre foi a minha utopia. É ela que ainda hoje move meus esforços dentro da sala de aula.

Ainda em 1992, tive a alegria de ser aprovada no curso de graduação em Ciências Sociais da UEL. Desde então, o que já era uma inquietação, transformou-se em bandeira. Queria eu colocar em prática tudo o que eu aprendia no curso. Achava os conteúdos maravilhosos e vi diante de mim um mundo que eu desconhecia. Apreendi outra perspectiva da realidade que só a Sociologia poderia nos oferecer. Agora, mais do que nunca, entendia como a educação poderia ser libertadora.

Em 1997 comecei a lecionar a disciplina de História para os Anos Finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio, paralelamente com as aulas da Educação Básica de 1º ao 4º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal. Confesso que lecionei História e alfabetizei com uma perspectiva sociológica, e deu muito certo. Era muito gratificante ver os alunos empoderando-se e passando a interpretar o mundo com um olhar mais crítico. Mas ficava também evidente que além do conteúdo sociológico adequado a cada realidade, a metodologia fazia toda a diferença.

Lançávamos mão das mais diversas formas de ensinar, incluindo: teatro, poesia, brincadeiras que iam desde fazer bolinhas de sabão a refletir profundamente sobre a vida. Enfim, tudo era uma oportunidade para fazer a criançada pensar. Isso me fazia a reorganizar e a fazê-los refletir acerca da posição das carteiras, do uso do uniforme, das operações matemáticas e dos fatos históricos. Tudo era

problematizado sociologicamente. Lembro-me da dificuldade em desconstruir a ideia de questionário com limite de linhas e com respostas prontas. Igualmente difícil e desafiador foi problematizar a organização da fila separada por gênero. Resquícios que ainda hoje se fazem presentes na sala de aula.

Enfim, em 2007, saiu o concurso pra disciplina de Sociologia, no qual fui aprovada e ingressei definitivamente como professora do quadro próprio do Magistério da Rede Estadual. Por ocasião da escolha das aulas, tive a possibilidade de escolher uma das escolas da área central, que, aliás, ficava bem próxima da minha casa, mas não foi isso que eu fiz. Minha escola escolhida foi o Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, considerada uma escola de periferia, por isso estigmatizada socialmente. No mesmo ano, a Sociologia havia sido recém reintroduzida ao currículo escolar. Então, tínhamos que lutar diariamente para mostrar a que veio e conquistar o seu lugar na grade escolar.

Não era raro e ainda hoje não é, vermos a Sociologia rotulada como a “ciência” dos baderneiros que coloca os alunos contra a ordem das coisas. Na verdade, para muitos, uma ciência perigosa. Então, diante disso, não tinha alternativa a não ser conquistar esse espaço e mostrar que a Sociologia era tão importante e essencial quanto as demais disciplinas. Mostrar que sua relevância extrapola os muros da escola, que ela é capaz de contribuir de fato para a formação humanística dos educandos, algo vital para a sociedade, passou a ser meta do meu trabalho na escola. Aqui vale destacar que não construíamos essa visão somente na sala de aula, mas juntos aos colegas de trabalho, professores, equipe pedagógica, direção e comunidade escolar.

Foi em 2007 também que o Colégio Villanueva recebeu pela primeira vez a Jornada de Sociologia, evento que marcará definitivamente a relevância da disciplina na escola. As jornadas nascem da iniciativa do GAES – Grupo de Apoio ao Ensino de Sociologia, coordenado e idealizado pelas professoras da Área de Metodologia e Prática de Ensino de Sociologia da UEL, trazendo dentre os seus objetivos o desejo de aproximar a universidade das escolas públicas de Educação Básica. De lá para cá não paramos mais, seja participando das Jornadas de outras escolas como palestrante e/ouicineira, seja organizando a Jornada de Humanidades do Villanueva. Porém, fomos resignificando metodologicamente as Jornadas até chegarmos ao formato que ela tem hoje com o Projeto “Escola dá Vida”

Ao colocar em prática uma metodologia capaz de mediar o processo

ensino/aprendizagem, possibilitando aos alunos a oportunidade de protagonizarem este processo, tornando a Sociologia relevante à vida dos mesmos, tanto na esfera pessoal quanto social, estamos oportunizando autonomia de ação e pensamento. Essa experiência permitiu-nos orientá-los a sistematizar teoricamente e metodologicamente os conteúdos, inserindo a pesquisa como recurso metodológico. Dando noções básicas de produção de trabalhos acadêmicos, ensinamos a justificar, problematizar e a fundamentar teoricamente um projeto de pesquisa, seguindo as normas da ABNT, o que via de regra sempre foi o “terror” da garotada. Através das oficinas, auxiliamos os alunos a adquirem autoconfiança para se expressarem oralmente e mostramos segurança para apresentação de seminários e ou similares.

Para nós, pensar a escola e as juventudes, em potencial e em diversidades, despertar o senso crítico com autonomia, pensar a educação e o prazer em usufruir dos conhecimentos tem sido nosso lugar de fala junto a tantos outros que lutam pela valorização da escola pública. E hoje, quando o Projeto torna-se produto do Mestrado Profissional, ele não está defendendo apenas o seu método de ensinar e de aprender, mas todos aqueles que, a seu modo, acreditam na educação e na intelectualidade de todas as pessoas.

## 1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada partiu inicialmente de um levantamento histórico detalhado dos onze anos (2008 - 2019) do Projeto, coletando, através da História Oral, das percepções das juventudes, das entrevistas e dos relatos detalhados da participação dos alunos e egressos, dos professores, dos licenciandos de Ciências Sociais, e de alguns sujeitos que tiveram relação direta com alguma edição das Semanas/Jornadas de Sociologia desenvolvidas no Colégio ao longo desse período, as memórias que estes guardavam sobre o projeto.

Foi um desafio nesta dissertação, fazer interfaces entre a História Oral, os estudos de memória dos relatos dos estudantes, baseando-nos na Sociologia da Experiência de François Dubet, na Imaginação Sociologia de W.Mills, nas disposições que este projeto desperta para novas relações com o saber, conforme nos ajudou a compreender Bernard Charlot, além de nos embasar, enquanto metodologia de ensino, nas sugestões didáticas da Pedagogia Histórico Crítica de Luiz Gasparin. Foram vários caminhos metodológicos que se cruzaram com a

pesquisa participante e com a História Oral que nos dispusemos a fazer, apoiada ainda pela análise de documentos, pela coleta dos relatos e entrevistas.

Significa afirmar que a coleta de dados, por estas perspectivas, foi também uma forma de obter documentos, porém em formato diferenciado. Desse modo, através da História Oral não conhecemos apenas as memórias e as lembranças dos estudantes participantes de tais experiências escolares, mas também conseguimos compreender, por exemplo, as diversas relações que estabeleciam entre os temas escolhidos para trabalhar em seus projetos, oficinas e artigos, evidenciando, na grande maioria das vezes, fenômenos que ocorriam no dia-a-dia em suas vidas. Não foram raros, por exemplo, o fato de alunas escolherem o tema “violência contra a mulher” para tentar entender porque suas mães eram violentadas em casa por esposos e padrastos. Afinal,

A pesquisa, associada ao desenvolvimento de projetos contextualizados e interdisciplinares/articuladores de saberes, ganha maior significado para os estudantes. Se a pesquisa e os projetos objetivarem, também, conhecimentos para atuação na comunidade, terão maior relevância, além de seu forte sentido ético-social. É fundamental que a pesquisa esteja orientada por esse sentido ético, de modo a potencializar uma concepção de investigação científica que motiva e orienta projetos de ação visando à melhoria da coletividade e ao bem comum. A pesquisa, como princípio pedagógico, pode, assim, propiciar a participação do estudante tanto na prática pedagógica quanto colaborar para o relacionamento entre a escola e a comunidade. (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p.164).

Para realizar tal metodologia, utilizamos uma questão aberta que envolvia relatarmos sua participação no Projeto “Escola dá Vida”. O relato foi gravado em forma de vídeo e áudio, o que exigiu que as falas fossem transcritas e sucessivamente analisadas. Em alguns casos, pedimos o relato de experiência por escrito. Desse modo, foi possível utilizar as teorias, especialmente das Ciências Sociais, da Sociologia das Juventudes e da Sociologia da Educação, para explorar achados de pesquisa nas falas e nas experiências descritas pelos jovens.

Durante os onze anos de existência do Projeto na mesma escola, foram produzidos pelos alunos participantes inúmeros materiais que certamente serveriam como produto de análise do mesmo, entre artigos científicos, materiais didáticos, metodologias, registros fotográficos, planos de aulas, textos de apoio, oficinas e também os temas de cada Semana/Jornada. Entretanto, optamos pela análise dos

relatos, sejam orais ou escritos, como principal objeto de investigação sociológica das experiências vivenciadas pelos alunos durante e após a realização do Projeto, por entender que através destes conseguiríamos abranger uma gama muito maior de objetividades e subjetividades nesta pesquisa qualitativa.

Assim para tentarmos acessar as experiências e dimensionar as contribuições e influências do Projeto “Escola dá Vida” na vida dos estudantes, realizamos uma pesquisa qualitativa, participante, como definida por Pedro Demo;

Tanto a pesquisa-ação quanto a pesquisa participante se caracterizam pelo envolvimento dos pesquisadores e dos pesquisados no processo de pesquisa. Neste sentido distanciam-se dos princípios da pesquisa científica acadêmica [...] A dialética procura captar os fenômenos históricos, caracterizados pelo constante devir. Privilegia, pois, o lado conflituoso da realidade social. Assim, o relacionamento entre o pesquisador e pesquisado não se dá como mera observação do primeiro pelo segundo, mas ambos "acabam se identificando, sobretudo quando os objetos são sujeitos sociais também, o que permite desfazer a idéia de objeto que caberia somente em ciências naturais" (DEMO apud GIL, 2008, p.31).

Após delimitar o tipo de pesquisa que acreditamos que atenderia os objetivos da dissertação, definimos colher o material para analisarmos através de relatos de experiências. Por se tratar de um período relativamente longo de existência do Projeto (10 anos), estabelecemos que o público participante da pesquisa seria composto por: estudantes egressos do Ensino Médio de várias edições das Semanas/Jornadas na escola<sup>1</sup>; professores e membros da direção da escola; estudantes participantes do Projeto nos anos de 2018 e 2019 (período de Curso do Mestrado Profissional de Sociologia); estudantes professores e tutores “de inclusão” que participaram do Projeto no ano de 2018; licenciandos de Ciências Sociais e o que denominamos como “estudantes desistentes” do Projeto.

Em relação aos estudantes egressos, conseguimos contato virtual com vários participantes do Projeto “Escola dá Vida” entre os anos de 2011 a 2017. Devido aos compromissos e responsabilidades do dia a dia (muitos estudavam e/ou trabalhavam o dia todo, e/ou ainda estudam no período noturno), preferimos realizar com estes a pesquisa que se apoia na História Oral, assim descrita por Menegolo,

---

<sup>1</sup> As Semanas/Jornadas de Sociologia são uma das etapas do Projeto “Escola dá Vida”. Depois de desenvolver suas pesquisas e artigos científicos, os estudantes os transformam em oficinas, que serão apresentadas para outras turmas do colégio durante a Jornada de Sociologia.

Elizabeth; Cardoso, Cancionila e Menegolo, Leandro (2006, p. 3);

[...] um procedimento de coleta utilizado frequentemente em pesquisas históricas de educação. Este recurso possibilita ao pesquisador recorrer, além de documentos escritos, aos documentos orais como elementos significativos no resgate de uma história.

Neste contexto, Albert (1989, p. 52) caracteriza a História Oral como;

[...] um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc) [...] que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc.

Significa afirmar que para traçar o histórico e a trajetória do Projeto “Escola dá Vida”, foi essencial ouvir e coletar informações vindas de alguns dos que dele participaram, em especial dos seus principais agentes, ou seja, os estudantes do Ensino Médio. No caso dos estudantes egressos, utilizamos as contribuições do método de História Oral através de relatos gravados em forma de vídeo.

Analisando as impressões e percepções destes sujeitos, para quem efetuamos todos estes trabalhos, podemos entender melhor suas experiências com a Sociologia, a importância que a intuição escolar tem em suas vidas e para seus projetos pessoais e profissionais, assim como os sentimentos vivenciados em determinado momento enquanto ministrantes ou participantes das Semanas/Jornadas de Sociologia. Portanto;

Ao recorrer à História Oral, é preciso entendê-la numa perspectiva que vai além de um relato de fatos: é uma maneira de se chegar ao conhecimento de fatos vivenciados num dado momento histórico em que somente documentos escritos não poderiam revelar por si só todos os sentidos circulantes num determinado meio social. (MENEGOLO, ELIZABETH; CARDOSO, CACIONILA; MENEGOLO, LEANDRO, 2006, p.3-4).

Alguns documentos oriundos dos resultados das experiências de todos estes anos, além dos aportes das teorias das Ciências Sociais e da Educação, foram fundamentais nesta pesquisa. No entanto, somente os relatos coletados pela História Oral dos próprios participantes o tornaram mais completos, pois se constituem em detalhes e dados que fizeram a diferença na compreensão das disposições que as Semanas/Jornadas tem conseguido mobilizar para o aprendizado sociológico dos estudantes. Esses relatos nos permitiram acesso às

questões significativas para o desenvolvimento de tal estudo, pois como Matos e Senna (2011, p. 96) afirmam;

[...] a História Oral [...] centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha do vivido. Podemos entender a memória como a presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas, moralizantes ou não.

É importante salientar que apenas os estudantes egressos participaram do envio dos vídeos. Outros relatos foram enviados através de redes sociais ou entregues por escrito na própria escola.

O critério de seleção de participantes privilegiou aquelas pessoas que haviam tido contato direto com o Projeto “Escola dá Vida”, através da participação em pelo menos uma das Semanas/Jornadas de Sociologia/Humanidades. Enviamos o convite através de redes sociais (para os estudantes egressos que conseguimos contato) ou pedimos na própria escola para os estudantes e professores participantes do Projeto “Escola dá Vida” dos anos de 2018 e 2019. A contribuição através do relato foi de livre e espontânea vontade, podendo o convidado escolher se gostaria ou não de publicizar sua autoria no relato e na dissertação.

De modo geral, encaminhamos convite para aproximadamente 174 participantes. No total, recebemos 85 relatos, sendo eles: 16 estudantes egressos do Ensino Médio da escola, dos anos de 2011 a 2017; 07 de alunos de inclusão (Ensino Médio); 02 de professoras de inclusão das áreas de Educação Física e Biologia; 01 Agente Operacional destacada como tutora para alunos com necessidades especiais; 01 docente da direção da escola; 29 estudantes ativos de Ensino Médio escola em fase de Pré-projeto em 2019<sup>2</sup>; 19 estudantes que concluíram o Projeto no ano de 2019; 04 estagiários do 4º ano de Ciências Sociais (Licenciandos); 06 de estudantes do Ensino Médio desistentes<sup>3</sup> do Projeto no ano de 2019.

---

<sup>2</sup> A fase de pré-projeto é caracterizada por quando os estudantes formulam a primeira justificativa, problematização, hipóteses, objetivos e fazem um pré levantamento de referenciais teóricos sobre o tema escolhido. Após correção, este é devolvido para que seja dada continuidade a pesquisa.

<sup>3</sup> Chamamos de desistentes os estudantes que por algum motivo não deram continuidade ao Projeto.

Transcrevemos e juntamos todos os materiais em um único documento de Word. Por isso, foi necessário criar categorias ou eixos temáticos para que pudéssemos codificar os relatos dos participantes, sendo eles: justificativa para a escolha do tema quando participante; metodologia desenvolvida em seu projeto; obstáculos e dificuldades durante a realização do projeto; resultados obtidos; influência ou não do Projeto “Escola dá Vida” na trajetória pessoal e profissional; como viam a relação entre este Projeto da escola na sociedade; experiências gerais com o Projeto “Escola dá Vida”.

A partir desses eixos temáticos, escolhemos uma cor de destaque para cada um destes e grifamos os relatos, identificando cada assunto e sucessivamente os separamos em um único documento, assim como os trechos pertencentes a eles. No final, tínhamos 07 documentos de Word, cada um com um eixo temático, elucidando os trechos retirados dos relatos dos participantes.

Dessa forma, a partir desses dados, analisamos cada uma dessas categorias, buscando compreender as respostas obtidas a partir de autores das Ciências Sociais, da Sociologia, da Sociologia da Educação, da Sociologia das Juventudes e da Pedagogia/Educação, com base em reflexões que nos ajudassem a compreender como o Projeto “Escola dá Vida” contribuiu e/ou influenciou ou não na vida desses participantes. Por fim, os trechos recortados dos relatos foram inseridos no decorrer da pesquisa como citação para “demonstração”, detalhamento ou ilustração das afirmações que compuseram nossas análises<sup>4</sup>.

Pela descrição deste percurso metodológico, compreendemos que a pesquisa proposta percebeu e não resolveu algumas lacunas. Nem tudo que se planejou na entrada no PROFSOCIO foi possível cumprir, pois enfrentamos obstáculos que, de certa forma, interferiram significativamente na caminhada. Estes, porém, não deixaram de ser registrados na dissertação. Uma das dificuldades foi conseguir contato com egressos e colher um número razoável de depoimentos destes, pois atualmente a maioria trabalha e/ou estuda, passando a reunir outras responsabilidades pessoais.

Um dos objetivos que ainda não foi atingido, pode se transformar numa pesquisa futura, ou seja, coletar depoimentos de professores/as, funcionários/as e

---

<sup>4</sup> Optamos por não inserir os relatos de forma integral, pois a maioria era extensa e também haviam partes que, mesmo sendo importantes, não seriam trabalhadas nessa pesquisa. Por esse motivo, resolvemos utilizar apenas os recortes que contribuem com a proposta e objetivos dessa pesquisa.

da direção da escola, pois a densa rotina do dia a dia escolar faz com que tenhamos pouco tempo para dialogar com os mesmos acerca dos resultados do Projeto. Mesmo assim, ficou evidente a acolhida da proposta na escola, dada a destacada participação de todos os seus sujeitos: professores, direção, equipe pedagógica e funcionários.

Por isso, uma de nossas intenções pós defesa, para dar retorno à escola pública que acolheu esta proposta e se abriu a ser analisada sociologicamente por meio dessa pesquisa, é fazer a publicação deste material em formato de livro, de modo a disseminar e valorizar as vozes dos sujeitos socioculturais envolvidos ao longo destes onze anos de Projeto.

## 2 NOVOS E ANTIGOS DESAFIOS PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA

Após a introdução, a seção dois inicia-se com um breve estado da arte, onde mostraremos algumas produções da área de ensino de Sociologia do departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, pois como ressaltamos, muitas dessas produções tem se articulado ao longo dos anos com o Projeto “Escola dá Vida” e refletem inúmeros desafios vivenciados pela disciplina no chão da escola.

Na sequência, traçaremos também a trajetória histórica das Semanas/Jornadas de Sociologia/Humanidades nas Escolas Públicas de Ensino Médio do NRL/Londrina, destacando sua origem muito antes da Lei nº 11.684/2008 (BRASIL, 2008), referente à obrigatoriedade da Sociologia e da Filosofia nos currículos do Ensino Médio. Abordaremos os novos desafios para o Ensino de Sociologia diante da Nova Reforma do Ensino Médio, problematizando seus impactos e retrocessos para a educação, em especial para a Sociologia.

Caminhando para a finalização da seção dois, abordamos a imaginação sociológica e a indissociabilidade entre ensino-pesquisa, ou seja, mostrando como a pesquisa é parte fundamental de todo processo educativo, considerada também princípio pedagógico do Projeto “Escola dá Vida”. Afinal, entendemos que é através da pesquisa que se desperta a atitude científica, tanto no caso do professor quanto no aluno.

O maior desafio a ser enfrentado sobre a pesquisa está no fato de que os alunos não estão familiarizados com essa metodologia, criando resistências à mesma. Por fim, encerraremos a seção tratando sobre as juventudes no Ensino Médio. Nosso desafio é romper com as antigas percepções acerca das juventudes associadas à rebeldia e às transgressões. Assim, problematizaremos, a partir de estudos recentes da Sociologia das Juventudes, as diferentes formas e as condições de se viver as juventudes para além das representações sociais.

Destacaremos também como a parceria com a universidade ao longo desses anos tem sido essencial para os professores da rede, bem como os alunos do Ensino Médio. A quebra dessa dicotomia foi primordial para o ensino de Sociologia e para a longevidade do Projeto “Escola dá Vida”.

## 2.1 BREVE ESTADO DA ARTE, COM RECORTE NA UEL

A presente pesquisa remete-nos a pensar o Projeto “Escola dá Vida” como uma proposta metodológica para o ensino de Sociologia. Assim, ao analisarmos a história da produção de estudos científicos referentes ao ensino de Sociologia no Brasil, neste pequeno inventário buscamos conhecer sua trajetória local de modo que pudéssemos ter um panorama mais próximo dessas produções.

É fato que a Sociologia só vai se popularizar nos currículos da Educação Básica do Brasil de forma mais efetiva a partir 2008, com a publicação da Lei nacional nº 11.684/2008 (BRASIL, 2008) que altera a Lei nº 9.394/96 (BRASIL, 1996), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que inclui Filosofia e Sociologia em todas as séries do Ensino Médio no território nacional. Este fato ocorreu durante o governo de Luís Inácio Lula da Silva e do então Ministro da Educação Fernando Haddad, o que representa uma visão mais democrática de sociedade, haja vista que a natureza dessas duas disciplinas são voltadas ao aprimoramento do senso crítico, da cidadania, da conquista e preservação dos direitos humanos, das igualdades e da construção de uma sociedade mais justa e menos excludente, de modo geral.

Até então, sua presença é marcada por idas e vindas, o que poderia ser uma das razões pela qual não tenhamos uma preocupação mais efetiva da comunidade acadêmica em produzir tantos estudos de campo nesta área antes de 2008 com foco nas metodologias de ensino de Sociologia. Nesta seção, portanto, resolvemos fazer um estado da arte<sup>5</sup> tomando a própria área de Ciências Sociais da UEL como recorte, afinal é com boa parte dessas produções e com o modo em que elas se articulam com as realidades e demandas das escolas, que o Projeto “Escola dá Vida” dialoga desde sua origem. Muitas dessas pesquisas, hoje traduzidas em dissertações de Mestrado no PPGSOC-UEL, foram, em algum momento,

---

<sup>5</sup> Nos os últimos quinze anos tem se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado. (FERREIRA, 2002).

reconfiguradas em palestras, dinâmicas, regências de estágio curricular obrigatório, rodas de conversas ou em oficinas pedagógicas durante estes onze anos de Semanas/Jornadas de Sociologia no Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, em Rolândia.

O Mestrado de Ciências Sociais da UEL, hoje transformado em Mestrado Acadêmico de Sociologia, tem sido um repositório relevante de produções na área de Ensino de Sociologia, sendo algumas destas: “Uma escola igual a dos ricos: a escola rural na visão dos atingidos por barragens do Rio Iguaçu” de Jacqueline Parmigiani (PARMIGIANI, 2003); “As escolas públicas de tempo integral: reprodução e transformação social em Apucarana”; de Antonio Marcos Dorigão (DORIGÃO, 2007); “A Desqualificação profissional na educação: um estudo do trabalho dos professores do Ensino Médio”; de Fabio Mansano de Mello (MELLO, 2004); “As Ações Afirmativas na UEL: um estudo sobre a sociabilidade dos estudantes negros na universidade”; de Pedro Henrique Andrade (ANDRADE, 2010); “Sobre a noção de conhecimento escolar de Sociologia” de Eduardo Carvalho Ferreira (FERREIRA, EDUARDO, 2011); “Teorias e métodos em pesquisas sobre ensino de sociologia” de Alexandre Jeronimo Correia Lima (LIMA, ALEXANDRE, 2012); “Que Sociologia é essa: análise da recontextualização pedagógica do conhecimento” de Átila Rodolfo Ramalho Motta (MOTTA, ÁTILA, 2012); “Os processos de moralização na escola pública brasileira: estudo das disciplinas de educação moral e cívica e de ensino religioso” de Nataly Nunes (NUNES, NATALY, 2012).

Também são dissertações que dialogam direta ou indiretamente com a área de Ensino de Sociologia, os seguintes trabalhos: “Política educacional, Educação profissional, Educação integral, Trabalhadores - Educação, Educação e trabalho”; de Tatiani Maria Garcia de Almeida (ALMEIDA, TATIANI, 2012); “Escola e religiões: estudo sobre desdobramentos das práticas religiosas no ambiente escolar e suas interfaces com a disciplina de ensino religioso” de Luis Gustavo Patrocínio (PATROCINIO, 2014); “Quando o ensino desafia a ciência: algumas questões presentes nos processos de ensino-aprendizagem da Sociologia<sup>6</sup>” de Gregório Antonio Fominski do Prado (PRADO, 2014); “As definições, funções, sentidos atribuídos ao Ensino Médio após a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 (BRASIL, Lei nº 13.415, 1996): disputas para além da emancipação e

---

<sup>6</sup> Esta dissertação foi produzida a partir de pesquisa no Colégio Villanueva e por um professor de Sociologia da mesma escola

competências”; de Henrique Fernandes Alves Neto (ALVES NETO, 2014); “Tecnologias e ensino de Sociologia: interfaces problematizadas pelos professores no Ensino Médio”; de Adriana Cristina Borges (BORGES, ADRIANA, 2014); “A precarização do trabalho docente e a disciplina de Sociologia no Ensino Médio: um estudo no município de Ourinhos/SP”; de Jorge Henrique Dias Fuentes (FUENTES, 2015); “As interseccionalidades entre gênero, raça/etnia, classe e geração nos livros didáticos de Sociologia”; de Samira do Prado Silva (SILVA, SAMIRA, 2016); “Nos bastidores do Estado: uma análise da construção das Diretrizes Curriculares para a Educação Básica do Paraná (2008) na disciplina de Sociologia”; de Diego Greinert de Oliveira (OLIVEIRA, DIEGO, 2016); “Múltiplos olhares dos estudantes do Ensino Médio de Londrina e Rolândia: uma caracterização sociológica” de Cristiano Pinheiro Corrêa (CORRÊA, 2016); “Feminismos e antifeminismos na política brasileira: "ideologia de gênero" no Plano Nacional de Educação 2014” de Meire Ellen Moreno (MORENO, 2016); “Fatores relacionados ao desempenho escolar: uma análise a partir do Exame Nacional do Ensino Médio” de Daniel Vitor Vicente (VICENTE, 2016).

Sob o mesmo recorte, destacamos também as seguintes dissertações: “Nome social como política pública nas Universidades Estaduais do Paraná: coalizões, permanências e persistências” (SILVA, ALINE, 2017); “Desafios da permanência estudantil para a população alvo da educação especial nas universidades estaduais do Paraná: foco na UEL.” (SILVA, THAYARA, 2017); “Encontros com a escola e o mundo do trabalho: uma caracterização sociológica das juventudes do Ensino Médio Integrado de Cornélio Procópio/PR” (GOMES, 2017); “Percurso da educação profissional técnica de nível Médio Integrado no IFPR de Telêmaco Borba/PR: uma análise sociológica” (SOUZA, 2017); “Gênero nos currículos e nas percepções das/dos estudantes do Ensino Médio: uma caracterização sociológica” (CRUZ, ANDRÉIA, 2017); “Representações sociais de família entre estudantes da Rede Pública Estadual de Ensino: região de Londrina-PR” (OLIVEIRA, ANA, 2018); “As equipes multidisciplinares das escolas públicas do Paraná e suas ações para a efetivação da Lei Federal nº 10.639/2003” (PEREZ, 2018); “Juventudes e protagonismo: um estudo de caso das ocupações nas escolas de Ensino Médio de Ivaiporã – PR” (2018); “A controvérsia sobre a inclusão de gênero e sexualidade nos Planos de Educação do Paraná” (SILVA, MARCOS, 2018).

No ano de 2018 iniciou-se na UEL a primeira turma do Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO, no qual o objetivo principal se constitui em proporcionar a formação continuada de professores de Sociologia da Educação Básica, em uma rede nacional de produção de metodologias de pesquisa e ensino em Educação e também na área da Sociologia. Como requisito parcial para a conclusão do curso, os professores deveriam produzir uma monografia com tema voltado a educação, a escola e a Sociologia.

Algumas produções dos docentes, a serem defendidas em 2020 pela primeira turma de formandos, pode ser que ainda tenha alterações em seus títulos, pois ainda estão em fase de construção, porém são aqui destacadas: “Saberes da Sociologia e saberes das Artes Visuais: Conexões Dialógicas numa intervenção pedagógica” de Ellen Pyles Pereira Alves; “Segurança pública e Direitos Humanos”, de Jesuel Sérgio Lopes; “Experiências de ensino voltadas para a construção sociodramática do aprendizado de conteúdos de Sociologia Brasileira”, de César Luchiari Beraldi Junior; “Produção de vídeos como recurso didático para as aulas de Sociologia”, de Katie Fabiane Ribeiro; “Ensino de Sociologia através das tecnologias digitais de ensino”, de Alexandre Schwarzenegger; “O ingresso de estudantes dos meios populares em universidades públicas: uma análise sociológica”, de Sandra Aparecida Batista; “A percepção dos estudantes e professores do Colégio Olympia Tormenta de Moraes sobre a violência em sala de aula”, de Rafael Magalhães Pinto Peretti; “Jovens, escola e tecnologias: um olhar para as novas formas de saber”, de Geralda de Paula Zaganini; “A problematização dos conteúdos sobre desigualdades e direitos sociais nas aulas de sociologia”, de Daniela Paderes Bruno; “As mulheres nos livros didáticos de Sociologia e as possibilidades de uma epistemologia feminista”, de Regiane Galdino da Silva.

Em algumas regiões, a Sociologia aproxima-se das escolas sem, contudo, ter-se criado um arcabouço teórico metodológico-didático dedicado a estudar a sua presença enquanto disciplina escolar, pela própria voz dos professores, às vezes até sem debates coletivos mais aprofundados sobre a formação de profissionais da área pelos docentes do Ensino Médio nas licenciaturas de Ciências Sociais, o que não ocorreu na UEL. Com este pequeno “estado da arte”, anunciamos a necessidade de se pensar o ensino da Sociologia e a transposição de seus conteúdos científicos para o contexto escolar também pelos egressos das licenciaturas em Ciências Sociais, como tem propiciado o PROFSOCIO. Aqui, felizmente, pode-se dizer que

não há uma carência de teses e dissertações sobre essa temática<sup>7</sup>.

No caso da UEL, temos também muitas produções realizadas na especialização de Ensino de Sociologia, curso que possui mais de vinte anos de existência e que é muito importante para prosseguimento da trajetória de qualificação profissional dos egressos desta Universidade. Nele são trabalhados diversos referenciais teóricos sobre as Ciências Sociais e as metodologias de ensino/pesquisa, além da realização de atividades práticas no próprio Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva durante as Semanas/Jornadas de Sociologia, o que contribui para os/as estudantes que buscam se aperfeiçoar no ensino da Sociologia e ao mesmo tempo solidifica a presença qualificada de profissionais nas atividades realizadas pela escola.

Outras tantas produções da graduação são realizadas em forma de artigos finais da Licenciatura em Ciências Sociais na UEL. Os/as estudantes do último ano da graduação produzem artigos com temas diversificados como atividade final do curso de Licenciatura. Tais artigos são expostos e debatidos nos Seminários Anuais de Estágio Curricular Obrigatório com a presença de professores/as de Sociologia do Ensino Médio e de outros convidados da pós-graduação como debatedores. Há de se destacar que o Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva recebe estes estagiários bem antes de 2008 (ano do início do Projeto “Escola dá Vida”) e que vem sendo beneficiado também pelo acompanhamento e resultado desses artigos confeccionados pela licenciatura. A título de exemplo, lembramos o artigo de Tatiane Brito que fala sobre fatores que podem interferir no rendimento escolar, tendo como base de análise dados obtidos com estudantes do Ensino Médio de uma escola da rede pública de ensino do Paraná.

Desse modo, todos os anos o Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva recebe oficinas oriundas das produções e discussões que são realizadas pelos graduandos e que complementam as fontes de pesquisas no processo de formação continuada dos professores de Sociologia que atuam no Ensino Médio da

---

<sup>7</sup> Há, inclusive, na primeira turma de Doutorado em Sociologia do PPGSOC-UEL duas teses de doutorado sendo desenvolvidas por dois professores egressos da graduação e do Mestrado em Ciências Sociais da UEL, hoje docentes de Sociologia no Ensino Médio: uma na escola pública da rede estadual (Profa Jaqueline Fabeni) e um no Instituto Federal de Educação de Ivaiporã (Henrique Neto). Jaqueline escreve sobre o ensino de Sociologia no Ensino Fundamental e Henrique desenvolve a tese acerca do debate das novas tecnologias ativas no ensino de Sociologia para Juventudes do Ensino Médio.

região. Nos últimos dez anos, a autora dessa pesquisa tem tido o privilégio de participar desses Seminários Anuais de Estágio Curricular Obrigatório, atuando na co-orientação desses projetos que se tornaram artigos finais das licenciaturas em 2019, por exemplo.

No ano de 2012, publicamos, pela UEL, o livro “Sugestões didáticas de ensino de Sociologia” (LIMA, ÂNGELA; ARAÚJO, ANGÉLICA; FERREIRA, JAQUELINE; MOTTA, SILVIA, 2012), onde, juntamente com as professoras Ângela Maria de Sousa Lima, Angélica Lyra de Araújo e Jaqueline Ferreira, organizamos um livro coletânea que trouxe o registro detalhado de várias dessas experiências didáticas de professores do Ensino Médio, anteriormente descritas nesta seção, numa linguagem bastante acessível, através dos mais variados temas da Sociologia.

Trata-se de um material que favorece a troca de experiências e dá visibilidade ao ensino de Sociologia, através da publicação de produções realizadas cotidianamente no chão da escola que, do contrário, poderiam ficar esquecidas. Além disso, este tipo de publicação incentiva novas produções em torno de temas das Ciências Sociais, servindo como inspiração e referencial teórico para novas pesquisas sobre as temáticas abordadas nos textos dos mais de quarenta colaboradores do livro, em sua grande maioria, egressos das licenciatura de Ciências Sociais da UEL que atuavam na época como docentes de Sociologia em escolas públicas da região.

Para nós professores do Ensino Médio, poder participar dessa experiência de publicação e organização de livros, foi, sem sombra de dúvida, uma oportunidade bastante significativa, pois exigiu, entre outras habilidades, disposições para produzir artigos científicos, o que não é muito comum no cotidiano da escola, dada a falta de oportunidades estruturais para tal, mesmo com tantos saberes e talentos que ali se concentram. Além disso, a aproximação com a universidade, valorizando o trabalho docente, trás novas possibilidades de aperfeiçoamento através da troca de conhecimentos e vivências. O artigo que ficou sob nossa responsabilidade tratava da discriminação etnicorracial das populações negras no Brasil, com o tema “Discriminação Étnica: Grilhões Culturais”. Este texto teve por objetivo:

[...] desconstruir a ideia de que o preconceito e a discriminação sejam fatos naturais entre os seres humanos. [...] elegemos como prioridade refletir sobre a questão da discriminação étnica contra as populações negras no Brasil e mostrar como as instituições sociais, dentre elas a escola, contribuem de forma explícita ou não para o quadro que se apresenta. A proposta é demonstrar como fomos ensinados a discriminar, contrapondo-se, então, à visão de que somos naturalmente seres discriminatórios. Neste caso, o desafio é refletir sobre as diversas maneiras pela qual a discriminação e o preconceito étnico contra essas populações, foram absorvidos pelo tecido social brasileiro, fortemente afetado pelos processos políticos, econômicos e sociais, desde a sua colonização exploradora até os dias atuais. (MOTTA, SILVIA, 2012, p.141).

Embora o tema não seja desconhecido, não se tem dado à ele a devida importância e visibilidade, especialmente na escola. Daí a necessidade de compartilhar e problematizar o papel da instituição pública na reprodução do preconceito e da discriminação como um problema desta sociedade desigual. Trabalhos como os expostos na obra, por partirem de experiências e estudos de professores do Ensino Médio, são essenciais para pensarmos em novas metodologias e formas de ensinar os conteúdos da Sociologia propostos no currículo da disciplina, mostrando a importância destes serem traduzidos cientificamente pelos próprios professores que atuam no Ensino Médio das escolas públicas.

Ainda sobre a obra “Sugestões didáticas de ensino de Sociologia” (LIMA, ÂNGELA; ARAÚJO, ANGÉLICA; FERREIRA, JAQUELINE; MOTTA, SILVIA, 2012), há de se destacar que a iniciativa partiu dos Projetos de Extensão do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, como o Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia (LENPES), o Grupo de Estudos e de Extensão de Materiais Didáticos de Sociologia (GEEMAS) e o Projeto “‘Semanas de Sociologia’ nas Escolas da Rede Pública”, o que favoreceu o debate e a disseminação de inúmeras práticas pedagógicas, além de se constituir um grande acervo didático. São registros aqui destacados neste chamado “estado da arte” do ensino de Sociologia na região, porque os consideramos como oportunidades inovadoras a nós professores nas escolas públicas da rede estadual do Paraná, que possuímos atualmente pouco tempo para hora-atividade, para pesquisas, estudos, formação continuada de qualidade e preparação das aulas. No entanto, ainda hoje, através das parcerias que foram se firmando e se fortalecendo ao longo do tempo entre a Educação Básica e o Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina, no campo do ensino e da pesquisa, podemos continuar

contando com a presença desses profissionais na escola.

## 2.2 SEMANAS/JORNADAS DE SOCIOLOGIA/HUMANIDADES NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO DO NRE/LONDRINA

No estado do Paraná, antes da Lei nº 11.684/2008 (BRASIL, 2008), referente a obrigatoriedade da Sociologia e da Filosofia nos currículos do Ensino Médio, tais disciplinas já configuravam as propostas pedagógicas (PPPs) de muitas escolas públicas, assim como era pulsante a busca pela sua maior inserção nos currículos da Educação Básica. No caso da Sociologia, os projetos de extensão da UEL, como LES (Laboratório de Ensino de Sociologia, GAES (Grupo de Apoio ao Ensino de Sociologia), GEEMAS e Projeto Semanas de Sociologia nas Escolas de Ensino Médio são frutos dessas lutas de um grupo de professores do curso de Ciências Sociais da UEL, das diferentes áreas, pela obrigatoriedade de sua inclusão durante todo o Ensino Médio.

Os primeiros trabalhos que fizeram parte das chamadas Semanas de Sociologia se iniciaram no ano de 2001, no Colégio Nilo Peçanha em Londrina, em parceria com dois desses projetos do Departamento de Ciências Sociais, o Laboratório de Ensino de Sociologia (LES) e o Grupo de Apoio ao Ensino de Sociologia (GAES). A proposta do evento era;

[...] levar durante uma semana palestras, poesias, mural informativo, oficinas de arte, pintura, desenho e teatro, que trabalhassem temas com enfoque sociológico. Isso tudo com o objetivo de valorização da disciplina de Sociologia e em alguns casos de permitir os primeiros contatos de alunos e professores das escolas com a Sociologia, já que neste período na maioria das escolas do núcleo regional ela estava sendo ministrada em apenas uma das séries do Ensino Médio. (SANTOS, JAQUELINE; LIMA, ÂNGELA, [2010?], p.1003).

Segundo Ferreira, Lima e Mariano (2010), o Projeto Semanas de Sociologia pode ser dividido em três momentos. O primeiro abrangeu o período de 2001 a 2003, quando, com o apoio do GAES, foram realizadas diversas atividades em alguns colégios de Londrina e região. O segundo momento teve duração de dois anos, de 2003 a 2005, e contava com o registro no Projeto GAES, atendendo 3 colégios com suas atividades. E o terceiro momento, segundo as autoras, ocorre

entre 2005 e 2008, quando passa-se a fortalecer ainda mais as parcerias com as escolas públicas da região, a saber: “*Colégio Estadual Nilo Peçanha e o Colégio Estadual Professor Vicente Rijo, [...] o Centro Estadual de Educação Profissional Prof<sup>a</sup>. Maria do Rosário Castaldi e o Colégio Estadual Marcelino Champagnat e o Colégio Estadual Olavo Bilac*” (SANTOS, JAQUELINE; LIMA, ÂNGELA, [2010?], p.1004).

Em entrevista concedida à professora Franciele Sussai, mestranda do Curso de Pós Graduação em Ciências Sociais, a Professora Dra. Angela Maria de Sousa Lima explica<sup>8</sup>:

[...] eu era professora de Sociologia da escola e saiu um Edital de um Projeto no Núcleo Regional de Educação de Londrina chamado Vale Saber. Esse Projeto dispunha poucos recursos para a elaboração de eventos e/ou outras atividades diferenciadas que pudessem ser desenvolvidas na escola, de preferência de modo interdisciplinar. A escola concorreu. As professoras foram muito incentivadas pela diretora da época, Profa. Sílvia. Mas para concorrer nesse Edital foi feito um primeiro diálogo com o LES, que era o Laboratório de Ensino de Sociologia. Na época, a professora Sueli Martins (que hoje é professora de Sociologia na Unioeste de Francisco Beltrão), é que tinha estagiários de Sociologia na escola. Eram vários estagiários de Ciências Sociais que ficavam nas minhas turmas de Ensino Médio. A agregou outros professores, como: Ileizi Silva, Maria José de Rezende, Lesi Correa, Regina Clivati, Nelson Tomazi e outros professores. Então, a escola foi contemplada e a primeira Semana de Sociologia e de Filosofia do Ensino Fundamental e Médio agregou não só a disciplina de Sociologia e Filosofia. Aliás, as disciplinas de Língua Portuguesa, de Matemática, de Geografia e de História participaram intensamente, em grande medida pelo engajamento dos agentes, ou seja, das professoras que ministravam essas disciplinas na época, como Albina (Matemática), Rosilda (Língua Portuguesa), Marilena (Geografia e História) e Maitê Orticelli (Filosofia). A professora Albina, depois se tornou diretora na escola, a Rosilda se tornou pedagoga. Contamos também com a participação importante de outra coordenadora pedagógica chamada Odarly. Desde o primeiro evento, todas elas participaram de maneira muito intensiva (LIMA, ANGELA, [Entrevista cedida a], 2020).

Assim, as Semanas/Jornadas de Sociologia, que mais adiante foram denominadas na maioria das escolas como Semanas ou Jornadas de Humanidades, mesmo sendo sempre organizadas pelos docentes de Sociologia nestas instituições, chegam ao Colégio Villanueva no ano de 2008, ano de sua inserção obrigatória como disciplina no currículo do Ensino Médio, tendo construído solidamente suas

---

<sup>8</sup> CAVASSANI, Franciele Sussai Luz. “Sociologia da experiência das jornadas de humanidades em uma escola pública de Londrina e região”. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências Sociais). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, UEL 2020.

bases, no caso desta região, nas Jornadas que a antecederam, servindo de inspiração e apoio na longa caminhada que estávamos por percorrer. Nosso propósito naquele momento, entre outros, era consolidar-se legitimamente no chão da escola com igual relevância às disciplinas tradicionalmente reconhecidas como essenciais no currículo.

Vale ressaltar que as Jornadas, ganhavam a cada nova edição, importantes parceiros, como a Capes: a) OBEDUC (Observatório da Educação), Novos Talentos Ciências Humanas, cujo objetivo principal era apoiar a realização de atividades científicas produzidas por alunos e professores da Educação Básica, através de cursos e oficinas que visavam o aprimoramento e o ensino das ciências nas escolas públicas; b) O projeto Prodocência, voltado à formação inicial e continuada de professores, que refletia sobre as demandas de cada contexto, debatia os desafios escolares e incentivando a troca de saberes, metodologias e experiências entre os docentes; c) O PIBID, que buscava incentivar a iniciação dos estudantes de cursos de licenciatura na profissão docente, além de conceder bolsas, tanto aos estudantes participantes do Programa, que deveriam cumprir uma carga-horária com atividades nas escolas, quanto aos professores que os recebiam e os supervisionavam durante as aulas. d) O Projeto Novos Talentos Ciências Humanas, que no caso da UEL foi desenvolvido junto às escolas dos Centros de Socioeducação (CENSE's) e dos distritos rurais, incentivando a escrita, a reflexão, os talentos e a pesquisa científica entre as juventudes do Ensino Médio.

Essas parcerias foram essenciais ao Projeto “Escola dá Vida”, pois através das mesmas conseguimos, além de atender melhor os alunos participantes na escola com um mínimo de estrutura em alguns momentos (bolsas, transporte, materiais didáticos), estender também esta parceria aos professores de vários outros cursos de graduação, mobilizados pelas docentes de Ciências Sociais no FOPE (Fórum Permanente das Licenciaturas da UEL). Assim, cada vez mais, íamos nos firmando dentro da escola e do currículo do Ensino Médio, mostrando que a Sociologia trazia contribuições para o aprendizado discente e para a formação docente.

## 2.3 DESAFIOS PARA O ENSINO DE SOCIOLOGIA DIANTE DA NOVA REFORMA DO ENSINO MÉDIO

Sabemos que na atual conjuntura política do Brasil, a escola tem sido alvo de intensas disputas por grupos que anseiam seu controle ideológico para fins de dominação cultural e política. Muitos retrocessos estão sendo presenciados a partir das últimas mudanças nas políticas públicas educacionais e nas políticas curriculares voltadas especificamente para o Ensino Médio.

Até o momento, as legislações nacionais e curriculares têm nos garantido o respaldo legal e pedagógico necessários para mantermos o Projeto “Escola dá vida” ativo na instituição. Enquanto temos a vigência de boa parte da Lei nº 9.394 (BRASIL, Lei nº 9.394, 1996), de 20 de dezembro de 1996, a Constituição Federal de 1988 (BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988) e os preceitos do Plano Nacional de Educação (PNE), de 2014-2024, temos mais segurança para defendermos os objetivos do projeto diante das adversidades que vivenciamos no Estado, no município e dentro da escola. Entretanto, com a aprovação da Lei nº 13.415/2017 (BRASIL, 2017), Medida Provisória (MP nº 746/2016), que trata da nova Reforma do Ensino Médio e que altera elementos fundamentais na LDB/1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e vai contra direitos importantes duramente alcançados com o PNE/2014-2024, passamos a vivenciar um novo cenário de retrocessos. Na verdade, não temos mais nenhuma garantia de permanência da Sociologia como disciplina escolar no currículo do Ensino Médio no Brasil.

Após essa Reforma, considerando o que consta na redação final: “Art. 36. O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino [...]”. O que consta é que os conteúdos de Geografia, História, Sociologia, Filosofia, Biologia, Física, Química serão estabelecidos pela BNCC, ainda não definida, e a obrigatoriedade desses componentes curriculares está incerta. Ou seja, eles devem ser trabalhados, mas seu caráter disciplinar não está garantido (ISSOPO, 2017, sem paginação).

Desta forma, ao perder seu caráter obrigatório enquanto disciplina, a Sociologia perde também sua autonomia, ficando submetida e dependente de

decisões dos sistemas de ensino (governos estaduais), o que não é garantia de sua inclusão. Outro complicador reside no fato de que, à sombra de ideologias como a Escola sem Partido e do Movimento Brasil Livre (MBL), que ocupam espaços políticos centrais no Congresso Nacional, no Ministério da Educação (MEC), no Senado e em instâncias políticas estaduais, e em outras esferas do poder público, os riscos de não ser contemplada nem mais como conteúdo obrigatório é eminente, haja vista que, segundo esses movimentos conservadores e autoritários, a Sociologia é uma, se não a, disciplina mais doutrinadora dentro das escolas e um grande perigo para os seus interesses, pois ao formar pessoas críticas e autônomas, cria-se, por exemplo, resistências aos totalitarismos.

Não é segredo para ninguém, muito pelo contrário dadas as publicizações cotidianas destes líderes via redes sociais, que o atual governo e seus séquitos, impunham bandeiras e “armas” tão perigosas voltadas para a humanidade, especialmente para as minorias sociais, reacendendo defesas de racismo, facismos, de machismo, de homofobia, de sexismo, de discriminações, de preconceitos contra as mulheres e os pobres, entre outras violências. Hoje tornou-se mais difícil ainda tratar do conteúdo de gênero, pensado em suas identidades, diversidades, pertencimentos e desigualdades, justamente os temas mais recorrentes entre as juventudes que participam do Projeto “Escola dá Vida”. Assim, pensamos que a existência do Projeto na escola, dependa muito da permanência da Sociologia enquanto disciplina escolar no currículo do Ensino Médio, do mesmo modo que sua permanência depende da luta política e organizada de todos nós.

No que diz respeito aos retrocessos para o ensino de Sociologia, a situação poderá ficar ainda mais vulnerável com a aprovação do Parecer CNE/CP nº 03/2018, que trata da Minuta das novas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Aprovado em novembro de 2018, no governo de Michel Temer, pelo Conselho Nacional de Educação, o Parecer nº 03/2018 (BRASIL, RESOLUÇÃO Nº 03/2018, 2018b) vem para acabar literalmente com todos os nossos direitos importantíssimos que estão nas Diretrizes Curriculares e que inspiraram a nossa Pedagogia Histórico Crítica do Paraná. O Parecer nº 03/2018, torna o Ensino Médio novamente baseado em competências e habilidades, fala que o estudante deve se adaptar ao mercado de trabalho, afirma no seu 1º Artigo que o Ensino Médio não é mais responsabilidade só do Estado, mas também da família e da sociedade, abrindo espaço para interferência destas na escola e educação domiciliar.

A educação para todos não é viabilizada por decreto, resolução, portaria ou similar; não se efetiva tão somente por meio de prescrição de atividades de ensino ou de estabelecimento de parâmetros ou diretrizes curriculares. A educação de qualidade social é conquista e, como conquista da sociedade brasileira, é manifestada pelos movimentos sociais, pois é DIREITO de todos (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p.14).

Vemos que diante de tais circunstâncias inúmeros casos de cerceamento da prática docente com denúncias de “doutrinação ideológica” a chamada “Lei da Mordaça” uma tentativa de instalar o controle sobre a “liberdade de ensinar” dos professores bem como cercear todo o conteúdo que possa ser contrário aos valores morais e religiosos da configuração de família patriarcal que defendem. Outra ameaça eminente da Reforma refere-se à possibilidade de ofertar, recorrendo a rede privada inclusive com EAD (Educação a Distância), parte da carga horária do Ensino Médio, privatizando a educação e tirando desta a prerrogativa do direito a gratuidade, ou seja, o que era um direito de todos, passa a ser mercadoria.

Enfim, o Parecer fere alguns dos direitos básicos previstos na Constituição Federal de 1988, ou seja, o direito de ensinar e aprender e a gratuidade do ensino público:

O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: II - liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber; V - gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais (BRASIL, 1988, Art. 206, incisos II e V).

Outro espectro aprovado pela Reforma do Ensino Médio Lei nº 13.415/17 (BRASIL, 2017), vem recuperar antigas e superadas proposições dos Parâmetros e Diretrizes Curriculares Nacionais de 1990, em que se define o currículo com base em competências e habilidades. Segundo a professora Mônica Ribeiro da Silva, da UFPR, que coordena o Observatório do Ensino Médio:

A centralidade da noção de competências no currículo, especialmente porque justificada e proposta pela via unidimensional do mercado, produz uma “formação administrada”, ao reforçar a possibilidade de uma educação de caráter instrumental e sujeita ao controle. Ignorar a dimensão histórico-cultural da formação humana, pelo caráter instrumental das proposições, gera um processo formativo voltado para a adaptação dos indivíduos em sacrifício da diferenciação e da autonomia. (SILVA, MONICA, 2018, p.11).

Ainda segundo Silva, Monica (2018, p.11), “a Medida Provisória nº

746/16 já recuperava a ideia de organização curricular com base em definição de competências, o que foi mantido com pequena alteração na Lei nº 13.415/17”:

A organização das áreas de que trata o caput e das respectivas competências, habilidades e expectativas de aprendizagem, definidas na Base Nacional Comum Curricular, será feita de acordo com critérios estabelecidos em cada sistema de ensino. (BRASIL, 2017, Art. 36. § 3º).

Podemos observar que as mudanças de que trata o Art. 36 da Lei nº 13.415/17, ou seja, “a organização das áreas de que trata o caput e das respectivas competências e habilidades será feita de acordo com critérios estabelecidos em cada sistema de ensino”. (BRASIL, 2017, Art. 36).

§ 1º), não representam nenhuma mudança real no conteúdo do mesmo, apenas está sendo retirado do texto original o trecho referente a Base Nacional Comum Curricular.

Assim, a ideia central da MP nº 746/16 (BRASIL, 2016) permanece a mesma na Reforma e sua intencionalidade reforça uma perspectiva educacional voltada à competitividade, à eficiência e ao mercado, o que desconsidera os princípios ontológicos da educação que visam a formação humana em toda sua diversidade e complexidade. Problematizamos assim, que o Estado capitalista, vem, de longa data, defendendo a escola adequada às necessidades do mercado, ou seja, a ideia de um currículo que “prepare” o indivíduo para o atender as expectativas do capital e da produção, dando-lhe a capacitação profissional e garantindo-lhe emprego e salário, o que se apresenta de forma bastante atrativa frente a grande massa de desempregados do país. O que aparentemente seria justo e necessário pode acobertar outras intenções não tão nobres assim. Como afirmam Motta, Vânia e Frigotto, Gaudêncio (2017, p.358);

A ideia de investimento em capital humano como motor de desenvolvimento econômico é uma determinada concepção de formação humana nos marcos restritos das necessidades de mercado. Enfatiza os conhecimentos úteis que o estudante deve adquirir para impulsionar a produtividade dos setores econômicos, a fim de potencializar a competitividade nos mercados local e internacional, ou para criar condições de empregabilidade, isto é, desenvolver habilidades e competências que potencializem a inserção do indivíduo no mercado de trabalho. A formação humana é diretamente articulada com a formação da força de trabalho, sendo esta considerada um dos fatores de produção, assim como o maquinário.

A visão utilitarista proposta pela Reforma do Ensino Médio acaba por distanciar os indivíduos de uma educação voltada à experencialização do mundo à sua formação humana, criativa e autônoma. A escola pode sim preparar o indivíduo para o trabalho e para ser produtivo, desde que o faça de forma emancipatória e que o realize em todas as suas potencialidades, o que não se vê contemplado nas novas DCNs/2018:

V - formação técnica e profissional: desenvolvimento de programas educacionais inovadores e atualizados que promovam efetivamente a qualificação profissional dos estudantes para o mundo do trabalho, objetivando sua habilitação profissional tanto para o desenvolvimento de vida e carreira, quanto para adaptar-se às novas condições ocupacionais e às exigências do mundo do trabalho contemporâneo e suas contínuas transformações, em condições de competitividade, produtividade e inovação, considerando o contexto local e as possibilidades de oferta pelos sistemas de ensino. (BRASIL, RESOLUÇÃO Nº 03/2018, 2018b, p.7).

O que podemos observar no artigo supracitado e que talvez possa passar despercebido ou diluído no corpo do texto é que os programas educacionais deverão promover a qualificação profissional “[...] para adaptar-se às novas condições ocupacionais e às exigências do mundo do trabalho contemporâneo e suas contínuas transformações” (BRASIL, RESOLUÇÃO Nº 03/2018, 2018b, p.7), ou seja, adaptar-se em conformidade às circunstâncias, que podem ser “boas” ou não tão “boas” assim, como por exemplo, aprender a aceitar condições de exploração e perda de direitos como uma necessidade de manutenção do emprego ou um “mal” necessário, esvaziando assim a luta por melhores condições de trabalho e remuneração condigna

Assim, o trabalho passa a ser o meio e fim do processo educativo requerendo indivíduos hábeis, acomodados às suas condições. Vejamos como Frigotto problematiza essa questão:

O caráter fundamental, imperativo e imprescindível da atividade produtiva não deriva, como sublinha Kosik, de ser ela uma atividade superior às demais, mas do fato de que sem esta os seres humanos não poderão dedicar-se à arte, ao estudo, à cultura, do lazer etc. É neste sentido que Marx situa o trabalho na esfera da necessidade, como condição para a esfera da liberdade, da escolha e da fruição. (FRIGOTTO, 2015, p.214).

Neste contexto, o trabalho que deveria ser realização, passa a ser uma

prisão que, desde muito cedo, teremos que nos adaptar. Toda essa discussão sobre a escola e a sua função de preparar os indivíduos para o mercado de trabalho estão presentes durante a elaboração do Projeto “Escola dá Vida” junto às juventudes que dele participam.

Socializados para conceber a escola como aquela que a “priori” deve prepará-los para o mercado de trabalho, alguns acabam por questionar sua metodologia como inibidora do acesso que deveriam ter aos conteúdos essenciais para concorrerem às exigências do mercado de trabalho e ou a uma vaga no ensino superior, acreditando, pois que essa seria a única finalidade da educação, principalmente, porque o público alvo do Projeto é constituído por alunos oriundos das classes trabalhadoras, sendo que muitos, já são alunos trabalhadores logo, a necessidade de ao término do Ensino Médio, conseguirem um emprego melhor, torna-se eminente para os mesmos. Esse fato fica evidente nos dados da pesquisa do LENPES, realizada com 556 estudantes do Ensino Médio do Colégio Villanueva, nos anos de 2015 e 2016. Quando questionados sobre os assuntos mais debatidos em casa, com a família, os resultados principais foram;

Trabalho e Educação quase se equivalem, sendo o primeiro com 34% e o segundo com 33%, em seguida vem Religião com 28%, Internet com 26% e Saúde com 24%. Já entre os menos discutidos estão Preconceito com 9% das respostas, Meio Ambiente e nenhum com 4% cada. É notável que os assuntos mais conversados nas famílias são os mais comuns dentro da realidade em que estão inseridos, como trabalho e educação como prioritários; já dos menos discutidos podemos ver que são os pertencentes a realidade também, porém não são temas de conversas e assuntos em casa; muitas vezes por não serem vistos como importantes; [...] (SANTOS, TATIANE, 2018, p.57-58).

O que conseguimos observar através da pesquisa e no cotidiano escolar, é que muitos alunos, ao tratarem sobre a importância da escola e da educação, anseiam por uma vida melhor que a de seus pais, que, em muitos casos não tiveram a oportunidade de estudar ou tiveram que abandonar os estudos em detrimento do trabalho e da sobrevivência. Por este motivo, durante o Projeto buscamos demonstrar a importância da continuidade dos estudos após o Ensino Médio em toda sua abrangência, enfatizando que este percurso contribuirá tanto para sua vida profissional quanto acadêmica, resultando numa mudança de sua realidade social, podendo fazer a diferença em suas vidas.

E isso se difere do que a atual concepção de Ensino Médio, novamente

baseada em habilidades e competências, considera como projeto de vida e protagonismo juvenil, como mostram as DCNs (2018) quando trata principalmente do que elas consideram como formação integral;

I - formação integral: é o desenvolvimento intencional dos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais do estudante por meio de processos educativos significativos que promovam a autonomia, o comportamento cidadão e o protagonismo na construção de seu projeto de vida; (BRASIL, RESOLUÇÃO Nº 03/2018, 2018b, p.2).

Mais uma vez somos traídos pelo real significado das palavras, sem nos atentarmos à complexa teia de discursos dissimulados que as mesmas omitem. Por “protagonismo na construção de seu projeto de vida”, contido nas DCNs (BRASIL, 2018b), à primeira vista, somos seduzidos e levados a pensar que de fato a proposta visa à efetivação de uma educação que tem por objetivo a construção de indivíduos sujeitos de sua própria história, porém, há uma distinção bastante significativa entre ser sujeito individualista e ser sujeito coletivo protagonista, pois, se o primeiro pode ser um ser social, dotado de identidade, autonomia de pensamento e ação. Já o segundo, além de tudo isso, precisa ser aquele que compreende que é ator da própria história, percebe as contradições dessa totalidade histórica e faz-se atuante para mudar esta realidade individualista.

#### 2.4 IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA: INDISSOCIABILIDADE PESQUISA- ENSINO

O ensino de Sociologia, através das metodologias que são vivenciadas através do Projeto “Escola dá Vida”, produto de análise dessa dissertação, está fundamentado pela Sociologia/Ciências Sociais, além de outras áreas do conhecimento já descritas ao longo deste trabalho, mas também pelos documentos oficiais, o que o ampara, embasa-o para ser realizado anualmente na escola e garante sua permanência durante esses anos, mesmo que alguns poucos grupos de docentes, por razões a serem explicitadas no prosseguimento dessa pesquisa, tentem impedir sua continuidade.

O que faz do Projeto “Escola dá Vida” um produtor de conhecimento é o fato de este tomar a pesquisa como um de seus princípios pedagógicos mais importantes. O ato de pesquisar antecedido pelo estranhamento é o que desperta a “imaginação sociológica” e possibilita a atitude científica. É a negação da conformidade e da ignorância manipulada, pois exige de nós o questionamento, a

dúvida e a busca por respostas. Assim, a pesquisa é parte fundamental do processo educativo dentro e fora da escola, tanto para o professor, quanto para o aluno, como afirma Paulo Freire:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino [...] Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, sem paginação).

Ou seja, a atitude científica dentro da escola, mediada pelo professor pesquisador, produz alunos pesquisadores que levarão para a vida, para o cotidiano das relações sociais atitudes de questionamento, problematizando, criticando e elaborando suas conclusões baseadas na razão. Não obstante, nossa tarefa como mediadores do conhecimento na disciplina escolar de Sociologia pode ser comparada ao ofício de um artesão, como destaca Fiorelli Silva:

O ofício de professor é parecido com o ofício do artesão que aprende os conhecimentos com os mestres de ofício, mas vai criando suas técnicas ao longo de sua vida. A base do ofício é o saber, são os saberes elaborados historicamente sobre a arte, ou nosso caso, sobre a ciência. As técnicas nascem das necessidades contemporâneas e do saber acumulado e apropriado pelo artesão e pelo professor. (SILVA, ILEIZI, 2005, p. 2).

Podemos, sem receio, afirmar que o Projeto “Escola dá Vida” é, pois, essencialmente um trabalho artesanal tanto para o professor quanto para o aluno. Nos dois casos, dos discentes e docentes, por conseguir despertar nos mesmos a capacidade criativa, o domínio do processo de construção do saber, o acúmulo de experiências que possibilitam a criação de novos caminhos e a consolidação de outros ou simplesmente pelo prazer de desfrutar do conhecimento.

Tal qual o artesão que tem diante de si a possibilidade de criar e recriar a sua prática quantas vezes forem necessárias, o valor que se agrega a essa forma de trabalho é incorporado por seu criador de maneira que este não se encontre alienado da sua produção, pois ele próprio participa e domina o processo de aprendizagem, reconhecendo-se nele. Outro elemento essencial em todo processo criativo é a inspiração, que no nosso modo de perceber realiza-se quando o aluno consegue tirar de dentro de si as suas potencialidades, muitas delas adormecidas ou castradas pela própria escola, como é possível constatar nos relatos de experiências dos estudantes.

Nos referimos aos casos do Mateus e Tatiany, ambos alunos egressos. Em 2017, ele não conseguiu apresentar seu trabalho na Jornada e retornou no ano seguinte depois de ter concluído o Ensino Médio para compor com alunos o grupo que discutiria o tema da Sexualidade. Tatiany, da turma de 2012, abordou um tema bastante singular que problematizou as embalagens de cigarro lançando para tal como estratégia metodológica a utilização de recursos lúdicos, no caso, o teatro de fantoches.

Vale ressaltar também quando a gente tá lá assim como “professor”, digamos, que a gente está dando a palestra, a gente não só aplica o conhecimento, a gente adquire conhecimentos. (Mateus, 2º sem/2018).

Isso foi importante porque foi o primeiro contato para mim como essa crítica e tudo o que aquilo queria passar pra gente, antes a gente não analisava isso, não parava pra pensar [...]. (Tatiany Monique, 2º sem/2018).

Nesta discussão, são relevantes os debates sobre a produção científica acerca do ensino de Sociologia na Educação Básica, dialogando com os escritos de Anita Handfas e Julia Polessa Maçaiara (2009), quando estas analisam o estado da arte em produções científicas da área, o que resultam em;

Um olhar para a sala de aula, no sentido de compreender as formas de implementação da disciplina nos currículos, nos recursos didáticos na prática pedagógica do professor de Sociologia, do que para uma compreensão mais ampla dos processos didáticos, históricos e sociológicos que envolvem a presença da Sociologia no contexto escolar (HANDFAS, MAÇAIARA, 2015, p. 39-40).

Para fundamentar estas questões, será necessário também entender e trabalhar com alguns conceitos do sociólogo François Dubet (2008), como um dos clássicos da Sociologia da Experiência. Distender sobre essa visão norteia a experiência social enquanto instrumento analítico e investigativo concentrado na análise da participação discente nos mecanismos instituídos e reconhecidos institucionalmente, procurando observar como os atores sociais produzem suas experiências sociais nestes processos. (SILVA apud MOTTA, SILVIA; SANTOS, TATIANE, LIMA, ANGELA; ARAÚJO, ANGÉLICA; FERREIRA, ADRIANA, 2018, p.8).

Tratando de experiências, recordamos nossa adolescência. Quando tinha entre quinze e dezesseis anos, mesma faixa etária dos estudantes que participam do Projeto, isso por volta da década de 1985, lembramos-nos de ouvir inúmeros

comentários sobre um livro chamado *Admirável Mundo Novo* (HUXLEY, 1931). Entre os jovens que apreciavam a leitura de gêneros pouco convencionais, ouvia-se que o livro em questão mais parecia uma obra de ficção científica ou algo visionário que preconizava um futuro caótico para a humanidade. Futuro onde as pessoas seriam programadas para aceitarem toda forma de poder autoritário com total reverência e de forma pacífica.

Remetemo-nos a essa passagem, pois tal como Huxley (1931), François Dubet (2008) traz à tona questionamentos sobre as novas configurações da sociedade contemporânea que nos fazem refletir acerca das incertezas, das crises, das violências, das manifestações, das liberdades, dos retrocessos, das diversidades, dos preconceitos, das discriminações, da participação política, do papel das minorias, da democracia, das redes sociais, da internet, enfim, das novas e intensas demandas de um mundo completamente novo que nos causa a impressão de estarmos em certos casos completamente perdidos. A necessidade de discutir essas novas demandas da atualidade se mostram, por exemplo, no processo de escolha dos temas a serem desenvolvidos pelos estudantes no Projeto “Escola dá Vida” como destacam Gabriela, Luana, Mateus e Miriam, em relatos colhidos no ano de 2018;

A gente tinha o intuito de fazer um projeto para mostrar para os alunos como funciona o sistema de cotas, por que, para quê, e mostrando o que aconteceu no passado para ser importante no presente (Gabriela Apolinário, 2º sem/2018).

[...] e o maior desafio na verdade foi conseguir um tema, porque durante as aulas que a gente teve, foram tantas coisas que a gente sabia que deveria ser discutido na sala de aula que na hora da escolha do tema ficou muito difícil” (Luana Gouveia, 2º sem/2018).

O meu tema era Sexualidade, Gênero e Identidade de Gênero. (Mateus, 2º sem/2018).

O meu tema era Violência contra a mulher (Miriam, 2º sem/2018).

É nesse “mundo novo” que desvela e potencializa novos e antigos problemas que a Sociologia, segundo Dubet (2008), precisa encontrar novas explicações, pois as “antigas” não cabem mais. Dentro dessa perspectiva, oferecemos aos estudantes, através do Projeto “Escola dá Vida”, a possibilidade de buscarem respostas para às suas realidades, como é afirmado pelos próprios

egressos Gabriela e Isabele de Lara quando justificam os objetivos com a escolha de cada temática, falas estas recebidas no ano de 2018, via relatos em vídeo;

[...] o que é o racismo, como funciona o racismo, o que é discriminação, a diferença de discriminação e preconceito (Gabriela Apolinário, 2º sem/2018).

Prostituição: uma análise sociológica”. Optamos por esse tema por ele conter diversos tipos de preconceitos e também com o objetivo de desconstruí-los e levar um pouco mais de informação sobre quais são os motivos que levam uma pessoa a exercer esse tipo de trabalho. (Isabele de Lara, 2º sem/2018).

Outro tema muito recorrente entre as escolhas dos estudantes, refere-se as desigualdades sociais. Nas inúmeras justificativas que foram elaboradas por eles, podemos observar a necessidade de buscar respostas que os ajudassem a responder as causas dessas desigualdades. Uma realidade incômoda, muitas vezes naturalizada pela família ou pela religião. Compreender as estruturas que sustentam essa realidade lhes dá a força necessária para lutar por uma sociedade mais justa. Assim, ao tratarmos de um projeto de ensino-aprendizagem nos debruçarmos sobre a temática da educação atrelada às desigualdades sociais, políticas, culturais e econômicas desta sociedade. Então, com François Dubet (2004), debateremos questões relacionadas à Sociologia da Experiência e também o que se compreende como uma Escola Justa:

Como visam a produzir maior justiça escolar, não podemos deixar de ser muito favoráveis às medidas compensatórias e paliativas. Isto posto, os conceitos de igualdade e de justiça escolar que comandam essas práticas não são tão claros quanto poderia parecer à primeira vista e é importante refletir sobre a justiça escolar para avaliar o sentido e o alcance das políticas escolares. A priori, o desejo de justiça escolar é indiscutível, mas a definição do que seria uma escola justa é das mais complexas, ou mesmo das mais ambíguas, pois podemos definir justiça de diferentes maneiras (DUBET, 2004, p. 540).

Seria possível uma educação pública de qualidade sem problematizarmos e discutirmos os limites desta instituição diante da realidade socialmente desigual que temos em nosso país? Há quem diga que sim, especialmente nos momentos atuais onde impera pseudoverdade da extrema direita que justificam as desigualdades como naturais. Muitos costumam afirmar que só é pobre quem não se esforça, que o fracasso ou o sucesso escolar e, conseqüentemente, a ascensão

social, só dependem de esforço individual próprio, que as oportunidades, dentre elas a escola gratuita estão à disposição de todos, não aproveita quem não quer, ou ainda que a escola sozinha é a redentora ou responsável por todas as mazelas sociais. Mas, não é isso!

As acepções supracitadas remetem-nos a ideia de meritocracia muito propagada pelo ideário burguês. Dentro desta concepção, todo indivíduo munido de boa vontade, esforço e oportunidade pode prosperar socialmente. No entanto, a meritocracia não considera as desigualdades sociais como impedimento para que todos possam em condições de igualdade alcançar as mesmas oportunidades.

Desconsiderar que estamos falando de educação pública de qualidade num país de profundas desigualdades sociais soa-nos como discurso demagógico proferido também por “intelectuais de gabinete”. Aquela velha história que adorna e romantiza a escola como paladina da justiça social sem, contudo problematizar as reais condições da grande maioria da população brasileira que vivem à margem da pobreza e sequer tem condições de chegar ou mesmo permanecer na escola, não pode mais povoar as mentalidades dos professores. Como a desigualdade de renda pode ser um complicador para o desenvolvimento de uma educação equalizadora? De acordo com Helene (2011), em matéria escrita para o jornal Brasil de Fato;

Uma das características mais perversas da sociedade brasileira é a desigualdade de renda. Nas últimas décadas, chegamos a ocupar a pior posição entre todos os países [...] De fato, a educação tem sido um importante instrumento para a reprodução das desigualdades [...] Atualmente, três em cada dez crianças abandonam a escola, em definitivo, antes de completar o ensino fundamental e praticamente a totalidade delas vem dos setores economicamente mais desfavorecidos. Como o investimento anual na educação dessas crianças está na casa dos dois ou três mil reais, todo o investimento ao longo da vida pode não exceder os dez ou vinte mil reais. No outro extremo, onde estão os mais ricos, o investimento por criança e por ano pode exceder [...] os trinta mil reais por ano [...] Essa perversa desigualdade na formação educacional, quando combinada com a dependência da renda de uma pessoa adulta com seu nível de escolarização, fecha um círculo vicioso extremamente perverso. [...] ao escolarizar mal as crianças e jovens mais desfavorecidos, nosso sistema educacional está contribuindo para preservar ou mesmo acirrar nossas desigualdades econômicas, respondendo aos desígnios das elites econômicas, que consideram inaceitável qualquer destinação de recursos públicos para fins sociais, inclusive para a educação pública. (HELENE, 2011, sem paginação).

Após a democratização da escola, passou-se a acreditar que todos e todas conseguiriam transpor a linha da pobreza ou da marginalização. Entretanto, a partir da década de 1970, alguns teóricos, dentre eles Pierre Bourdieu e Clode Passeron (2014) trazem à tona o debate acerca da função reprodutora das desigualdades, que persiste também através da instituição escolar desvelando assim seu caráter reprodutor.

Numa população de estudantes, não se apreende mais que o resultado final de um conjunto de influências decorrentes da origem social e cuja ação exerce-se há muito tempo. Para os estudantes originários das classes baixas que sobreviveram à eliminação, as desvantagens iniciais evoluíram, o passado social transformando-se em passivo escolar pelo jogo de mecanismos de substituição, tais como orientações precoces e frequentemente mal informadas, as escolhas forçadas ou as repetências (BOURDIEU; PASSERON, 2014, p. 30-31).

Segundo estes autores (2014), quando a escola privilegia o capital cultural da classe dominante, está cometendo uma “violência simbólica” sob aqueles cuja realidade em nada se assemelha à realidade dos estudantes das classes abastadas. Mal escolarizados, pois não encontram ressonância entre o que a escola diz e a realidade por eles vivida, tendem ao fracasso escolar. São considerados mal escolarizados, pois as políticas públicas não priorizam investimentos considerados suficientes para que possam sobreviver dignamente e sejam preparados e incluídos na sociedade; acabam por reproduzir as biografias de tantos outros que “fracassaram”. Segundo Helene;

A luta por uma educação pública e igualitária deve estar na pauta das lutas políticas nos mesmos níveis das demais lutas sociais e econômicas, como a reforma agrária, a luta por moradia, a defesa do setor público e a luta por salários dignos. Se não rompermos com a atual situação educacional – e esse rompimento só será possível por meio de uma ampla luta social – jamais construiremos bases realmente sólidas para superarmos nossa desigualdade. (2011, sem paginação).

Mas afinal, para termos a escola que queremos, precisamos paralelamente combater as desigualdades sociais, caso contrário, continuaremos a reproduzir, mesmo que “bem intencionados” uma sociedade desigual onde às oportunidades existem, mas não são para todos. Outro debate de Dubet (2010), que reforça a problemática da desigualdade social e seus reflexos na educação pública, permeia em torno de *escola justa e da justiça escolar*. A princípio, podemos utilizar

como base a descrição feita por Duarte (2010) em sua análise sobre tais teorias;

François Dubet (2008), no livro *O Que é Uma escola Justa? A escola das oportunidades*, advoga a favor de uma escola única que tenha como premissa ajudar os mais fracos. O sociólogo defende um modelo de escola que contemple a igualdade de oportunidades, mas que mudanças sejam desenvolvidas no sentido de favorecer aos “estudantes de menor performance”. (DUARTE, 2010, p.353).

No que diz respeito aos preceitos didáticos, para fundamentar a elaboração do Projeto “Escola dá Vida” nos apoiamos também na Pedagogia Histórico Crítica, bastante refletida pelo pedagogo e filósofo Demerval Saviani. Nela os estudantes devem ser incentivados a observar e analisar a sociedade da qual pertencem, de forma crítica, como afirma Jacinto (2014);

Na Pedagogia Histórico-Crítica a educação escolar é valorizada, tendo o papel de garantir os conteúdos que permitam aos estudantes compreender e participar da sociedade de forma crítica, superando a visão de senso comum. A ideia é socializar o saber sistematizado historicamente e construído pelo homem. Nesse sentido, o papel da escola é propiciar as condições necessárias para a transmissão e a assimilação desse saber. (JACINTO, 2014, sem paginação).

Como podemos ver, para que a ideia da autora se concretize na escola, cabe à instituição proporcionar, dentro das “suas possibilidades”, suporte e condições de desenvolvimento desta pedagogia. Entretanto, acreditamos que as possibilidades nem sempre são reais ou estão acessíveis ao trabalho docente, assim, criar essas possibilidades pode ser um obstáculo a ser superado e que, na prática, não depende exclusivamente do sistema. O Projeto “Escola dá Vida” é prova disso, pois oportuniza aos estudantes a vivência do processo de ensino aprendizagem, aproxima a universidade da escola, desenvolve nos estudantes a capacidade de ensinar e de pesquisar, como os exemplos vivenciados por Bruno de Medeiros, Mateus, Miriam e Luana Gouveia, retratados pelos relatos colhidos no ano de 2018, por meio de vídeos recebidos;

A gente teve que ter uma fundamentação teórica bem embasada nos sociólogos e ter um trabalho bem profundo do que a gente ia fazer” (Bruno de Medeiros, 2º sem/2018).

O processo não muda muito, porque o processo teórico é pautado, ou seja, ele é igual para todos grupos. Ele é feito com o desenvolvimento teórico, com objetivos gerais, com conclusão, mas inicialmente com objetivos gerais e específicos, após isso a problematização que é uma questão que você vai levantar sobre o seu projeto e faz um desenvolvimento teórico, que é onde você vai buscar autores que respondam a questão que você levantou. Ou seja, isso não parte de um senso comum, é pautado teoricamente, didático... Após isso vem a conclusão e as referências bibliográficas”. (Mateus, 2º sem/2018).

[...] ao mesmo tempo que nós ensinamos a eles, eles nos ensinam. É algo bem bacana essa troca de energia entre nós, entre os alunos. (Mateus, 2º sem/2018).

E a parte prática principalmente fez com que eu tivesse certeza que aquilo era o que eu queria para mim. (Miriam, 2º sem/2018).

Ao fim do trabalho na mesa de debate, poder expor todo o seu conhecimento, poder discutir, debater se forma saudável toda aquela pesquisa durante o ano inteiro que a gente teve, então foi muito gratificante no final saber que você participou de algo tão importante pra educação (Luana Gouveia, 2º sem/2018).

Metodologicamente, o Projeto “Escola dá Vida”, contempla a pesquisa como princípio pedagógico tanto para o aluno quanto para o professor. Afinal, sabemos o quanto é difícil e desafiador encampar esta empreitada, principalmente para nós professores que, tragados por tantos problemas em nosso cotidiano escolar. Entretanto, desafiar as regras, fazer a diferença e sonhar, pode ser o contra peso na balança. Para muitos uma utopia, mas para nós, uma possibilidade.

Inspira-nos nessa jornada o professor Paulo Freire. Sua pedagogia é um divisor de águas entre uma concepção puramente conteudista e reprodutora de educação de uma prática educativa voltada essencialmente para o sujeito, razão fim e meio da Pedagogia da Libertação (2001) o processo educativo parte da realidade dos sujeitos, levando-os a refletir sobre esta, na busca pelo despertar da consciência crítica e autônoma que vise superar as condições de opressão concretas e ou dissimuladas no cotidiano das classes menos favorecidas; uma educação politizada capaz de conjugar discurso e ação; uma educação dialógica em que ambos, professor e aluno possam aprender em reciprocidade; uma educação de esperança do verbo “esperançar”, capaz de resistir na ação.

Para Freire (1992, p. 5), “enquanto necessidade ontológica a esperança

precisa da prática para tornar-se concretude histórica”. Desse modo, através do Projeto “Escola dá Vida” e de sua intencionalidade político- pedagógica, os alunos passam a compreender a realidade social e suas estruturas como fenômenos históricos produzidos nas relações e interações sociais, desnaturalizando-as e dando a estas novos contornos que não o destino fatal naturalizado das desigualdades. Assim, a escola pode e deve ser um espaço de inquietações e embrião das mudanças que se pretendem mais justas e mais humanas para todos. Inquietações essas que buscamos despertar no decorrer do Projeto e podem ser percebidas na própria fala dos estudantes Isabele de Souza, Miriam e Mateus, colhidas através de vídeos, no ano de 2018;

Então, para começar a gente tinha que responder algumas perguntas, tais quais: o que é homossexualidade? O que é homofobia? Como surgiu a homofobia e como ela vem sendo repassada? (Isabele de Souza, 2º sem/2018).

[...] que representavam e espelhavam o machismo na sociedade, desde músicas antigas até as músicas de hoje em dia. Que muitas vezes o machismo ele é infiltrado e passado como uma imagem natural, como algo comum (Miriam, 2º sem/2018).

Então eu busquei esse tema para estar passando um conhecimento mais amplo e pouco a pouco desconstruindo os paradigmas machistas da sociedade. (Mateus, 2º sem/2018).

[...] junto com os meus colegas conseguimos estimular os alunos a pensar, formar suas próprias opiniões e responder as perguntas com base no que eles sabiam e não só no que eles tinham ouvido falar. Eu estou muito orgulhosa do nosso projeto. (Isabele de Souza, 2º sem/2018).

[...] a gente conseguiu repassar esses conhecimentos, teve gente, pelo menos na turma que eu apliquei que se sentiu a vontade de falar “pô, eu me considero tal gênero, eu me vejo assim... me sinto atraído por tal”. Tiveram pessoas que conseguiu fazer isso, então eu vi os resultados como algo muito positivo. (Mateus, 2º sem/2018).

Um outro autor imprescindível para problematizar a importância do Projeto “Escola dá Vida” e a importância da Sociologia no Ensino Médio, é o sociólogo Florestan Fernandes, porque;

Em seus estudos cita a possibilidade da Sociologia formar os estudantes para uma melhor compreensão racional das relações entre os meios e os fins. Desta forma, os jovens e adolescentes passam a serem capazes de olhar para além da superficialidade de como a realidade se mostra. O autor cita algumas funções da sociologia que ele diz ter como referência alguns trabalhos agrupados no Symposium sobre o Ensino da sociologia e etnologia. Algumas dessas funções são: “munir o estudante de instrumentos de análise objetiva da realidade social”; em segundo “estimular o espírito crítico e a vigilância intelectual”; por último “suavizar os conflitos entre os indivíduos”. (FERNANDES 1977, p.108 apud BORGES, ADRIANA; GUSMÃO, FRANCIELE; LIMA, ÂNGELA, [20--?], p. 7).

A importância da Sociologia no Ensino Médio se concretiza na experiência do Projeto “Escola dá Vida” como destacam os alunos egressos, Camila, Gabriel e Luana, ouvidos através de relatos de vídeos, colhidos no 2º semestre de 2018;

O projeto de Sociologia é muito importante para os alunos do colégio, porque traz aquele caráter de pesquisa com responsabilidade, que você vai confirmar para ver se aquilo é verídico, uma pesquisa que você ter maior seriedade. Por que no Ensino Médio a maioria das disciplinas não traz essa visão de pesquisa (Camila Rodrigues Dantas, 2º sem/2018).

A Jornada de Sociologia na minha concepção foi uma das principais experiências no Ensino Médio, foi quando todo mundo teve que colocar a mão na massa, foi quando as pessoas tiveram que ver a prática da coisa [...] eu achei muito interessante, porque você entende o motivo dos problemas sociais, que geralmente é o ódio, a não aceitação. Quando você fala das expectativas da Jornada de Sociologia, você tem que ter em mente que as pessoas vão evoluir muito, academicamente e humanamente também. Espero que as outras escolas também adotem esse modelo, porque é muito interessante você ter uma coisa prática mesmo, principalmente em uma matéria tão prática como é a Sociologia [...] O principal problema que a jornada resolve é a questão do preconceito, as pessoas têm novos pontos de vista dados a elas ainda no Ensino Médio e esses pontos de vista são trabalhados o ano inteiro com os alunos, e sem dúvida nenhuma ajuda a vida de muita gente, pessoas que fazem parte de minorias que sofrem preconceitos no dia a dia (Gabriel Simioni, 2º sem/2018).

Ao fim do trabalho na mesa de debate, poder expor todo o seu conhecimento, poder discutir, debater se forma saudável toda aquela pesquisa durante o ano inteiro que a gente teve, então foi muito gratificante no final saber que você participou de algo tão importante pra educação. (Luana Gouveia, 2º sem/2018).

Outros relatos, como os das duas alunas egressas do ano de 2011, Gabriela e Letícia, mostram como a experiência de participar do Projeto “Escola dá

Vida” foi fundamental não só para que as mesmas passassem a ter um olhar mais crítico diante dos problemas sociais estudados, como também destacam a importância da prática de pesquisa na Educação Básica. É ressaltado também como esta experiência contribui com a formação dos estudantes ouvintes das oficinas, como destaca Eduardo, participante do Projeto como aluno do terceiro ano e oficinairo no ano de 2014 e como aluno egresso na Jornada de 2017, que nos disponibilizou sua fala através de vídeo, em uma rede social;

Isso foi uma grande satisfação, ter essa atenção dos alunos depois da apresentação, creio eu que esse foi o resultado que a gente queria alcançar, que foi chamar os alunos e fazer eles ter esse pensamento crítico sobre algo que eles achavam que era certo, pensar sobre aquilo, esse era o resultado que a gente queria alcançar. (Eduardo Santos, 2º sem/2018).

[...] fortaleceu muito a estrutura do ensino dentro do colégio porque muitas coisas que nós aprendemos e desenvolvemos ali dentro, e os alunos continuam fazendo isso, não seria possível se não fosse a partir dessa iniciativa de elaborar um projeto e mostrar para os alunos como que funciona o roteiro de pesquisa, a questão também da apresentação oral, tudo isso me enriqueceu e prossegue enriquecendo papel dos estudantes dentro da sala de aula e fora dela também (Gabriela Romagnoli, 2º sem/2018).

A experiência foi extremamente enriquecedora, tornando-se possível refletir sobre questões sociais e, além disso, exercer a pesquisa científica em educação, algo pouco vivenciado até então, para não dizer, nunca vivenciado! [...] Mal sabia o quanto era importante aquele momento. Embora tenha me engajado de fato na pesquisa, somente enquanto estudante de Pedagogia, curso que me proporcionou uma ampla visão sobre os diversos aspectos educacionais, pude vislumbrar naquele momento inúmeras possibilidades de formação, pois hoje entendo que uma educação de qualidade resulta de um trabalho pedagógico fundado no conhecimento científico e, sobretudo, que objetive uma formação humana, de tal modo que nos apropriemos das máximas possibilidades enquanto seres sociais (Letícia Vidigal, 2º sem/2018).

Os relatos supracitados dão conta de ressaltar disposições que remetem ao despertar do senso crítico, da importância da pesquisa na investigação sociológica e de certa forma, do caráter propositivo na resolução de problemas. Entretanto, é importante também compreendermos a relação desses problemas investigados pelos estudantes com a vida e com a realidade de cada um. Isso é possível através da caracterização sociológica dos estudantes, onde pretendemos, do mesmo modo, analisar os temas que são escolhidos pelos estudantes para serem pesquisados no Projeto “Escola dá Vida”.

Todos os anos as temáticas são variadas, considerando que os/as estudantes são livres para escolhê-las, mas algumas se repetem frequentemente, como: machismo, homofobia, sexualidade, bullying, violência contra a mulher, e outros, como os destacados pelas estudantes egressas do ano de 2012, Tatiany Monique, Tatiane, Camila e a estudante egressa do ano de 2014, Luana. Todas elas encaminharam os respectivos relatos através de vídeos, no ano de 2018;

O tema do meu grupo era “Análise crítica das embalagens de cigarro”, então eu lembro que a gente pesquisou as mensagens contidas nas embalagens de cigarro, em propagandas e tudo aquilo que elas queriam passar, analisando bem, criticamente mesmo cada uma (Tatiany Monique, 2º sem/2018).

Quando estava no terceiro ano e o meu tema foi desigualdade social e a invisibilidade da pobreza (Tatiane Brito dos Santos, 2º sem/2018).

[...] nos foi proposto no início do ano e eu pesquisei sobre “Família Nuclear”, no ano seguinte, em 2013, eu participei de novo, mesmo já tendo saído do colégio, nós retornamos para o Colégio para participar do projeto e eu falei sobre racismo junto com outras ex alunas [...] em 2014 com algumas amigas e falamos sobre pichação na escola (Camila Rodrigues Dantas, 2º sem/2018).

O nosso tema foi “A coragem de ser mulher”, os desafios que a mulher enfrenta na sociedade, no dia a dia a dia (Luana Gouveia, 2º sem/2018).

Este é um fato que nos chama a atenção e que nos levará a uma análise sociológica, buscando a relação e a recorrência destes com traços do perfil e as realidades das juventudes do Colégio Villanueva. Um referencial clássico a ser utilizado na dissertação será Wright Mills (1975) quando trata da Imaginação Sociológica. Através dela, faremos indagações teóricas- metodológicas, tais como: Qual o objetivo em se ensinar Sociologia para jovens e adolescentes? Teriam eles a capacidade de abstrair conceitos em virtude da pouca experiência de vida ou maturidade? Como aproximar o conhecimento sociológico da vida cotidiana desses estudantes de maneira que esse conhecimento não se restrinja à sala de aula ou aos resultados de avaliações?

A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. Dentro dessa agitação, busca-se a estrutura da sociedade moderna e dentro dessa estrutura são formuladas as psicologias de diferentes homens e mulheres. Através disso, a ansiedade pessoal dos indivíduos é focalizada sobre fatos explícitos e a indiferença do público se transforma em participação nas questões públicas. (MILLS apud SILVA, ILEIZI, 2005, p. 4).

Outras problematizações podem ser feitas através desse mesmo referencial: Conseguirão os jovens sob os quais pairam a sombra cultural da alienação e da irreverência, interessarem-se por demandas sociais? Até que ponto estamos fazendo ciência ou estamos sendo tomados por um desejo messiânico de “salvar o mundo”? Pois bem. Estas e outras inquietações povoam o universo da Sociologia como disciplina escolar colocando à prova a necessidade de sua permanência no currículo. Em busca de respostas, encontraremos em Mills o embasamento que se propõe a debater sobre a importância do ensino de Sociologia através do conceito de imaginação sociológica:

O primeiro fruto dessa imaginação \_ e a primeira lição da ciência social que incorpora \_ é a ideia de que o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período; só pode conhecer suas possibilidades na vida tornando-se cômico das possibilidades de todas as pessoas, nas mesmas circunstâncias em que ele. Sob muitos aspectos, é uma lição terrível; sob muitos outros, magnífica. Não conhecemos os limites da capacidade que tem o homem de realizar esforços supremos ou degradar-se voluntariamente, de agonia ou exultação, de brutalidade que traz prazer ou deleite da razão (Mills, 1975, p.11-12 apud SILVA, 2005, ILEIZI, p. 4).

Com base nesse conceito, buscamos problematizar como a Sociologia através do Projeto “Escola dá Vida” possibilita aos nossos estudantes que esses, consigam compreender a relação de sua vida pessoal com a vida social, desconstruindo e desnaturalizando os fenômenos sociais como exigem as OCNs de Sociologia (2006);

Um papel central que o pensamento sociológico realiza é a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais. Há uma tendência sempre recorrente a se explicarem as relações sociais, as instituições, os modos de vida, as ações humanas, coletivas ou individuais, a estrutura social, a organização política, etc. com argumentos naturalizadores. Primeiro, perde-se de vista a historicidade desses fenômenos, isto é, que nem sempre foram assim; segundo, que certas mudanças ou continuidades históricas decorrem de decisões, e essas, de interesses, ou seja, de razões objetivas e humanas, não sendo fruto de tendências naturais. (BRASIL, ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO, 2006, p. 105-106).

E, vemos, por exemplo, a partir da fala do aluno egresso do ano de 2013, Bruno de Medeiros, que os resultados dos estudantes se relacionam com essa proposta, de desnaturalização e problematização dos fenômenos sociais. Assim diz o jovem, em seu relato em formato de vídeo, colhido no ano de 2018;

[...] é muito importante a gente saber entender a sociedade que a gente está vivendo, para poder trabalhar nisso, poder entender como a gente funciona e como o sistema da vida funciona em sociedade (Bruno de Medeiros, 2º sem/2018).

Compreender a própria existência social, ou pelo menos buscar essa compreensão é sem sombra de dúvida um exercício laborioso, entretanto, quando concretizado pode imprimir aos sujeitos uma nova dimensão sobre si mesmos e a realidade. Quando os estudantes participantes e sujeitos do projeto escolhem os temas a serem trabalhados, o fazem por uma vinculação com suas realidades, com suas biografias. Isso faz com que o conhecimento científico se ressignifique e uma nova perspectiva de aprendizagem se realize.

Não é por acaso que temas como o bullying, o racismo, sexualidade, violência contra a mulher, desigualdade social, religião, homofobia são recorrentes em todas as edições do Projeto. Podemos observar através de relatos dos próprios estudantes a necessidade em aprender mais sobre o que acontece com eles mesmos. Muito comum também é justificarem a escolha do tema com base no fato de que a escola não tem dado a devida importância às necessidades por eles vivenciadas. Denunciam tabus, invisibilidade e até omissão do ente educacional. Segundo Silva, Ileizi;

Mills (1975) indica que o papel da sociologia seria permitir a compreensão das relações entre a história e a biografia dentro da sociedade moderna, ou seja, esse é um dos objetivos do ensino da sociologia para os jovens, adolescentes e adultos nas escolas em que trabalhamos. Assim, para responder aos estudantes a pergunta inevitável “por que temos que estudar sociologia? Para que serve a Sociologia?”, podemos iniciar instigando-o a pensar sobre sua história de vida, sobre sua biografia de vida. (1975 apud SILVA, ILEIZI, 2005, p.04).

Partir do que é significativo para o aluno, expandir seus horizontes de forma que possa questionar e compreender a sua própria realidade bem como da sociedade em que se vive buscando formas de superação da mesma, tornam-se alicerces fundamentais de uma educação justa, crítica e libertadora. A fusão desses elementos constituem o que há de mais caro para efetivarmos uma educação libertadora numa sociedade de profundas desigualdades de que nos fala Paulo Freire;

[...] é preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história. (FREIRE, 1980, p. 39).

Acreditar na educação e no seu poder transformador, não desconsidera a correlação de forças e interesses de grupos políticos e/ou segmentos sociais que querem impedir essas transformações. Ao contrário disso, pretende-se desvelar esses interesses permitindo que possamos enxergar as contradições, desnaturalizar as desigualdades e construir uma nova história que seja mais justa, mais humana e mais igualitária para todos e todas. Parece-nos pretencioso de mais dizer que uma disciplina tenha a função de ensinar a pensar. Entretanto, a Sociologia proporciona através de suas aulas a possibilidade de enxergarmos a realidade social para além da aparência, através do desenvolvimento da “imaginação sociológica” definida como;

Aprender a pensar sociologicamente – olhando – em outras palavras, de forma mais ampla – significa cultivar a imaginação. Estudar Sociologia não pode ser apenas um processo rotineiro de adquirir conhecimento. Um sociólogo é alguém que é capaz de se libertar das imediatezidades das circunstâncias pessoais e apresentar as coisas num contexto mais amplo. O trabalho sociológico daquilo que o autor norte-americano C. Wright Mills, numa frase famosa chamou de imaginação sociológica. (MILLS apud GIDDENS, 2005, p.18).

Despertando a “imaginação sociológica” o estudante não apenas passará a questionar, problematizar e compreender de forma diferente os conteúdos escolares, mas também os fatos sociais presentes no dia a dia, assim como outros contextos e realidades, como demonstra Isabele de Lara, estudante egressa do ano de 2017, que nos repassou suas impressões em relato de vídeo, em 2018.

Pra mim foi uma grande experiência da qual eu nunca tinha tido algo parecido anteriormente, é uma experiência que eu vou levar para o resto da minha vida, principalmente da conclusão, em saber que tudo aquilo que a gente idealizou desde o começo se tornou realidade e cumpriu com o nosso objetivo (Isabele de Lara, 2º sem/2018).

Desnaturalizar a realidade não é uma tarefa muito simples. O olhar sociológico precisa sensibilizar-se para enxergar na rotina convulsionada das relações sociais os meandros que não se apresentam de forma explícita, afastando-se das explicações simplistas do senso comum e problematizando o contexto. Porém, os resquícios de nossa formação tradicional e conservadora estão por todos os lugares, condicionando ou mesmo coibindo a nossa imaginação. Como consequência, acabamos nos acostumando com antigos padrões. Assim, como Charlot (2014), é essencial para que possamos trazer o sentido e o prazer em aprender, que os alunos sejam mobilizados de dentro pra fora despertando nos mesmos o que o autor chama de disposições, ou seja, o desejo e a disponibilidade para o novo.

Os relatos a seguir, colhidos através de vídeos, no 2º semestre de 2018, das alunas egressas Isabele de Souza, Miriam e Camila, deixam evidenciar que disposições foram mobilizadas através do projeto “Escola dá Vida”, especialmente quanto ao interesse de dar continuidade aos estudos ou mesmo quanto a decisão de cursar uma licenciatura. Vejamos;

[...] eu sinto que acrescentou muito na minha formação e eu quero me aprofundar mais em Sociologia e quem sabe entrar em uma faculdade de Ciências Sociais (Isabele de Souza, 2º sem/2018).

[...] pra minha vida acadêmica o projeto acabou me direcionando pra área específica que eu desejava, que é licenciatura em Sociologia, eu sempre tive vontade de atuar na área. E a parte prática principalmente fez com que eu tivesse certeza que aquilo era o que eu queria para mim (Miriam, 2º sem/2018).

Hoje eu acredito que esse projeto teve muita influência na minha escolha por um curso na área de licenciatura e espero que ele cresça, que ocorra mais vezes e que mais pessoas tenham a oportunidade de passar pelo o que eu passei, porque é muito bom na vida de uma pessoa ter esse tipo de experiência ainda no Ensino Médio que é um período decisivo para curso de faculdade e etc. (Camila Rodrigues Dantas, 2º sem/2018).

Vemos que, além das disposições para cursar o Ensino Superior e especialmente alguma licenciatura, em outros casos, como nos das egressas Gabriela e Tatiany Monique, mesmo com o término da graduação se mobilizaram para continuar estudando e realizando pesquisas, seja em cursos de Especialização ou de Pós-Graduação, como afirmam em seus relatos disponibilizados em formato de vídeo, enviado por rede social, em 2018;

[...] sou formada em Ciências Sociais, pela UEL, licenciatura e bacharelado, desde o ano passado e estou cursando a especialização no ensino de sociologia. Acredito que a maior influência nessa minha formação nas Ciências Sociais tenha vindo de experiências que eu adquiri no meu ensino médio nas aulas de sociologia e também na jornada de humanidades que eram feitas no Colégio Villanueva aqui em Rolândia (Gabriela Romagnoli, 2º sem/2018).

Já pra minha vida acadêmica o projeto acabou me direcionando pra área específica que eu desejava, que é licenciatura em Sociologia e todo esse contato e participação no projeto fez com que no final do ano eu prestasse vestibular para um curso de licenciatura, então eu acho que esse contato com os alunos e essa análise crítica mesmo que o projeto trouxe me fez escolher um curso de licenciatura. Então, em 2013 eu comecei o curso de Ciências Biológicas na UEL, terminei ano passado e já ingressei no mestrado. Tudo isso eu vejo como um fruto daquele projeto em 2012 no último ano, que é da decisão da faculdade, e isso ajudou bem a eu escolher (Tatiany Monique, 2º sem/2018)

Também foram relatadas outras disposições, como o fato de voltar em anos seguintes, com outras temáticas sociais, como o relato enviado em vídeo, pela egressa do ano de 2012, Tatiane, que participou de mais 04 Jornadas na escola;

Essa experiência fez com que eu me interessasse pelo curso de Ciências Sociais que eu concluí agora no início do ano e fez que eu voltasse também nas outras jornadas na escola como ex-aluna, participando também com outros temas que envolviam discriminação, a parte cultural. (Tatiane Brito dos Santos, 2º sem/2018).

Outras disposições em torno de dar continuidade ao seu tema de pesquisa no Ensino Superior, como no caso da egressa Ellen, formada em Direito e que durante a Jornada de Sociologia da qual participou como aluna, no ano de 2012, afirmou o desejo de cursar esta graduação e permanecer focada em problemas sociais voltados as mulheres, já que seu tema na época foi violência contra a mulher. Através de relato, emitido por vídeo e encaminhado em 2018, ela afirma;

Foi um tema que me ajudou muito já que eu aprofundei esse tema depois no âmbito jurídico, eu fiz direito então no primeiro ano da graduação demanda muita pesquisa, muita dedicação e esse projeto tendo sido realizado no terceiro ano do ensino médio me preparou e me deixou com a mente mais aberta para aprender e também para estudar na área de direito (Ellen dos Santos, 2º sem/2018).

Temos também disposições em, no Ensino Superior, buscar entender melhor e mais informações sobre o que foi estudado no Projeto, ou seja, a busca por aprimoramento do conhecimento já introduzido com a pesquisa, como nos evidencia o relato da aluna egressa Letícia do ano de 2011, que nos foi repassado por escrito, no 2º semestre de 2018;

Embora tenha me engajado de fato na pesquisa, somente enquanto estudante de Pedagogia, curso que me proporcionou uma ampla visão sobre os diversos aspectos educacionais, pude vislumbrar naquele momento inúmeras possibilidades de formação, pois hoje entendo que uma educação de qualidade resulta de um trabalho pedagógico fundado no conhecimento científico e, sobretudo, que objetive uma formação humana, de tal modo que nos apropriemos das máximas possibilidades enquanto seres sociais. (Letícia Vidigal, 2º sem/2018).

No Projeto “Escola dá Vida”, a mobilização e o despertar da imaginação sociológica começam quando os estudantes exercem a liberdade de escolha, ou

seja, são eles que determinam qual tema gostariam de estudar. Assim, encontramos o sentido relacionado à aprendizagem de que fala Charlot (2014). Em uma das etapas do Projeto, após intenso debate, os grupos de trabalho escolhem o tema a ser pesquisado.

Observamos ao final, que os temas escolhidos têm forte relação com a vida desses estudantes, o que favorece o interesse em pesquisar e entender sobre o assunto, pois estão aprendendo sobre si mesmos. Podemos citar exemplos e inúmeros relatos de estudantes que justificaram suas escolhas, pois determinado problema abordado no projeto era vivenciado por eles.

Casos de violência doméstica, homofobia, racismo, sexualidade, bullying, desigualdade de gênero, portadores de necessidades especiais, enfim, problemas sociais, que em certa medida eram incompreendidos pelos estudantes e até pesavam-lhes com um fardo que teriam que carregar por toda à vida, dada a naturalização dos fenômenos. A imaginação sociológica consiste justamente no processo de desnaturalização antecedido pelo estranhamento, do fenômeno a ser estudado. O próximo passo na busca pelo sentido se dá no momento da problematização do tema. Aqui os estudantes buscam levantar questionamentos de natureza sociológica com a intenção de conhecer determinado recorte em profundidade. Ao problematizarem, haverá também a oportunidade de desnaturalizar o fenômeno.

Assim, conseguem então observar que se trata de um fenômeno histórico, construído socialmente, que sofreu mudanças e quais são as estruturas que se movimentam para que este se transforme. Buscando explicações na Sociologia, saem da zona de conforto do senso comum em direção a uma visão mais crítica e autônoma da realidade social. Isso é imaginação sociológica na prática. É muito interessante observamos que a grande maioria dos temas abordados no Projeto “Escola dá Vida” estão também expressos no perfil sociológico dos estudantes, o que, mais uma vez, confirma a necessidade de que a metodologia aplicada, parta da realidade do aluno que é considerada o ponto de partida para o deslocamento teórico, ou seja, do empírico para o intelectual.

Como já dissemos, o Projeto “Escola dá Vida”, não é, “o salvador da pátria” e muito menos é receita de bolo. Não sabemos dizer se temos em mãos a solução para os muitos problemas relacionados à questão da aprendizagem, o que seria ingenuidade de nossa parte. O Projeto “Escola dá Vida” trabalha a partir do

capital cultural dos próprios estudantes, o que o torna significativo para cada um deles.

O sucesso, ou melhor, os bons resultados não são medidos por respostas prontas, mas sim pelo empoderamento desses estudantes diante da realidade vivida. Desse modo, não existe sucesso/fracasso e bom ou mau aluno, mas sim, indivíduos livres para desenvolver seus conhecimentos de acordo com a sua realidade e a sua individualidade, o que não o faz superior ou inferior a ninguém. Ao fazer isso, o Projeto considera também a historicidade e a heterogeneidade de cada um. Assim os estudantes passam a compreender que eles também são sujeitos da sua própria história. De forma equânime, o Projeto não trata todos de forma igual, mas dá a cada o que cada um necessita.

Assim sendo, podemos afirmar que, nesses 11 anos de sucesso estivemos sempre preocupados em assegurar aos estudantes uma educação significativa, que leve em consideração suas vivências, ou seja, o seu capital cultural e o seu habitus, para que possam encontrar sentido naquilo que aprendem e que acima de tudo, proporcione prazer a todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Porque afinal, “Escola dá Vida” à medida que o conhecimento nos liberta e a liberdade é um ato de prazer.

Bernard Charlot (2014) no livro “Da relação com o saber às práticas educativas”, convida-nos a problematizar o processo de aprendizagem com base em uma pergunta que inquieta pais, professores e especialistas: Por que há crianças que não conseguem aprender? Antes de responder a essa pergunta, é importante chamarmos a atenção para a temática das desigualdades sociais já descritas por Bourdieu. Charlot (2014), não desconsidera que a origem social interfira no processo de aprendizagem gerando o chamado sucesso ou fracasso escolar. Porém, para ele, essa correlação aponta para probabilidades e não para causa e efeito, pois se assim fosse, como explicar que em uma mesma família de origem pobre ou mais abastada, encontramos um filho bem-sucedido na escola e outro não? (CHARLOT, 2014, sem paginação).

São evidentes que muitas são as variáveis a serem consideradas, entretanto, Charlot (2014) centraliza o seu debate na relação que estabelecemos com o saber, ou seja, qual o sentido que atribuímos ao saber e o que nos mobiliza para aprender? Sejamos práticos, pergunte-se o que você não conseguiu aprender de jeito nenhum na escola? Agora pense, por que não consegui? Não foi capaz ou

não tinha nenhum interesse, pois não conseguia enxergar qual o sentido daquilo para sua vida? Em resposta, o autor problematiza questões sobre motivação e mobilização para aprendizagem. Para Charlot (2014) a motivação não se adequa ao processo de aprendizagem, pois segundo ele, a motivação seria uma forma enganosa de fazer com que os estudantes façam o que não querem fazer. Algo que vem de fora para dentro. Já a mobilização, seria um movimento que nasce de dentro pra fora. Mobilizo-me para aprender algo ou alguma coisa desde que este algo esteja intrinsecamente mobilizado pelo desejo e pelo prazer (CHARLOT, 2014, sem paginação).

Em outras palavras, para que de fato possamos aprender, precisamos encontrar sentido naquilo que nos é dado, ou seja, aprendemos a partir das experiências empíricas o que, na maioria das vezes, não ocorre nas escolas. Aprender a andar de bicicleta, aprender a nadar, aprender a dirigir um carro, aprender a dançar, enfim, coisas que para muitos de nós pareciam impossíveis e foram aprendidas, pois estávamos mobilizados para tal em nosso desejo, em nossos esforços físicos e intelectuais.

Talvez possamos dizer que esses exemplos não se aplicam à escola, porque são exemplos de atividades que nos dão prazer e a escola não é entendida como lugar de prazer ou diversão. Mas como fazer para que o aluno goste ou queira aprender fórmulas químicas e equações matemáticas intermináveis?

Lembremo-nos daquela aula em que o professor repetiu “500 vezes” um conteúdo e quando perguntou aos estudantes se haviam entendido, a resposta era não. Pois bem, Charlot nos diz que “[...] na escola, quem aprende não é o empírico, não é o eu da experiência cotidiana; quem aprende na escola é o eu epistêmico, o que os filósofos chamam de Razão” (CHARLOT, 2014, sem paginação).

O que Charlot (2014) quer nos dizer é que a escola não parte das situações reais vividas pelos estudantes, do seu cotidiano, não parte daquilo que faz sentido na sua vida para levá-lo ao exercício intelectual da abstração, fazendo com que muitos estudantes não obtenham o resultado esperado quanto à aprendizagem. Charlot (2014, sem paginação) não se refere exclusivamente aos estudantes quando trata da mobilização para a aprendizagem. Segundo o autor, se o professor está mobilizado, sua intencionalidade e sua relação com o saber é prazerosa, logo, o aluno também terá desejo e prazer em aprender.

Quando o Projeto “Escola dá Vida” foi pensado, havia um desejo de poder

proporcionar uma aprendizagem mais significativa aos estudantes, algo que pudessem carregar para a vida além dos muros da escola. Afinal, estamos falando de um projeto de Sociologia; e qual seria o sentido das aulas se não pudessem ser aplicadas a realidade cotidiana dos estudantes? A força desse desejo foi muito maior do que os obstáculos encontrados pelo caminho. E o primeiro deles, a desconfiança dos próprios estudantes. Acostumados aos limites do sistema duvidavam do seu próprio potencial e também de que se tratava de uma "aula de verdade". Tinham receio de que poderiam estar sendo lesados quanto aos conteúdos essenciais para o enfrentamento do Vestibular. Assim, resignificar nossas práticas e nos despojarmos de velhos conceitos, ou melhor dizendo, preconceitos, despertaria o sentido e o desejo de aprender citado por Charlot (2014).

Uma prática que requer muito esforço compensado pelo prazer dos resultados ao ver os estudantes pesquisando, trabalhando, montando oficinas e falando com autonomia sobre conceitos da Sociologia e dos fatos sociais (na maioria das vezes) por eles vividos. No Projeto, os estudantes participam de atividades e aprendizados que, geralmente, não acessíveis em metodologias tradicionais e hierárquicas, onde as aulas são, quase sempre, cansativas e/ou desmotivadoras ou que não têm sentido para quem está lidando com certos conteúdos. O fato de pesquisar, se reconhecer enquanto sujeito social, se sentir ativo dentro da escola (elaborando e aplicando oficinas sobre o seu tema), nos mostra como ensinar/aprender pode ser algo prazeroso, motivador e que pode fazer diferença para esses jovens.

Uma das finalidades centrais desta seção que aqui se encerra é mostrar as interfaces entre as teorias que tratam da Sociologia da Experiência proposta por François Dubet, da imaginação sociológica em W.Mills, das disposições do aprender, assim como o prazer em aprender em B.Charlot e a pedagogia histórico crítica de Saviani, didatizada no livro "Uma Didática para a Pedagogia Histórico Crítica", escrita por Luiz Gasparin (2002).

Há interfaces entre estas teorias que se manifestam na indissociabilidade entre pesquisa-ensino nas ações do Projeto "Escola dá Vida", onde experiência (especialmente dos egressos), imaginação sociológica, disposições do aprender e a criticidade, anunciada pela pedagogia histórico crítica, são elementos centrais levados em consideração em todas as fases do "Escola dá Vida", desde a elaboração do projeto pelos estudantes, passando pelo desenvolvimento das

oficinas, até a elaboração do artigo científico e sua apresentação para toda a escola em formato de mesa redonda.

Do mesmo modo que estes aportes teórico-metodológicos nos apoiam na execução do projeto, ou seja, na parte didático-metodológica do dia a dia no acompanhamento das fases do Projeto, estas mesmas teorias nos ajudam agora na análise dos seus resultados, através desta dissertação. O Projeto “Escola dá Vida” tenta abstrair o máximo de experiências possíveis, a cada ano temos novos resultados que incrementam nosso histórico e nossos resultados.

O fato dos jovens se sentirem sujeitos dentro da escola, produzirem conteúdo científico e participar de todas as etapas do Projeto, os fazem se reconhecer nos conceitos e nas teorias da Sociologia, e isso é o que dá sentido, mobilização e traz como frutos belos e satisfatórios resultados anualmente. Despertar a imaginação sociológica, ver os fatos sociais com olhares críticos e problematizadores fazem os jovens apreenderem grandes e diversas teorias e práticas que não apenas na escola, mas também fora dela, no dia-a-dia, poderão contribuir para uma sociedade mais justa, democrática, crítica, diversa e etc. Por isso é de tamanha importância empoderar os estudantes, dar sentido ao que se é estudado, despertar a imaginação sociológica, dar espaço de fala e de aprendizado, para que assim caminhemos para uma educação emancipatória, justa e não reprodutora de desigualdades.

## 2.5 JUVENTUDES NO ENSINO MÉDIO

Quando pensamos em uma escola, quase que automaticamente nos vem à mente imagens de jovens gerações, ou seja, crianças, adolescentes e jovens. Cada grupo bem definido segundo sua faixa etária, características físicas, psíquicas e biológicas como se todos fossem inevitavelmente constituídos por etapas pré estabelecidas de acordo com o padrão socialmente aceito. Assim, caberia a escola que é um dos espaços de socialização mais contundentes de pessoas, socializar e padronizar esses indivíduos seja através do uniforme ou no estabelecimento de padrões cognitivos de aprendizagem, de regras e valores morais. Na Sociologia clássica a maior referência sobre o papel da socialização exercido através da escola é o sociólogo Émile Durkheim. Para este autor:

As regras existentes na sociedade devem ser aprendidas, internalizadas e transformadas em hábitos de conduta. Neste viés, para Durkheim, a escola se torna o lugar central da continuidade social, pois nela se transmite os valores, as normas e os saberes (DURKHEIM apud NUNES, FABIANO; FALEIRO, WENDER, 2016, p.111).

Assim, a escola é, na perspectiva durkheimiana, uma das instituições mais importantes no processo de socialização das novas gerações, pois, se considerarmos que, desde tenra idade (no caso do Brasil a partir dos 4 anos), somos inseridos na escola e passamos grande parte de nossa vida dentro dela, somos cotidianamente “civilizados” para contribuir com a harmonia social. Ainda nessa mesma visão, a referida harmonia social só pode ser instaurada pela ordem e a ordem pelo consenso, pelo igual, pelo ajustável:

Souza (2010, p. 74) citando Durkheim discorre que “independente do lugar e da época em que é realizada, educação é o mesmo que socialização e tem por objeto formar o ser social [...] um indivíduo socialmente ajustado (SOUZA apud NUNES, FABIANO; FALEIRO, WENDER, 2016, p.113).

Não é raro que a forma como concebemos as juventudes, no caso nossos alunos na escola, ainda seja carregada de estigmas e rótulos, ou seja, as juventudes são, via de regra, percebidas erroneamente como uma fase de desajustes físicos, sociais e psíquicos, como se toda juventude, concebida no singular, perecesse de um mesmo mal. Assim, também de modo equivocado, cobra-se da escola o papel de controlar e moldar essas diferenças e adequar os jovens ao padrão esperado.

Felizmente, essa visão vem mudando nos últimos anos por força de novas perspectivas no campo da Sociologia e da Sociologia da Educação, mas, sobretudo, pela força da luta dos próprios movimentos sociais de juventudes. Hoje, os “habitantes da escola”, ou seja, os alunos, começam a dar visibilidade às suas identidades reivindicando diariamente suas histórias de vida como sujeitos ativos nas diversidades de gênero, de pertencimento étnico, classe social, orientação sexual, posicionamento político, entre outros, fazendo da escola um espaço mais dinâmico e mais plural.

Mas a escola mudou tanto assim? A resposta é sim e não. Eis aí o que acreditamos poder ser um dos grandes problemas a serem solucionados quando

nos debruçamos para tentar entender as mudanças que estão ocorrendo com os alunos. Acabamos por estigmatizar essas mudanças como “rebeldia ou desencanto” sem problematizar inúmeras variáveis socioculturais que entram todos os dias pelo portão da escola. É muito difícil para nós professores, acostumados a um padrão de aluno, aceitar que, por exemplo, nossa autoridade seja fragilizada quando um aluno se posiciona contrário a nós. Ou quando o aluno se debruça sobre a carteira e dorme numa atitude de total desrespeito para com a nossa aula. Ou ainda quando o aluno não demonstra expectativas de futuro acadêmico e/ou profissional, como se “desprezasse” as oportunidades de aprender para ser “bem sucedido” na vida.

Talvez, esse aluno que se posicionou contrário a nós, tenha aprendido que a educação é instrumento emancipação e de autonomia de pensamento. Talvez esse aluno que dormiu na aula, esteja muito cansado pois é aluno trabalhador ou talvez tenha vivenciado uma situação de conflito e/ou violência dentro de casa na noite anterior. Talvez esse aluno que aparentemente mostra sinais de apatia ou falta de vontade para nada, (exceto para mexer no celular) seja mais um produto dessa sociedade consumista e volúvel que suga seus sonhos numa falsa ideia de *status* como sinônimo de realização.

Com certeza passaríamos horas relatando e lamentando sobre esses problemas, pois é muito difícil para muitos de nós professores compreendermos que essas atitudes podem ser sinais importantes de reflexão para a mudança na educação. Nosso objetivo aqui consiste em problematizar quem são esses jovens estudantes do Ensino Médio de uma escola pública que participam do Projeto “Escola dá Vida”. Nesta caminhada de reflexão, Juarez Dayrell ajuda-nos a compreender quem são esses jovens e a refletir sobre essas “tensões” que ocorrem dentro da escola:

[...] discute as relações entre juventude e escola, problematizando o lugar que a escola ocupa na socialização da juventude contemporânea, em especial dos jovens das camadas populares. Trabalha com a hipótese de que as tensões e os desafios existentes na relação atual da juventude com a escola são expressões de mutações profundas que vêm ocorrendo na sociedade ocidental, interferindo na produção social dos indivíduos, nos seus tempos e espaços, afetando diretamente as instituições e os processos de socialização das novas gerações. Nesse sentido, discute as características dos jovens que chegam às escolas públicas de Ensino Médio, evidenciando a existência de uma nova condição juvenil no Brasil contemporâneo. Localiza os problemas e desafios na relação dos jovens com a escola, constatando as transformações existentes na instituição escolar e as tensões e os constrangimentos na difícil tarefa de constituir-se como alunos, concluindo que a escola tornou-se menos desigual, mas continua sendo injusta. (DAYRELL, 2007. p. 1105).

Por isso, nesse trabalho é importante analisarmos não somente o Projeto como um todo, mas também os principais agentes participantes deste: as juventudes que trazem pro chão da escola diariamente uma multiplicidade de vivências e realidades distintas em sua aparente semelhança. Compreender essa realidade e esse “*novo modo de ser jovem*” (DAYRELL, 2007, p.1107) é parte fundamental do processo educacional. Fundamental também, diz o autor, é começarmos a interrogar a pedagogia e a própria escola o que nos possibilitará uma visão mais ampla dessa relação.

Pois bem, quem são os nossos jovens? Em sua análise, Dayrell opta por trabalhar com a ideia de “condição juvenil” considerando duas dimensões, a que a sociedade constituiu e atribuiu à esse momento da vida (dimensão histórico-geracional) e ao modo como essa dimensão é vivida considerando os diferentes recortes de classe, gênero, etnia etc. (DAYRELL, 2007). Assim, se pretendemos compreender quem são os alunos atuais, precisamos antes de tudo, desconstruir a ideia engessada de juventude monolítica e reconhecer que estamos diante de uma multiplicidade de formas de viver a condição juvenil. Estamos diante das juventudes, no sentido mais plural que se possa definir!

Outra condição essencial das juventudes destacada por Dayrell (2007) é a condição do jovem versus o aluno. O autor nos convida a problematizar as tensões que nascem da indissociabilidade destes dois sujeitos. Como vimos, o conceito de juventudes é um conceito amplo que vai além da faixa etária, das características biológicas e dos estereótipos, que reflete diferentes realidades e vivências que devem ser consideradas no seio da escola e que, sabemos, com raríssimas

exceções, não são consideradas.

A escola criada na modernidade com o advento do capitalismo, é pensada numa perspectiva intimamente vinculada ao mundo do trabalho. Sua função, entre outras, seria preparar as novas gerações para esse mundo, adaptando-os, conformando-os para serem produtivos o que é bem diferente de serem criativos e autônomos. É esse contexto que cria também o aluno que é justamente esse indivíduo que deve ser preparado para atender às expectativas do mercado.

Isso fica ainda mais evidente hoje, nas DCNs-Ensino Médio de 2018 (BRASIL, RESOLUÇÃO Nº 03/2018, 2018b), onde a formação técnica e profissional dos estudantes estão voltadas à sua adaptação ao mundo do trabalho, o que poderia representar uma atitude de subserviência à alguém ou a alguma coisa, sem questionar, para apenas obedecer. Os riscos de tal perspectiva para os trabalhadores são proeminentes a medida em que se dissemina a percepção de que tal passividade diante de uma possível exploração ou violação de direitos não se trata da naturalização de um abuso, mas de uma competência exigida pelo mundo moderno a qual deva adaptar-se.

Assim, pretende-se uma educação que produza futuros trabalhadores ouvintes e passivos, sem identidade, que cumpram as regras e normas escolares sem questionar. O aluno é um jovem exatamente igual aos demais (um problema a ser contido) e caberá à escola a difícil tarefa de prepará-lo moldando-o de acordo com as expectativas da sociedade. Muitos de nós estaremos nos perguntando: Mas, não é essa a tarefa da escola? Quão omissos estaríamos sendo se negligenciássemos nossa obrigação enquanto professores?

Creemos que as respostas à essas indagações podem não agradar à muitos, pois, tal qual nossos alunos, também somos o resultado desse modelo de escola. Entretanto, tomando como referência as reflexões de Dayrell (2007), urge reconhecermos que os alunos são juventudes que trazem cotidianamente pra escola muito mais que material escolar. Trazem suas vivências, suas histórias e suas novas cognições que devem ser por nós consideradas. Que criam resistências que traduzimos como indisciplina. Que reivindicam suas identidades e que a escola, como pontua Dayrell (2007), não é mais o único espaço de socialização dessas juventudes.

Enquanto o Estado, a sociedade, a pedagogia e nós professores não procurarmos entender que o mundo mudou, que a história se movimenta em várias

direções e ficarmos no saudosismo do aluno do início do século XIX achando que é possível conter as mudanças, continuaremos a nos confrontar diariamente com as tensões entre as juventudes que existem em cada aluno.

Vale ressaltar que não pretendemos minimizar ou mesmo dissimular a complexidade das relações “tensas” que ocorrem dentro da escola cuja(s) causa(s) requerem um vasto e profundo estudo. Entretanto, nosso objetivo é buscar através dos referenciais teóricos aqui apresentados, subsídios para compreendemos, pelo menos em parte, quem são as juventudes com as quais interagimos e sem as quais, não realizamos a tarefa de ensinar. Esta premissa estava presente nas DCNs-Ensino Médio de 2012 (BRASIL, RESOLUÇÃO Nº 02/2012, 2012), revogadas pela DCNs-Ensino Médio de 2018 (BRASIL, RESOLUÇÃO Nº 03/2018, 2018b). No documento curricular de 2013, tínhamos as seguintes premissas sobre as juventudes oriundas das classes trabalhadoras;

Nos dias atuais, a inquietação das “juventudes” que buscam a escola e o trabalho resulta mais evidente do que no passado. O aprendizado dos conhecimentos escolares tem significados diferentes conforme a realidade do estudante. Vários movimentos sinalizam no sentido de que a escola precisa ser repensada para responder aos desafios colocados pelos jovens (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p.146).

Ainda segundo as DCNs-Ensino Médio de 2012 “*Os sistemas de ensino passam a atender novos jovens com características diferenciadas da escola tradicionalmente organizada*” (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p.146) e a elaboração de um Ensino Médio que acompanhe essas mudanças se evidenciam;

[...] em virtude das novas exigências educacionais decorrentes da aceleração da produção de conhecimentos, da ampliação do acesso às informações, da criação de novos meios de comunicação, das alterações do mundo do trabalho, e das mudanças de interesse dos adolescentes e jovens, sujeitos dessa etapa educacionais (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p. 148).

Dayrell (2003) nos permite problematizar melhor esse aspecto, quando seus estudos tratam o jovem como sujeito social, nos auxiliam a compreender os jovens para além das concepções romantizadas de juventudes ou ainda a rompermos com concepções que ligam ainda a ideia de juventudes com a visão

transgressora e delinquente, como por muito tempo se via nas visões funcionalistas. O autor (2003) nos permite conhecer as juventudes na sua totalidade e apreender os modos pelos quais os jovens, principalmente das camadas populares, constroem as suas experiências e necessidades e suas inquietações.

Geralmente, a noção de sujeito social é tomada com um sentido em si mesma, sem a preocupação de defini-la, como se fosse consensual a compreensão do seu significado. Outras vezes é tomada como sinônimo de indivíduo, ou mesmo de ator social. Para alguns, falar em “sujeito” implica uma condição que se alcança, definindo-se alguns pré-requisitos para tal; para outros, é uma condição ontológica, própria do ser humano. Nos limites deste artigo não cabe uma discussão que recupere a construção do conceito, assim me limitarei a assumir determinada posição [...] Entendemos, como Peralva (1997), que a juventude é, ao mesmo tempo, uma condição social e um tipo de representação. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo numa determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vão lidar com esse momento e representá-lo. (DAYRELL, 2003, p.40-43).

Felizmente “as velhas” perspectivas vêm mudando e ajudando a reconstruir um novo olhar sobre as juventudes que considere não apenas faixa etária ou desenvolvimento psicológico e físico, mas elementos que as distinguem considerando o tempo histórico, a cultura e grupos sociais. Esse novo olhar, nos permite considerar as juventudes de forma muito mais abrangente e peculiar, respeitando suas singularidades e sobre tudo, suas diversidades.

É sem sombra de dúvida um ponto que merece ser destacado e que corrobora para desconstruir e desnaturalizar imaginários estigmatizados e romantizados que associem as juventudes muito mais à problemas como violência, drogas e rebeldia, do que uma parcela da sociedade com demandas que merecem ser consideradas e atendidas, mas também como possibilidades na solução de problemas.

Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta. (DAYRELL, 2003, p.40- 43).

Além de Dayrell, outro autor que irá subsidiar nossa discussão sobre juventudes como uma categoria social, como condição social, é Luis Antônio Groppo. “O conceito de juventude vai além de um recorte etário que determina qual idade específica caracteriza o jovem”. (DAYRELL apud SANTOS, TATIANE, 2018, p.41). No parecer do próprio Groppo.

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sociocultural e uma situação social (novamente no sentido dado por Mannheim). Ou seja, a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos. Ao mesmo tempo é uma situação vivida em comum por certos indivíduos (GROPPO 2000, p. 7-8).

Segundo Groppo (2000), para além das juventudes, essa categorização ocorre com outros grupos, como crianças e idosos, onde determinados comportamentos e condições sociais são definidas como pertencentes a determinada categoria. Pensando nas juventudes, o autor (2000) salienta dois critérios que permeiam as definições de juventudes nas Ciências Sociais, o critério etário (define as juventudes a partir de faixas de idade); e o critério sociocultural, que considera as condições de gênero, étnica, religiosa, econômica e etc quando analisa as juventudes, desse modo, tais condições influenciam nos comportamentos dos indivíduos.

Groppo (2000) destaca a relevância em compreender as juventudes como uma das categorias sociais, principalmente quando se tem como objetivo analisar a modernidade, as sociedades e suas transformações, ainda mais quando lembramos que as juventudes modernas são frutos de um processo social e histórico. É importante, por exemplo, lembrarmos de outras juventudes, de outras épocas, como,

as dos século XX (reconhecida por sua rebeldia e radicalidade), a juventude ocidental (branca e masculina). Essas e outras abriram caminhos para novas formas de juventudes, como as femininas, as negras, as rurais e etc, e obviamente as juventudes modernas.

Mais uma vez nos deparamos com o conceito de juventudes, no plural. Groppo (2000) parece compactuar com os dois critérios geralmente atribuídos pelas Ciências Sociais em abordagens sobre juventudes. Por mais que a juventude seja caracterizada por pessoas pertencentes a determinada faixa etária, cada uma dessas pessoas atribuirá símbolos e significados diferentes em suas vivências de acordo com a sua realidade, seu contexto e as condições sociais, econômicas, culturais e etc das quais está submetida;

A juventude também é vivida diferentemente em cada um dos gêneros, mesmo quando se trata de indivíduos da mesma classe ou estrato social, do mesmo ambiente urbano ou rural, etnia etc (GROPPO, 2000, p.16).

Por isso, é importante valorizar esses aspectos quando pesquisamos temáticas relacionadas as juventudes, pois não há uma única forma de ser jovem, e sim diversas. No entanto;

[...] a multiplicidade das juventudes não se funda num vazio social ou num nada cultural, não emerge de uma realidade meramente diversa, ininteligível e esvaecida. Tem como base experiências sócio-culturais anteriores, paralelas ou posteriores que criaram e recriaram as faixas etárias e institucionalizaram o curso da vida individual – projetos e ações que fazem parte do processo civilizador da modernidade. (GROPPO, 2000, p.19).

Ou seja, não são apenas as diversidades que possibilitarão a compreensão dessas juventudes como categorias sociais, mas sim as “criações sociais”, através de relações entre diferentes gerações, as mudanças e ressignificações etárias, comportamentais e de valores que são resultados de um processo histórico-social e nos permite pensar as juventudes modernas a partir de outras percepções.

Um clássico dos debates sobre juventudes é o texto de Pierre Bourdieu “A juventude é apenas uma palavra”. Em entrevista sobre o tema, publicada em *Les Jeunes et le premier emploi*, em Paris, o autor afirma que;

[...] idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente. Seria preciso pelo menos analisar as diferenças entre as juventudes, ou, para encurtar, entre as duas juventudes (BOURDIEU, 1978, p. 02).

Mas é interessante registrar as contraposições que faz Alexandre Barbosa Pereira acerca desse texto e autor clássico, quando afirma que “juventudes são muitas palavras”. De acordo com Pereira (2007), afirmar que juventudes é apenas uma palavra restringe e diz muito pouco a percepção de juventude. Segundo o autor (2007) é preciso considerar muitos outros elementos que compõem a juventude, como gênero, classe social, lazer, e etc, podendo assim pensar as juventudes de outras formas e possibilitar novas formas de compreender tais categorias e quem sabe produzir novos arranjos culturais.

Alexandre Barbosa Pereira (2007) analisa o conceito de juventudes, alargando as argumentações trazidas por Bourdieu e por outros autores. Afirma que juventudes é uma construção cultural e social, por isso não é ideal defini-la isoladamente, mas sim considerando as diversas condições existentes, como religiosas, de gênero, etnia, classe social e etc.

Também é preciso dar importância ao contexto em que ela está inserida, por exemplo, quando pensamos na contemporaneidade, devemos ponderar as conjunturas social e histórica atual para compreendermos que não existe uma única juventude, mas de diferentes formas de vivê-la e percebê-la. Partindo das ideias de Bourdieu, Pereira compreende que;

[...] para este autor, os cortes, em classes de idade ou em gerações, teriam uma variação interna e seriam objetos de manipulação. Portanto, juventude e velhice não seriam dados, mas construções sociais oriundas da luta entre os jovens e os velhos. Desta maneira, prossegue Bourdieu, as relações entre idade biológica e social seriam muito complexas. Pode-se apreender, portanto, de suas conclusões sobre a ideia de juventude, que, para ele, esta noção configuraria um elemento que somente faz sentido no contraste entre os mais novos e os mais velhos. Ou seja, Bourdieu compreende a categoria juventude sempre dentro de um critério etário e que, segundo ele, não faz sentido isoladamente, pois seria sempre na contraposição que esta se definiria. (PEREIRA, 2007, p.1).

Pereira (2012) em contraponto a Bourdieu e a noção de juventudes

apenas como uma palavra, apresenta as discussões feitas por Mario Margulis e Marcelo Urresti. Estes defendem a superação da ideia padronizada de juventudes como uma questão etária e da concepção, formada por eles a partir das ideias de Bourdieu, de que a juventudes é simplesmente um signo, ou seja, desconexa das circunstâncias históricas e culturais.

Outro estudo feito por Pereira (2016) sobre as juventudes e a escola enquanto espaço de socialização, encontra-se no livro “A maior zoeira” na escola: experiências juvenis na periferia de São Paulo (2016). Em palestra proferida em 7 de maio de 2019, na aula inaugural da Especialização de Antropologia e de Ensino de Sociologia, na Universidade Estadual de Londrina, Pereira analisa a escola como uma das principais responsáveis pela noção de juventude: “Olhar para a escola me permitiu pensar como é importante para a juventude”.

O que chamou-nos a atenção nessa afirmação do autor (2019), é a perspectiva que ele trás para o processo de socialização dentro da escola, entendido na maioria das vezes por nós professores, como sendo uma preparação para a vida nos moldes durkheimianos. Pereira (2019), revela-nos uma realidade em que vê a escola, especificamente da periferia de São Paulo, como sendo talvez, o único lugar de socialização desses jovens, que percorrem suas experiências nas relações do cotidiano escolar. “A escola, é precionada pelos jovens a se reinventar” (PEREIRA, 2007). É o encontro das diversidades, da cultura, do lazer e de criar relações sociais com os outros indivíduos:

Se foi a escola a principal responsável pelo surgimento das categorias de infância e juventude como se configuram atualmente, pode-se dizer que também ocorre hoje o processo inverso, e, assim, os jovens e as crianças, que foram isolados desde o início dos tempos modernos para passarem por um período de formação moral e intelectual separado da sociedade dos adultos, estariam recriando tal espaço com suas novas demandas. Isto porque, o isolamento de crianças e jovens permitiu a estes um contato maior entre si e o estabelecimento de redes de sociabilidade juvenis e infantis específicas que passaram a ter a escola como referência. Abre-se, assim, a possibilidade de inverter, inclusive, a função de adestramento e de disciplina autoritária inicial da escola. (PEREIRA, 2007, p.1).

É fato que os tempos mudaram mas a escola, com raras exceções ainda mantém velhas estruturas na forma de pensar os jovens e na maneira como concebe a educação sob uma perspectiva estritamente utilitarista, cuja a função primeira, consiste em “domesticar” e acomodar as novas gerações em prol de uma falsa ideia de ordem para o progresso.

### **3 CARACTERIZAÇÃO SOCIOLÓGICA DA ESCOLA, DOS ESTUDANTES E DO PROJETO “ESCOLA DÁ VIDA”**

Quando exercitamos a “imaginação sociológica”, passamos a ver a nossa realidade individual como produto ou influência social e histórica da sociedade na qual estamos inseridos, ou seja, uma simples ação do cotidiano que aparentemente é resultado do nosso desejo pessoal, trás uma série de elementos que estão conectados à estrutura social, seja no âmbito cultural, político e ou econômico como, por exemplo, o ato de comprar uma roupa. Vejamos, posso ter comprado uma blusa de moletom porque o inverno está chegando e preciso me proteger do frio. Assim, a compra dessa blusa é feita para suprir uma necessidade básica de proteção. Por outro lado, ao escolher a blusa “X” diante de tantas opções, faço-o porquê a blusa “X” de uma marca famosa, está na moda e assim me sentirei atual e descoladagizando de status social junto aos meus pares. Então a compra da blusa “X”, que a princípio era para me proteger do frio, agora também é um ato influenciado pelos padrões da moda bem como uma ação social cuja intencionalidade pode ser entendida como uma necessidade de socialização e inclusão social. A mesma compra, ainda pode ser problematizada do ponto de vista econômico quando questionamos o seu preço para o consumo, seu processo de produção, comercialização e distribuição. Podemos ainda, problematizar se de fato a blusa é uma necessidade ou trata-se de um ato de consumismo, ou seja, de uma “falsa” necessidade que acreditamos ter estimulada pela sociedade de consumo. Enfim, o exercício da imaginação sociológica nos leva à percepção mais aprofundada da realidade social. Nos mostra que nossas experiências passadas ou presentes, têm elos com a estrutura social. Compreendermos que essa dinâmica é o primeiro passo para desnaturalização daquilo que passa dissimulado ou naturalizado no dia a dia. Um exercício valioso que pode nos levar a agir com mais autonomia e senso crítico diante da realidade ao passo que compreendemos sua lógica.

Fizemos essa breve introdução para problematizarmos a ideia de caracterização sociológica. Ao buscarmos as características culturais, sociais e econômicas que distinguem a escola, o bairro, os estudantes, a cidade e o próprio Projeto, buscamos problematizar também os elos e as estruturas sociais que os influenciaram e os definem em suas peculiaridades. Então, nesta seção contaremos brevemente a história do município de Rolândia, os traços e a herança cultural de

sua colonização germânica, o histórico do bairro e da escola que acolhe o Projeto “Escola dá Vida” caracterizando também, o perfil sociológico dos estudantes do Ensino Médio. Nosso objetivo é conhecer a realidade vivenciada por nossos alunos e como estas emergem nos temas abordados durante a elaboração dos seus projetos de pesquisa sociológicos. Apresentaremos também a caracterização sociológica do Projeto “Escola dá Vida”, fazendo interfaces entre metodologias de pesquisa e metodologias de ensino.

### 3.1 HISTÓRICO DO MUNICÍPIO, DO BAIRRO E DA ESCOLA

Antes de falarmos da caracterização da escola, faz-se necessário conhecermos um pouco da história do município e do bairro em que esta está inserida, pois, acreditamos ser essencial a compreensão deste contexto na análise do perfil sociológico de seus estudantes.

Rolândia foi fundada em 29 de junho de 1934. Os registros históricos dão conta de que sua colonização majoritariamente, fora de imigrantes judeus alemães refugiados do regime Nazista de Adolf Hitler. Na bagagem, traziam anseios, esperanças e uma cultura fortemente arraigada e culta. *“Eram famílias formadas por profissionais liberais de classe média, foram formadas no centro da Alemanha, conhecido como Região do Cavaleiro Roland”* (COSTA, 1997, sem paginação) hoje símbolo da cidade. Segundo Cruz (s/d), para preservar a cultura germânica, foi fundada a Associação Cultural Pró-Arte Rolândia (1953) que tinha como principal objetivo, unir os emigrados e fortalecer a cultura alemã:

Todas as atividades da associação eram realizadas em língua alemã, da mesma forma que o jornal mensal editada pela mesma. Este pequeno jornal chamado Roland continha artigos, informações e programações de eventos artísticos e divulgação científica. (CRUZ, EDILAINE, [20--?], p. 377).

No entanto, além de contribuir com o fortalecimento da cultura, a Associação Pró-Arte Rolândia era restrita ao público alemão e seus descendentes. Assim, devemos analisá-la a partir de outra perspectiva, a que a cultura, a comunicação, as manifestações artísticas e os conhecimentos, eram de acesso exclusivo dos alemães, pois quem não falava a língua alemã não poderia participar

das atividades desenvolvidas por tal associação, já que não poderia compreender o que estava sendo expresso.

Outro ponto interessante na história do município, pensando na parte educacional, é que a primeira escola de Rolândia, foi fundada em 1935, Escola Alemã, onde um professor trazido diretamente da Alemanha, ministrava aulas em alemão para os filhos dos imigrantes. Tempos depois, uma nova legislação criada no Brasil na Era Vargas, proíbe o ensino através da língua alemã. A escola foi fechada e a partir de então foram criadas escolas privadas na zona rural para atender aos filhos dos colonos. Como se tratavam de escolas particulares, o acesso às mesmas era restrito, para atender a demanda crescente e as reivindicações populares o prefeito Wilhiam Davids, em 1938, construiu a primeira escola pública de Rolândia, na região central. Em 1947, após muitas mudanças, a escola passa a se chamar “Grupo Escolar de Rolândia” (SANTOS, TATIANE, 2018).

É interessante ressaltar que a cidade foi planejada para agregar cinco mil habitantes, o que prejudicou a expansão urbana, já que o seu espaço geográfico não foi pensado para acolher tantas pessoas. Principalmente por fatores econômicos, as pessoas de classes menos favorecidas economicamente, na maioria das vezes vindas do campo, não conseguiam se instalar no centro da cidade, e assim se iniciou a formação da região periférica de Rolândia, que ficou conhecida como Vila Oliveira (SANTOS, TATIANE, 2018). De acordo com o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (PREFEITURA MUNICIPAL DE ROLÂNDIA, 1969, p.28) *“E, torno da área central registra-se a presença de residências de padrão relativamente elevado, e baixando a ocupação – qualitativa e quantitativamente – à medida que se aproxima da periferia”*. Ou seja, a região central era composta por residências consideradas luxuosas e de pessoas de classes sociais mais favorecidas, enquanto a Vila Oliveira, fora descrita pelo mesmo Plano (1969) da seguinte forma;

As condições de vida na Vila Oliveira são extremamente precárias, e o isolamento físico determinado pela ferrovia e pela rodovia é um reflexo da marginalização social que estão submetidos os moradores da área. Efetivamente, a Vila Oliveira encontra-se totalmente desvinculada da vida urbana de Rolândia; poucos são os moradores que possuem casa ou condução própria (PREFEITURA MUNICIPAL DE ROLÂNDIA, 1969, p.41).

Isto é, a população habitante no bairro, em sua maioria formada por

famílias de origem rural que vieram para a zona urbana a procura de emprego e melhores condições de vida, desde esse período, é marginalizada e social e economicamente inferiorizada. Evidentemente que com o passar do tempo muitos outros bairros geograficamente considerados periféricos foram surgindo na cidade. No entanto, a região central permaneceu e ainda permanece com o mesmo status. Hoje, a região da Vila Oliveira, bairro onde se localiza a escola, tornou-se um centro comercial bastante ativo em nossa cidade. Inúmeros bairros surgiram em seu entorno transformando o Colégio Villanueva na principal escola para atender às demandas dessas populações. Segundo o Plano Diretor Municipal de Rolândia (2018, sem paginação);

Atualmente a Vila Oliveira constitui um subcentro econômico e de serviços em Rolândia, sendo referência inclusive para a porção dos conjuntos habitacionais no San Fernando, localizados no sentido oposto da Avenida Presidente Getúlio Vargas (BR-369), como também atende a expansão da cidade ao norte que foi ampliada a partir de conjuntos habitacionais pelo Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV). Nesse sentido, a Vila Oliveira torna-se estratégica para as porções norte e sul da cidade de Rolândia pelo atendimento de equipamentos sociais e vínculos econômicos, o que, no entanto, tem sobrecarregado a sua infraestrutura urbana. A abrangência de importância da Vila Oliveira atende localidades como Perazolo e arredores ao norte, San Fernando ao sul e Nobre e imediações, na sua porção oeste. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ROLÂNDIA, 2018, sem paginação).

Hoje, com a ampliação do município e do próprio bairro, a Vila Oliveira passa a ser um dos pontos urbanos centrais para os seus moradores e para populações de outras regiões da cidade, inclusive de muitos outros bairros geograficamente considerados periféricos. Por esse motivo e principalmente por atrair um grande número de pessoas, há grande valorização imobiliária na área comercial no bairro, como também demonstra o Plano Diretor Municipal de Rolândia (2018, sem paginação);

A valorização imobiliária de terrenos com edificações para atividades comerciais é notável na Vila Oliveira, sendo equiparado aos imóveis da área central da cidade. A majoração do valor dos imóveis se deve ao tamanho dos terrenos, em torno de 600,00 m<sup>2</sup>, o que é considerado grande e possível de ser otimizado. pela vocação comercial da vila que atrai população de várias localidades em Rolândia. Já o valor imobiliário para terrenos com uso residencial não ocorre do mesmo modo que os comerciais, sendo mais acessível para a população. Nesse sentido, embora não existam muitas casas para alugar na Vila Oliveira, os valores para moradia são abaixo de outros localizados no centro, por exemplo. Todavia, há imóveis que configuram coabitação pela concentração de pessoas em uma mesma casa, geralmente, imigrantes, como haitianos e paquistaneses. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ROLÂNDIA, 2018, sem paginação).

O Plano (2018) mostra que para moradia, a Vila Oliveira também é um bairro de alta procura, já que quase não possui residências disponíveis. Uma questão importante citada no documento refere-se à imigração. O bairro acolhe muitos imigrantes, principalmente haitianos, que após o terremoto no Haiti, em 2010, vieram para o Brasil a fim de recomeçar suas vidas, a procura de novos empregos e oportunidades. Sobre a questão ambiental do bairro, o Plano Diretor Municipal de Rolândia destaca que (2018, sem paginação);

[...] a Vila Oliveira encontra problemas quanto ao acúmulo de materiais recicláveis nos terrenos, como também ferro velho, principalmente na Rua Ouro. O acúmulo de recicláveis está relacionado à geração de renda da população local, o que, no entanto, o armazenamento irregular tem gerado problemas ambientais, como por exemplo, a queima de lixo em locais inapropriados. Importante destacar, que este acúmulo se deve ao armazenamento de recicláveis para posterior venda nos pontos de usinas em Rolândia. As usinas de reciclagem citadas pelos participantes estão situadas na Avenida Presidente Getúlio Vargas, Rua Alfredo Moreira Filho e Avenida Esplanada no Parque Industrial. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ROLÂNDIA, 2018, sem paginação).

Vemos que parte dos habitantes da Vila Oliveira vive economicamente de coleta e venda de materiais reciclados ou ferro velho, o que faz com que haja vários pontos de acúmulo desses materiais pelo bairro, levando a problemas de saúde pública e ambientais, como, por exemplo, queima inapropriada de lixo. O Plano (2018) também enfatiza a distribuição de equipamentos sociais no bairro, ligados a saúde, educação, lazer, esporte e etc...

[...] há uma concentração dos equipamentos sociais na porção oeste da cidade de Rolândia onde se encontra o núcleo da Vila Oliveira, o que, de certo modo, estas áreas também correspondem a maior concentração de população, o que justifica, nessa área, também a concentração de equipamentos de educação. Notou-se considerável a disponibilidade de espaços de lazer e cultura, esporte e saúde na porção central da cidade de Rolândia (PREFEITURA MUNICIPAL DE ROLÂNDIA, 2018, sem paginação).

Ou seja, por haver grande concentração de habitantes no bairro e por este atender também muitas outras regiões, há na Vila Oliveira uma concentração de instrumentos sociais, como, por exemplo, relacionados à saúde e assistência social. Além disso, é importante destacar a concentração de equipamentos na área da educação. Vale ressaltar que o Colégio Villanueva, onde se aplica o Projeto, é a segunda instituição estadual de ensino no município com maior número de matriculados, sendo a primeira um Colégio da região central. Compreendemos que esse fato também se justifica pelo número de bairros dos quais os equipamentos sociais da Vila Oliveira comportam. Os dados do IBGE (2017) apontam índices econômicos, de trabalho e rendimento do município, sendo eles;

Salário médio mensal dos trabalhadores formais [2017] 2,2 salários mínimos. Pessoal ocupado [2017] 24.095 pessoas. População ocupada [2017] 37,2 %. Percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até 1/2 salário mínimo [2010] 28,1% PIB per capita [2017] 40.154,99 R\$. [...] Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010] 0,739 Total de receitas realizadas [2017] 186.903,45 R\$ (×1000) Total de despesas empenhadas [2017] 161.748,69 R\$ (×1000) (IBGE, 2017, sem paginação)

Desse modo, vemos que a Vila Oliveira, apesar da sua expansão e das mudanças ocorridas, atende populações que, em sua maioria, possuem estratos semelhantes aos dos habitantes desde a sua formação. Estes estratos referem-se às condições socioeconômicas, familiares, educacionais, culturais e etc.

Em relação ao sistema de ensino, até então Rolândia contava apenas com o “Grupo Escolar de Rolândia”, até que, em fevereiro de 1960, foi fundado na Vila Oliveira, o bairro que abrigava as classes menos favorecidas, o “Grupo Escolar Vila Oliveira”. Essa escola passou por muitas mudanças, tanto na estrutura física, por exemplo, quando em 1975 mudou para o endereço atual (ainda na Vila Oliveira) por conta do aumento de moradores do bairro e automaticamente do número de crianças a serem atendidas pela escola e a falta de estrutura do prédio antigo.

Mudanças no nome da escola, como em 1975, quando junto com o novo endereço surge o nome “Unidade Escolar Professor Francisco Villanueva”, em homenagem ao pai do então deputado estadual Xenofonte Xavier Villanueva. E também nos cursos e séries ofertados, por exemplo, a partir do ano de 1998, a instituição passa a oferecer o Ensino Médio regular. Nesse mesmo ano a escola passa por mais uma mudança em seu nome, agora para “Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva”, e assim permanece até hoje (SANTOS, TATIANE, 2018). Essa é uma breve contextualização e uma pequena parte da história do Município de Rolândia, da Vila Oliveira e do Colégio Villanueva, local onde há 12 anos acontece o Projeto “Escola dá Vida”.

Atualmente o Colégio oferece o Ensino Fundamental, Médio e Profissionalizante (com o curso de Técnico em Segurança do Trabalho) e atende nos períodos matutino (Ensino Fundamental e Médio - 9º ano ao Terceiro ano do Ensino Médio), vespertino (Ensino Fundamental – 6º ano ao 8º ano) e noturno (Ensino Médio e Técnico Profissional).

### 3.2 CARACTERIZAÇÃO DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA PESQUISADA E A INSERÇÃO DO PROJETO “ESCOLA DÁ VIDA” NO PPP

O ensino de Sociologia no Ensino Médio tem sido alvo de constantes debates, tanto nas Ciências Sociais que buscam justificar e legitimar sua importância para a formação integral dos estudantes, quanto em meio à sociedade que, “desconhece” a sua real finalidade. Recém retornada ao currículo escolar, a Sociologia precisa se estabelecer de forma sólida ante as demais disciplinas bem como “provar” a sua relevância dentro e fora da escola.

A importância do ensino de Sociologia segundo por Florestan Fernandes, descrita por Demerval Saviani, ajuda-nos a compreender o real significado de ensinar para a transformação;

[...] o ensino de Sociologia e a pesquisa sociológica dobraram o meu rude individualismo, forçando-me a travar as últimas batalhas que assinalam o aparecimento de uma *segunda natureza humana* dentro de mim, a qual se confunde com o 'professor' e o 'sociólogo' em que me converti, inteiramente voltado para fora, para os 'problemas dos outros', os 'dilemas de nossa época' e o 'controle racional da mudança social" (*Ibid.*:171). Nesse ponto atinge-se o núcleo constitutivo da natureza da educação. (FERNANDES apud SAVIANI, 1996, p. 73).

Quando começamos a pensar o Projeto “Escola dá Vida” em 2008, o que tínhamos em mente, a princípio, era lançar mão de uma metodologia para que o ensino de Sociologia possibilitasse um aprendizado mais significativo dos conceitos e teorias sociológicas, mas que também, fosse capaz de colocar o aluno como parte ativa desse processo, e ao mesmo tempo fosse prazeroso aprender e que fizesse sentido para a vida desses alunos.

Um dos grandes desafios da escola pública tem sido a busca constante pela qualidade do ensino. Sabemos que essa tarefa, que não depende apenas dos professores, da direção e/ou equipe pedagógica, também passa por nossas mãos quando, coletivamente construímos um Projeto Político Pedagógico capaz de explorar todas as possibilidades para mobilizar o conhecimento e despertar disposições para um aprendizado significativo indo, de forma ousada e porque não “radical”, muito além do acúmulo de disciplinas e conteúdos curriculares. Segundo Vasconcellos (2014), o PPP pode ser compreendido como;

[...] o plano global da instituição. Pode ser entendido como a sistematização, nunca definitiva, de um processo de Planejamento Participativo, que se aperfeiçoa e se concretiza na caminhada, que define claramente o tipo de ação educativa que se quer realizar. É um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade. É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição neste processo de transformação. (VASCONCELLOS, 2014, p.169).

Nesse sentido, vemos que este é a ferramenta que parte da base, ou seja, do “chão da escola” que é quem conhece de fato a sua realidade. É a oportunidade, respeitando a legislação, de idealizarmos e colocarmos em prática, daí seu caráter político, ações que pensem o discente e a educação como um todo, ajudando a construir uma sociedade mais justa, mais humana e mais igual em direitos. Assim, podemos pensar o PPP como uma conquista que nasce com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional:

A organização do Projeto Político Pedagógico pelas escolas teve seu início com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB (n.º 9.394/96) que se tratando do mesmo em seu artigo 12, antecipa que “os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica”. E no seu artigo 13, inciso primeiro, determina que: “Os docentes incumbir-se-ão de: participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino (BRASIL, LEI Nº 9.394, 1996, sem paginação).

Enfim, o PPP, muitas vezes desprezado, é, pois o documento que dá à escola, reservadas as dimensões que lhe competem, a autonomia que tanto reclama, necessita e almeja. Foi através deste documento tão importante que, pudemos assegurar a permanência do Projeto “Escola dá Vida” como metodologia de ensino dentro da escola como parte do currículo da disciplina de Sociologia protegendo-o dos constantes ataques (por parte de alguns alunos) que questionavam sua legitimidade e ou obrigatoriedade.

[...] o Projeto não deve ficar só no nível filosófico de uma espécie de ideário (ainda que contemplando princípios pedagógicos), e nem no nível sociológico de constatações de um diagnóstico. Nesta medida, também é uma forma de enfrentar a descrença e resgatar nos educadores o valor do planejamento, tendo em vista a carga pragmática decorrente da sua própria constituição, qual seja, só se conclui enquanto elaboração quando chega a propor ações concretas na escola. (VASCONCELLOS, 2002, p.3).

Na ocasião, após a equipe pedagógica ser questionada sobre o projeto, fomos orientados sobre a necessidade de tornar o projeto legítimo diante da comunidade escolar e respaldando na legislação, assegurando sua existência também no Projeto Político Pedagógico, que tem caráter democrático e coletivo e a prerrogativa de orientar as ações políticas e pedagógicas de todas as disciplinas, segmentos e colegiados no âmbito escolar. No Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva a proposta da ementa da disciplina de Sociologia diz que;

A Sociologia é capaz de analisar os fatos sociais com objetividade tendo duplo valor: pode aumentar o conhecimento que o ser humano tem de si mesmo e da sua sociedade, e pode contribuir para a solução de problemas que ele enfrenta. A Lei nº 9.394/94 estabelece como uma das finalidades centrais do Ensino Médio a construção da cidadania do educando, evidenciando, assim, a importância do ensino de Sociologia no Ensino Médio. Tendo em vista que o conhecimento sociológico tem como atribuições básicas investigar, identificar, descrever, classificar e interpretar/explicar todos os fatos relacionados à vida social, logo permite instrumentalizar o aluno para que possa decodificar a complexidade da realidade social. Assim, podendo construir uma postura mais reflexiva e crítica diante da complexidade do mundo moderno. (COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR FRANCISCO VILLANUEVA, 2010, p. 176).

Nessa perspectiva, percebe-se que o Projeto “Escola dá Vida” tem respaldo para sua legitimação curricular, dado o modo como a Sociologia é descrita no PPP da escola;

[...] Ao compreender melhor a dinâmica da sociedade em que vive, poderá se perceber como elemento ativo, dotado de força política e capacidade de transformar e, até mesmo, viabilizar, através do exercício pleno de sua cidadania, mudanças estruturais que levem a um modelo de sociedade mais justo e solidário. Essa ciência tem teorias e métodos investigativos que lhe permitiram acumular reflexões, interpretações, dados sobre os mais variados fenômenos sociais. (COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR FRANCISCO VILLANUEVA, 2010, p. 176).

Há princípios muito caros legitimados no atual PPP da escola, a exemplo dos valores democráticos, tanto para o ensino de Sociologia quanto para respaldar os objetivos das ações do Projeto “Escola dá Vida”;

Sendo assim, a personalidade que se pretende construir é a mais racional possível, que tem a democracia como valor e igualdade social como meta constante. Dessa forma, a cidadania, o trabalho e a cultura são conceitos estruturantes da Sociologia atual. Objetivo Geral: Introduzir o aluno nas principais questões conceituais e metodológicas das disciplinas de Sociologia, Antropologia e Política, é o objetivo geral do estudo das ciências sociais no Ensino Médio. A Sociologia como campo específico de estudo constituído durante o século XX deu origem a um novo campo do saber voltado para a compreensão da vida do ser humano em grupo e para as regras e fundamentos das sociedades, o que aconteceu somente a partir do desenvolvimento da razão, da ciência e da sociedade industrial. (COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR FRANCISCO VILLANUEVA, 2010, p. 176-177).

Com isso, poderemos discutir como o Projeto “Escola dá Vida” corresponde aos objetivos já inscritos na proposta institucional referente à disciplina

de Sociologia do Colégio, destacando pontos que se igualam, especialmente quando tratamos do verdadeiro intuito da disciplina de Sociologia, ou seja, formar estudantes mais autônomos e mais críticos para transformar as realidades sociais desiguais;

Nas turmas do terceiro ano do Ensino Médio matutino os alunos irão desenvolver também durante o ano letivo O projeto “Escola Dá Vida” (anexo), cuja natureza consiste na efetivação de uma dinâmica de ensino aprendizagem, que possibilite a relação da teoria sociológica com a prática, proporcionando aos alunos, um maior e mais significativo contato com os conteúdos específicos das Ciências Sociais (COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR FRANCISCO VILLANUEVA, 2018, p.252).

### 3.3 CARACTERIZAÇÃO SOCIOLÓGICA DAS JUVENTUDES PARTICIPANTES DO PROJETO “ESCOLA DÁ VIDA”

A escola analisada (Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva) fica na região geográfica de baixo IDH, localizada na periferia do município de Rolândia, Estado do Paraná. Pensamos que o espaço onde a instituição escolar é instalada também reflete no perfil dos sujeitos ali presentes, em sua maioria juventudes da classe trabalhadora. Através de uma pesquisa realizada com os estudantes do Ensino Médio e Profissional desta escola no ano de 2015, organizada pelo LENPES (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia), Tatiane Brito dos Santos nos mostra dados importantes para traçarmos um perfil dos participantes do Projeto em questão, permitindo entender sucessivamente outras questões que aqui são discutidas (por exemplo, o conceito de habitus e capital cultural). Resumidamente, os dados são os seguintes;

[...] O público estudante vem do próprio bairro (Vila Oliveira) e de muitos outros próximos geograficamente considerados de regiões periféricas, sendo esta caracterização feita desde os anos 1960 e 1970, quando a partir do êxodo rural, tais bairros passaram a ser constituídos por pessoas vindas da zona rural em busca de emprego e moradia, e isto reflete até os dias atuais na estruturação da comunidade escolar. [...] Pensando na relação com o mercado de trabalho podemos observar que a maioria dos estudantes são filhos de trabalhadores e trabalhadoras de cargos operacionais, sendo ambos responsáveis pela renda familiar, porém o predomínio se deu a declarações de estudantes que não trabalham. [...] As “raças” como definidas pelo IBGE, das quais os jovens mais se autodeclararam foram pardos e brancos, possuindo em média a mesma porcentagem de respostas, porém quando considerada a junção das categorias

“pardo” e “negro” agora possível graças aos movimentos negros, podemos enfatizar que a maioria dos estudantes aqui analisados são negros/as (SANTOS, TATIANE, 2018, p. 115-116).

Outro fato essencial a ser destacado está relacionado com a caracterização étnico racial dos jovens estudantes do Colégio Estadual Professor Villanueva, além das origens socioeconômicas familiares. O colégio conta atualmente com aproximadamente 1.200 alunos distribuídos em três turnos, nos seguintes níveis: Fundamental (do 5º ao 9º ano), Médio e Técnico Profissional.

A sua maioria possui entre 14 e 18 anos está no período matutino. As “raças” como definidas pelo IBGE, das quais os jovens mais se autodeclararam são pardos e brancos. Pensando na relação com o mercado de trabalho podemos observar que a maioria dos estudantes são filhos de trabalhadores e trabalhadoras de cargos operacionais, sendo ambos responsáveis pela renda familiar, porém o predomínio se deu a declarações de estudantes que não trabalham. (SANTOS, TATIANE, 2018, p. 116).

Segundo a pesquisa utilizada como fonte de dados (SANTOS, 2018), a maioria dos estudantes do Colégio Estadual Professor Villanueva se autodeclararam de cor/raça “pretos” ou “pardos”, que pela reconfiguração realizada pelo IBGE podemos denominar de negros. Estes, em sua maioria, não são trabalhadores, porém são filhos de pais e mães de classes trabalhadoras (geralmente na área operacional e industrial) do município de Rolândia e cidades adjacentes. Estes aspectos nos fazem perceber que trata-se de jovens estudantes de classes socioeconômicas menos favorecidas, moradores de bairros considerados periféricos e, portanto, advindos de um histórico de realidades permeadas por grandes desigualdades. (2018, p. 61).

Deste modo, o público que participa anualmente do Projeto “Escola dá Vida” é composto pelos estudantes do terceiro ano do Ensino Médio. A escola apresenta considerável índice de evasão, uma parcela significativa de alunos são jovens que conciliam escola e trabalho, mesmo em condição informal. Há índices também consideráveis de *bullying*, casos de depressão e, mais recentemente, em 2018, um caso de suicídio de um jovem da segunda etapa do Ensino Fundamental, que, segundo os colegas, era vítima de *bullying* na instituição<sup>9</sup>.

O caso teve grande repercussão na cidade. Alguns pais, juntamente com

---

<sup>9</sup> Link para acesso à reportagem sobre o caso: <https://www.manchetedopovo.com.br/noticia/vitima-de-bullying-jovem-teria-cometido-suicidio- pais-protestam-em-frente-ao-colegio-villanueva>

a família, se mobilizaram em protesto diante da escola cobrando desta um posicionamento quanto ao ocorrido, uma vez que, haviam rumores, como já mencionamos, de que o garoto era vítima de bullying dentro da escola e essa, segundo a visão dos pais, não havia tomado nenhuma providência, fato este que é contestado pela direção e equipe pedagógica. Nos dias que se seguiram ao ocorrido, houve um silenciamento dentro da escola, como se fosse “proibido” falar a respeito. Entretanto, alguns alunos do período matutino procuraram a direção da escola para organizar uma homenagem ao estudante, porém, foram orientados a não realizá-la pois temiam que a homenagem pudessem ser entendida como uma aprovação do ato e pudessem ser um incentivo às outras crianças.

Como podemos observar, temas como bullying, depressão e suicídio, mesmo que tão perto de nós, inclusive dentro da escola, ainda são tratados como tabus ou ignorados, o que nos revela a necessidade de serem trabalhados constantemente de forma preventiva e não apenas quando um fato trágico ocorre. Nesses muitos anos de Projeto “Escola dá Vida”, fomos testemunhas do quão presentes esses problemas estão no dia a dia das nossas juventudes. Através do projeto, muitos deles buscam compreender o problema, mas buscam também ajuda para si ou para outros que lhes são próximos. Prova disso é a quantidade de vezes que estes temas aparecem nas escolas dos títulos dos projetos de pesquisa dos estudantes do 3º ano do Ensino Médio no Projeto “Escola dá Vida”.

Ainda caracterizando os estudantes participantes do Projeto, destacamos que o Colégio Villanueva, além de pertencer à rede pública de ensino, também acolhe em sua maioria, estudantes de classes econômicas menos favorecidas. Estes são dados essenciais para que possamos compreender como as desigualdades sociais e de ensino são reproduzidas e reafirmadas na escola. Além de propiciar uma melhor análise quando, mais adiante, tratarmos de conceitos referentes ao capital cultural e ao *habitus* na escola.

Outro problema que inquieta a maioria dos professores, diz respeito à questão da aprendizagem, ou melhor, da falta dela, segundo a lógica de alguns docentes. Neste caso, os diagnósticos mais comuns que ouvimos no chão da escola são: falta de interesse, falta de capacidade, irresponsabilidade, preguiça, indisciplina, apatia, imaturidade, falta de pré-requisitos e alienação. Entretanto, raras são às vezes em que problemas como desigualdade social, necessidades especiais, evasão por motivo de trabalho ou por discriminações sofridas na própria escola são

levados em consideração para problematizar sociologicamente o chamado rendimento escolar.

O problema da aprendizagem tem sido tema de estudos em diversas áreas do conhecimento, como na Pedagogia, na Sociologia da Educação, na Filosofia, entre outras, como por exemplo, a Psicologia. Trazer essa discussão para dentro do Projeto “Escola dá Vida”, é uma tentativa de refletir que fatores sociais também são influenciadores no processo de ensino e aprendizagem. E problematizar o conceito de fracasso escolar sobre a perspectiva da escola, do sistema e do aluno.

O LENPES entre os anos de 2009 e 2011 realizou, em parceria com três escolas do estado do Paraná (dos municípios de Londrina, Ortigueira e Rolândia) uma pesquisa referente a desistência juvenil da escola e a relação com as realidades marcadas por desigualdades sociais. Na cidade de Rolândia, a escola participante foi o Colégio Villanueva, onde foi feita observação e respondidos 1080 questionários sobre as percepções dos jovens sobre inserção na escola e na vida social, além de fatores internos e externos que poderiam contribuir com a compreensão dos retratos sociológicos desses jovens e a evasão. A pesquisa cruza e analisa os materiais obtidos nessas escolas utilizando também dados nacionais, estaduais e municipais sobre a evasão escolar. Tal análise é muito relevante por debater a necessidade de políticas públicas que combatam a desistência escolar em todos os níveis de ensino e também a importância da ressignificação da escola, de modo que atenda as especificidades e as necessidades das juventudes de forma igualitária (SILVA, ILEIZI; LIMA, ANGELA; LIMA, ALEXANDRE, 2013).

Em 2015, foi realizada pelo LENPES, pelo Departamento de Ciências Sociais da UEL com o apoio do PIBID a pesquisa “Juventudes no Ensino Médio: um estudo sociológico em escolas públicas da região de Londrina”. Dentre as escolas que participaram da pesquisa, está o colégio Villanueva. Os dados coletados por essa pesquisa serviram de aporte científico para compreendermos as pluralidades juvenis bem como a compreensão das realidades das escolas e as dificuldades que enfrentam no seu dia a dia. A pesquisa identifica que, o período com maior fluxo de desistência, ocorre no segundo ano e primeiro anos do Ensino Médio;

[...] podemos observar que dos 5% que afirmaram já ter parado de estudar alguma vez, a maioria (22%) indicou o 2º ano do Ensino Médio como a alternativa mais assinalada. A segunda série que mais obteve respostas foi o 1º ano do Ensino Médio, com 19% das respostas. Também com 19% das respostas segue o 2º ano do Ensino Fundamental e como quarta resposta mais assinalada aparece o 3º ano do Ensino Médio. Através desses números podemos notar que as principais séries em que houve desistência escolar foi no Ensino Médio. Podemos pensar que nesse período é quando os/as estudantes começam a obter responsabilidades, seja por parte da família (em casa), ou por questão de iniciação da vida profissional, como afirmou um estudante do 3º ano do período matutino “Devido a dificuldades de manter a vida íntima e profissional”. Ou uma estudante do 3º ano noturno que afirma “Por causa da gravidez”. (SANTOS, TATIANE, 2018, p. 68).

Os dados apontados pela pesquisa supracitada, remetem-nos a hipótese de que, em virtude das muitas responsabilidades, como trabalho e vida particular que passam a exercer, acabam levando esses jovens a desistirem da escola.

Um dos condicionantes do fracasso ou do sucesso escolar, que predominou durante décadas e ainda se faz presente nos dias de hoje, não apenas na comunidade acadêmica, mas também na sociedade de um modo geral, é a visão meritocrática e equalizadora da educação. Acreditava-se, e ainda se acredita, que o sucesso e o fracasso escolar de um estudante dependem única e exclusivamente dos seus esforços individuais ou da ausência desses sem contudo, considerar suas condições de sobrevivência;

A pobreza intensifica ainda mais a situação de inferioridade em que vivem os garotos jovens. Mediante a repentina queda de renda de um lar pobre, é possível que a reação da família seja tirar o jovem do ensino secundário para que se dedique a ganhar dinheiro. No Brasil, é mais provável que os meninos adolescentes abandonem a escola devido à necessidade de ingressar no mercado laboral (REPTS, 2012, p.134).

Portanto, a melhoria de acesso e permanência à escola, passa inevitavelmente pelo debate e pelas políticas públicas voltadas a solucionar as questões sociais de sobrevivência, sem as quais não conseguiremos uma escola pública e de qualidade. Do mesmo modo, muitos ainda acreditam na existência da escola pública e democrática à disposição de todos, como uma ferramenta que promove, sem distinção, a justiça social, minimizando as desigualdades, como se este sucesso ou este fracasso dependesse apenas da vontade pessoal de cada um. Nogueira e Nogueira (2002), ao criticar visões desta natureza, afirmam que;

Até meados do século XX, predominava nas Ciências Sociais e mesmo no senso-comum uma visão extremamente otimista, de inspiração funcionalista, que atribuía à escolarização um papel central no duplo processo de superação do atraso econômico, do autoritarismo e dos privilégios adscritos, associados às sociedades tradicionais, e de construção de uma nova sociedade, justa (meritocrática), moderna (centrada na razão e nos conhecimentos científicos) e democrática (fundamentada na autonomia individual). Supunha-se que por meio da escola pública e gratuita seria resolvido o problema do acesso à educação e, assim, garantida, em princípio, a igualdade de oportunidades entre todos os cidadãos. Os indivíduos competiriam dentro do sistema de ensino, em condições iguais, e aqueles que se destacassem por seus dons individuais seriam levados, por uma questão de justiça, a avançar em suas carreiras escolares e, posteriormente, a ocupar as posições superiores na hierarquia social. A escola seria, nessa perspectiva, uma instituição neutra, que difundiria um conhecimento racional e objetivo e que selecionaria seus alunos com base em critérios racionais (NOGUEIRA, CLAUDIO; NOGUEIRA, MARIA, 2002, p.16).

Na década de 1960, Pierre Bourdieu formula uma nova e perturbadora teoria sobre as desigualdades e suas relações diretas com a escola. Segundo Bourdieu, fatores de natureza social teriam forte influência no resultado na vida escolar dos estudantes, especialmente dos mais pobres. Ele afirma que o fracasso escolar ou a defasagem de aprendizagem dos alunos das classes populares tem íntima relação com a sua bagagem cultural, que corresponderia à origem familiar, étnica, simbólica e à condição social, conceituado por ele como capital cultural (NOGUEIRA, CLAUDIO; NOGUEIRA, MARIA, 2002, p. 18). Vejamos;

Uma das teses centrais da Sociologia da Educação de Bourdieu é a de que os alunos não são indivíduos abstratos que competem em condições relativamente igualitárias na escola, mas atores socialmente constituídos que trazem, em larga medida incorporada, uma bagagem social e cultural diferenciada e mais ou menos rentável no mercado escolar. O grau variado de sucesso alcançado pelos alunos ao longo de seus percursos escolares não poderia ser explicado por seus dons pessoais – relacionados à sua constituição biológica ou psicológica particular –, mas por sua origem social, que os colocaria em condições mais ou menos favoráveis diante das exigências escolares (NOGUEIRA, CLAUDIO; NOGUEIRA, MARIA, 2002, p. 18).

Aliada à ideia de capital cultural, estabelecido a partir da origem e das condições sociais a que cada indivíduo é submetido, Bourdieu cria o conceito de habitus, resumidamente explicado como;

[...] conjunto de valores e costumes, são disposições incorporadas desde o nascimento, através da convivência familiar e da vivência no grupo de origem. Estas disposições, muitas vezes percebidas ingenuamente como naturais, orientam o agente social determinando seus gostos, sua forma de vestir, seu jeito de falar, suas preferências musicais, artísticas...; enfim, sua forma de ser, de se colocar e de se relacionar no mundo (BOURDIEU apud SANTOS, CLAITONEI; MENDES, GARDENE 2012, p.02).

Isso significa que construímos nossas formas de pensar e agir, o *habitus*, a partir das interações sociais desde o nascimento, o que irá formar nosso capital cultural. Pensando no ensino, as desigualdades escolares entre as crianças oriundas das classes populares e as crianças das classes mais favorecidas, são frutos dessa desigualdade de capital cultural. Assim, de acordo com as teorias de Bourdieu, a criança oriunda das classes menos favorecidas, cujo capital cultural difere dos filhos da elite, encontram na escola conteúdos que são estranhos à sua realidade. Para o mesmo autor, a escola privilegia no currículo conteúdos que estão em consonância com a realidade da elite, logo, o sucesso ou o fracasso escolar das crianças menos favorecidas culturalmente é afetado de maneira direta. (BOURDIEU apud NOGUEIRA, CLAUDIO; NOGUEIRA, MARIA, 2002).

Para Pierre Bourdieu, a escola, longe de ser uma instituição equalizadora das desigualdades sociais como se acreditava até meados da década de 1960, é, na verdade, reprodutora delas. Ao fracassarem, as crianças tendem a reproduzir as mesmas condições de suas famílias e a permanecerem onde estão socialmente, mantendo assim o “status quo”, ou seja, a ordem das coisas (BOURDIEU apud NOGUEIRA, CLAUDIO; NOGUEIRA, MARIA, 2002, p. 32-33).

A contestação de Bourdieu ao sistema educacional francês tem como base dados apresentados ao final dos anos 1950, que trazem a divulgação de uma série de grandes pesquisas quantitativas patrocinadas pelos governos inglês, americano e francês (Aritmética Política inglesa, Relatório Coleman – EUA, Estudos do INED – França) que, em resumo, mostraram de forma clara, o peso da origem social sobre os destinos escolares. (BOURDIEU apud FERREIRA, WALACE, 2013). Outro fator que corroborou para a constante descrença na visão equalizadora da escola está relacionado aos efeitos da massificação do ensino, especialmente a partir da década de 1960, como afirmam Nogueira, Claudio e Nogueira, Maria, (2002, p. 17);

Assim, deve-se considerar o progressivo sentimento de frustração dos estudantes, particularmente os franceses, com o caráter autoritário e elitista do sistema educacional e com o baixo retorno social e econômico auferido pelos certificados escolares no mercado de trabalho. Os anos 60 marcam a chegada ao ensino secundário e à universidade da primeira geração beneficiada pela forte expansão do sistema educacional no pós-guerra. Essa geração, arregimentada em setores mais amplos do que os das tradicionais elites escolarizadas, vê – em parte, pela desvalorização dos títulos escolares que acompanhou a massificação do ensino – frustradas suas expectativas de mobilidade social através da escola. A decepção dessa "geração enganada", como diz Bourdieu, alimentou uma crítica feroz ao sistema educacional e contribuiu para a eclosão do amplo movimento de contestação social de 1968.

As perspectivas apresentadas por Bourdieu (apud NOGUEIRA, CLAUDIO; NOGUEIRA, MARIA, 2002) vêm desconstruir a neutralidade e imparcialidade do sistema de ensino quanto à democratização da escola, embora, como já salientamos, a visão meritocrática e funcionalista da educação ainda se faz forte e presente nos dias atuais, inclusive entre os próprios alunos que “aprenderam” desde tenra idade valores ou ideologias que não pertencem às suas realidades e trazem por fim último, mantê-los no mesmo lugar.

No Projeto “Escola dá Vida”, que atende especificamente os alunos da rede pública de ensino, cuja origem social carece de capital cultural em relação aos alunos das escolas privadas do mesmo município, de acordo com a teoria de Bourdieu, as desigualdades, sejam econômicas, culturais, étnicas de gênero, políticas, enfim, não são ignoradas, ao contrário, são problematizadas na busca pela compreensão da realidade de cada um, como é perceptível no relato da aluna egressa do ano de 2012, Ellen Santos, que nos encaminhou sua fala por meio de vídeo, no ano de 2018;

O Projeto foi desenvolvido no meu terceiro ano do Ensino Médio e o tema que eu escolhi foi violência doméstica contra mulher, por ser um assunto que estava sendo bastante discutido naquela época. Então a principal indagação era entender porque os homens batem e as mulheres aceitam e para isso busquei a definição dos sociólogos mais importantes como Karl Marx, Max Weber, e Émile Durkheim (Ellen Santos, Relato colhido em 2º sem/2018).

Isso ocorre em vários momentos, mas, sobretudo, quando os alunos, exercendo sua autonomia, escolhem os temas a serem estudados no Projeto. A Sociologia adotada a esta prática, não é uma sociologia academicista ou bacharelesca, mas é uma Sociologia do Cotidiano, que dá voz e espaço para que os

estudantes se sintam contemplados e ativos, por exemplo, no relato da aluna Letícia Vidigal, egressa de 2011, que ao trabalhar com cultura indígena, descortina uma riqueza até então desconhecida pela mesma. A egressa nos mostra em um texto enviado em uma rede social, no ano de 2018;

Minha pesquisa girou em torno das sociedades indígenas e junto às colegas de grupo, inserimo-nos num universo desconhecido para nós, um universo tão marcante na história do nosso país, porém pouco aprofundado, pouco estudado para além dos dizeres que nos apresentavam os livros didáticos (Leticia Vidigal, Relato colhido em 2º sem/2018).

Assim, garante-se que os alunos através do projeto se aproximem de uma vasta gama de conteúdos e que estes se sintam sujeitos ativos com liberdade para aprender, como é defendido por Paulo Freire (2000);

As crianças precisam crescer no exercício desta capacidade de pensar, de indagar-se e de indagar, de duvidar, de experimentar hipóteses de ação, de programar e de não apenas seguir os programas a elas, mais do que propostos, impostos. As crianças precisam ter assegurado o direito de aprender a decidir o que se faz decidindo. Se as liberdades não se constituem entregues a si mesmas, mas na assunção ética de necessários limites, a assunção ética desses limites não se faz sem riscos a serem corridos por elas e pela autoridade ou autoridades com que dialeticamente se relacionam (FREIRE, 2000, p. 28).

### 3.4 CARACTERIZAÇÃO SOCIOLÓGICA DO PROJETO “ESCOLA DÁ VIDA”: INTERFACES ENTRE METODOLOGIAS DE PESQUISA E METODOLOGIAS DE ENSINO

Em 1986 a escritora brasileira de literatura infanto-juvenil e socióloga Ruth Rocha<sup>10</sup>, publica a 1ª edição de seu livro “Quando a Escola é de Vidro”. Nesta obra, a autora nos conta a história de uma escola em que os alunos eram obrigados a estudar dentro de vidros. Um lugar apertado que não acompanhava o crescimento físico e cognitivo das crianças, tendo elas que se adaptarem, cabendo ou não. A utilização do vidro era justificada pela geração adulta (professores e direção) como sendo algo imprescindível para a boa formação e postura dos alunos. Dona

---

<sup>10</sup> Formada em Ciências Políticas e Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Autora de obras infanto-juvenis famosas e importantes, como: Marcelo, Marmelo, Martelo e Este admirável Mundo Novo.

Demência, professora da escola de vidro, disse que tinha estudado a vida inteira dentro do vidro e por isso ela tinha uma postura correta. O ideal referido por Dona Demência seria a sua boa conduta, o seu bom comportamento e o seu status social.

Os vidros isolavam os estudantes entre si e entre os professores. A hierarquia entre docente e discente estava posta e seus limites eram intransponíveis. Numa relação de impessoalidade, professores e alunos da escola de vidro não conseguiam estabelecer uma convivência dialógica capaz de mediar o processo de ensino e aprendizagem. “*A gente não escutava direito o que os professores diziam, os professores não entendiam o que a gente falava [...]*”. (ROCHA, 1986, sem paginação). Havia crianças que usavam o vidro até em casa. No caso das meninas, a situação era muito pior, pois segundo a história, elas não tiravam o vidro nem para dormir e nas aulas de Educação Física ficavam reprimidas e encolhidas. Os alunos da escola de vidro até reclamavam desta situação, mas diziam-lhes que sempre foi assim e que dava muito certo.

Mas, certo dia, um garoto novo chegou à escola. Seu nome era Firuli. Como ele não tinha dinheiro, o deixaram sem vidro. Entretanto, Firuli demonstrava mais alegria, mais habilidade e criatividade que os demais alunos que ficavam presos dentro dos vidros. Esse comportamento logo chamou a atenção dos professores que viam em Firuli um mau exemplo para as demais crianças. Então, para o desespero de todos, o pior aconteceu.

Num ato de rebeldia, as crianças decidiram que também não iriam mais entrar nos vidros. Bom, imaginem só a confusão! Correria para todos os lados. Muitos vidros quebrados. Como ficaria muito caro repor toda vidraria de novo, o diretor resolveu não mais utilizar os vidros na escola. Declarou que “*de agora em diante ia ser assim: nada de vidro, cada um podia se esticar um bocadinho, não precisava ficar duro nem nada, e que a escola agora ia se chamar Escola Experimental*”. (ROCHA, 1986, s/p).

Em seu texto, Ruth Rocha (1986) utiliza o vidro como metáfora para referir-se ao modelo tradicional de ensino, centrado na ideia de que a boa educação é o resultado da disciplina rígida, do controle e respeito à autoridade do professor que é o único detentor do conhecimento. Neste modelo, o aluno é tido como uma folha em branco, onde a geração adulta, leia-se os professores, reproduzem o que consideram ser o ideal para torná-lo útil à sociedade.

Os vidros não limitam apenas o crescimento físico das crianças, mas dão limites à sua criatividade e ao desejo de aprender. Uma vez trancados em vidros, são homogeneizados, desconsiderando-se que cada indivíduo é único, que não somos iguais, que cada um tem um tempo próprio para aprender, e que para tal é necessário liberdade, afetividade e interação. Aliás, o discurso da igualdade é bastante forte na escola tradicional, o que nos leva a questionar: a que igualdade está se referindo? Igualdade teológica? Igualdade biológica? Igualdade social? Igualdade política? Que igualdade é essa que anula a nossa identidade, as nossas diferenças, sendo sufocadas embaixo de um uniforme ou de vidros que “unem as formas”, tornando-as amorfas?

A disciplina é o ponto central da escola de vidro (escola tradicional), pois é ela que garante obediência cega, cerceando a liberdade de questionar e de fazer críticas. Qualquer manifestação de contrariedade às normas impostas é severamente punida pela geração adulta. Nela é necessário punir os maus exemplos, pois estes podem contaminar os demais. Pensar e agir diferente é um perigo, como no caso do Firuli, que por não ter dinheiro foi deixado fora do vidro. Mas Firuli tornou-se um mau exemplo para os demais, “um perigo esse tipo de gente” (ROCHA, 1986, sem paginação), pois exercia a sua liberdade e a criatividade, despertando a “rebeldia” daqueles que não se adaptavam.

O sentido sociocultural do que se aprende é questionável na escola tradicional. Muitos de nós já nos perguntamos para que aprendemos determinados conteúdos e qual a relação destes com a nossa realidade. Lembre-se de que os alunos da escola de vidro diziam “A gente não escutava direito o que os professores diziam, os professores não entendiam o que a gente falava [...]”. (ROCHA, 1986, sem paginação). Nesta passagem, podemos observar que a relação entre professor e aluno está anestesiada, ou melhor, blindada pelos vidros. O distanciamento entre ambos e a falta de interação faz com que o que se “ensina” não faça sentido para aqueles que “aprendem”.

Há outro problema na escola de vidro, que é o sucesso e o fracasso escolar. Firuli, embora livre, era excluído. Na vida real, muitos são os/as Firulis que não respondem as exigências do sistema de ensino. Os muitos Firulis engrossam as estatísticas de evasão e repetência e acabam fracassando na vida escolar. Mas por que os Firulis fracassam? Seria consequência, por exemplo, da discriminação (seja ela racial social, de gênero, sexual ou outras), da apatia e da falta de sentido que a

escola faz em suas vidas, ou seria por quê os Firulis são incapazes de aprender?

Se observarmos atentamente veremos que as escolas de vidro estão por toda parte com as suas castrações, tirando de nós o desejo de aprender e a liberdade de pensar com autonomia. Entretanto, há também aqueles que consideram como algo positivo o modelo tradicional de ensino. Como disse a Dona Demência da história “os vidros garantem boa postura” (ROCHA, 1986, sem paginação), e boa postura é sinônimo de sucesso e ascensão social.

É obvio que se formos levados a viver a maior parte de nossas vidas em vidros, sem conhecer as outras realidades, nos acostumaremos e quando estivéssemos fora deles ficaríamos desconfortáveis. Desse modo, a tendência é querer retornar ao vidro para, numa falsa ideia de proteção, nos sentirmos seguros e acolhidos. Afinal, muitos de nós fomos “educastados” em escolas de vidro.

Foi pensando em “quebrar os vidros”, que anulam os sentidos e o desejo de ensinar e aprender, que há onze anos foi idealizado e implementado o projeto “Escola dá Vida” no Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, na cidade de Rolândia. Trata-se de uma experiência metodológica que utiliza diferentes linguagens para mediar o processo ensino aprendizagem e que tem por objetivo valorizar a intelectualidade, as subjetividades e os diferentes saberes do aluno como sujeito sociocultural na construção coletiva do conhecimento.

Não é nossa pretensão achar que o Projeto “Escola dá Vida” seja a fórmula mágica que soluciona todos os problemas de aprendizagem na sala de aula, mesmo porque, temos a consciência da complexa trama que envolve as questões pertinentes à educação. Sabemos que as soluções desses problemas perpassam também por outros seguimentos da sociedade. Entretanto, a inércia ante a realidade não é e nem nunca foi uma opção.

No entanto, partindo da história de Ruth Rocha, pretendemos analisar como o Projeto “Escola dá Vida”, enquanto metodologia de ensino de Sociologia, que pode ser pensada como um significativo meio de “quebrar os vidros” das metodologias do ensino tradicional, valorizando as diferenças, as vivências, as expectativas, os projetos de vida e as realidades de cada estudante.

Com isso, também será possível refletir sobre o estereótipo de “sucesso” ou “fracasso escolar”, tendo como base, além da história da mencionada, autores das Ciências Sociais, como Pierre Bourdieu (conceitos de capital cultural e habitus), como nas seções acima tentamos operar teoricamente com Bernard Charlot (que

problematiza a relação com o saber nas práticas educativas e como os alunos se mobilizam para aprender) e Charles Wright Mills (conceito de imaginação sociológica).

Pretendemos, a partir da experiência do Projeto “Escola dá Vida”, pensando a metáfora da Escola de Vidro de Ruth Rocha, refletir sobre o que nos motiva a aprender e o que nos afasta da relação com o saber, levando-nos ao fracasso e ou às desigualdades escolares. E o primeiro passo é sem dúvida, “quebrar os vidros” que nos aprisionam, tanto no nosso caso como educadores, quanto na situação de estudantes.

Como já dissemos em outros momentos, o Projeto “Escola dá Vida” é uma experiência metodológica coordenada e desenvolvida pela autora deste artigo<sup>2</sup> há onze anos no Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva. O objetivo deste projeto também está em mostrar aos estudantes que o ato de aprender vai muito além do ato de frequentar as aulas expositivas ou ouvir o professor falando por horas sem ao menos entender o porquê de determinado conteúdo. Para isso, a professora responsável faz com que os estudantes dos terceiros anos do Ensino Médio (em grupos organizados por eles mesmos) escolham livremente temas relacionados a problemas sociais dos quais têm interesse em pesquisar e trabalhar sociologicamente durante todo o ano letivo.

Com o passar dos meses, são desenvolvidas muitas etapas, dentre elas: *elaboração do pré-projeto* (com justificativa, objetivo, problematização, referencial teórico e etc), *pesquisas e discussões* acerca dos temas e dos autores das Ciências Sociais e a *produção do artigo teórico* (onde as perguntas, as hipóteses e os objetivos devem ser trabalhados). Após essas fases, o próximo passo é *transformar o artigo em uma oficina*, que será aplicada primeiramente para a turma e sucessivamente em muitas outras turmas, no evento chamado Jornada de Sociologia (existente há onze anos no Colégio Villanueva). Após o término do evento o fechamento do Projeto se dá por um *fórum de debates*, onde um representante de cada grupo apresenta seu trabalho para os outros grupos e para primeiros e segundos anos do Ensino Médio, registrando também em forma de *um resumo* do seu artigo e da oficina, que posteriormente pode se publicado em Anais, com ISBN. Depois das apresentações, é aberto um espaço para perguntas, comentários, sugestões e etc, onde toda a comunidade de professores, de todas as áreas do

conhecimento, e, inclusive, a comunidade externa, pode participar oralmente.

Cabe ressaltar que o Projeto “Escola dá Vida” possui parceria com o Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Londrina, com o LENPES e com o PIBID – UEL. Essa parceria, que já têm onze anos, é de total importância, tendo-se em vista que, na maioria das vezes, são trazidos palestrantes e oficinairos para participar das Jornadas de Sociologia e que todos os envolvidos recebem certificação emitida pela UEL. Desde que o PIBID conquistou uma Resolução que o permite certificar os cursos e eventos realizados nas e com as escolas, os certificados têm sido emitidos para todos os participantes e ministrantes de maneira gratuita. (UEL, 2014).

Mais de uma década se passou desde que iniciamos o Projeto “Escola dá Vida”. Evidentemente que o mesmo tenha sofrido várias alterações ao longo desses anos, como, por exemplo, quando o Projeto se aplicava à comunidade externa. Os alunos, literalmente, extrapolavam os muros da escola e realizavam suas aulas práticas, caracterizadas por oficinas, palestras, manifestações e intervenções em diferentes espaços. Estacionamentos de supermercados, escolas de Educação Infantil da rede pública e também da rede privada, pit stops pelas ruas da cidade, portões de fábrica, enfim, o público alvo era definido a partir da especificidade do tema.

Foi uma experiência bastante singular. Entretanto, o projeto centralizou as suas ações na escola, quando começaram as Semanas de Sociologia (hoje chamadas de Jornadas de Sociologia), idealizadas pelo Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia (LENPES), do curso de Licenciatura e Bacharelado de Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Londrina, sob a liderança e engajamento de muitas professoras, especialmente das professoras Ângela Maria de Sousa Lima, Maria José de Rezende, Angélica Lyra de Araújo e Ileizi Luciana Fiorelli Silva, dentre outros colaboradores e parceiros, inclusive do FOPE (Fórum Permanente das Licenciaturas da UEL).

Com o apoio da UEL, fomos conquistando espaço na escola à medida que os resultados encantavam pela qualidade dos trabalhos e pela autoconfiança que cada vez mais tomava conta dos nossos alunos. Assistíamos com satisfação o empoderamento de meninos, especialmente das meninas, que com autoridade e conteúdos teórico-práticos problematizavam temas complexos da Sociologia, mas

que para eles estavam carregados de sentido, pois dialogavam estes saberes criando interfaces com suas experiências de vida.

Era (e ainda é) muito significativo poder ouvir os relatos. Muitos diziam que estavam apaixonados pela experiência de ensinar, que adoravam quando os alunos participavam ativamente das atividades e que queriam ter mais turmas para atender além das programadas durante as edições do evento. Alguns alunos disputavam literalmente os espaços com os licenciandos e os professores de Ciências Sociais da UEL, querendo entrar no maior número possível de turmas para ministrar as oficinas sobre os temas que escolhiam. Era emocionante de se ver!

É claro que havia outras reações que tratávamos com muito bom humor, como em poucos casos onde os alunosicineiros declaravam-se inaptos para a docência, pois não tinham a real noção do que era estar diante de uma sala de aula, com tantas diversidades de pessoas, de pensamentos e de comportamentos. Essa reação de espanto, sempre vinha acompanhada de uma conscientização sobre os desafios e a responsabilidade de ser professor e o quanto esta profissão ainda é, infelizmente, desvalorizada.

Ainda hoje nos dias em que ocorrem a Jornada, vemos uma escola viva sendo totalmente conduzida pelos alunos. A agitação criativa dá o tom a esses três ou quatro dias do ano, onde se acumula muito trabalho e muita satisfação, que coroam de êxitos os trabalhos de meninos e de meninas que se prepararam durante todo ano nas demais etapas de preparação que o projeto exige.

Mas os trabalhos não se encerram com o término das oficinas. No último dia da Jornada de Sociologia, a adrenalina vai a mil, pois é quando acontece o Fórum de debates. Ali fazemos questão de seguir o protocolo acadêmico para esta forma de comunicação científica. Não preciso nem falar da satisfação e do orgulho de ver como as juventudes dão literalmente um show de domínio e clareza sobre os objetos estudados, respondendo a partir de conceitos, de teorias e de autores da Sociologia e das Ciências Sociais como um todo, as demandas da plenária.

Catarse é o que define esse momento! Ao final de cada Jornada, cansados, mais muito satisfeitos, relatam levar na memória e para as suas vidas essas experiências diferenciadas de aprendizado. Afinal, o que é vivenciado na escola, de forma concreta e autônoma, como é o caso do projeto, não se esquece nunca mais. Outro momento marcante do Projeto “Escola dá Vida”, ocorre nas inúmeras vezes que participamos das Jornadas de Sociologia ou de Humanidades

de outras escolas de Londrina e também do distrito de São Martinho do município de Rolândia, onde geralmente o público alvo é formado de estudantes do Ensino Médio e do Ensino Fundamental.

Aliás, essa prática, com outros níveis da educação, seja no Fundamental, Médio noturno e Técnico Profissional, também faz parte do Projeto dentro do Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva. Outra experiência rica para os estudantes ministrantes é quando oferecemos aos alunos a oportunidade de compartilharem e socializarem seus trabalhos com alunos de faixas etárias bem diferentes, como no 6º ano do Ensino Fundamental, por exemplo. No caso do Ensino Fundamental, os desafios para os alunos do Projeto tornam-se muito maiores, uma vez que precisam recontextualizar os conteúdos, os materiais, os exemplos usados como pontos entre teorias e práticas e as linguagens, tornando-os acessíveis e atraentes para as crianças.

A discussão sobre a inclusão da Sociologia também no Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano) tem sido uma preocupação recorrente entre pesquisadores da área de ensino, especialmente, do ensino de Sociologia. Um exemplo que podemos citar é o da professora Jaqueline Fabeni dos Santos, Mestra pela Universidade Estadual de Londrina-UDEL, que defendeu sua dissertação sobre “Experiências de Ensino de Sociologia/Ciências Sociais no Ensino Fundamental: Análise das práticas dos professores”;

Esta dissertação identificou onde e como o Ensino de Sociologia nas séries finais do Ensino Fundamental tem sido praticado no Brasil, se preocupando em ressaltar o caráter específico que essas práticas assumem devido às particularidades do público a qual se destinam, partindo do pressuposto de que existe uma relevância dos conteúdos da Sociologia/Ciências Sociais, inseridos nos anos finais do Ensino Fundamental, entendidos como importantes para a formação de um estudante capaz de desnaturalizar, estranhar e desmistificar a realidade social que o cerca, de tal modo que possa participar mais conscientemente no meio político e cultural, já desde esta etapa de escolarização. (SANTOS, JAQUELINE, 2014, sem paginação).

Sabemos que já existem algumas escolas da rede particular e também da rede pública, como no caso da Escola Estadual Pedro II do Rio de Janeiro e no município de São Leopoldo no Rio Grande do Sul que implantaram o ensino de Sociologia também no Ensino Fundamental numa compreensão de que a Sociologia possa garantir uma formação mais integral dos estudantes. No caso do

Projeto “Escola dá Vida”, o que tivemos a oportunidade de observar foi que a Sociologia pode ser ensinada em todas as modalidades de ensino fazendo sentido e possibilitando aos alunos o despertar da “imaginação sociológica”. As metodologias mobilizadas pelos estudantes, bem como os materiais didáticos que seriam os mediadores do processo de ensino e aprendizagem, traziam a preocupação de que deveriam ensinar de forma lúdica, porém, sem esvaziar ou empobrecer a teoria, o que foi uma tarefa muito ousada e desafiadora, pois, sabemos que se para nós professores com mais experiência, não é nada fácil fazer a recontextualização diária dos conteúdos, imaginem para os alunos do Ensino Médio experencializando pela primeira vez essa tarefa de docência.

Essa, sem dúvida, foi uma das experiências mais ricas e desafiadoras e igualmente gratificantes, tanto para os alunos participantes do projeto, quanto para nós. Os resultados desse encontro entre diferentes séries geraram muitos frutos que temos tido a oportunidade de colher na escola, através da pesquisa participante, quando os estudantes que tiveram contato com a Sociologia durante a Jornada no Ensino Fundamental, chegam ao 1º ano do Ensino Médio, já tendo de pronto os nomes dos clássicos ou quando compreendem que as causas para um fenômeno social são múltiplas.

Outra situação que marcou a Jornada se deu quando os alunos do Projeto escolheram além dos estudantes dos 9ºs, 1ºs e 2ºs anos do mesmo período, matutino, também os alunos do Ensino Médio noturno e do curso Técnico Profissional, neste caso aceitando atuarem com estudantes com mais idade do que eles. Vivenciamos situações muito interessantes, desde debates fervorosos, nos quais os palestrantes se saíram muito bem, até embates ideológicos com professores que estavam nas salas acompanhando a turma do período noturno. Lembro-me do sinal para encerrar as atividades já ter sido dado, e os alunos, palestrantes e participantes ainda estarem completamente envolvidos sem se preocuparem com o avançar das horas. Foram momentos muito intensos.

Outro desafio tem sido a participação em outras escolas. Com a responsabilidade e com a ansiedade de estarem num ambiente com pessoas desconhecidas, os alunos demonstram muita coragem e porque não dizer, muita maturidade ao conduzirem as oficinas, portando-se como se fossem professores. É claro que também se depararam com algumas “hostilidades” por parte de alguns

alunos, o que tem sido muito raro, algo encarado como “natural” segundo mostram os depoimentos dos estudantes ministrantes, uma vez que estamos num ambiente diverso e plural.

Podemos mensurar como resultado interessante desses intercâmbios também o estreitamento de vínculos de amizade entre os alunos oficinairos e os participantes, potencializando interações e formação de novos grupos de diálogo na escola. Uma ligação de afeto e continuidade que acaba por perdurar para além da escola, possibilitada pelas redes sociais e que pode ser comprovada, em nossa pesquisa participante, quando até os próprios estudantes da escola indicam egressos para ministrarem novamente alguns temas trabalhados em anos anteriores. Perguntas sobre o tema, sugestões de continuidade e incessantes convites para que retornassem mais vezes à escola, percebidos nos relatos, são também sinais de que o Projeto “Escola dá Vida” tem materializado seus objetivos.

Ainda hoje, os alunos que frequentam o 3º ano do Ensino Médio e estão iniciando a construção do Projeto, perguntam-nos sobre a possibilidade de estenderem o mesmo a mais públicos, além das turmas onde ministram a oficina na escola. Deixamos claro que essa decisão deve ser tomada por eles coletivamente, mas que seria uma oportunidade muito gratificante, embora trabalhosa, o que geraria estabelecimento de parcerias com ONGs, sindicatos, escolas privadas, movimentos sociais, etc.

No ano de 2018, com a chegada de vários alunos com necessidades especiais, propusemos aos mesmos que organizassem uma oficina para a Jornada. Na ocasião, foram convidados também os alunos com DV – Deficiência Visual do Colégio Estadual Souza Naves. Orientados pelas professoras Débora Ferreira do Colégio Villanueva e pela Professora Solange Gagliotte do Colégio Souza Naves, esse grupo de alunos especiais, promoveram diversas atividades voltadas a problematizar suas realidades dentro da escola.

O resultado, estamos colhendo até hoje, pois, como demonstram os relatos, que serão detalhadamente analisados, a Sociologia, a Jornada e o Projeto “Escola dá Vida”, deram visibilidade e oportunidade para que esses alunos se fizessem ouvir e fossem enxergados na escola, não apenas como pessoas com “deficiências”. São alunos extremamente participativos nas aulas, com senso crítico aguçado e com forte desejo de aprender. De certo modo, as ações do referido

Projeto retirou-lhes de uma condição de invisibilidade, condição esta onde nunca deveriam estar numa escola que luta por ser democrática e justa.

### 3.5 O PASSO A PASSO DO PROJETO

Como relatamos acima, ao longo desses anos, o Projeto vem se resignificando e ganhando novos contornos. A seguir, encaminharemos o formato da sua última edição em 2019.

Primeiro passo: escolhemos os terceiros anos do Ensino Médio como agentes do Projeto, por entender que estes já estão mais familiarizados com a Sociologia, o que não é regra. Outra razão diz respeito ao fato do terceiro ano vivenciar uma aura de transição, como se fosse um ritual de passagem do qual o Projeto tradicionalmente já faz parte. Ou seja, ao chegarem ao terceiro ano há certa expectativa dos alunos e todos sabem que farão o Projeto da “Jornada Sociológica” como muitos a denominam. Outro elemento que favorece a escolha do terceiro ano, no meu caso específico, é que procuro acompanhar as turmas desde o primeiro ano, tentando inseri-los desde então à metodologia do Projeto com pesquisas, com trabalhos em grupo, expressão oral e etc.

Segundo passo: No início do ano letivo, já nas primeiras aulas, apresentamos aos alunos a proposta do Projeto, deixando bem claro que trata-se de uma proposta metodológica de ensino e aprendizagem e que é fruto de um trabalho coletivo. Assim, as decisões tomadas são coletivas de responsabilidade de todos. Apresentamos e debatemos a legislação educacional, incluindo o PPP, onde estão contempladas as principais metodologias do Projeto, com o objetivo de mostrar que não estamos fazendo nada a revelia da lei. Nesse momento, mostro-lhes que eles podem ficar tranquilos quanto a qualidade das aulas, pois o Projeto está em consonância com as orientações e Diretrizes Curriculares do ensino de Sociologia.

Nesse momento, procuramos também demonstrar-lhes que o Projeto garante acesso a muito mais conteúdos que conseguiriam ter no formato tradicional das aulas, pois além de se aprofundar em determinado tema, conceitos e autores, também são beneficiados pelo compartilhamento mútuo destes entre os grupos durante as etapas do Projeto. Apresentamos as principais referências bibliográficas que respaldam o Projeto, como os conceitos de Juventudes; da Pedagogia Histórico

Crítica; da Pesquisa como princípio pedagógico no processo de ensino e aprendizagem.

Terceiro Passo: Ainda em fase de apresentação, passamos a explicar o passo a passo do Projeto, dialogando com a turma e esclarecendo dúvidas. Falamos sobre os procedimentos de avaliação, frequência e participação e sobre a dinâmica do trabalho, onde ressaltamos que o mesmo pode ser realizado 100% na escola, desde que, todos cumpram as etapas com responsabilidade. Em seguida, trazemos alguns relatos em vídeo de alunos egressos que participaram de Projeto, buscando inspirá-los sobre possíveis temas, mas também, buscando mais uma vez, trazer-lhes segurança e autoconfiança.

Quarto passo: Após o detalhamento das etapas, convidamos a turma a manifestar sua decisão sobre a participação ou não no Projeto, mais especificamente se vamos aderir a essa metodologia de ensino e aprendizagem. Nesse momento, surge aquela questão: “E se eu não quiser participar, como fica?” Respondemos que se houver algum aluno que não queira participar, então não poderemos realizar as aulas nesse formato, pois precisamos da participação de todos como forma de equidade. Depois perguntam como ficam as chamadas “aulas normais”? Em resposta, propomos que das duas aulas semanais de Sociologia, uma delas seja para o Projeto e a outra destinada aos conteúdos em formato tradicional.

Salientamos que essa dinâmica das aulas vai depender também da dinâmica do calendário escolar, entre outros elementos que por ventura possam alterá-la. Quanto à quantidade de membros em cada grupo uma vez que esse é o formato do trabalho, ressaltamos que os grupos muito grandes geralmente não funcionam bem e acaba sempre ficando sobrecarregado pra um ou dois elementos, tornando-se um dos motivos de desentendimento no grupo.

Eles parecem concordar, mas durante o decorrer do ano isso muda bastante, chegando a ter grupos com três, quatro, cinco integrantes ou até alunos que decidem fazer sozinhos. Isso ocorre pelas inúmeras divergências que decorrem do trabalho em grupo. Diferentes personalidades, temas que deixam de interessar, mudança de escola ou turno o que leva alguns a migrarem para outros grupos. Abrimos o debate para esclarecer mais dúvidas que ainda possam existir, e sempre existem, principalmente a respeito do trabalho em grupo onde os alunos sempre defendem que os mesmos sejam compostos por afinidade. Antes de concluirmos a questão, pedimos espaço à turma para apresentar nossos argumentos contrários a

essa possibilidade, como, por exemplo, o fato de que possam ocorrer exclusões daqueles alunos que são tímidos e não interagem muito com os demais, ou no caso daqueles considerados bagunceiros ou pouco “esforçados”.

Outra razão para sermos opostos aos grupos por afinidade é o fato de que muitos deles convivem com os colegas desde a Educação Infantil e durante todo esse tempo nunca se conheceram de verdade. Então, essa seria a oportunidade de estreitarem laços, conhecerem-se e fazerem novas amizades. Mas, nada disso os convencem. Dizem que a afinidade é benéfica, pois pensam praticamente da mesma forma, o que facilitaria a escolha do tema. Também tem a proximidade residencial como ponto positivo.

Além desses casos, já aconteceu de alunas não quererem o sorteio como forma de montagem dos grupos por receio de caírem em grupos majoritariamente masculinos. Questionadas reservadamente, responderam com certo constrangimento que se tratava dos ciúmes do namorado. Como podemos ver, a montagem dos grupos é um dos itens mais disputados durante a construção do Projeto. Assim, tomamos como estratégia, deixar para resolver essa questão mais a diante. Até lá, trabalho com a turma, várias atividades de integração com brincadeiras coletivas que favoreçam a proximidade, o diálogo e a interação.

Quinto passo: Após as atividades de integração serem realizadas, percebemos que a turma está mais próxima, mas não o suficiente para trabalhar com quem não se sintam à vontade. Então, durante todo ano letivo, promovemos atividades lúdicas associadas ou não aos conteúdos, como o jogo de queima sociológico, para aproximar os alunos e também como forma preparatória para a parte prática do projeto, onde terão que planejar uma oficina 70% prática e 30% teórica com ênfase no prazer de aprender.

Começamos então uma próxima etapa, conhecer os interesses de cada aluno por um possível objeto de pesquisa. Uma estratégia que tem dado certo é pedir para que cada um escreva em uma folha de sulfite um tema que lhe desperta mais interesse que tanto pode partir dos conteúdos do livro didático quanto de suas experiências de vida. Na sequência, peço que procurem justificar também na mesma folha através de cinco palavras-chave a sua escolha. Em seguida, levamos a turma para o pátio com seus papéis contendo seus temas e justificativas e pedimos para que se dividam em dois círculos com igual quantidade de integrantes (em caso ímpar, a professora também participa como integrante), sendo que um dos círculos

se posiciona na parte de dentro da roda e o outro na parte externa, de forma que tenhamos dois círculos ou duas rodas, uma dentro e outra fora.

De frente um para o outro, expondo seu tema para o colega, cada aluno terá de um a dois minutos pra informar ao parceiro oralmente qual o seu tema de interesse e justificar sua escolha. Terminado o tempo de ambos, ao comando do professor, os círculos giram em direções contrárias até que o professor peça que parem. Novamente, mais um minuto para cada um proceder à exposição do seu tema e da sua justificativa para seu colega. A brincadeira continua até que a maior parte dos alunos tenham tido contato com todos da turma.

A atividade proporciona expressão oral, aprendem a justificar, a resumir em virtude do pouco tempo, possibilita através da interação que os alunos possam ter acesso ao que estão pensando os colegas sobre os temas de interesse e se há alguma afinidade entre eles. Na aula seguinte, agora em sala, pedimos para que os alunos formem grupos sem limite de quantidade, por afinidade temática de acordo com a última atividade. Propomos que conversem agora com mais profundidade sobre suas escolhas. Ao final, podemos observar que grupos vão se definindo, inclusive uma aluna que queria realizar o projeto sozinha, contou-me que nem imaginava que o colega de sala fosse tão inteligente e tivesse tanto a dizer sobre questões sociais.

Sexto passo: Propomos à turma que os grupos de trabalho sejam compostos pela afinidade entre os temas que tanto podem ser os mesmos, quanto podem dialogar entre si. Se os alunos aceitam, podemos dar o próximo passo que trata de detalhar cada etapa do projeto teórico a começar pela justificativa, seguida da problematização, da fundamentação teórica, das considerações finais e das referências bibliográficas.

Todas estas etapas são desenvolvidas pacientemente uma por uma compondo a etapa denominada Pré-projeto. Outra informação importante que passamos aos alunos é, que, todas as atividades do Pré-projeto devem constar no caderno de cada um do grupo, garantindo a participação e a continuidade dos trabalhos em caso de falta de algum integrante. Importante salientar que não devemos ter muita pressa em concluir essas etapas, pois, pode parecer que é algo fácil de realizar, mas, não é bem assim.

Primeiro que o trabalho é coletivo, então requer a contribuição e anuência de todos do grupo na construção de seu conteúdo. Além disso, outro fator que afeta

o trabalho em grupo e o rendimento é a questão da assiduidade e da participação. Acostumados a se sentar separados (exceto nas aulas de Sociologia desde o primeiro ano), quando se juntam em equipe, aproveitam pra colocar a conversa em dia. Isso é inevitável e tem que ser trabalhado muito mais com nós professores do que com os alunos. Segundo, lembrem-se que nossos alunos estão acostumados à perguntas e respostas de forma bem objetiva, do tipo questionário. Assim, encontram dificuldade em articular suas ideias em outro formato.

Sétimo passo: Após a conclusão da justificativa, anunciamos a etapa da Problematização. Outra etapa onde os alunos sentem bastante dificuldade. Propomos que elaborem um questionamento contextualizado do tema que será posteriormente aprofundado. Em seguida, que elaborem uma hipótese em resposta a pergunta problema. Isso feito, começamos a fazer visitas constantes à biblioteca para pesquisar e conhecer o acervo de Sociologia, fazendo levantamento bibliográfico com leituras cujo objetivo é pesquisar e encontrar confirmação ou não a pergunta problema. Depois de várias idas à biblioteca, passamos à sala de computação dando continuidade à pesquisa. É importante destacar que toda fonte consultada e utilizada deve ser devidamente referenciada, mesmo que os alunos ainda não dominem as normas.

Oitavo passo: Agora, com a fundamentação teórica, a pesquisa destina-se a buscar referencial teórico para subsidiar a hipótese do problema. Orientamos que a pesquisa parta dos clássicos da Sociologia e que transite pelo Pensamento Social Brasileiro e pela Sociologia contemporânea. Sugerimos também as outras áreas das Ciências Humanas como a Antropologia, Economia e Ciência Política. Como estamos na fase de Pré-Projeto, pedimos que os alunos tragam pelo menos duas a três referências. O trabalho de pesquisa nessa etapa vai exigir bastante, tanto dos alunos quanto do professor, que também precisa pesquisar para orientá-los.

Nessa etapa, os alunos também sentem bastante dificuldade em fazer a relação da teoria sociológica com o fenômeno estudado, mas, com o tempo, conseguem superar e despertar a Imaginação Sociológica. Aqui as pesquisas ocorrem na biblioteca da escola, sala de computação, sala de aula trazendo livros, revistas especializadas, material jornalístico, etc. É muito importante que os alunos tenham contato com os livros, que garimpem e conheçam o acervo da escola. Orientamos também que em relação às pesquisas, os alunos devem assegurar-se de que a fonte é segura, seja na internet ou no material impresso. Reforçamos a

orientação de que toda fonte consultada e utilizada deve ser anotada para referenciar o trabalho. Falamos sobre plágio e as implicações do mesmo.

Nono passo: O próximo passo é compartilhar com a turma numa Roda de Conversas o que já foi produzido até o momento pelo grupo. A dinâmica é muito simples para que possamos ir introduzindo aos poucos a comunicação científica. Sentados em círculo, cada grupo elege um orador que, numa conversa descontraída nos contará sobre o tema, a justificativa, o problema, a hipótese e os autores mobilizados até o momento. Mesmo cada grupo tendo um orador, os demais membros ficam a vontade para contribuir quando necessário.

Ao final de cada exposição, solicitamos que os demais grupos façam apontamentos e contribuições ao trabalho dos amigos, sugerindo autores, por exemplo. A Roda de Conversas é um dos momentos mais marcantes, como foi a de 2019, onde recebemos convidados, professores e acadêmicos de Ciências Sociais da UEL que deram importantes contribuições para os projetos. Nesse momento, mesmo tendo acompanhado cada grupo durante as aulas, podemos observar o quanto agregaram e conseguiram ir aos poucos fazendo a relação da teoria sociológica com os fenômenos sociais. É um momento muito gratificante.

Décimo passo: Como a parte básica do Projeto já está estruturada, agora passamos ao aprofundamento de cada etapa. Definimos número mínimo de laudas e intensificamos as pesquisas. A partir de agora, as aulas que são destinadas aos conteúdos curriculares, passam a contemplar os autores que estão sendo trabalhados pelos grupos. Agora os alunos estão caminhando para a conclusão do projeto de pesquisa.

Décimo primeiro passo: Após a conclusão, sentamos para mais uma Roda de Conversas que agrega a partir de agora o fechamento do trabalho teórico. Destacamos que cada etapa é acompanhada diariamente pela professora durante as aulas e que após a conclusão de cada etapa os alunos enviam o trabalho por email para que possamos ir fazendo as correções. Após a última roda, os alunos fazem as últimas correções e encaminham uma cópia impressa que será avaliada e depois ficará à disposição na biblioteca da escola além de publicada nos anais e revistas especializadas de ensino de Sociologia da UEL.

Todo esse intenso trabalho de orientação e correções, só é possível graças às nossas parcerias com o LENPES e o PIBID/UEL cedendo estagiários (via online) que auxiliam na orientação da produção do trabalho teórico.

Além dos braços da universidade, contamos com a dedicação exclusiva da ex-aluna do colégio, hoje mestranda de Sociologia e uma das coordenadoras das Jornadas do Colégio Villanueva, Tatiane Brito dos Santos, que além de ministrar oficinas de Metodologia e Normas de Trabalho Acadêmico durante a greve da categoria e também participando das aulas, ficou a disposição (online) dos alunos para orientá-los. Sem essas parcerias, seria muito difícil implementar a contento a dinâmica do Projeto, pois, as condições de trabalho do professorado não permitem tempo para pesquisa e um acompanhamento mais profícuo junto aos alunos.

Décimo segundo passo: Nessa etapa os alunos são apresentados ao planejamento das oficinas que serão aplicadas durante a Jornada de Sociologia onde terão que definir o objetivo geral, ou seja, a meta que pretendem alcançar; os objetivos específicos que referem-se às metas intermediárias que levaram a efetivação do objetivo geral; o público alvo, onde devem caracterizar o grupo social que se pretende atingir, sua faixa etária e quantidade estimada em percentual; o local e a realização em que o projeto se insere, a área geográfica, as características socioeconômicas, ambientais e culturais; a metodologia descrevendo passo a passo a maneira como as atividades serão implementadas, incluindo os procedimentos, as técnicas e instrumentos a serem empregados.

Lembrando que a metodologia deve contemplar atividades lúdicas, prazerosas que partam da realidade do público alvo; os recursos necessários, descrevendo os materiais que serão necessários para realizar o projeto, como quatro cartolinas, uma corda, cento e vinte folhas de papel sulfite, ou seja, especificar objeto e quantidade; os custos, caso haja algum, mesmo porque a escola fornece todo o material que os alunos necessitam para a realização dos trabalhos e também incentivamos que criem a partir da reciclagem de materiais, peçam emprestado a outras instituições como escolas, postos de saúde, etc; cronograma distribuindo o tempo das principais atividades, indicando os prazos para a realização de cada uma delas; as parcerias como o apoio e alianças e consultoria com instituições; os resultados em forma de avaliação de como o projeto se desenvolveu e os resultados obtidos; referências bibliográficas.

Após a conclusão do planejamento que demandará tempo e muita pesquisa, os alunos enviam o material para avaliação e depois entregam uma cópia impressa.

Décimo terceiro passo: apresentação dos projetos de cada grupo para a

própria turma. Após o planejamento das oficinas ser concluído, cada grupo aplica na própria turma a sua oficina exatamente como planejou para a Jornada. O objetivo é compartilhar com a turma sua produção, testar a metodologia e também avaliarmos o trabalho, que é feito pela própria turma que contribui com sugestões, pelo grupo com uma autoavaliação e do professor que ao final da oficina, de forma reservada, conversa com o grupo sobre os pontos positivos e o que pode ser melhorado.

Importante ressaltarmos que se o trabalho apresentar algumas distorções teóricas e ou metodológica, será agendada nova data para recuperação do grupo que fará as correções sugeridas e reaplicará a oficina. Assim, é importante estabelecer um calendário com folga suficiente para as apresentações e recuperações antes da jornada. Não raro, temos que recorrer aos colegas de outras áreas solicitando aulas para suprir o nosso cronograma em virtude de percalços do calendário e atividades da própria escola.

Décimo quarto passo: A montagem do cronograma das oficinas e palestras da jornada. Esse momento é bastante trabalhoso e interessante, pois não pode haver choque de horários e temos que contemplar todos os grupos com no mínimo de duas oficinas, porém, alguns grupos reclamam e querem muito mais do que o programado. Aqui também o trabalho é coletivo com a coordenação da mestrandia Tatiane e com o auxílio dos próprios alunos.

Décimo quinto passo: A Jornada de Sociologia. Geralmente temos realizado as Jornadas no início do mês de outubro, sempre antes do Enem e dos vestibulares. Estipulamos de 3 a 4 dias distribuídos em 2 ou 3 dias de oficinas e 1 dia para Fórum de Debates ou GTs (Grupos de Trabalho como foi o caso de 2019) isso dependendo do número de oficinairos e palestrantes. A essa altura, os alunos já prepararam os materiais, já fizemos a camiseta comemorativa da Jornada, que é paga pelos próprios alunos ou customizada por eles, e nós da coordenação já produzimos lembrancinhas para todos os participantes e organizamos a recepção.

Esses regalos são custeados por nós organizadores, pela escola e pelos parceiros do projeto. Organizamos os monitores de sala, que geralmente são o presidente ou o vice, que acompanham os palestrantes e servem de ponto de apoio. Todos os crachás, dos oficinairos, monitores, palestrantes, coordenadores e organizadores já foram confeccionados pela escola. A direção da escola já organizou um super cardápio especial para o lanche, pois nesses dias os alunos oficinairos e os convidados, tomam lanche junto com os professores da escola. Os

segundos anos do Ensino Médio, sob nossa orientação, prepararam várias instalações e intervenções artísticas/sociológicas com base nos temas desenvolvidos pelos terceiros anos. Essa atividade ocorre durante o intervalo que durante esses dias é estendido. Quando conseguimos conciliar horário, também somos agraciados com convidados para apresentações culturais.

Estabelecemos uma sala para ser o ponto de apoio geral dos alunos, onde recebem orientações, material como giz e apagador, enfim, aquele material que faltou de última hora. Também contamos com um grupo denominado Equipe de Apoio formado por alguns alunos de diversas turmas que auxiliam diretamente na organização da Jornada. Vale lembrar que a Jornada atinge todas as séries do período matutino, Ensino Fundamental e Médio.

Outro ponto importante diz respeito aos professores das demais disciplinas que durante os dias de oficinas, acompanham as turmas como mediadores e recebem Formação Continuada promovida pelo LENPES, geralmente no último dia da Jornada. Todos recebem certificação, alunos oficinairos, professores, monitores e convidados. Agora sim, tudo pronto! Começa a Jornada de Sociologia.

Décimo quinto passo: Após as oficinas, chegamos ao fechamento da Jornada com o Fórum de Debates ou os Grupos de Trabalho (GTs). Vamos falar primeiro do Fórum. Nesse momento, reservamos um espaço coletivo que possa comportar todos os alunos oficinairos dos terceiros anos, os segundos anos, convidados da Universidade e comunidade escolar. Geralmente, utilizamos o anfiteatro da FACCAR (Faculdade Paranaense de Rolândia) que fica situada próxima ao colégio.

Os segundos anos são convidados, pois serão eles os próximos a participarem da Jornada e do Projeto no ano seguinte. Cada grupo deve preparar um conjunto de slides que contemple o tema do trabalho, a justificativa, o problema e a hipótese, a fundamentação teórica, a conclusão, um mosaico com as imagens das oficinas que realizaram, os resultados da experiência e as referências bibliográficas. Cada grupo elege um orador que fará a apresentação dos slides para o público presente.

Em seguida, temos um intervalo e na sequência, abrimos os trabalhos da plenária, onde os grupos elegem um orador que comporá a mesa de honra e ficará à disposição para o debate. Em 2019, em virtude da grande quantidade de oficinas,

optamos por fazer GTs para que houvesse um melhor aproveitamento dos debates. Foram organizados seis GTs para acomodar 33 trabalhos que foram organizados por temáticas. A apresentação dos trabalhos seguiu o mesmo formato supracitado para o Fórum.

O LENPES forneceu os debatedores que conduziram os GTs e trouxeram valiosas contribuições para os trabalhos de cada grupo, especialmente para os artigos. Além dos debatedores da UEL, acompanham os GTs, os alunos dos segundos anos do Ensino Médio que antecipadamente, se inscreveram de acordo com os temas de seu interesse. Essa troca de experiências foi muito valiosa e gratificante. Gerou muita ansiedade entre os nossos alunos e muita alegria após a superação dessa importante fase de aprendizagem.

Décimo sétimo passo: Após a conclusão do Fórum ou dos GTs, os alunos terão um tempo definido para fazerem as correções sugeridas. Estando em conformidade com as exigências dos trabalhos acadêmicos, os artigos, como já mencionamos, serão publicados pelo LENPES.

Décimo oitavo passo: A festa! Aliviados, porém muito felizes, conseguimos com apoio de alguns parceiros, dos próprios alunos que cotizaram o dinheiro (valor simbólico), de alguns professores que se dispuseram a ajudar, e da direção da escola que auxiliou com alimentos, realizar uma confraternização com as turmas participantes do projeto. Então, fizemos um churrasco na Associação do Banco do Brasil (parceiro que nos cede anualmente o espaço para que os alunos possam comemorar o encerramento do ano letivo) com direito a piscina, aula de zumba com um professor que também é ex-aluno da escola e jogo de futebol, enfim, só alegria.

#### 4 HISTÓRICO DAS JORNADAS DE SOCIOLOGIA NO COLÉGIO VILLANUEVA

No ano de 2007, assumimos no Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva a disciplina de Sociologia no período matutino. No final de 2008, entramos de licença médica retornando apenas no ano seguinte. A primeira Jornada de Sociologia do colégio ocorreu em outubro de 2008 e tinha como título “Atualidades em Perspectiva Sociológica”. Este foi o ano da implantação da Sociologia e da Filosofia como disciplinas obrigatórias no currículo do Ensino Médio, o que aumentava e muito as expectativas em torno dos resultados da primeira Jornada. Nossa preocupação, nesse momento, era problematizar sociologicamente as crescentes mudanças sociais e a vida dos próprios jovens frente à essas transformações, apurando seu olhar diante da realidade, de forma livre e sensível.

Retornando para a escola em 2009, com o apoio do LENPES e de outros parceiros da Universidade Estadual de Londrina, realizamos nos dias 21 a 24 de outubro do corrente ano a **1ª edição da Jornada de Sociologia** em que eu estava como professora da disciplina de Sociologia na escola e como uma das coordenadoras do evento. O tema escolhido foi “Os jovens plugados no mundo” que tinha por objetivo problematizar a relação das juventudes com o mundo digital e enfatizar a importância da disciplina de Sociologia na escola, como instrumento de problematização e entendimento das múltiplas realidades sociais.

Também o escolhemos para que pudessemos entender as juventudes dentro do contexto de grande interação nas mídias sociais e os princípios éticos, culturais, políticos e etc dos jovens nesse universo tecnológico. Um fato importante foi que, tanto no ano de 2009 quanto em 2010, além do LENPES, do GAES e do LES, outros projetos de Extensão da Universidade Estadual de Londrina apoiaram o evento, sendo eles o Grupo de Estudos e de Extensão de Materiais Didáticos de Sociologia (GEEMAS) e Semanas de Sociologia nas escolas da Rede Pública.

Nos dias 1 e 2 de julho de 2010 aconteceu a **II Jornada de Sociologia**, tendo como tema o próprio nome do Projeto “Escola dá Vida”. Esse foi um momento importante, pois até então, os palestrantes e demais participantes das Jornadas eram estudantes ou colaboradores da UEL, e no ano de 2010 começamos a desenvolver com os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio do período matutino o Projeto “Escola dá Vida”, onde esses escolhiam os temas a serem pesquisados, pesquisavam, produziam um artigo científico e por fim levavam seus

resultados a comunidade, fazendo intervenções sociológicas sobre cada temática pesquisada, indo cada grupo em diferentes locais da cidade, e, por exemplo, entregando bonequinhos, panfletos sobre cada temática abordada como: A invisibilidade dos portadores de necessidades especiais na sociedade capitalista, realizado numa escola privada com alunos de 4 a 5 anos; Aborto, realizado através de intervenções à populares em estacionamentos de supermercados (local geralmente frequentado por famílias); Diversidade étnica, posto em prática em uma escola municipal com alunos da 4ª série do ensino fundamental; Consciência de classe realizado por meio de panfletagem destinada aos trabalhadores na porta de uma das maiores fábricas da cidade na época, entre outros.

Um dos objetivos centrais do Projeto nesse momento através do tema proposto “Escola dá Vida”, era demonstrar que o conhecimento sociológico adquirido e produzido dentro da escola, faz sentido quando consegue significar a própria vida em sociedade não apenas para a obtenção de uma nota no currículo.

A **III Jornada de Humanidades** se realizou nos dias 10 e 11 de outubro de 2011, com o tema “Diversidade: Você faz a diferença”. Nela, os alunos dos terceiros anos, palestraram sobre as temáticas pesquisadas do decorrer do Projeto “Escola dá Vida”, sendo a maioria associadas às identidades, diferenças, diversidades e desigualdades sociais.

As oficinas foram aplicadas com estudantes das outras turmas da mesma escola, no mesmo período. Além dos nossos jovens, contamos também com presença dos estudantes, pesquisados e colaboradores da UEL, que apresentaram oficinas relacionadas com o tema geral do evento. Nesse mesmo ano, após a III Jornada, os estudantes dos terceiros anos que desenvolveram o Projeto foram convidados a apresentar suas pesquisas/oficinas em uma escola de Londrina. Com muito ânimo o convite foi aceito e os mesmos deram um show!

A escolha do tema, tinha por objetivo, desnaturalizar o conceito de igualdade por vezes amparado em visões teológicas, sem querer com isso, desqualificar qualquer religião, ou, por um currículo excludente e ideologicamente conservador. Pretendíamos assim, propor uma reflexão sobre o papel da educação na promoção da igualdade de direitos e respeito a riqueza da diversidade humana numa perspectiva de que somos diferentes, porém, essas diferenças, não podem e não devem ser transformadas em qualquer forma de desigualdade como bem enfatiza Maria Regina Clivati Capelo;

Uma educação fundada no diálogo entre as diferentes culturas, aberto e democrático, que se recusa a colonizar ou civilizar os outros, mas se põe a aprender com os diferentes, que se compromete com a heterogeneidade sem, no entanto, usá-la para produzir novos submetidos. Uma educação conduzida pela solidariedade, contra as desigualdades, preconceitos e discriminações, ao mesmo tempo em que garante, para além da apropriação, a produção de novos conhecimentos impressos e imagéticos menos etnocêntricos (CAPELO, 2003, p.129-130).

Outro ponto a ser desenvolvido com a temática, diz respeito à própria aceitação e a problematização do bullying de natureza “racial”, sexual e cultural no ambiente escolar, problema bastante presente nas relações dentro da escola e bastante trabalhado pela disciplina de Sociologia em eventos como oficinas e palestras voltadas ao público interno e externo. Por fim, mostrar aos alunos que cada um pode fazer a diferença, a começar por si próprio, em prol de uma sociedade que respeite as diversidades e os direitos de todos.

A parceria com o LENPES e outros projetos de Extensão da UEL, permitiu que desenvolvessemos em 2011 na escola, além da III Jornada de Humanidades, a 1ª Feira de Profissões. Em parceria, idealizamos e realizamos esse evento devido a percepção do número baixo de estudantes do colégio que prestavam Vestibular ou conheciam um pouco mais a fundo os cursos ofertados pelas instituições de Ensino Superior, como funcionava uma graduação, o que cada curso possibilita na academia e fora dela e etc. A Feira de Profissões foi realizada no dia 7 de junho de 2011, no período matutino e noturno, com a presença de estudantes de cursos diversos, profissionais das áreas, estudantes recém-formados, expondo folders e banners que explicassem um pouco sobre os cursos ofertados. Além da UEL, tivemos participantes de outras instituições de Ensino Superior e do SESI.

Foi um momento importante de aproximação entre a escola pública e a universidade, que possibilitou além do intercâmbio, esclarecimento sobre os diversos cursos oferecidos pela UEL, projetos de permanência estudantil e o mais importante, despertou nos alunos o desejo e a confiança para buscar adentrar à universidade, o que para muitos, era um sonho muito distante.

No ano de 2012, a **IV Jornada de Humanidades** do colégio, aconteceu nos dias 10 e 11 de outubro, e possuía o tema “Juventudes e Redes Sociais: Compartilhando Conhecimentos”, escolhido mais uma vez pela necessidade em compreender as relações dos jovens com as mídias tecnológicas cada vez mais

avançadas, com um número cada vez maior de ferramentas e redes sociais que envolvem primordialmente as juventudes e passam a ser uma nova forma de socialização entre os mesmos.

Reservados os benefícios dessas ferramentas, pretendíamos refletir sobre os impactos da mesma como, isolamento social (sem contato físico), o indivíduo objetificado, a necessidade de aceitação, o mundo perfeito (virtual) através da tela do computador, status, amizades descartáveis, enfim, que tipo de sociedade essas novas ferramentas estavam ajudando a construir, seus limites e os problemas sociais gerados a partir de então. Para Bauman, o que melhor caracteriza o momento em questão é o que designa como Modernidade líquida (2001), nome de uma das suas obras. Em entrevista concedida no Brasil, a conferência Fronteiras do Pensamento, em 2011, o autor aborda o fato das redes sociais, nesse caso o Facebook, permitir as conexões e desconexões rápidas entre os indivíduos, afirmando;

Um viciado em Facebook se gabou para mim de que havia feito 500 amigos em um dia. Minha resposta foi de que eu vivi 86 anos e não tenho 500 amigos. Então, provavelmente, quando ele diz amigo e eu digo amigo nós não queremos dizer a mesma coisa. É um tipo diferente de amigo [...] Qual é a diferença entre rede e comunidade? A comunidade te precede. Você nasce em uma comunidade. Ao contrário da comunidade, a rede é mantida por duas atividades principais: uma é se conectar e a outra é se desconectar. E acho que a atratividade da amizade “tipo Facebook” é de que é tão fácil se desconectar [dos amigos] (BAUMAN apud ALVES, 2018, sem paginação).

Uma particularidade deste evento foi que, além de apresentar para os alunos das outras turmas do período matutino, os estudantes/palestrantes participantes do Projeto “Escola dá Vida” aplicaram suas oficinas para as turmas do período vespertino, e os palestrantes da UEL no período noturno.

Foi um grande desafio para os nossos jovens, pois o público era composto por crianças e adolescentes que ainda não haviam tido acesso a conteúdos e conceitos básicos da Sociologia, e além disso, eram muito novos, a maioria estava agitada com a novidade. Os nossos palestrantes tiveram que adequar as suas oficinas para esse público, e mais uma vez, mesmo com as dificuldades, o evento foi um sucesso. Do ano de 2012 até 2014, além das valiosas parcerias anteriores, contamos também com o apoio do Programa de Consolidação das Licenciaturas da CAPES, que colaborou com a participação de professores de

diversas licenciaturas da Universidade reunidas do Fórum Permanente das Licenciaturas da UEL (FOPE).

No ano seguinte (2013), nos dias 10 e 11 de dezembro realizamos a **V Jornada de Humanidades**, com o tema “Juventudes: A ponta do Iceberg”, considerando a partir dos debates dos temas pesquisados no Projeto “Escola dá Vida” e das discussões feitas pelos convidados da UEL, as interfaces das juventudes com fundamentos estruturantes e estruturais da sociedade, mostrando a possibilidade de interdisciplinaridade da Sociologia com outras áreas, como, ciência política e antropologia, e as possíveis análises de problemas sociais, como desigualdades e diversidades, a partir dessa concepção de interfaces disciplinares.

“Juventudes: a ponta do Iceberg” foi um evento que queria conhecer de fato quem eram aquelas juventudes para além dos esteriótipos e as especificidades de suas demandas sociais. Como destaca Dayrell;

É fundamental que nós, educadores, façamos um exercício de autorreflexão para tomar consciência de qual representação fazemos dos jovens com os quais atuamos de tal forma a possibilitar a superação dos estereótipos e nos abirmos a conhecer quem de fato são aqueles sujeitos que pretendemos formar. Daí a importância de construirmos uma noção de juventude que possa nos ajudar a conhecer os jovens com os quais lidamos. Como nos ensina a Antropologia: é necessário conhecer para compreender! (DAYRELL, 2016. p.24-25).

Em 2014, a **VI Jornada de Sociologia** teve como tema “Sociologia: a ciência que é a nossa cara”, e ocorreu nos dias 17 e 18 no novembro. O tema geral do evento estava relacionado com a possibilidade de escolha da temática a ser desenvolvida no Projeto “Escola dá Vida”, pois acreditamos que cada grupo de estudantes define o tema ou problema social a ser estudando de acordo com as suas experiências, suas realidades, suas necessidades e anseios. Nesse mesmo ano, os estudantes palestrantes foram convidados a aplicar as oficinas no Colégio Estadual Dr Lauro Portugal Tavares, no distrito de São Martinho, em Rolândia. Por conta do formato e do desenvolvimento deste evento, o consideramos também como Jornada de Sociologia, nesse caso a **VII edição**.

Para a **VIII Jornada de Humanidades**, em 1 e 2 de dezembro de 2015, o tema escolhido foi “Feita a revolução na escola, o povo a fará nas ruas (Florestan Fernandes)”, onde mais uma vez nossos estudantes que desenvolveram pesquisas científicas no Projeto, aplicaram suas oficinas com temas que problematizavam

sociologicamente fatos e problemas sociais dos quais achavam importante naquele momento. Além disso, contamos mais uma vez com o apoio dos nossos parceiros da UEL, que trouxeram para a escola as suas pesquisas e atividades sociológicas.

Dois anos antes, em 2013, Dilma Rousseff (PT) era então a Presidenta do Brasil. Estávamos vivenciando um período bastante conflituoso e presenciávamos uma das maiores manifestações de protesto, que levaram milhares de pessoas, a maioria jovens, às ruas contra o aumento das passagens do transporte público. O que começou com um objetivo, aumento nos preços das passagens de ônibus, logo ganharia novos contornos ideológicos. A jornalista e doutora em Ciências Sociais, Esther Solano, em entrevista ao Jornal Nexto, analisa o fenômeno;

Em junho de 2013, as ruas foram ocupadas, em catarse, por diversos segmentos sociais. Em 2014, no contexto da eleição presidencial, as ruas e as redes se polarizaram. O antipetismo era o fator de coesão dos verde-amarelos que, em 2015, pediram o impeachment de Dilma Rousseff se apropriando das mesmas ruas. A narrativa do impeachment foi combatida com a narrativa do golpe, e a avenida Paulista, onde couberam todos em 2013, se transformou em espaço de polarização em 2015. No coração desta dinâmica de enfrentamento social, o PT e seus significados. Dilma é destituída, a Lava Jato avança e, na mesma Paulista onde o populismo antipetista era gritado, o slogan agora é a antipolítica, “faxina geral”. Do outro lado, #ForaTemer. O que temos em comum em 2017? Ninguém apoia Temer nem suas reformas, mas não conseguimos nos unir contra elas. Derivamos num país dividido e com um perigoso sentimento de negação política. (SOLANO, 2017, sem paginação).

As “Jornadas de 2013” abrem espaço para novas formas de mobilização popular com a utilização em massa das redes sociais. Começa então uma “onda” de acontecimentos que passam a questionar a representatividade política em nosso país. Essa mesma “onda”, trás consigo outros protagonismos com diferentes linhas ideológicas (MBL; Vem pra rua) que vão se apropriar do discurso político para, nos anos seguintes, ocuparem espaços institucionais de poder.

Em 2014, o Brasil sedia a Copa do Mundo de futebol. No mesmo ano, tivemos eleições presidenciais no qual Dilma Rousseff (PT) sai vitoriosa contra Aécio Neves (PSDB) no segundo turno. Estoura a Operação Lava Jato. Começa a saga do PT até o Golpe que destituiu a Presidente em 2016, sendo então substituída pelo vice-presidente Michael Temer (PMDB).

Os acontecimentos que se sucederam a partir de 2013 com as “Jornadas de junho”, criaram um contexto político bastante interessante e preocupante, o que

nos levou a debater através do tema: “Feita a revolução na escola, o povo a fará nas ruas (Florestan Fernandes)”, a participação e a importância da escola na formação cidadã e na luta pelos direitos sociais, acreditando pois em seu poder revolucionário como anunciado pelo autor;

Feita a revolução nas escolas, o povo a fará nas ruas, embora essa vinculação não seja necessária. Na China, em Cuba, na Rússia, sem passar pela escola, o povo fez a revolução nas ruas. Mas em um país como o Brasil, é necessário criar um mínimo de espírito crítico generalizado, cidadania universal e desejo coletivo de mudança radical para se ter a utopia de construir uma sociedade nova que poderá terminar no socialismo reformista ou no socialismo revolucionário. Eu prefiro a última alternativa. (FERNANDES apud BEZERRA NETO; BEZERRA, 2011, sem paginação).

O ano de 2016 foi marcado pela greve das Universidades Estaduais do Paraná e por conta desse contexto, não tivemos a participação dos palestrantes da UEL, mas os nossos estudantes dos terceiros anos do Ensino Médio apresentaram seus projetos de pesquisa realizados no decorrer do Projeto “Escola dá Vida”, para as outras turmas da escola no período matutino. Mesmo com a ausência do público da academia, nomeamos o evento como **IX Jornada de Sociologia**.

A **X Jornada de Sociologia do Colégio Villanueva** aconteceu nos dias 28 e 29 de novembro do ano seguinte, 2017, com o tema “Seja a mudança que você quer ver no mundo (Mahatma Gandhi)”, e no dia 1 de dezembro do mesmo ano realizamos no auditório da FACCAR o Fórum de Debates. Os temas desenvolvidos pelos estudantes no Projeto Escola dá Vida nesse ano estavam relacionados principalmente com diversidades (sexuais, étnico-raciais, de gênero, culturais e etc) e possibilitou o diálogo e debate dessas realidades a partir das pesquisas e resultados obtidos pelos estudantes no decorrer do Projeto.

Nesse momento, víamos emergir de dentro da sociedade brasileira, posturas preconceituosas, homofóbicas, missogênicas e racistas motivadas e legitimadas na figura do então candidato à presidência da República Jair Bolsonaro (PSL). Tal comportamento repercutia de forma massiva nas redes sociais e eram capturadas por youtubers que também propagavam sem nenhum critério ou censura essas ideias em seus canais na internet, cujo acesso tornava-se cada vez mais próximo dos jovens. Nossa preocupação, então, era promover um debate sobre respeito, direitos e diversidades numa tentativa de problematizar com as juventudes

os limites da liberdade de expressão quando a dignidade humana é colocada em risco. Ao escolhermos Mahatma Gandhi, estávamos escolhendo um símbolo de luta, de resistência e dizendo não à violência. Para mudar o mundo, precisamos, primeiramente, mudar a nós mesmos.

No início do ano letivo, começamos a dialogar com os alunos a respeito do projeto enquanto proposta metodológica de ensino dos conteúdos de Sociologia. No princípio, tudo parecia normal, expusemos a ideia central do projeto, seus objetivos e sua relevância para a formação humana/educacional dos alunos. Começamos a seguir as etapas do desenvolvimento como de costume, ou seja, com a rotina de leituras, trabalhos em grupo e a conciliação de alguns conflitos no processo como alunos faltosos, pouca participação e/ou contribuição com o grupo.

Contávamos na ocasião com quatro turmas de terceiros anos, o que totalizava, em média, 30 grupos. Temas como homofobia, machismo, identidade de gênero, suicídio, gravidez na adolescência foram problematizados pelos alunos, revelando-nos o pertencimento dessas temáticas com a vida e as experiências dos mesmos. Nossa expectativa estava bastante alta, igualmente o senso de responsabilidade e a preocupação de orientar à todos suprindo suas dificuldades, especialmente a ansiedade e o medo que alguns demonstravam de ter que falar em público ou a insegurança uma vez que alguns resistiam à prática da pesquisa científica.

Em agosto de 2017, chegando para mais uma aula do projeto em uma das turmas para a qual havíamos programado uma roda de conversas sobre o pré-projeto, fui surpreendida pela atitude unânime de resistência dos alunos que se recusavam a apresentar seus trabalhos. Um silêncio constrangedor e desrespeitoso tomou conta da sala de aula. Questionados se tratava-se de um protesto ou algo parecido para a não realização do Projeto, nenhuma resposta foi dada. A situação ficou bastante desconfortável e resolvemos levar o caso à direção e à equipe pedagógica da escola que, foram até a sala na tentativa de orientar os alunos sobre a importância do Projeto. Mesmo assim, os alunos continuaram em silêncio.

Nos retiramos da sala para avaliar a situação e levamos o caso à orientação da coordenação do LENPES. Ainda no mesmo dia, chegou ao nosso conhecimento a informação de que um professor da escola, havia ido ao NRL denunciar o projeto e a mim como “doutrinadora de esquerda” e solicitar a técnica pedagógica da área de Sociologia, uma “Sociologia de Direita”. Vale ressaltar que,

esse professor, dizia-se representar os alunos do Grêmio Estudantil da escola, no caso, autor da queixa.

Mais uma vez nos reunimos, agora também com a presença de mais um professor de Sociologia da escola, e, após avaliar minuciosamente o fato bem como o contexto político sob a ameaça de movimentos como Escola Sem Partido e MBL, resolvemos recuar temendo confrontos eminentes com esses grupos, haja visto que, havia também a preocupação de influência externa na ação dos alunos. Outro fator que influenciou em nossa decisão de recuar com o projeto, foi a informação de que vários alunos haviam recebido a orientação de um professor para que lessem o livro *“Como vencer um debate sem precisar ter razão”*, do filósofo Arthur Schopenhauer<sup>11</sup>, com o intuito de atrapalhar os debates durante as oficinas. Assim, julgamos melhor, deixar que os alunos decidissem se gostariam ou não de realizar o projeto. Em consulta aos participantes, restou-nos apenas uma turma disposta à concluir o projeto.

Como ficaria impossível suprir todas as turmas da escola apenas com as oficinas de um dos terceiros anos durante a Jornada, o LENPES com apoio do PIBID e do Departamento de Ciências Sociais da UEL, organiza uma verdadeira força tarefa reunindo palestrantes eicineiros entre os estudantes, professores e pesquisadores. Contamos também, com a participação de vários alunos egressos que a nosso convite, retornam à escola e contribuíram com a Jornada.

Nas vésperas da Jornada fomos surpreendida por muitos dos grupos que haviam desistido do projeto, me questionando se mesmo depois do ocorrido, poderiam participar do evento. Apesar do pouco tempo restante, conseguimos auxiliar os mesmos no desenvolvimento de suas oficinas e estes acabaram participando da Jornada. Mesmo em meio à tantas adversidades que sofremos neste ano, superamos e realizamos uma das mais incríveis Jornadas graças ao apoio incondicional dos nossos parceiros e dos nossos poucos alunos que se mantiveram unidos, afinal um dos lemas do Projeto “Escola dá Vida” é que “Ninguém larga a mão de ninguém!”

#### 4.1 XI JORNADA DE SOCIOLOGIA NO COLÉGIO ESTADUAL PROF.

---

<sup>11</sup> Obra “38 estratégias para vencer qualquer debate: A arte de ter razão”. Schopenhauer desenvolve em sua *Dialética Erística*, 38 estratégias sobre a arte de vencer um oponente num debate não importando os meios.

## FRANCISCO VILLANUEVA

O ano de 2018 foi um ano atípico e muito conturbado em nível nacional. Ingressei no Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional na Universidade Estadual de Londrina, o que me levou a decisão de não realizar o Projeto com os terceiros anos, pois, necessitava de tempo para dedicar-me ao mestrado, além de ter retomado às aulas na Rede Municipal de Ensino. Assim, decidimos que realizaríamos apenas a Jornada de Sociologia nos dias 11 e 12 de setembro de 2018, com alguns alunos egressos da escola, estudantes e colaboradores do LENPES e PIBID, convidados e alunos de inclusão do Villanueva e do Colégio Souza Naves.

Estávamos vivendo um dos momentos mais caóticos e ameaçadores para a democracia brasileira desde o Golpe de 2017. Assistimos perplexos a escalada dos extremistas conservadores de direita representados na figura mais exdrúxula da política nacional, o então Deputado Federal Jair Bolsonaro (PSL), candidato à Presidência da República. Em março do mesmo ano, a socióloga e vereadora do PSOL, Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes, foram assassinados na região central do Rio de Janeiro. Marielle era, como ela mesma se definia, feminista, negra, mãe.

Ela foi morta 4 dias após denunciar uma ação de violência policial em Acari, uma comunidade na zona norte do Rio de Janeiro. O crime até hoje, não foi solucionado. Marielle foi uma incansável defensora da educação e das juventudes negras da periferia. Segundo sua orientadora Joana Ferraz, “Ela entendia a educação como uma arma contra as desigualdades sociais” Já sua professora de História do Curso Pré Vestibular, “Marielle sempre acreditou que, para se tornar protagonista da própria história, precisava estudar muito. Desde cedo, viu na educação uma instrumento de transformação social”. (BERNARDO, 2018, sem paginação).

Dias depois, no dia sete de abril, o ex-presidente Lula (PT) recebeu ordem de prisão decretada pelo Juiz de Primeira Instância Sérgio Moro. O fato acirrou os ânimos do povo brasileiro que a cada dia se dividia ainda mais. Outro acontecimento marcante, ocorreu em maio de 2018 quando os caminhoneiros decretaram greve geral contra o aumento do preço do óleo diesel. A paralização durou 10 dias e isso refletiu no abastecimento de insumos básicos, como alimentos e remédios, além de

limitar o direito de ir e vir dos cidadãos. Um fato que chamou a atenção, foi que muitos manifestantes e apoiadores, impunham faixas que pediam a volta da Ditadura Militar.

O fato repercutiu em todo país. Na escola, como nas demais, as atividades foram cessadas e o debate tomou conta das aulas de Sociologia onde, propunhamos a problematização acerca do ocorrido com a seguinte questão: O que aprendemos com a greve dos caminhoneiros? Para cada resposta, outras questões surgiam o que possibilitou-nos um amplo trabalho de pesquisa.

O ano era de eleições presidenciais, com embates e campanhas políticas diversas, sendo uma delas, marcada por discursos de ódio, defesa de violências, ataque a grupos populacionais vítimas de desigualdades e preconceitos e etc. E esta acaba se concretizando, quando em outubro de 2018, Jair Bolsonaro é eleito com 55,13% dos votos válidos contra 44,87% de seu oponente Fernando Haddad. Estava “decretado” no Brasil a “Idade das Trevas”. Trevas do conhecimento e das conquistas e garantias institucionais do estado de direito. No Congresso Nacional, não foi diferente. Entre os eleitos, homens e mulheres que se beneficiam da “onda bolsonarista” irão compor a base aliada de Bolsonaro e com ele, aprovar projetos contra o povo, como a Reforma trabalhista, cortes de recursos para as Universidades, Reforma da Previdência, etc.

Durante esses anos, a história do país foi marcada por mobilizações estudantis e sindicais, por repressão policial, perseguição e tentativas de criminalizar partidos de esquerda e movimentos sociais progressistas, segregação da classe trabalhadora e inúmeros atos da direita vestida de verde- amarelo, por dificuldades em articular um movimento amplo de esquerda que possibilitasse uma reação capaz de segurar tantos ataques e pelo fortalecimento de movimentos e partidos conservadores, fundamentalistas e autoritários. Grupos da extrema-direita, com apoio e ajuda de outros partidos liberais, bem como da mídia, das redes sociais, com base em fake news e com discursos que apregoavam um “novo Brasil” – sob o lema de campanha “Brasil acima de tudo; Deus acima de todos” –, permeados de moralismo, fundamentalismo, intolerância e preconceitos, fortaleceram-se a tal ponto a partir de 2015 que lograram eleger, em 2018, o novo Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro (PSL, mandato assumido em 01/01/2019), e uma bancada ainda maior de deputados e senadores comprometidos com interesses privativos e com o recrudescimento da hegemonia capitalista, sob viés neoliberal ortodoxo (TRICHES; LOTTERMANN; CERNY; 2019, p.11-12).

Na Educação e no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos

Humanos, passamos a vivenciar um verdadeiro caos e retrocessos exponenciados nas figuras dos escolhidos para liderarem as pastas. Políticas públicas que foram frutos de conquistas históricas, foram negligenciadas e com elas, a esperança de justiça social, proteção e amparo aos menos favorecidos, igualdade de direitos e uma educação pública, gratuita e de qualidade para todos. É nesse contexto político e socialmente conturbado que ocorrerá a XI Jornada de Sociologia cujo o tema *“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo”* do professor Paulo Freire, uma das maiores e mais importantes referências em Educação. Nossa escolha justifica-se como forma de resistência aos ataques do atual governo federal e de seus asseclas, cujo objeto é desqualificar a metodologia de Paulo Freire e com ela a educação brasileira.

Tanto os estudantes egressos quanto os outros palestrantes e oficinairos debateram temas valiosos diante do contexto do qual estávamos vivendo, por exemplo, relacionados à Ditadura Militar, Movimentos Sociais, Fake-News, Intolerância religiosa, Violência contra a mulher, Preconceitos, Diversidades, Desigualdades, Educação e cidadania, entre outros.

Como já mencionamos os estudantes de inclusão da escola e do Colégio Souza Naves, com o apoio das professoras responsáveis, realizaram uma oficina com a temática sobre “Diferenças e Preconceitos contra população alvo da Educação Especial”. Nela, os estudantes palestrantes desenvolveram dinâmicas com muletas, cadeiras de rodas, venda nos olhos e etc, que demonstravam como é difícil a realidade. Sobre a participação no evento a professora Solange Cagliotti que trabalha a muitos anos na educação especial do colégio Souza Naves ressaltou através de um relato escrito;

Foi uma experiência maravilhosa. Dando oportunidade aos alunos de expor suas necessidades especiais diante da sociedade. Com os relatos orais e a dinâmica dos alunos com deficiência, os demais alunos participantes puderam sentir na pele o quanto é difícil a locomoção de pessoas deficientes quando não há acessibilidade necessária. Dessa forma houve uma reflexão dos participantes e estes se sensibilizaram argumentando que nunca imaginaram que era tão difícil assim a vida de uma pessoa deficiente ingressa na sociedade. (Profª SOLANGE CAGLIOTTI, novembro, 2019).

Ainda sobre a experiência de ter participado de um evento onde os alunos com necessidades especiais foram sujeitos do processo de ensino e aprendizagem,

a professora da sala de Recursos Multifuncional, Débora Ferreira do Colégio Villanueva, nos trás o seguinte depoimento, disponibilizado por escrito;

A experiência de ter participado, juntamente com os meus alunos da Sala Recursos Multifuncional; na jornada de Sociologia 2017 foi incrível; para mim a reafirmação do quanto é satisfatório trabalhar com a educação especial e para os alunos o protagonismo, a troca de experiências em possibilitar para todos repensar no respeito, na valorização das pessoas com necessidades especiais rumo a verdadeira inclusão. (Profª DÉBORA FERREIRA, relato colhido em fevereiro de 2020).

Além de problematizarem e debaterem sobre as discriminações e preconceitos sofridos no dia a dia por conta das diversidades de cada um como é perceptível nos relatos dos professores e estudantes que palestraram, Luiz Gustavo destaca como gostou de ensinar e relata sobre a necessidade de haver mais respeito aos deficientes;

Quando nós entramos, eu me senti confiante e sábio. Na primeira turma, nós falamos que todos os deficientes podem ter várias habilidades e serem profissionais e que todos precisam respeitar uns aos outros. Há esqueci! Meu nome Luiz Gustavo. Eu sou deficiente visual. Eu gostei de ensinar às turmas sobre os deficientes para que possam ter uma melhor visão das deficiências, podendo ter maior respeito a eles. Eu adorei participar dessa jornada de sociologia (Luiz Gustavo, relato colhido no 2º sem/2017).

O relato da tutora Yukari, disponibilizado através de um texto escrito, no 2º semestre de 2017, que acompanhou a aluna Maisa durante todo ano, emociona e reafirma o compromisso de uma educação justa e inclusiva:

O dia da jornada foi muito especial. Eu me emocionei muito com o que os alunos relataram na palestra. A forma de como se sentiam e de como são aceitos na escola. Dificuldade, limitações físicas. Pude perceber também que logo as mudanças entre eles foram acontecendo em especial os alunos daqui do Villanueva, onde trabalho. Pude notar também durante as apresentações as reações dos alunos que estavam presenciando a palestra. Foi muito boa e legal a reação de deles. Foi muito importante, especial e tocante. Espero que esse ano possa ter novamente e todos os alunos possam participar desta oficina e possa ter a oportunidade de vê-los no dia-a-dia sendo melhores, mais felizes, mais aceitos, mais notados e que as diferenças sejam só detalhes. O que realmente importa é cada pessoa, cada coração, cada história de vida, para sermos melhores uns com os outros (Yukari, tutora da aluna Maísa, Relato colhido no 2º sem/2017).

Chamou-nos a atenção, o relato da jovem Camila Gomes quando ela

ênfatiza que durante a Jornada pode se expressar. O que para a maioria dos jovens de sua faixa etária, pode parecer simples ou mesmo corriqueiro, para Camila, através de uma fala trazida por meio de um relato escrito, em 2017, é um ato de visibilidade e de superação do silenciamento imposto pela sociedade dos padrões, quando disse “Bem aquele dia, foi muito bom, foi algo para se expressar. E que as maiorias das dificuldades podem ser superadas”. (Camila Gomes Silva, relato colhido no 2º sem/2017).

Bastante presente na oficina realizada pelos alunos de inclusão, relatos sobre os problemas enfrentados no dia a dia, como carros estacionados em cima das calçadas o que ainda revelam a falta de consciência que demarca espaços em nossa sociedade entre os ditos “normais” e os “não normais”. Vejamos o que nos dizem João Gabriel e Márcio a esse respeito nas falas disponibilizadas através de relatos escritos, em 2017;

No ano de 2018, a turma do DV da professora Solange foi convidada a ir ao Villanueva para uma oficina sociológica. Eu fiquei sentado escutando os depoimentos dos deficientes. Ah! Eu me esqueci, eu me chamo Joao Gabryel e eu tenho 12 anos de idade e tenho alta miopia. Eu gostei muito do depoimento do Márcio porque ele reclamou do vizinho deixar o carro na calçada que ele passa. Eu gostei de ir na jornada de Sociologia (João Gabryel, 2º sem/2017).

Meu nome é Marcio, sou deficiente visual. Eu e a turma da minha sala fomos convidados a participar de uma oficina sociológica. Lá todos nós deficientes tivemos a oportunidade de expor para os alunos “normais”. Falei sobre as dificuldades do meu dia a dia como, por exemplo, uma simples caminhada na calçada pode se tornar um pesadelo, pois a grande maioria não tem respeito com o próximo deixando carros, motos, tijolos obstruindo a passagem nas calçadas. Esses são alguns exemplos dos absurdos que a gente encontra no dia a dia. Foi muito bom poder falar um pouco das dificuldades que a gente passa, valeu! (Márcio, 2º sem/2017).

A aluna Maísa era nossa aluna em 2018 quando cursava o primeiro ano do Ensino Médio. Então tivemos a oportunidade de acompanhá-la do primeiro ao segundo ano e pudemos ver o seu amadurecimento sociológico. Após a Jornada, Maísa foi se tornando cada vez mais participativa e fazia questão de dar sua opinião sobre os temas de nossas aulas. Dava pra perceber seu entusiasmo e o quanto a Sociologia provocava inquietações a respeito da sociedade e dela própria em virtude da sua condição. A experiência da Jornada como palestrante, trouxe pra Maísa um novo lugar na escola e na vida;

Meu nome é Maísa, tenho 19 anos. Eu tenho um problema motor e um pequeno problema de alta miopia e estrabismo. Passei por uma experiência juntamente com a professora Sílvia Motta e a professora Solange Gagliotti e meus amigos do DV. Elaboramos uma sala para relatar sobre inclusão (MAÍSA, sem/2018).

A chegada dos alunos com necessidades especiais à Jornada de Sociologia a tornou mais especial ainda, pois tivemos a oportunidade de refletir e problematizar sobre os nossos preconceitos e nossa forma dura de achar que somos perfeitos. Levou-nos também a construir dentro da escola um “lugar de fala” e dar visibilidade à todas as juventudes.

Para toda escola, acreditamos que essa participação tenha reascendido o debate sobre a inclusão, tema que sabemos, por vezes é bastante polêmico, especialmente entre professores que, sem o devido preparo, pois as licenciaturas ainda não destinam parte do seu currículo à essa modalidade de educação, são postos a atender esses alunos e por vezes não conseguem fazê-lo da melhor forma como gostaríamos. Segundo a professora Dra. Regina Vitaliano e a professora Elizabete Toledo, especialistas em Educação Especial, a escola atualmente se depara com um novo contexto com a chegada dos alunos com necessidades educacionais especiais, assim;

O processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) vem ocorrendo gradativamente em nosso país por meio de políticas públicas, sobretudo a partir da publicação da Lei das Diretrizes e Bases da Educação – LDB de 1996 (BRASIL, 1996) e das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, instituída por meio da Resolução n. 02 de 11 de setembro de 2001, do Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2001). Desse modo, as escolas de ensino comum vêm se deparando com um novo alunado em seu contexto, aqueles que apresentam NEE. Em 2008, outro documento vem reforçar esta proposta, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, que prevê a inclusão de todos os alunos alvos da Educação Especial no ensino regular em classe comum com atendimento educacional especializado no turno inverso (BRASIL, 2008). (TOLEDO; VITALIANO, 2012, p.320).

Como já ressaltamos, a inclusão é um fato real e necessário e para tal, todos, professores, alunos, entidades representativas e comunidade precisamos estar juntos e conscientes. Porém, cabe aos governos de todos os níveis investir, na qualificação dos profissionais que atenderão a esses alunos, oferecendo pessoal qualificado, especializações e formação continuada bem como as condições

estruturais dentro das escolas.

#### 4.2 QUANDO O PROJETO “ESCOLA DÁ VIDA” É APRESENTADO COMO PRODUTO DO PROFSOCIO

Ao longo desses anos de projeto, tivemos como já relatamos, a oportunidade de socializar nossa experiência juntamente com nossos alunos, em vários lugares, dentre eles, em eventos organizados pelo LENPES na Universidade Estadual de Londrina e em várias escolas que também realizavam as Jornadas de Sociologia no formato de oficinas, e/ou palestras. Mas, foi somente em 2019, já cursando o Mestrado Profissional que tivemos a oportunidade de compartilhá-lo agora como produto de nossa dissertação.

No dia 25 de março de 2019, a convite da professora Dra.. Ângela Maria de Sousa Lima, da professora Dra.. Valéria Veríssimo e da professora Dra.. Sueli Guadalupe, do Curso de Ciências Sociais, participei da Aula Inaugural do Programa de Pós- Graduação em Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO), da UNESP – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campos de Marília, como ministrante na Mesa Redonda “Os desafios de ser professor(a) de Sociologia no Brasil atual.”

O objetivo da nossa presença enquanto aluna do Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO), do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), era compartilhar com os colegas de Marília a experiência com o Projeto “Escola dá Vida” e os desafios de ser docente de Sociologia numa escola pública da rede estadual do Paraná atualmente, mostrando como este trabalho que já faz parte do cotidiano da escola foi se configurando como tema do Mestrado Profissional.

Além disso, tínhamos como meta primordial, incentivar a turma, em sua maioria, formada por professores da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, que, como todos nós, estão sentindo o peso das mudanças do atual contexto político no país, mudanças estas que a nosso ver, não representam melhorias para a educação, mas grandes retrocessos.

Então, nós e a professora Angela, tivemos a ideia de montarmos um trio composto por ela (que também é minha orientadora no Mestrado Profissional), falando sobre “Os desafios de ser professor (a) de Sociologia no Brasil atual”,

problematizando a reforma do Ensino Médio bem como o atual contexto político do país e suas implicações para o ensino de Sociologia; eu, que problematizei sociologicamente o Projeto “Escola dá Vida” a partir das Jornadas de Sociologia; e a ex-aluna do colégio Villanueva, Tatiane Brito dos Santos, que falou de sua experiência enquanto ex-aluna da escola onde estudou todo Ensino Fundamental e o Ensino Médio (participando desde então de várias etapas do Projeto), também como estagiária de Ciências Sociais e como aluna atual da Pós-Graduação em Ensino de Sociologia, cujo objeto de pesquisa também está centrado na mesma escola.

Nossa ideia era mostrar as interfaces entre o trabalho de ensino de Sociologia desenvolvido em parceria por essas três pessoas e as circunstâncias que as unem por um elo comum chamado Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, Jornadas de Sociologia, Projeto “Escola dá Vida” e a preocupação com a melhoria da qualidade da formação inicial de professores na Universidade. E foi o que fizemos. Ao final, durante o debate, podemos perceber que trouxemos um novo olhar a respeito das juventudes que desvelam potencialidades e disposições.

Pudemos demonstrar, de forma concreta, o que os grandes teóricos da educação e da Sociologia da Educação têm afirmado, ou seja, que “tão importante quanto o que se ensina, é como se ensina”, lembrando Paulo Freire. E ainda “que o desejo de ensinar e de aprender está intimamente ligado ao sentido que essa relação faz para nossas vidas, de alunos e de professores”; como nos ensinou Bernard Charlot. Ou “que uma pedagogia voltada a emancipação e a autonomia de pensamento, tem que romper radicalmente com modelos tradicionais conservadores que veem no aluno apenas um receptor e não produtor de conhecimentos”; como nos mostram os autores da Pedagogia Histórico Crítica e mais “que antes de serem problema, os jovens podem ser solução” a exemplo do que nos fez pensar as teorias e pesquisas de Juarez Dayrell (2007).

A troca de experiências é sempre muito salutar e revigorante, especialmente no momento em que podemos problematizar as pesquisas que estão em processo de construção. Evidenciamos que problemas existem, mas acima de tudo há inúmeras possibilidades de superação, principalmente quando se faz um trabalho coletivo. Vemos também que a nossa luta é uma luta política e para que tenhamos o direito a uma educação equânime e de qualidade, devemos nos posicionar sempre, pois a omissão não é uma opção, sobretudo,

diante de um contexto político nacional de extrema direita, que tem procurado aprofundar os problemas que as escolas já lutaram tanto por superar Sabemos o quanto foi importante para nós poder trazer a experiência do Projeto “Escola dá Vida” para o Mestrado Profissional. Tivemos a oportunidade de ampliar nossa visão sobre a educação e principalmente sobre o Projeto enquanto metodologia de ensino vendo que este, encontra-se respaldado em vários autores da Sociologia e da Sociologia da Educação bem como em toda legislação educacional. Isso trouxe-nos fôlego, esperança e a certeza de estar contribuindo para uma educação mais justa.

Assim, lamentamos que o mestrado profissional em rede nacional esteja sendo ameaçado de ser suspenso por determinação do governo federal, numa compreensão limítrofe de que destinar recursos à educação e ao ensino superior no Brasil é gasto e não investimento em pessoas.

Por conta disso, em novembro de 2019 estiveram reunidos, na sede nacional da CAPES/Brasília-DF, os coordenadores da rede PROFSOCIO sob a liderança da professora Dra. Ileizi Fiorelli Silva, coordenadora Nacional do Profsocio para debater a importância da continuidade do mestrado profissional que, via-se ameaçado pelo atual contexto político. Na ocasião, debatia-se sobre a importância da manutenção do programa para os cursos de pós-graduação, para formação continuada de professores e para a educação básica. Após inúmeras reuniões e muita luta, ficou estabelecido abertura de novas turmas a partir de agosto de 2020.

#### 4.3 XII JORNADA DE SOCIOLOGIA E PROJETO “ESCOLA DÁ VIDA”/2019 “JUVENTUDE É MAIS QUE UMA PALAVRA”

Começamos o ano letivo de 2019 com muitas incertezas a respeito da educação no Paraná e no Brasil. Novos governos tomam posse a nível federal e estadual deixando claro, pelo menos para nós profissionais da educação, qual seria a linha ideológica de trabalho que pretendem adotar, ou seja, governar para o mercado e não para as pessoas.

Em pouco tempo, começaríamos a assistir há uma avalanche de descalabros que afetariam especialmente a educação pública. Contingenciamento de recursos para a educação ataque as universidades públicas, direitos sendo usurpados dos trabalhadores da educação no Paraná, enfim, sob o espectro de

retrocessos em um contexto de mudanças que objetificam a educação, transformando-a em mercadoria e estatísticas e sob a ameaça “ultra-conservadora” liberal que tem tomado conta dos espaços políticos da sociedade, resistimos em defesa da escola pública, direito de todos e de todas, gratuita e de qualidade. Assim, iniciamos no ano de 2019 a 12ª Jornada de Sociologia, cientes dos obstáculos que iríamos enfrentar.

Primeiramente, gostaríamos de justificar a escolha do tema de 2019. Como o projeto tem como público alvo as juventudes estudantes do ensino médio, procuramos levar através do tema “Juventude é mais que uma palavra” (Mergulis e Urresti) a possibilidade de desconstrução dos muitos estigmas que são associados às juventudes, por exemplo, a ideia de que jovem é tudo igual, sem compromisso ou responsabilidades, alienados, ou seja, alheios aos problemas sociais, ideia essa reproduzida principalmente dentro da escola. Assim, ao destacarmos que a juventude é mais que uma palavra, procuramos demonstrar que se trata de uma categoria social e representa diferentes realidades, experiências e vivências que devem ser valorizadas e mobilizadas no processo de ensino e aprendizagem, não podendo assim ser homogeneizados em suas identidades.

A escolha do tema “Juventude é mais que uma palavra” de autoria dos sociólogos Mergulis e Urresti, surgiu à partir das discussões sobre juventudes nas aulas da professora Dra. Angélica Lyra de Araújo, na disciplina de Teorias das Ciências Sociais II, do Mestrado Profissional, oportunidade que fomos apresentados ao conceito de juventudes, que até então era desconhecido para nós que, ainda estávamos habituados à velhas formas de interpretá-las.

Foram inúmeros debates em torno da temática através da leitura de autores como Pierre Bourdieu, Luis Antônio Groppo, de rodas de conversas com a antropóloga Leila Jeolás e com a professora Dra. Maria Regina Clivati Capelo. Essa experiência ampliou nossa visão sobre o tema, mas, foi à partir da banca de qualificação que por fim decidimos pelo tema da jornada quando tivemos contato com a leitura do texto de Alexandre Pereira Barbosa, membro titular da banca e com o livro “A maior zoeira na Escola: Experiências Juvenis na Periferia de São Paulo (2015).

É na escola pública que a maioria dos jovens brasileiros, oriundos das classes trabalhadoras, buscam as ferramentas necessárias para a superação das desigualdades, depositando na escola seus anseios de uma vida melhor. Em que

pese os muitos condicionantes e problemas que esta escola enfrenta, talvez seja ela a única possibilidade para a grande maioria dos nossos jovens de edificar uma vida autônoma tanto no presente quanto no futuro. Assim, confiamos numa escola justa, livre e diversa que acredite nas juventudes, não como um problema a ser extinguido, mas como parte da solução.

No ano de 2019, tivemos 4 turmas de terceiros anos, o que muito provavelmente nos levaria há uma média de 6 a 9 grupos por sala levando-nos à uma estimativa de 24 à 36 grupos no total o que se concretizou e tornou-se nosso primeiro desafio, ou seja, acompanhar e orientar tantos grupos com tão pouco tempo. Nossa sorte foi podermos contar com a valiosa ajuda da ex- aluna Tatiane Brito dos Santos, hoje mestranda do curso de Pós-Graduação em Sociologia que, de maneira solícita e comprometida com a continuidade e com os resultados do projeto, dispendeu seu tempo e dedicação integrais aos alunos, orientando-os principalmente a respeito das normas científicas para elaboração de trabalhos acadêmicos e acompanhando a construção e a avaliação das oficinas.

Como sempre, apresentamos aos alunos a proposta do projeto que não era de todo desconhecida da maioria haja visto que muitos deles já haviam participado das Jornadas em outros momentos na condição de ouvintes. Nesse momento pormenorizamos cada etapa bem como subsidiamos e fundamentamos a proposta do projeto através dos documentos oficiais, LDB; DCNs; DCEs; OCNs; OCEs e PPP e dos autores em que se fundamenta essa dissertação. Trouxemos também relatos em vídeo de alunos egressos contando como foi a experiência por eles vivida bem como as repercussões sentidas após a saída da escola tanto em suas vidas cotidianas como na vida acadêmica.

Nosso intuito nesse momento era buscar despertar nos alunos o desejo mas também o sentimento de tranquilidade e segurança para a realização do mesmo principalmente em relação ao atual contexto político que vivemos em nosso país, onde a educação, em especial as disciplinas de humanas vem sofrendo constantes ataques de grupos políticos e/ou segmentos mais conservadores da sociedade civil.

Os dias se seguiram e definimos com os alunos que, das duas aulas semanais, uma seria dedicada ao projeto e a outra aos conteúdos curriculares e que conforme cada grupo fosse definindo seus temas, iríamos trazendo para as aulas teóricas sugestões de autores e conceitos que dialogassem com seus projetos. Essa

dinâmica perdurou até meados do mês de junho, quando deu-se início a greve geral dos trabalhadores da educação no Estado do Paraná, o que iria afetar nossa proposta inicial de trabalho.

Após a constituição dos grupos, passaríamos a definição dos temas. Para tal, foi oferecido às turmas amplo espaço para que dialogassem e chegassem à escolha de um tema que fosse do interesse de todos. Chamou-nos a atenção que, 12 anos após a primeira jornada, muitos temas ainda são recorrentes entre as juventudes, como padrão de beleza; discriminação racial; suicídio e depressão; mídia; sexualidade e desigualdade de gênero, este último que mereceu grande destaque entre os temas escolhidos, pois dos 35 grupos, 12 tratavam de questões relacionadas as desigualdades entre homens e mulheres sejam na política, no trabalho, no ambiente doméstico, na luta por igualdade de direitos através do feminismo e especialmente sobre a violência doméstica e o feminicídio.

Essa explosão de temas relacionados à condição das mulheres deixa claro e evidente o quanto o projeto está em sintonia com a realidade do nosso país que exhibi diariamente altos índices de violências contra as mulheres, muitas vezes banalizados pela mídia e naturalizado nos diferentes âmbitos da vida social. Vejamos o que relatou o aluno Moisés do segundo ano do Ensino Médio, quando, ao participar das oficinas da Jornada que abordavam a temática do machismo. Sua fala foi disponibilizada no ano de 2019, através de relato escrito;

Muito bem a jornada de Sociologia na escola foi algo muito importante para cada um de nós, sei que muitos se viram com algumas situações e refletiram bastante com as apresentações feitas pelos alunos. Eu particularmente gostei muito desse projeto. Foi algo que me deu muito mais conhecimento, Aprendi coisas novas que eu nunca ouvi dizer, palavras novas e etc... o trabalho que mais me chamou a atenção foi o machismo com as mulheres é algo que acontece muito no nosso dia a dia ou até dentro das nossas casas e vários alunos, vários grupos escolheram esse tema pelo fato que está muito ocorrente hoje em dia e teve um grupo que fizeram até teatro e eu achei muito bacana, ficou muito excelente aquele teatro e com aquelas ideias, o que eles falaram fez muito eu me refletir sobre esse assunto. Teve outro grupo que também falou sobre o machismo e para ver isso tá muito fácil porque até mesmo nas músicas tem muito machismo e eles nos mostraram várias músicas relacionado à esse tema e eu me senti com uma visão mais ampliadora do tema do que eu imaginava e isso serve de conhecimento para todos, espero que cada homem possa levar esse conhecimento para a vida toda e que isso se repasse para mais homens para com que possamos acabar com o machismo na sociedade!!! (Moisés Mateus Bordim – 2º A, relato colhido em 2º sem/2019).

O relato supracitado enche-nos de emoção e comprova mais uma vez como a Sociologia pode levar o aluno ao despertar da “imaginação sociológica”, fazendo conexões com a realidade vivida e compreendendo que um fenômeno social não é natural, pois quando Moisés (relato colhido em 2º sem/2019) diz “**que possamos acabar com o machismo na sociedade**”, ele está ciente de que se trata de um problema histórico e que foi construído socialmente. Sendo assim, não é natural nem inerente à sociedade, logo é passível de transformação.

Os autores mobilizados pela maioria dos grupos sobre a temática do feminino foram Simone de Beauvoir e a obra O segundo sexo (1949), Pierre Bourdieu e A Dominação Masculina (1998), A Origem da Família, da propriedade e do Estado (1884) de Friedrich Engels, a filósofa e feminista Angela Davis e a antropóloga Margaret Mead desnaturalizando os padrões de masculinidade e feminilidade. Outro tema que embora recorrente nesses anos de projeto, destacou-se em 4 grupos foi a depressão e o suicídio, reconhecido pelos alunos como “mal do século” que atinge grande parcela da população mundial, sendo que jovens e crianças também fazem parte dessas estatísticas o que traz um novo olhar sobre o fenômeno.

Essa temática levou os alunos a problematizarem principalmente as causas exteriores ao indivíduo, como o tipo de sociedade que vivemos e como

somos afetados por ela a ponto de adoeceremos psicologicamente e fisicamente levando a consequências extremas como o suicídio. As grandes referências citadas pelos alunos foram o clássico Émile Durkheim e sua obra *O Suicídio* (1897) e Zygmunt Bauman com *Modernidade Líquida* (2001).

Ao destacarmos a importância da escola estar em sintonia com a realidade dos estudantes para um melhor e mais significativo aprendizado, referendamos a metodologia do projeto que parte das experiências de vida expressas nos muitos temas que, ao longo dos anos se fazem presentes durante as Jornadas de Sociologia. Temas que por vezes se justificam pela dolorosa experiência de nossos estudantes, quer seja em situações de preconceito que sofreram ou sofrem, quer seja em situações de violência hora como espectadores, hora como vítimas. Compreender as causas desses fenômenos sob a perspectiva sociológica, é, ao mesmo tempo alento e empoderamento diante da realidade.

Ao longo de sua existência, o Projeto “Escola dá Vida”, passou por inúmeras mudanças, dentre elas, a introdução de GTs (grupos de trabalho) no corrente ano em substituição ao Fórum de Debates que ocorria ao término da Jornada. Como já mencionamos acima, em 2019 tivemos 35 oficinas e em razão deste número elevado, optamos por trabalhar com os GTs, numa tentativa de aprofundar o debate e os estudos das temáticas além de dar mais espaço para cada integrante dos grupos. Assim, em parceria com o LENPES e com o PIBID de Ciências Sociais da UEL, otimizamos no último dia da Jornada 7 GTs com 5 grupos distribuídos em cada um deles. As expectativas dos nossos estudantes foram muito altas. Ansiedade e medo de não conseguirem responder aos questionamentos dos debatedores foram as principais preocupações desse novo desafio a ser enfrentado pelos alunos. Entretanto, a alegria e a satisfação da superação foram muito maiores ao final dos GTs.

#### 4.4 APRESENTAÇÃO DOS PRÉ-PROJETOS DOS ESTUDANTES NA ESCOLA: JUNHO DE 2019

Era sábado, 29 de junho de 2019, 8 horas da manhã. Estamos vivenciando dias tensos de greve geral no Estado do Paraná. Em pauta, a luta contra a ameaça do atual governo que entre outros, fere o direito à reposição salarial do funcionalismo público bastante defasada e negligenciada por governos

anteriores. O clima na escola entre professores, funcionários e alunos, não é um dos melhores, sem contar com o pouco apoio recebido da comunidade que não sente empatia por nossa causa.

De um lado, aqueles (as) poucos que aderiam prontamente à greve e do outro aqueles que por diferentes razões não estão participando do movimento. Incertezas, aflições, escola dividida. Em questão, a consciência de classe;

Quando estudamos o movimento sindical docente no Brasil, percebemos que nos últimos anos ele vem sofrendo aparentemente um refluxo, isto é, um enfraquecimento de suas mobilizações reivindicativas e ações diretas de massa. Refluxo este demonstrado, salvo algumas exceções, na falta de participação da maioria dos docentes, tanto nas lutas econômicas diretas, quanto em ações políticas de interesse social. Como foi apontada em levantamento das pesquisas que tratam sobre o tema, a consciência dos trabalhadores em educação foi colocado em xeque por muitos estudos realizados nos últimos anos. Muitos identificaram que o enfraquecimento do sindicalismo docente ocorreu pela falta da consciência de classe dos professores, e que a sua formação não foi efetivada num período anterior [...] Os professores são trabalhadores que tem, em princípio, uma carga teórica e cultural maior que a maioria dos trabalhadores em geral. No entanto, isso não significa que os mesmos têm a consciência da necessidade de organização e luta coletiva por seus interesses, muito menos o papel econômico e político dentro do sistema (HIRO; SOUZA, 2012, p. 3879).

Entre os alunos dos terceiros anos, embora apoiando os professores na luta pelos seus direitos, existe o receio e o medo de perder o ano letivo ou serem prejudicados tanto no vestibular quanto no Enem.

O projeto “Escola dá Vida” encontra-se na fase de conclusão do pré-projeto onde os alunos devem apresentar o tema, a justificativa, o problema, o referencial teórico até então mobilizado e as referências bibliográficas. Para muitos, parece pouco, mas para os alunos, chegar até aqui não foi nada fácil, pois como trata-se de uma metodologia onde eles passam a ser os principais sujeitos da aprendizagem, isso corresponde a quebrar velhos paradigmas de uma educação conteudista e “bancária” além de superar os obstáculos do trabalho em grupo.

Nesta manhã de inverno, convidamos os alunos para uma atividade extracurricular na escola, sem atribuição de notas nem obrigatoriedade de participação onde cada grupo faria a apresentação dos seus pré-projetos para convidados super especiais, a professora Dra. Angela Maria de Sousa Lima coordenadora do LENPES, seu orientando de mestrado Luciano Verdicchio,

professor de Sociologia da rede privada da cidade de Londrina, Tatiane Brito dos Santos ex-aluna do colégio Villanueva que atualmente ajuda a coordenar e a organizar a Jornada de Sociologia na escola e dos acadêmicos do 4º ano do curso de Ciências Sociais da UEL Anely e Eliseu.

A atividade ocorreu nas dependências do refeitório e a direção da escola nos recebeu com um saboroso café da manhã o que contribuiu para um ambiente hospitaleiro e aconchegante. Para nossa surpresa e alegria, tivemos a presença de 32 alunos (as) representando os 35 grupos que nos agradeceram com uma emocionante apresentação dos seus trabalhos. Muitos não puderam participar em virtude de trabalharem aos sábados. Superando a timidez, a insegurança de falar em público e o estigma da incapacidade para realizar trabalhos de qualidade, as juventudes mostraram de forma bastante concisa os primeiros resultados do projeto como veremos a seguir.

#### 4.5 RELATOS DOS PRÉ-PROJETOS: EXPERIÊNCIAS QUE DESPERTARAM DISPOSIÇÕES PARA APRENDER

Iniciamos os trabalhos com as apresentações dos grupos presentes que foram realizadas através de comunicação oral dialogada e o recurso didático utilizado foram os slides. Cada grupo teve em média de 3 a 5 minutos para sua apresentação, porém esse tempo foi por muitos extrapolado. Após as apresentações, abrimos a roda de conversas onde os convidados teceram suas considerações acerca de cada trabalho e puderam contribuir orientando e sugerindo autores e conceitos para fundamentação dos projetos. Em seguida, os alunos foram convidados a darem sua contribuição por meio dos relatos escritos da experiência vivida até o momento com o projeto, em especial com esta atividade, destacando a importância que o mesmo teve para sua formação acadêmica e pessoal.

Sugerimos que os relatos fossem assinados com pseudônimos para dar aos alunos mais liberdade de se exporem e de fazerem críticas sem receio de serem censurados. Os relatos que se seguem, revelam-nos disposições que foram mobilizadas e representam pra nós uma experiência bastante gratificante, pois ao acompanharmos a caminhada de cada aluno, pudemos observar avanços bastante significativos não só quanto ao domínio de conceitos sociológicos e sua aplicação para explicar a vida social, mas também um momento de superação, que

representou para os nossos alunos muito mais que uma atividade escolar como poderemos ver a seguir através dos relatos coletados durante o evento.

Surpreendeu-nos de forma muito positiva, ver na fala dos estudantes a confirmação do pensamento de Mills (1974) sobre a imaginação sociológica representada pela nova leitura que os alunos passaram a ter sobre os fenômenos sociais, em especial, daqueles que estão próximos do seu cotidiano. Também chamou-nos a atenção ver ali naquele momento, concretizadas as finalidades expostas nas OCNs (BRASIL, 2006) de Sociologia quanto ao processo de desnaturalização e estranhamento da realidade, desmistificando e problematizando sociologicamente a realidade social. Sabíamos então que parte dos objetivos do projeto haviam sido alcançados.

Neste primeiro bloco, destacamos através dos relatos, as disposições que foram mobilizadas como nos diz Charlot (2014) e que através do projeto se personificam no desejo de aprender, na descoberta, na experiência única e pela curiosidade tão latente quando estamos conhecendo o mundo na infância e que as vezes nos é castrada pela própria escola.

Bom ao meu ver a jornada me ajudou a amadurecer abrir a mente aprender algo desconhecido. Trouxe a sensação da pré- escola onde você descobre algo novo a cada dia, não só aprendo com o meu tema, mas também com os meus colegas o que eles estudaram tanto para ensinar a jornada é maravilhosamente interessante. (Lucifer, Relato colhido no dia 29 de junho/2019).

Esse trabalho foi bom para adquirir experiência para falar com o público, tanto para controlar o nervosismo, tanto para com a dispostividade para apresentar, na forma de apresentar. Fora que ter a consulta de mais profissionais enriquece muito. (Thiago 3º D, Relato colhido no dia 29 de junho /2019).

Esse trabalho tem sido muito importante para nós, pois aprendemos muito sobre os sociólogos e até mesmo filósofos. A nossa maior dificuldade foi a questão de fazer o trabalho nas normas da ABNT e principalmente colocar as referências. Neste trabalho estamos aprendendo uns com os outros nas conversas em sala e principalmente no encontro que tivemos hoje na escola com todos os outros alunos e trabalhos. (Suzi, Relato colhido no dia 29 de junho 2019).

Foi uma experiência de quase infarto, senti as batidas do meu coração, porém foi uma experiência, única e maravilhosa. (Gustavo, Relato colhido no dia 29 de junho /2019).

O trabalho, além disso, ajuda alunos que pretendem cursar alguma licenciatura, à criar certa desenvoltura à frente da sala de aula. O projeto é, de fato, denso, entretanto vale à pena a passo que, além do que já foi dito, a experiência de ensinar à outras pessoas o que você há pouco tempo também aprendeu, é gratificante, prazerosa. E, por amar tanto esse trabalho, acredito que seria muito interessante que ele se estendesse e fosse por nós mesmos apresentado em outros colégios aqui da cidade. (Ernesto, Relato colhido no dia 29 de junho 2019).

Essa jornada tem sido muito importante para mim, sendo esse o melhor de todos os trabalhos, tem me trazido grande experiência (nova) e importante. Foi um dia incrível e de grande aprendizado. (Garibaldinha, Relato colhido no dia 29 de junho 2019).

Na minha opinião eu achei legal adquirimos vários novos conhecimentos, conhecemos mais um pouco de nossos colegas de sala o que eles acham os tipos de temas que interessam às eles, as diversas opiniões de cada um me surpreendi muito com os meus colegas porque muito deles são bem quietos na sala e com um projeto desse eles se abriram mais para conhecer mais sobre eles foram temas bem adversos isso foi bom. Eu acho que isso não deveria para alguém que se interesse igual ela deveria levar o projeto adiante para que os próximos alunos vejam o mesmo. (Makk, Relato colhido no dia 29 de junho 2019).

Essa forma de projeto está sendo boa, porque está nos desenvolvendo em meio de apresentações, despositividade. Mesmo algumas partes meio complicadas é interessante, pois nos ajuda a aprender e entender melhor diversas coisas. E essa nossa apresentação para pessoas mais experientes, nos ajuda muito, não só por ter opiniões de fora, mas é como um incentivo para melhorar algumas coisas, e acrescentar melhores coisas no trabalho. (Bruna Castilho 3°C, Relato colhido no dia 29 de junho 2019).

Neste bloco de relatos vemos de maneira bem evidente a concretude da “imaginação sociológica” de Mills (1975). Isso se destaca quando os relatos nos dizem que o projeto “abre suas mentes” levando-os à novas perspectivas sobre a realidade. Essa nova leitura de mundo, permite que os alunos através da desnaturalização, desenvolvam a atitude científica e o pensamento crítico. Termos como “expandindo ideias”, “sair da caixinha do senso comum”, “ouvir outras opiniões” são importantes indicadores de que pensar sociologicamente passa inevitavelmente pelo desenvolvimento da imaginação sociológica.

O projeto de Sociologia da professora Silvia é um trabalho que pode ser muito importante para os alunos que querem seguir sua carreira na área de Sociologia, Ciências Sociais etc..., mas não precisa ser importante só para aqueles alunos que querem seguir essa carreira, mas para abrir as mentes dos outros alunos sobre os assuntos que foram feitos por outros alunos. Para mim, esse trabalho vai abrir minha mente, ter mais sabedoria etc. (Felps, Relato colhido no dia 29 de junho/ 2019). Eu adorei esta manhã que nós tivemos e gostei bastante das apresentações, principalmente as que envolvem mulheres. Esse trabalho foi bem importante para abrir as mentes das pessoas e aprendemos.( Alice, Relato colhido no dia 29 de junho de 2019).

A roda de conversas serviu para a apresentação de novas ideias para se seguir no projeto. Outras visões que abrangem nosso tema e pode levar o projeto para outra parte, expandindo as ideias propostas.(Luciana, Relato colhido no dia 29 de junho de 2019).

A experiência que eu tive na jornada não só hoje (29/06/2019), mas desde o começo da jornada foi algo que me pegou de surpresa de certa forma pois, eu esperava uma coisa e aconteceu outra totalmente diferente algo que me fez sair da “caixinha” do senso comum. Esse trabalho que de certa forma está ajudando a professora, já que a mesma está fazendo um livro sobre o mesmos, mas na verdade quem me ajudou foi ela, me ajudou a confiar mais em mim, nos deu liberdade de sermos nós mesmos nas apresentações, claro, sempre nos acompanhando. Gostaria de agradecer a profª pela oportunidade de realizar essa jornada é isso. (Rita, Relato colhido no dia 29 de junho de 2019).

Foi uma ótima experiência, graças a professora Silvia Motta tivemos a chance não só de nos expressar mas também de ouvir outras opiniões que ajudará com certeza na nossa evolução. Obrigada! (Thayla, Relato colhido no 29 de junho de 2019).

Outra importante metodologia que o Projeto “Escola dá Vida” desenvolve através da comunicação oral em rodas de conversas, consiste no acesso que os alunos podem ter à diferentes temas da Sociologia. Como já dissemos anteriormente, cada grupo, além do próprio tema estudado, tem a oportunidade de compartilhar e problematizar outros tantos, bem como autores e conceitos.

A troca de ideias através das rodas de conversas, faz com que os alunos ampliem de forma significativa seu repertório sociológico. Temas que estão presentes no cotidiano dos alunos e que nem sempre são abordados em profundidade pelo currículo escolar, ganham visibilidade e relevância tanto para a vida pessoal dos alunos quanto para sua formação acadêmica.

Esse trabalho foi importante para nosso aprendizado e para refletir sobre o assunto de cada grupo. As opiniões dos ouvintes foram importante para aprofundar muito mais nosso trabalho. Letícia, Relato colhido no dia 29 de junho /2019).

Foi bem importante pra mim, pois foi bem reflexivo com os temas. Me identifiquei em alguns e outros foram só reflexões mesmo. Alguns autores também achei interessante para por em meu trabalho e também outros que já estavam em meu trabalho, porém com uma visão diferente. Foi bem interessante essa experiência, pois observei as opiniões, as formações de opiniões. Alguns títulos bem tabus que devem ser mais mencionados e debatidos. Sobre a autoestima que isso acontece muito, que ninguém mesmo pode ter 100%, pois é um ego muito grande para uma pessoa só. Temas semelhantes com o nosso, feminismo, foi bem reflexivo para debater com o nosso e assimilar as ideias e também com o machismo que as ideias que eles apresentaram é bem frequente e infelizmente, é o que acontece no nosso dia a dia e compreender o que fazem serem assim. (Pietra, Relato colhido no dia 29 de junho /2019).

Foi uma experiência de infartar. Porém trouxe bons aprendizados, sobre diversos temas. (João Pedro Rosa, Relato colhido no dia 29 de junho /2019).

Foi muito bom pois assim tivemos oportunidade de conhecer os outros temas e assuntos e isso é muito importante pois tivemos ideias sobre esses assuntos e conhecemos um pouco mais sobre cada um deles. As apresentações foram muito boas, vários temas variados e muito bem escritos e apresentados. (Betina, Relato colhido no dia 29 de junho /2019).

A prática da pesquisa foi uma das maiores dificuldades atestadas pelos alunos durante a execução do projeto, requerendo dos mesmos, muita leitura e investigação o que via de regra, não tem sido uma prática comum dentro da escola. Assim, o descolamento de uma atitude passiva diante da aprendizagem para uma atitude ativa, foi, em muitos casos, algo que causou muito desconforto e alguns conflitos. Por fim, os resultados da pesquisa sociológica se colocam em direntes cenários contribuindo para ampliar as posições que as juventudes vão adotar diante de suas experiências dentro e fora da escola.

Eu vejo o trabalho jornada de sociologia algo muito humano, poder trazer aos alunos temas problemáticos e que muitas vezes não são introduzidos aos estudantes é incrível. Como participante do projeto, porém, há muitas dificuldades com o grupo em si e principalmente há uma falta de tempo para pesquisa já que no 3º ano a maioria trabalha. Porém trazer essa experiência aos alunos é muito prazeroso e gratificante. (Ísis, Relato colhido no dia 29 de junho 2019).

A jornada de Sociologia foi importante para mim para dar uma prévia de como será os trabalhos de faculdade na área de humanas, que é a área que pretendo seguir. Essa também foi minha maior dificuldade, as pesquisas mais aprofundadas que eu de fato nunca tinha feito no ensino médio. Esse trabalho também foi importante pra mostrar que mesmo no nosso cenário político atual, as ciências humanas ainda tem seu espaço. (Crybaby, Relato colhido no dia 29 de junho 2019).

Esse trabalho foi importante para se colocar no lugar do próximo e ver a realidade ao nosso redor, pensando bem muitas pesquisas podemos ver de perto, (abuso, depressão, suicídio, machismo) a continuação desse projeto seria muito bom para ajudar e abrir os olhos de outras pessoas. (Carol, Relato colhido no dia 29 de junho 2019).

Sobre o projeto, estou achando bem trabalhoso, pelas pesquisas muita responsabilidade. É uma boa experiência estudar sobre coisas tão polêmicas, coisas que imaginamos que tem haver. Saber e entender sobre outros temas tão presentes, quebrar tabus. Importante passar os nossos conheci. Porém tavamentos aos alunos, para que algum dia quem sabe conseguir resolver esses problemas da sociedade. Conscientizar não só os alunos, mas todos no geral, para que eles parem de ter pensamentos limitados, para que possam ver outros lados. (Zanotto, Relato colhido no dia 29 de junho 2019).

A jornada de sociologia desenvolvida pela professora Silvia Motta desenvolve no aluno métodos para que ele, através das próprias pesquisas, chegue à hipótese sobre problemas com os quais ele lida – ou lidou, vê outras pessoas tendo de lidar – em sua própria vida. (Ernesto, Relato colhido no dia 29 de junho 2019).

A jornada de sociologia está sendo uma experiência incrível, o projeto ajuda o aluno a evoluir em questão de pesquisa e embasamento para falar com propriedade sobre determinados assuntos. (Olivia, Relato colhido no dia 29 de junho 2019).

Na minha humilde opinião é preciso mesmo trabalhar a experiência te ensino a tentar de novo. Hoje não foi diferente, esse trabalho não foi diferente. Ele vem pra nos ensinar com a experiência a desenvolver um olhar científico, como fazer uma pesquisa científica, um olhar crítico do que já sabemos ou pensamos saber. (Miguel, Relato colhido no dia 29 de junho 2019).

O último bloco de relatos destaca como a experiência do projeto está intimamente relacionada às experiências de vida das juventudes. Também nesse bloco, mostraremos como experienciar diferentes metodologias como trabalhar em equipe, comunicação oral, produção de artigo científico, produção de material didático, pesquisa e ensino, são experiências que todos levarão para o resto de suas vidas porque as vivenciaram no processo de ensino e aprendizagem, como destacou

o aluno “Karl Marx” em seu depoimento;

Para mim foi uma experiência importante tanto para meu trabalho e também na minha vida pessoal com essas apresentações dos grupos alguns mais do que outros como: grafite e arte em geral e a depressão por estarem mais presente em nossa vida adolescência. (Karl Marx, Relato colhido em 29 de junho de 2019).

Mais uma vez, evidencia-se um dos objetivos desta dissertação, que consiste em analisar através dos relatos, como a experiência no projeto poderá ser significativamente relevante para a vida dos alunos. No relato do aluno que utilizou o pseudônimo de “Karl Marx”, podemos atestar a abrangência e o significado que o projeto teve para ele por tratar de temas que fazem parte do seu cotidiano. Outra contribuição destacada pelos alunos diz respeito ao quanto que o Projeto poderá contribuir para o futuro numa universidade. É essa segurança e esse sentimento de que “podemos mais”, que faz desse projeto uma experiência de superação e empoderamento.

Foi algo diferente, uma experiência incrível e única que, com certeza, levarei para toda vida. Apesar do nervosismo, pude ver que os trabalhos conversam um com o outro, uma troca de ideias simples e ao mesmo tempo complexo. (Tiffany Gabriella, Relato colhido no dia 29 de junho /2019).

Tenho certeza que isso me ajudará em muitas etapas da vida acadêmica, obrigada Professora Silvia Motta, por ser criadora da jornada de Sociologia, esse projeto que com certeza deve continuar. (ANONIMO, Relato colhido no dia 29 de junho/2019).

O que representou hoje? Para mim uma experiência incrível, aprendi coisas que no qual eu estava com dúvidas, e os tema muitos bons, isso é o que eu vou levar para vida esse trabalho que no qual adiqueri muito conhecimento. Eu só tenho a agradecer a professor Silva Motta por nos da essa oportunidade. (Gabe Gabe, Relato colhido no dia 29 de junho 2019).

Foi incrível, o dia de hoje, não esperava que poderia ser tão bom me surpreendeu muito. Aprendi coisas incríveis e sei que até o final deste trabalho eu tenho certeza da grande bagagem que levarei comigo. Agradeço a todo apoio dos professores e amigos até aqui. A cada dia que passa, mais amo a sociologia e ela se faz muito presente no meu dia a dia. (Thea Queen, Relato colhido no dia 29 de junho/2019).

Achei muito interessante esta manhã, conhecer a maioria dos grupos de todas as salas, me senti muito orgulhosa dos alunos, do nosso terceiro e mais ainda com o conhecimento que a professora Silvia nos passa. Com certeza a jornada vai ser muito importante para nossa vida acadêmica e pessoal também. A ajuda que os convidados sociólogos nos passaram, sem dúvidas vai ajudar muito durante o trabalho. Esse momento, vai nos ajudar muito a se preparar, a

enfrentar como vai ser duro os trabalhos na universidade.(Betina, Relato colhido no dia 29 de junho/2019).

Produzir o projeto está sendo complicado devido ao meu tema escolhido – que é muito denso – entretanto, apresentar o pré- projeto me passou um certo conforto para continuar com isso. Acredito que a Jornada de Sociologia está contribuindo para minha formação acadêmica, pois quero ser professora. (Magali, Relato colhido no dia 29 de junho/2019).

Agradeço a professora Silvia por proporcionar aos alunos a fazerem esse tipo de trabalho que é muito importante. Sabemos que a jornada vai ser muito importante para nós, vai ser uma experiência diferente. Esse tipo de trabalho vai nos preparar para um trabalho de faculdade onde requer mais atenção e um preparo mais elaborado. (Betina, Relato colhido no dia 29 de junho/2019).

Claro que há uma carga estressante e extremamente precisa. Pra resumir é a experiência precisa para a vida!!! (Miguel, Relato colhido no dia 29 de junho/2019).

Os relatos abaixo foram feitos pelos alunos estagiários do quarto ano de Ciências Sociais que estiveram presentes na apresentação dos Pré-Projetos. Enchemos de alegria, encontrar reconhecimento ao nosso trabalho no conteúdo de seus depoimentos. Assim, é preciso mais uma vez, ressaltar a importância da parceria entre o Projeto “Escola dá Vida”, as Jornadas de Sociologia e o LENPES, pois nessa via de mão dupla, encontramos apoio para enfrentar os desafios ajudando-nos mutuamente bem como compartilhando juntos as nossas conquistas, que se concretizam no chão da escola.

Outro fator a ser considerado se deve à formação continuada de docentes também promovida por essas parcerias, o que nos garante estar constantemente repensando nossa prática docente. O vínculo entre escola e universidade é sem dúvida, algo essencial quando se pensa em uma educação de qualidade. Vejamos o parecer de Lima, Ângela; Araújo, Angélica e Lima, Alexandre (2013, p. 345):

É neste cenário de parcerias entre as licenciaturas e as escolas, que visualizamos uma longa jornada pela frente. Ela tem sido permeada por muitas conquistas, mas, ao iniciá-la e nos comprometermos a repensá-la cotidianamente, podemos ver o quanto ainda necessitamos avançar se queremos a formação de professores mais comprometidos social e culturalmente com a melhoria da educação pública. Em síntese, as Semanas de Sociologia/Jornadas de Humanidades nas escolas da rede pública, tem buscado promover atividades de pesquisa/ensino/extensão, integrar a formação inicial e continuada de professores e valorizar os saberes/fazeres docentes, na busca permanente por significativas formas de ensinar e aprender Sociologia.

Isso nos dá a confiança e a força em reciprocidade, necessárias para continuarmos lutando por uma escola justa, ainda mais no atual contexto político de ataques e perseguições que estamos vivendo. A presença dos estagiários e suas valiosas contribuições aos nossos alunos, nessa etapa do projeto, foram de suma importância para os mesmos, trazendo novos ares e oxigenando as ideias.

A partir desse encontro, pode-se ver ainda há esperança na educação, esperança em bons profissionais, dentro do nosso contexto político tão conturbado e ditatorial. Uma luz na escuridão que estamos vivendo, onde corremos risco, a democracia, a liberdade corre risco. Trabalhos de extrema contribuição para sociedade. (P.V.S. Relato colhido no dia 29/junho 2019).

A experiência da jornada de sociologia foi bastante significativa para o meu processo de formação, a medida que me permitiu experimentar um projeto de integração, envolvimento entre professor, aluno e os demais envolvidos. Vi o papel do professor sociólogo sendo executado a partir de uma educação emancipatória, os alunos desenvolvendo projetos e expondo de maneira bastante significativa e clara a associação do pensamento crítico com a realidade científica que vai de acordo com propostas de uma pedagogia histórico crítica. (Bruna Velozo, Relato colhido no dia 29/junho 2019).

O projeto de Sociologia é uma oportunidade incrível de aprendizagem. A professora Silvia desenvolve um ótimo trabalho incedindo a curiosidade dos alunos pelos autores, culminando no interesse geral pela Sociologia e à ciência crítica. Eu, pessoalmente, me interessei muito pelo desenvolvimento da pesquisa, pois, a mesma enriquece nossos conhecimentos acerca de temas de relevância no contexto contemporâneo, criando meios e incentivos ao ingresso à vida acadêmica. (Lucas, Relato colhido no dia 29/junho 2019).

Esses relatos colhidos de forma espontânea, representam força e alimento para resistirmos ao atual contexto tão acirrado entre educação crítica e o atual governo federal que, não mede esforços para investir contra os professores e contra a ciência, numa constante campanha de desvalorização e desqualificação do saber científico e dos saberes das juventudes.

#### 4.6 JULHO DE 2019 – “NÃO QUEREMOS FAZER O PROJETO”

Muitas são as dificuldades para se realizar um projeto educacional dessa natureza, dentre elas como já ressaltamos anteriormente, o fato de que os alunos precisam se despojar de metodologias tradicionais, lançar mão da pesquisa como

princípio base do trabalho, conviver e administrar as atividades em grupo aprendendo a conciliar diferentes opiniões e personalidades e, em muitos casos, enfrentar o medo intenso de ter que se expressar oralmente. Esse entendimento não acontece da mesma forma para todos e no mesmo momento. Podemos observar algumas dessas dificuldades nas falas dos alunos Alan e Ana Flavia, em depoimentos escritos, colhidos em 2019;

[...] no começo de tudo eu não estava gostando pois é muita coisa teórica, muita dificuldade de entender e muitas pesquisas [...] levaram a gincana para o pessoal sem querer e alguns alunos não respeitou e ficou conversando, mas vimos que tiveram muito mais pontos positivos do que negativos (Ana Flavia Moreira da Silva, Relato colhido em novembro de 2019).

Essa jornada no começo gerou um certo medo no início, com a busca por autores sobre o tema, a montagem das apresentações e tudo mais. Quando chegou o dia estava nervoso, com medo de errar na apresentação (Alan Matozo, Relato colhido em novembro de 2019).

Assim, durante a elaboração do Projeto, nos deparamos com várias situações de conflito entre os integrantes dos grupos, que fomos procurando através do exercício do diálogo, ir solucionando. Mas, mesmo assim ainda não parecia ser o suficiente para alguns alunos. E novamente, tivemos que enfrentar uma tentativa de “boicote” ao projeto por parte de alguns alunos. Era 23 de julho, 23h11min. Acabamos de receber uma mensagem de uma aluna do terceiro ano via *whatsapp* informando que alguns alunos estavam se mobilizando fazendo votação para não realizarem o projeto.

O argumento destes alunos seria as muitas exigências do trabalho, o tempo longo para realização e o receio de não estarem se preparando para o vestibular. Qual não foi nossa surpresa quando vimos que entre esses alunos, haviam alguns que também participaram da atividade do dia 29/06/19 e que na ocasião demonstraram total disposição para realizar o Projeto em seus relatos, inclusive ressaltando o quanto este era importante tanto para sua vida pessoal quanto para sua formação acadêmica.

Num primeiro momento sentimos muita indignação e supondo que poderia ser uma ação orquestrada por algum professor da escola contrário ao projeto como já ocorreu no passado. Levamos o caso à direção e equipe pedagógica que foram extremamente solícitas na resolução da situação. Em resposta, preparamos um

material bastante condensado contendo todos os documentos oficiais que amparam o projeto enquanto prática pedagógica. Na semana seguinte, levamos aos alunos no intuito de esclarecê-los e dar total segurança sobre nossa prática. A situação criou um clima deveras tenso, porém aparentemente estava resolvido.

Após a “poeira ter baixado”, podemos avaliar a situação com mais clareza sem contudo ter descartada a participação de alguém de dentro da própria escola tentando desqualificar o projeto, pois em outras ocasiões vivenciamos situações similares. Entretanto, supomos também que a ação desses alunos pode ser explicada por diferentes fatores, tais como a dificuldade do trabalho em grupo que sobrecarrega alguns em detrimento de outros, a insegurança de terem que se expor e falar em público para diferentes turmas, mas essencialmente a dificuldade de romper com o modelo conteudista tradicional de ensino onde eles, os alunos são meros expectadores e não sujeitos do processo ensino aprendizagem.

Passados alguns dias, novamente fomos acometidos por mais uma tentativa de destruição do projeto que qualificamos de “golpe desleal e covarde” por se tratar de uma denúncia anônima, pois se dúvidas houvessem por parte de qualquer pessoa, alunos, pais ou professores da nossa escola, estas deveriam e poderiam ser sanadas com total transparência e lisura dentro do espaço escolar. Porém, como veremos a seguir, as intenções são outras que não a preocupação ou a defesa de uma educação de qualidade, pois se assim fosse, ao invés de denúncia, estaríamos somando e não dividindo. Cada um desses episódios que tentam destruir o Projeto “Escola dá Vida”, são, em nossa percepção, entendidos como tentativas de oprimir, no sentido freiriano, um projeto que se pretende libertador;

Não há outro caminho senão o da prática de uma pedagogia humanizadora, em que a liderança revolucionária, em lugar de se sobrepor aos oprimidos e continuar mantendo-os como quase “coisas”, com eles estabelece uma relação dialógica permanente. (FREIRE, 2005, p.63).

Compreender a própria realidade problematizando-a, desnaturalizando-a é um exercício poderoso de libertação, pois, a percepção de que fenômenos sociais, dentre eles problemas como as desigualdades não são naturais, mas sim, fruto das relações sociais e que em virtude disso podem ser transformados radicalmente, podem, produzir desconfortos aos dominantes bem como aos “hospedeiros do opressor”.

#### 4.7 DENÚNCIA ANÔNIMA: PROJETO “ESCOLA DÁ VIDA” É DESAFIADO

Dias depois, esta pesquisadora foi chamada pela direção da escola e foi informada sobre uma denúncia feita ao NRL sobre o Projeto. A denúncia descrevia algumas etapas do projeto e questionava sua metodologia, seus critérios de avaliação e se os conteúdos eram suficientes para atender as demandas do Vestibular. As orientações do NRL eram para que a equipe pedagógica do colégio verificasse se a proposta da disciplina de Sociologia, seus encaminhamentos metodológicos e suas avaliações estavam sendo respeitadas. Solicitavam ciência bem como o pronunciamento da direção, equipe pedagógica e desta pesquisadora enquanto professora responsável. Segue abaixo, na íntegra o conteúdo da denúncia:

Gostaria de explicar uma situação que está acontecendo na minha escola. Estudo no Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, em Rolândia, e estou cursando o último ano do ensino médio. Na matéria de sociologia, foi estabelecido pela professora Silvia Mota um projeto chamado “Jornada Sociológica”. Nesse projeto os grupos que foram formados escolheram temas do nosso cotidiano. Cada grupo deve fazer pesquisa para esse tema, justificando, problematizando, fazendo fundamentos teóricos e referências bibliográficas. O projeto vale 180 pontos e é a única forma de avaliação que a professora passou para os 3 trimestres, sem prova, trabalho ou recuperação. Há vários grupos que vêm enfrentando dificuldades para concluir esse trabalho, e muitos outros alunos gostariam de aprender Sociologia com outro método, fazendo trabalhos e provas. Mas não está sendo assim. Além de não estudar os conteúdos que caem no vestibular ainda estamos com medo de reprovar por causa da forma como o projeto está sendo imposto nas aulas. Pelo que sabemos os professores também tem que dar recuperação das avaliações, mas até agora não teve nenhuma, nem no primeiro trimestre”. (DENÚNCIA anônima, julho de 2019).

O que nos chamou a atenção quanto ao conteúdo da denúncia foi à forma como descreve em detalhes as principais etapas da metodologia do projeto, enaltecendo todo o rigor sociológico exigido pelo mesmo. Isso nos levou a questionar sobre quem poderia ser o autor da mesma, uma vez que, se fosse escrito por um aluno que estivesse com dificuldades como poderia ter descrito com tanta precisão? Outra possibilidade de autoria da denúncia que nos ocorreu é que essa possa ter sido feita por algum responsável, pai ou mãe, mas, descartamos essa possibilidade, pois, nesse caso, os mesmos poderiam ter vindo pessoalmente esclarecer suas dúvidas na escola, o que seria mais comum. É, portanto, no mínimo contraditório, assim nosso questionamento era se mais uma vez estávamos sendo

vítimas de um ataque interno o que nos entristeceu bastante.

Em resposta ao NRL, primeiramente manifestei o meu estranhamento quanto à origem desta suposta reclamação, uma vez que de forma anônima, torna-se questionável as intenções que a motivam, bem como daquele (a) que a representa, podendo se tratar de uma pessoa leiga sobre o assunto ou mesmo, por razões que desconhecemos, de alguém que queira desqualificar tanto o Projeto quanto a nossa escola e a nós enquanto profissionais.

Disse no documento que era professora há mais de 25 anos na rede tanto estadual quanto municipal, e uma das maiores preocupações que sempre carreguei, foi justamente fazer da escola um espaço criativo, reflexivo onde as aulas e os conteúdos ensinados fizessem sentido para a vida dos meus alunos(as) e que através da educação, cada menino e cada menina que tive o prazer de ter como aluno(a) pudesse despertar disposições para aprender com alegria e prazer, com senso crítico e autonomia.

É fato que a educação no nosso país está imersa em diversos problemas, a saber, desigualdades, violências, apatia e desencanto. Em meio a tantas adversidades, meu olhar para as juventudes do Ensino Médio na escola sempre foi no sentido de que estas não são mais um problema como muitos acreditam, mais sim, parte da solução. Foi acreditando nesse potencial e acreditando que a escola pública também pode ser de qualidade que idealizamos o Projeto “Escola dá Vida”.

Quem de nós já não ouviu a seguinte frase “Os jovens são o futuro do país”? Essa frase ou pensamento popular carrega em si a esperança que a sociedade deposita em suas juventudes na solução dos problemas sociais. Porém, precisamos compreender que, esses jovens precisam ser empoderados agora, no presente, garantindo-lhes as condições necessárias como educação de qualidade, saúde, lazer e trabalho, sem os quais, não haverá nem presente e nem previsão de futuro pra ninguém. Como vemos, são problemas que não residem apenas nos jovens, mas, na sociedade como um todo. Vejamos o que diz diretor-executivo do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), Babatunde Osotimehin em mensagem para o Dia Internacional da Juventude;

Mais de 500 milhões de jovens no mundo todo vivem na pobreza, e frequentemente não podem pagar por necessidades básicas. Eles não têm acesso a recursos vitais, e estão desproporcionalmente representados entre os mais pobres do mundo. Os jovens têm muito a ganhar se formos bem-sucedidos na erradicação da pobreza, e terão mais a perder se falharmos. A boa notícia é que eles não são o problema, como muitos pensam, mas a solução. (ONU, 2016, sem paginação).

Ainda sobre a resposta ao NRL, informamos também que o projeto em questão é realizado nesse estabelecimento de ensino há 11 anos, sendo balizado pela direção, equipe pedagógica, NRL através do técnico pedagógico da área de Sociologia, além de estar respaldado no PPP (2018) da escola e em vários documentos oficiais referentes à educação, o que o torna um projeto sério, que tem objetivos e critérios claros quanto a metodologia de ensino e aprendizagem e avaliação da disciplina de Sociologia.

Que o Projeto “Escola dá Vida” durante a sua trajetória foi referendado em algumas produções científicas da UEL e também já foi tema de apresentações de trabalhos em eventos da região. Algumas dessas produções são: o artigo “Atualidade da obra “Pedagogia do Oprimido” no contexto das reformas curriculares e das práticas dos professores de Sociologia (2018), onde os autores destacam a preocupação do LENPES em compreender as juventudes das escolas públicas e desenvolver ações de ensino, pesquisa e extensão que potencializam o interesse dos estudantes pela disciplina de Sociologia. Para isso é reforçada necessidade de ações diferenciadas dentro das escolas, como por exemplo, o Projeto “Escola dá Vida”.

No artigo é traçado um breve histórico sobre as Jornadas de Sociologia realizadas no Colégio Villanueva enfatizando o Projeto e suas etapas de desenvolvimento, mostrando também a importância da parceria entre Universidade e escola, onde ambas trocam contribuições e aprendizados entre seus agentes. Os autores fazem uma leitura dessas práticas a partir da “Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 2005), da relação entre opressores e oprimidos e da crítica à concepção bancária, debates estes feitos por Paulo Freire. Práticas e metodologias de trabalho baseadas em concepções freirianas, como o Projeto “Escola dá Vida”, são reconhecidas pelos autores como sinônimos de esperanças para uma educação libertadora e crítica, ainda mais no contexto atual marcado por retrocessos (principalmente educacionais).

Outro artigo científico da UEL em que o Projeto aparece, mesmo que ainda não nomeado como Projeto “Escola dá Vida”, é “Projeto Semanas de Sociologia nas escolas de rede pública: As Jornadas de Sociologia e Humanidades no Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva”. Neste os autores fazem uma reflexão sobre a iniciativa do Projeto das Jornadas de Sociologia, salientando como estas são desenvolvidas e a importância destas para a educação pública. É traçada uma breve trajetória do Colégio Villanueva e feita uma discussão sobre a disciplina de Sociologia na escola. Nesse sentido, os autores, quando tratam das Jornadas de Sociologia realizadas no mesmo, citam as etapas do desenvolvimento e da prática da pesquisa pelos estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, na disciplina de Sociologia, sob nossa orientação e a importância dessa metodologia.

O Projeto “Escola dá Vida” é citado também no artigo “LENPES e Ensino de Sociologia: Sua trajetória de 2015-2017”. As autoras buscam destacar algumas das principais atividades desenvolvidas pelo LENPES, além das parcerias entre a Graduação em Ciências Sociais da UEL, professores da educação básica, licenciados e pesquisadores em práticas de ensino, pesquisa e extensão de Sociologia. O Projeto “Escola dá Vida” é citado como fruto de uma dessas parcerias entre Universidade e educação básica, permitindo a interação e troca de saberes e experiências entre professores, pesquisadores, estagiários, estudantes e outros. Além de potencializar a produção científica, de materiais e recursos didáticos, cursos de formação continuada aos docentes e experiências docentes aos licenciandos. As autoras ainda destacam a importância do Projeto “Escola dá Vida” na melhoria da qualidade do Ensino de Sociologia no Colégio Villanueva, a partir da prática de pesquisa, produção científica, despertar do senso crítico e da imaginação sociológica.

Além desses exemplos, o Projeto “Escola dá Vida” já foi apresentado em alguns eventos. Um deles foi o VII Simpósio Estadual de Formação de Professores de Sociologia/V Encontro do PIBID de Ciências Sociais da Região Sul. O Projeto neste evento foi exposto como relato de experiência, com o tema “Experiências Metodológicas do Ensino de Sociologia: Projeto “Escola dá Vida” do Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva – Rolândia/PR: Relato de Experiência. Com o mesmo tema, tivemos o relato publicado nos ANAIS do evento. Nos dois momentos foram expostas as motivações para a criação do Projeto, algumas teorias sociológicas que fundamentam tal metodologia, as etapas do seu desenvolvimento

com os seus estudantes, o relato de experiência de aluna egressa participante do Projeto no ano de 2012, e os resultados até então obtidos.

Em tempo, destacamos tratar-se de um trabalho pedagógico sério e que não é um projeto imposto como menciona seu reclamante, nem mesmo uma atividade arbitrária feita à revelia da legislação educacional. Outro importante fato que dá ao projeto a seriedade e o comprometimento do nosso trabalho está no fato de que este conta ao longo desses anos com a valiosa parceria da UEL – Universidade Estadual de Londrina através do Laboratório de Ensino Pesquisa e Extensão (LENPES) e do PIBID que certificam os participantes e oficinairos (alunos do terceiro ano) do projeto.

Explicamos que no início do ano letivo, todos (as) os alunos (as) são apresentados ao projeto como uma proposta metodológica que, entre outros, tem por objetivo realizar um trabalho que os tornam sujeitos ativos do processo ensino-aprendizagem e não meros expectadores. Após amplo debate com os alunos e com a anuência dos mesmos iniciamos as atividades pedagógicas.

Não poderia ser diferente dada natureza da disciplina e o perfil desta pesquisadora, enquanto profissional da educação. É claro que por se tratar de um trabalho diferenciado (que por princípio pedagógico adotado pela legislação educacional vigente no país, deveria ser aplicado por todos (as) no chão da escola) que foge ao tradicional e por colocar o aluno no centro da produção do conhecimento, acabe causando algum desconforto ou dificuldades, o que consideramos salutar, pois encontrar dificuldades faz parte de qualquer processo de aprendizagem, seja ela tradicional ou progressista. Dificuldades que são superadas durante o processo, recuperando conteúdos e conceitos que não foram apropriados com orientação contínua do professor numa relação dialógica de aprendizagem.

Argumentamos que o que muitos alunos não sabem, e **problematizamos com eles**, é que somos produtos de uma educação conservadora que acha que a “aula” consiste exclusivamente no ato do professor “passar a matéria” no quadro e ele, o aluno, copiar. Que avaliação tem que ser um momento tenso, coercitivo e angustiante, onde ele, o aluno, tem que reproduzir (de uma única forma) exatamente o que o professor falou. Desconhece, pois o reclamante que as avaliações, podem e devem lançar formatos diversificados possibilitando aos alunos: avaliação objetiva; por meios de seminários; avaliação oral; avaliação prática; avaliação descritiva entre outras. O que podemos garantir é que o projeto contempla todas as formas aqui

apresentadas. Sobre a natureza e os objetivos do Projeto “Escola dá Vida”, destaquei no documento:

Fazer com que os estudantes do Ensino Médio interajam com outras turmas da escola, através da criação e da organização de oficinas pedagógicas com temas sociológicos; Desenvolver um método de ensino-aprendizagem onde a imaginação sociológica seja trabalhada, a fim de problematizar e desconstruir, através da Sociologia, ideologias e fatos sociais socialmente naturalizados; Ampliar o acesso à diversidade de teorias, conceitos, métodos, obras e pensamentos da área de Ciências Sociais; Levar o conhecimento sociológico aos estudantes de forma mais dinâmica, didática e atrativa, tendo em vista atividades teórico-práticas e o fato dos próprios estudantes da escola serem os agentes de ensino; Mostrar aos jovens, tanto “oficineiros” quanto ouvintes, que as mudanças que cada um acredita serem necessárias podem acontecer, especialmente se nos organizarmos politicamente para tal. Porém, no âmbito da educação, antes devem ser analisadas e pensadas intelectualmente a fim de entender os porquês e quais seriam as possíveis soluções; Fazer da Sociologia um meio de incentivar a busca pelo conhecimento, despertando uma visão crítica e problematizadora perante a sociedade, assim como diante da estrutura e dos fatos sociais que nos envolvem, na perspectiva de formar jovens cidadãos e mais humanos. (SANTOS, TATIANE, 2017, p.4).

O reclamante diz “cada grupo deve fazer pesquisa para esse tema, justificando, problematizando, fazendo fundamentos teóricos e referências bibliográficas” (NRL, DENÚNCIA ANÔNIMA, julho 2019) o que nos deixa muito felizes, pois observamos que o mesmo sendo um aluno, demonstra com perfeição ter se apropriado da estrutura básica para a elaboração de um artigo científico justamente uma das linguagens trabalhadas no Projeto. A esse respeito, informei que respaldamos o projeto através da Pedagogia Histórico- Crítica- Perspectiva pedagógica que fundamenta a Educação Básica.

Esta é uma teoria de grande relevância para a educação brasileira, pois evidencia um método diferenciado de trabalho, especificando-se por passos que são imprescindíveis para o desenvolvimento do educando (Primeiro passo: Prática Social; Segundo passo: Problematização; Terceiro passo: Instrumentalização; Quarto passo: Catarse; Quinto passo: Prática Social). Nos apoiamos na perspectiva da pesquisa como princípio pedagógico, conforme explicam as DCNs-Ensino Médio (BRASIL, 2013):

A pesquisa escolar, motivada e orientada pelos professores, implica na identificação de uma dúvida ou problema, na seleção de informações de fontes confiáveis, na interpretação e elaboração dessas informações e na organização e relato sobre o conhecimento adquirido. Muito além do conhecimento e da utilização de equipamentos e materiais, a prática de pesquisa propicia o desenvolvimento da atitude científica, o que significa contribuir, entre outros aspectos, para o desenvolvimento de condições de, ao longo da vida, interpretar, analisar, criticar, refletir, rejeitar ideias fechadas, aprender, buscar soluções e propor alternativas, potencializadas pela investigação e pela responsabilidade ética assumida diante das questões políticas, sociais, culturais e econômicas. (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p. 164).

Assim, comprovamos que o projeto está fundamentado e amparado pelos princípios pedagógicos contidos nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2013), portanto, não se trata de uma “aventura pedagógica” mas sim, de um projeto sério e responsável. Ainda reforçando que estamos alinhados com as propostas pedagógicas que definem o ensino de Sociologia através do Projeto “Escola dá Vida”, em nossa resposta reafirmamos a pesquisa como princípio pedagógico contida nas DCNs-Ensino Médio:

É necessário que a pesquisa como princípio pedagógico esteja presente em toda a educação escolar dos que vivem/viverão do próprio trabalho. Ela instiga o estudante no sentido da curiosidade em direção ao mundo que o cerca, gera inquietude, possibilitando que o estudante possa ser protagonista na busca de informações e de saberes, quer sejam do senso comum, escolares ou científicos. Essa atitude de inquietação diante da realidade potencializada pela pesquisa, quando despertada no Ensino Médio, contribui para que o sujeito possa, individual e coletivamente, formular questões de investigação e buscar respostas em um processo autônomo de (re)construção de conhecimentos. Nesse sentido, a relevância não está no fornecimento pelo docente de informações, as quais, na atualidade, são encontradas, no mais das vezes e de forma ampla e diversificada, fora das aulas e, mesmo, da escola. O relevante é o desenvolvimento da capacidade de pesquisa, para que os estudantes busquem e (re)construam conhecimentos. (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p. 163- 164).

Desta forma, as questões que se apresentam no projeto dizem respeito às possibilidades metodológicas que proporcionam aos estudantes maior participação no processo de ensino e aprendizagem, bem como a possibilidade de romperem com o estigma cultural de desinteresse e apatia dos jovens com relação à escola, à

medida que esta possibilite uma educação de qualidade, que esteja em consonância com a realidade dos adolescentes e suas necessidades, em sintonia com as D.C.N.E.B:

Mas as reflexões teóricas sobre currículo têm como referência os princípios educacionais garantidos à educação formal. Estes estão orientados pela liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o conhecimento científico, além do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, assim como a valorização da experiência extraescolar, e a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p.24).

Fica, pois evidenciado mais uma vez que o projeto não está desrespeitando o direito dos alunos de aprender como insinua a denúncia, ao contrário, através dele garantimos na prática através das muitas linguagens que desenvolvemos e na forma da lei, princípios educacionais, tais como a valorização da sua história enquanto ser social, a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e de divulgar o conhecimento. Os muitos relatos que trouxemos através deste, comprovam que o projeto associado à pesquisa cumpre, além de desenvolver a atitude científica nos alunos com o princípio ético-social entre comunidade e escola como descreve a DCNs:

A pesquisa, associada ao desenvolvimento de projetos contextualizados e interdisciplinares/articuladores de saberes, ganha maior significado para os estudantes. Se a pesquisa e os projetos objetivarem, também, conhecimentos para atuação na comunidade, terão maior relevância, além de seu forte sentido ético-social. É fundamental que a pesquisa esteja orientada por esse sentido ético, de modo a potencializar uma concepção de investigação científica que motiva e orienta projetos de ação visando à melhoria da coletividade e ao bem comum. A pesquisa, como princípio pedagógico, pode, assim, propiciar a participação do estudante tanto na prática pedagógica quanto colaborar para o relacionamento entre a escola e a comunidade. (BRASIL, DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p.164).

Demonstramos também como o aporte da pesquisa está contido na proposta curricular da disciplina de Sociologia do Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva diz que;

A Sociologia é capaz de analisar os fatos sociais com objetividade tendo duplo valor: pode aumentar o conhecimento que o ser humano tem de si mesmo e da sua sociedade, e pode contribuir para a solução de problemas que ele enfrenta. A Lei 9.394/94 estabelece como uma das finalidades centrais do Ensino Médio a construção da cidadania do educando, evidenciando, assim, a importância do ensino de Sociologia no Ensino Médio. Tendo em vista que o conhecimento sociológico tem como atribuições básicas investigar, identificar, descrever, classificar e interpretar/explicar todos os fatos relacionados à vida social, logo permite instrumentalizar o aluno para que possa decodificar a complexidade da realidade social. Assim, podendo construir uma postura mais reflexiva e crítica diante da complexidade do mundo moderno. (COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR FRANCISCO VILLANUEVA, 2010, p. 176).

Ainda, respaldando o projeto como metodologia de ensino, demonstramos como este encontra-se legitimado dado o modo como a Sociologia é descrita no PPP da escola:

[...] Ao compreender melhor a dinâmica da sociedade em que vive, poderá se perceber como elemento ativo, dotado de força política e capacidade de transformar e, até mesmo, viabilizar, através do exercício pleno de sua cidadania, mudanças estruturais que levem a um modelo de sociedade mais justo e solidário. Essa ciência tem teorias e métodos investigativos que lhe permitiram acumular reflexões, interpretações, dados sobre os mais variados fenômenos sociais. (COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR FRANCISCO VILLANUEVA, 2010, p. 176).

E mais, mostramos que o Projeto “Escola dá Vida” através dos temas de cada grupo de trabalho, tais como Violência contra a Mulher, Desigualdade Racial, Desigualdade Social, Diversidade Cultural, entre outros, reivindica direitos inalienáveis garantidos pela Constituição Federal (BRASIL, 1988) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Direitos Humanos (BRASIL, 2012):

Faz-se necessário, então, considerar que Educação e Direitos Humanos são questões indissociáveis e complementares, justificadas pelas legislações constituídas para o fortalecimento de direitos que objetivam a proteção e promoção dos sujeitos de direitos e de responsabilidades. Neste sentido, as Diretrizes Nacionais de Educação em Direitos Humanos reforçam e reconhecem os princípios fundantes da dignidade humana (BRASIL, RESOLUÇÃO Nº 02/2012, 2012, SEM PAGINAÇÃO).

Enfim, através do Projeto, posso garantir que os alunos têm acesso aos conteúdos, conceitos e autores concernentes à proposta curricular como ocorre com as demais disciplinas. Além dos autores e conceitos que o grupo trabalha

especificamente relacionados ao seu tema, recebem dos demais grupos nas etapas de socialização destes conteúdos, todos os autores e conceitos por eles trabalhados, o que resulta ao final numa abrangência muito maior de conteúdos que passam a ter acesso, diferentemente de aulas conteudistas.

Assim, enfatizamos parecer-nos “ingênuo” dizer que *“não estudam os conteúdos que caem no Vestibular”* mesmo porque, não temos “bola de cristal” para avisá-los com antecedência. O que podemos fazer, e fazemos, é ofertar através de um currículo real, os conteúdos: clássicos; contemporâneos, o pensamento social brasileiro; antropologia e ciência política numa perspectiva que possibilite o despertar da imaginação sociológica, que o ato de ensinar e aprender não deveriam ser vítimas de nenhuma forma de castração que tira de nós, professores e alunos, o desejo pelo conhecimento.

Lamentamos que ainda se enxergue a educação como mera reprodutora de conteúdos. Que nosso projeto, não se arroga o “salvador da pátria” nem mesmo receita do melhor “bolo didático”. Enfatizamos que humildemente e com muito esforço, além do apoio incondicional dos nossos parceiros, trouxemos à luz uma proposta metodológica que tem gerado bons frutos e que ensinar e aprender exige esforço, dedicação e paixão e que desistir, não é uma opção.

Terminamos colocando-me à inteira disposição para explanar com detalhes o Projeto “Escola dá Vida”, visto que este pequeno texto não o comporta. Disse também que ficaria muito feliz com a presença dos colegas do NRL durante a Jornada de Sociologia onde nossos alunos (as) coroam de êxitos e empoderamento sua jornada no ensino médio. Em anexo, enviei a cópia do resumo dos 10 anos do Projeto “Escola dá Vida” elaborado pela professora Dra. Angela Maria de Sousa Lima e pela professora Dra. Angélica Lyra de Araújo, docentes da Universidade Estadual de Londrina e Coordenadoras do LENPES<sup>12</sup>, e a resposta da coordenação pedagógica e direção da escola, que pode ser lida a seguir:

---

<sup>12</sup> Link para acesso aos ANAIS da X Jornada de Sociologia da Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, onde encontra-se o resumo dos 10 anos do Projeto Escola dá Vida: <https://docplayer.com.br/134172932-X-jornada-de-sociologia-do-colegio-estadual-professor-francisco-villanueva.html>

**Resposta a Ouvidoria -Núcleo Regional de Londrina.** No Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva a disciplina de sociologia é ofertada para os alunos dos terceiros anos de acordo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96), A finalidade do Ensino Médio, segundo a LDB 9394/96, em seu artigo 35º, é a seguinte: I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. Seguimos o que está descrito na Lei de Diretrizes e Bases são trabalhados como referência os autores Clássicos da Sociologia Emile Durkheim, Mark Weber e Karl Marx. Entre outros autores que constam no Projeto Político Pedagógico, e também os objetivos do Caderno de Expectativa de Aprendizagens e as Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná. Quanto a Avaliação é dividida em **três trimestres** sendo avaliados 10,00 pontos e ofertado mais 10,00 pontos de recuperação paralela (retomada de conteúdos, provas, trabalhos e seminários). Esse requisito acontece e aconteceu no primeiro trimestre na disciplina de Sociologia, nas turmas do terceiro ano matutino. De acordo com Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná a avaliação escolar deve constituir um projeto de futuro social, pela intervenção da experiência do passado e compreensão do presente, num esforço coletivo a serviço da ação pedagógica, em movimentos na direção da aprendizagem do aluno. O professor é quem compreende a avaliação e a executa como um projeto intencional e planejado, que deve contemplar a expressão de conhecimento do aluno como referência uma aprendizagem continuada. Reiterando que estamos em consonância com o disposto nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná. Explanamos que o Projeto Escola dá Vida possibilita aos estudantes variadas oportunidades e maneiras de expressar seu conhecimento. Destacamos que a forma de avaliação está em consonância com o currículo. Estamos a disposição para os devidos esclarecimentos (Direção e Equipe Pedagógica do Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, 2019).

Há muitos pontos que merecem destaque na resposta que a equipe pedagógica e a direção do Colégio encaminharam ao NRL. No entanto, chamounos a atenção o seguinte trecho que diz “o Projeto “Escola dá Vida” possibilita aos estudantes variadas oportunidades e maneiras de expressar seu conhecimento”, fato que ainda não foi incorporado ao cotidiano das práticas escolares em virtude de sua herança conservadora. Em entrevista concedida à Revista Educação e Pesquisa, em julho de 2009 (publicada em 2010), Bernard Charlot, enfatiza sobre as

práticas educativas tradicionais, dentre elas, o sistema de avaliação;

Falemos do Brasil. O professor tem práticas basicamente tradicionais porque a escola é feita para ter práticas tradicionais: tempo e espaço fragmentados, formas de distribuir os alunos de acordo com a sua idade e, sobretudo, avaliação individual que gera uma hierarquia (CHARLOT, 2010, p.15)

Por fim, em meio a tantos obstáculos, a Jornada de 2019 foi uma das mais significativas de todas as edições com inúmeras oficinas onde as juventudes se fizeram ouvir nas diferentes temáticas que foram trabalhadas para além delas, podendo assim, ensinar e aprender em reciprocidade, experiencializando o prazer do conhecimento. Tudo isso nos fez refletir sobre os desafios que temos enfrentado ao longo desses anos chegando à conclusão de que se tratam de problemas que, em parte, se devem ao aspecto pedagógico no que diz respeito ao choque entre metodologias tradicionais ainda muito presentes na escola, nos alunos, nos professores e na comunidade em rota de colisão com metodologias mais progressistas, e em parte com problemas que se referem ao campo político macro social, que diariamente incidem no chão da escola, sejam nos embates ideológicos declarados ou dissimulados, sejam na resistência e na luta.

## 5 CONSIDERAÇÕES A PARTIR DOS RELATOS DOS ESTUDANTES

Quando há onze anos começamos o Projeto “Escola dá Vida”, não tínhamos a real noção da dimensão que ele poderia ter tomado na vida dos alunos que passavam por esta experiência. Não sabíamos mensurar como ele poderia ter afetado nas escolhas dos caminhos a serem percorridos e quais as possíveis contribuições que ele pudesse ter deixado impressas nas memórias de cada participante. Nem mesmo dimensionávamos que se tratava de uma experiência metodológica de grande relevância acadêmica. Hoje, no Mestrado Profissional, conseguimos, com o auxílio dos professores e das teorias, cumprir com o nosso principal objetivo desta dissertação, que é analisar os resultados obtidos com o Projeto, constatar a grandeza e complexidade do mesmo, e o quão alinhado ele está com tudo que há de mais relevante sobre educação, ensino, aprendizagem e juventudes.

A maior expectativa para o qual fora idealizado o Projeto “Escola dá Vida”, se define a partir do sentimento de esperança. Esperança não no sentido de acomodar-se e esperar passivamente a mudança que talvez nunca chegue, mas no sentido pensado pelo grande mestre Paulo Freire, ou seja, “levantar-se, ir atrás, construir, não desistir, levar adiante”. Pois bem, esperávamos construir com nossos alunos uma “relação dialógica” de ensino e aprendizagem onde aprendemos em reciprocidade, tanto na relação professor-aluno quanto nas experiências práticas que estes tiveram em outras turmas.

Mas, o maior aprendizado de todo este processo adveio das impressões dos próprios estudantes, sujeitos ativos em todo este percurso do Projeto “Escola dá Vida” e da pesquisa desenvolvida acerca dele. Por isso, assim como os relatos dos estudantes iluminaram praticamente todas as seções desse trabalho, do mesmo modo optamos por fazê-lo nas considerações finais. Trouxemos suas vozes (de ativos e egressos) para nos auxiliar a considerar finalmente o que ficou deste trabalho. E assim iniciamos, destacando as falas das alunas Ingrid Gabriela e Geovana, em relatos escritos disponibilizados através de uma rede social; “[...] mais gratificante foi ver que valeu a pena cada detalhe, e o melhor foi que não só ensinamos, mas também aprendemos com os alunos” (Ingrid Gabriela, relato colhido em novembro de 2019); “[...] hoje após minhas apresentações eu senti um alívio tão grande, uma felicidade maior ainda, é maravilhoso passar conhecimento para outras

pessoas e ao mesmo tempo elas passando pra você” (Geovana Gonçalves, relato colhido em novembro de 2019).

Esperávamos que nossos alunos conseguissem libertarem-se da condição de meros expectadores e passassem a ser sujeitos de sua aprendizagem, pesquisando, problematizando e buscando respostas com autonomia de pensamento. E assim o fizemos como vemos nos relatos das alunas Roseane e Luanna; “A semana que eu percebi o quanto eu substimei a jornada e o meu potencial. A semana que eu percebi o que significa conhecimento, que sair da estaca 0 para um projeto” (Roseane Dias, relato colhido em novembro de 2019).

[...] nunca vou me esquecer deste dia [...] pensei em desistir várias vezes, mas me surpreendi com o resultado, todos têm que passar por esta experiência porque é muito boa você se sente importante pelo menos uma vez na vida, foi ótimo amei demais! Estou muito grata por tudo! (Luanna dos Santos Martins, relato colhido em novembro de 2019).

Esperávamos despertar a “imaginação sociológica” estimulando o senso crítico e a desnaturalização dos fenômenos sociais bem como a desconstrução de novos e antigos preconceitos. E assim a desenvolvemos, mesmo com todos os limites e dificuldades vivenciadas ao longo dessa intervenção pedagógica, como podemos observar na fala da aluna Ludmilla, disponibilizada por escrito;

[...] uma experiência boa mostrar aos outros como podemos mudar nossa sociedade com atos simples e conscientizar eles sobre isso, mostrar a todos que nós mulheres não somos objetos sexuais ou mesmo empregadas e sim seres humanos que têm por obrigação os mesmos direitos dos homens (Ludmilla Ventura Leite, relato colhido em novembro de 2019).

Também percebemos resultados relevantes nas percepções dos estudantes sobre a importância da educação, da Sociologia e do senso crítico, como podemos ver nos relatos de Eli Mariana, Roseane e Thiago, capturados por escrito e enviados para nós através de uma rede social; “[...] foi incrível ter essa oportunidade, eu amei aprender tantas coisas, coisas que podem até mesmo mudar minha opção de faculdade será? Kkkkk” (Eli Mariana, relato colhido em novembro de 2019).

Depois de tudo isso, consigo perceber o verdadeiro objetivo da professora Silvia com isso, que nos evoluiu intelectualmente e como pessoas". Em tempos tão complicados para a Sociologia, esse projeto nos fez entender o motivo, ninguém nos quer seres com senso crítico, e o projeto nos proporciona isso (Roseane Dias, relato colhido em novembro de 2019).

Cada tema teve e tem a sua importância, temas que deveriam ser discutidos mais, temas q estão no dia dia de todo mundo, e q muitas vezes não damos a devida importância. "Juventude é mais do que uma palavra" isso resume tudo, a gente tem que acreditar mais em nós! (Thiago Henrique, relato colhido em novembro de 2019).

Esperávamos, de certa forma, contribuir de algum modo com a proposição de uma concepção de educação que partisse da realidade e das experiências dos próprios alunos, para que a relação com o saber fosse mediada pelo "sentido" daquilo que se aprende. A fala do aluno Alan dá pistas de que esta pretensão, em grande medida inspirada em W. Mills, foi desenvolvida: "no final fiquei feliz pois consegui um resultado que não esperava, todos gostaram é entenderam a mensagem que queríamos passar para eles. Essa Jornada foi uma grande experiência para mim" (Alan Matozo, relato colhido em novembro de 2019).

Inspirados em B. Charlot, esperávamos "mobilizar disposições" que estavam adormecidas por um sistema social e de ensino formal que, por vezes, mostra-se castrador e alienante. Vemos pistas no relato do aluno egresso Gabriel, encaminhado por escrito, que parecem objetivar tais propostas na prática, quando diz: "Acredito em uma educação redentora, que tira o aluno da zona de conforto, que faz o aluno pensar, que exercita o pensamento crítico" (Gabriel Felipe, Relato colhido em novembro de 2019). Esperávamos obstáculos. No processo, vivenciamos muitas dificuldades, tivemos que aprender a lidar com algumas angústias, mas resistimos e construímos com os alunos e parceiros uma espécie de novo projeto de vida, quando, empoderadas estas juventudes reivindicaram suas identidades e toda riqueza da diversidade humana.

Assim, o principal objetivo do Projeto atingido foi demonstrar que o mesmo pode contribuir para despertar nos alunos a imaginação sociológica, possibilitando-lhes compreender a relação de sua vida pessoal e social com os conteúdos da Sociologia. É claro que o Projeto "Escola dá Vida" não solucionou boa parte das dificuldades enfrentadas no processo educativo. Entretanto, supomos que, de alguma forma, este possa ter contribuído na formação crítica dos estudantes, criando disposições e mobilizando diferentes saberes, como tentamos fundamentar

por diversas vezes ao longo do trabalho em Bernard Charlot.

Apesar de todos os problemas que surgiram, como vemos no caso da Mayara, que encontrou dificuldades com o grupo, com o tema e com a apresentação para a sua turma, ou no caso de Roseane, que pensou em desistir no meio do Projeto e depois da apresentação para a sua turma, é possível se empoderar, compreender a importância da pesquisa e superar todos os obstáculos, tendo resultados positivos ao final;

Durante as pesquisas duas integrantes tiveram que sair do grupo.[...] Ao longo do ano acabamos ficando estressadas com o projeto e mais ainda ao vermos que um dos membros estava totalmente desinteressado. Na nossa apresentação para a sala nosso projeto foi um desastre[...] Estávamos muito nervosos, não tínhamos base nenhuma mas a Tatiane e a professora Silvia nos apoiou e nos ajudou muito (Mayara Parpinelli, relato colhido em novembro de 2019).

Por diversas vezes durante esse período de 7/8 meses eu pensei em desistir, eu pensei que não conseguiria e quando deu tudo errado eu só larguei de mão, o que me manteve foi a Silvia dizendo que acreditava no meu potencial e nos dizendo que éramos mulheres empoderadas e que a gente tinha capacidade de estar ali. (Por incrível que pareça ela estava extremamente certa) (Rosiane Dias, Relato colhido em novembro de 2019).

Vemos que o nervosismo, a insegurança e as dificuldades com a teoria, no final acabaram se tornando pequenos, substituídos por confiança, por determinação e por alívio, como demonstraram os alunos: [...] quando comecei a apresentar me senti mais leve e relaxado, os alunos se sentiram a vontade e participaram bastante da oficina. (Alan Matozo, relato colhido em novembro de 2019); Nos empenhamos mais nas pesquisas, pesquisamos a fundo para produzir mais conteúdo (Mayara Parpinelli, relato colhido em novembro de 2019).

Medo de apresentar para outras turmas, dificuldade para pesquisar e escolher um tema que fosse consenso entre todos os membros do grupo, dificuldade para trabalhar e se relacionar em grupo administrando diferentes personalidades e interesses, medo de ser professor por dia, dificuldades de interpretar sociologicamente a realidade social, enfim, foram muitas as situações relatadas ao longo do processo pelos estudantes.

Todas essas dificuldades apontadas pelos participantes do Projeto “Escola dá Vida” em seus relatos, foram intensamente vivenciadas e observadas dia

após dia criando alguns conflitos que se manifestavam em dados momentos em forma de pânico, crises de choro antecedidas ao início das apresentações, faltas às aulas para evitar falar em público, pais que vinham interceder e pedir para que seus filhos não tivessem que se expressar oralmente em público e também em forma de resistência à realização do projeto.

A leitura que fazemos sobre essas dificuldades, dizem respeito ao fato de que muitos alunos, nos reportaram terem vivenciado experiências negativas em apresentações de seminários, quando eram desencorajados e as vezes, desqualificados publicamente. Quando falamos de seminários ou outros trabalhos que envolvem pesquisa e apresentação oral, precisamos compreender que o papel do professor deve ser o de auxiliar e orientar a atividade, como afirmam as OCN'S do Ensino Médio (2006).

É preciso dizer que um seminário é algo completamente diferente e requer um trabalho muito grande do professor. Ele deve organizar os grupos, distribuir os temas, mas orientar cada um deles a respeito de uma bibliografia mínima, analisar o material encontrado pelos grupos, estar presente, intervir durante a apresentação e “fechar” o seminário. Dessa forma, o professor auxiliará os alunos na produção e na apresentação do seminário, complementando o que possivelmente tiver sido deixado de lado. Possibilitará aos alunos a oportunidade de pesquisarem e de exporem um determinado tema, desenvolvendo uma autonomia no processo e na exposição dos resultados da pesquisa (BRASIL, ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO, 2006, p.127-128).

Outro aspecto extremamente relevante a ser observado, é que através da metodologia pensada para o Projeto, o aluno é o sujeito do processo de aprendizagem e não um mero expectador e reproduzidor de conteúdos. Isso quer dizer que o maior obstáculo a ser transposto pelos alunos, era romper com o modelo tradicional de educação, tão enraizado na cultura escolar e tão difícil de ser superado.

Por mais que orientássemos e buscássemos encorajá-los despertando neles o desejo e o prazer de participar do Projeto, confessamos que foi um trabalho onde tivemos que ter muita resistência, pois ao trazer uma maneira “diferente” de ensinar e aprender para dentro de uma instituição que pouco mudou na forma e no conteúdo, encontramos vários obstáculos, que foram sendo transpostos durante a caminhada.

Abaixo vemos um dos relatos de 2019, onde Raquel enfatiza, em um relato escrito, disponibilizado via uma rede social, as dificuldades com a parte teórica do Projeto, com as pesquisas científicas, mas que no final garantiram sucesso; “Ao longo das aulas tivemos como todos os outros dificuldades para decidir sobre o tema, encontrar autores, fazer a parte teórica, enfim [...]” (Raquel de Andrade Oliveira, relato colhido em novembro de 2019).

Já os relatos dos estudantes João Pedro, Milene e Geovana, todos do ano de 2019, mostram que as principais dificuldades que foram vencidas com a Jornada envolviam a apresentação oral do Projeto em forma de oficina para as outras turmas do colégio, mas também demonstram que os receios foram superados. No caso de Gabriel Felipe e de Caio Okuma, depois que adquiriram segurança, queriam apresentar mais vezes, em outras turmas; “No começo da apresentação eu fiquei nervoso e perdi algumas palavras, e a primeira sala colaborou; já na segunda foi difícil ter atenção da sala então tive que chamar atenção e apresentei bem” (João Pedro de Mello Marçal, relato colhido em novembro de 2019); “Teve só o problema que às vezes os alunos não interagem como o esperado, mas no fim acabou tudo bem, os alunos gostaram entenderam bem sobre os conceitos e tudo mais” (Milene, relato colhido em novembro de 2019).

Meu trabalho é sobre o machismo, sinceramente no começo não estava nenhum pouco a fim de fazer, tava com medo de apresentar para outras salas, medo de ser uma professora por um dia, mas depois que eu apresentei na minha sala esse medo passou (Geovana Gonçalves, relato colhido em novembro de 2019).

Todos nós sabemos que cada ser humano tem o seu próprio tempo de aprendizagem. Mesmo assim, a escola tende a desconsiderar tal princípio homogeneizando competências e habilidades como metas que devem ser alcançadas por todos ao mesmo tempo e da mesma forma. Para, além disso, ajudar o aluno a ser sujeito de sua história e do processo de ensino-aprendizagem do qual também é responsável, leva-o a ser desafiado em situações concretas e a tomar decisões com autonomia.

Os relatos que se seguem dão uma grande contribuição para o processo de ensino e aprendizagem quando deixam evidentes as dificuldades iniciais experencializadas pelos alunos que, a princípio se julgavam incapazes de atingir os objetivos propostos em seus projetos, mas que, os resultados obtidos enquanto

superações comprovam de forma inequívoca que cada um possui, dentro das suas potencialidades, uma forma e um tempo de aprender, de compreender, de alcançar as suas metas e objetivos, de se superar perante os obstáculos e dificuldades existentes.

Como podemos ver nos relatos das estudantes Raquel e Ana Carolina, de 2019, enviados em formato de texto, através de uma rede social; “[...] com esse projeto e o nosso tema (Tipos de feminismo e a deturpação do movimento) tive a oportunidade de pesquisa mais a fundo cada vertente e ver o quanto nós somos capazes” (Raquel de Andrade Oliveira, relato colhido em novembro de 2019).

Nunca imaginei que ficaria tão satisfeita com um trabalho como fiquei com o resultado desse projeto. Entrar naquelas salas e ver o trabalho que ficamos o ano todo se dedicando, deu frutos ouvi que fizemos a diferença na vida de alguém não tem preço (Ana Carolina de Sousa, relato colhido em novembro de 2019).

Por ser uma metodologia que parte do que é significativo para a vida dos estudantes, propiciando-lhes autonomia, tanto na escolha dos temas, quanto na criação de metodologias e na recontextualização dos conteúdos sociológicos, o Projeto “Escola dá Vida” tem mobilizado-os dentro de uma nova forma de aprender.

Consideramos tal iniciativa didático-pedagógica como uma proposta teórico-metodológica, que não se limita às exigências do sistema educacional vigente. Neste percurso, outros relatos falam das experiências durante as oficinas, das sensações de estar na frente de uma sala de aula, como professor, trocando conhecimentos, como demonstram Geovana, Milene, Ana Carolina e Gabriel Felipe em falas disponibilizadas por escrito e enviada através de uma rede social; “Eu amei essa experiência, amei tanto que até conversei com meu grupo falando que gostaria de ter apresentado em mais salas e outros períodos se possível. Bom é isso eu amei essa experiência” (Geovana Gonçalves, relato colhido em novembro de 2019); “[...] a experiência dentro das salas foi muito boa mesmoo, bem mais tranquilo do que imaginei” (Milene, relato colhido em novembro de 2019); “Em poucas palavras foi as apresentações; foi simplesmente incrível!!!” (Ana Carolina de Sousa, relato colhido em novembro de 2019); “A experiência de estar à frente de uma sala de aula falando sobre algo que os alunos não costumam estudar é ótima” (Gabriel Felipe, relato colhido em novembro de 2019).

Por meio das diferentes linguagens utilizadas, da pesquisa; da

comunicação científica; das oficinas; da produção de material didático; da elaboração de artigo científico tentamos proporcionar uma valiosa experiência de aprendizado sociológico. No fim, tivemos várias manifestações espontâneas dos alunos participantes nas redes sociais. Parecia uma explosão de sentimentos! A sensação de superar os obstáculos tanto internos (pessoais) quanto externos e a **experiência** de poder ensinar algo valioso que pode mudar as pessoas e a sociedade foi à tônica dos relatos.

A satisfação em ver outros alunos debatendo sobre o seu tema, mudando de opinião, entendendo, querendo saber mais e participando da oficina por eles desenvolvidas pode ser vista nos relatos da alunas Maria Eduarda, Ana Flávia e Samira, nos enviada após a Jornada, por escrito, em uma rede social, em novembro de 2019; “Foi uma experiência incrível deu um friozasso na barriga mas no final tudo correu bem as salas interagiu bastante com a gente deu pra ver que eles entenderam bem foi tudo maravilhoso valeu a pena todo esforço kkkk” (Maria Eduarda, relato colhido em novembro de 2019); “[...] depois que estava lá dando uma aula para alunos de outras séries foi gratificante e comecei a pensar de outra forma, uma forma mais positiva, gostei muuuuito. Por mim eu apresentaria em todas as salas do Villanueva [...]” #eufariadenovo (Ana Flávia Moreira da Silva, relato colhido em novembro de 2019);

Foi algo prazeroso, os alunos participaram, gostaram da gincana e assim podemos falar abertamente com eles sobre esse tabu que o feminismo tem. E o mais legal foi que os meninos também defenderam bastante o direito das mulheres e muitos dividem os afazeres em casa desde novos, e muito bom ver como a luta do feminismo tem sido importante e está realmente dando uma diminuída na opressão contra as mulheres (Samira Cristina Americo Viana, relato colhido em novembro de 2019).

É demonstrada a felicidade em ver que os temas e problemas sociais por eles pesquisados foram problematizados e desnaturalizados por outros alunos, ou por estudantes da UEL, que assistiram e contribuíram com as apresentações de cada um, como destacam Mayara e Roseane; “Transmitir conhecimento através de pesquisas durante esse ano para as salas de aulas do colégio e depois na frente de participantes da UEL, foi um dos sentimentos mais gratificantes e que vai ficar marcado na minha vida acadêmica e na minha existência” (Roseane Dias, relato colhido em novembro de 2019).

Chegou no dia da apresentação, e só na primeira aula já sentimos que todo o nervoso e o estresse que passamos valeu a pena, foi maravilhoso, todos nos adoramos dar as aulas. Na nossa primeira apresentação um menino falou que graças ao nosso projeto a visão dele sobre feminismo mudou, o que fez com que tudo valesse a pena, até as vontades de desistir ao longo do ano (Mayara Parpinelli, relato colhido em novembro de 2019).

Otávio Ianni (1985) diz que o problema preliminar que se coloca no trabalho do professor é procurar mobilizar os conhecimentos que o aluno já dispõe, e, ao mesmo tempo, procurar levá-lo a novos horizontes, alargando seus repertórios. Em face desta realidade e da necessidade de estimular os alunos para o aprendizado dos conceitos sociológicos como interpretação crítica da realidade social e atendendo as Orientações Curriculares Nacionais de Sociologia (OCNs), é que o Projeto “Escola dá Vida” passou a ter ainda mais sentido. Neste contexto, é que destacamos falas de alunos como Thiago, afirmando ter gostado da experiência, afirmando que dali “saiu uma pessoa diferente”; “A jornada foi muito foda, ensinar é gostoso dms, experiência única, acho q cada aluno depois desses 3 dias saí diferente” (Thiago Henrique, relato colhido em novembro de 2019).

Os resultados de Gabriel Felipe, aluno egresso e estudante de Filosofia, que retornou em mais algumas Jornadas de outros anos, inclusive no ano de 2019, demonstra o seu amor pela docência e por ensinar. É gratificante sabermos que em casos como esse, o jovem pode usar o Projeto e a Jornada como meio de estar em sala de aula, com os estudantes, e em contato permanente com a pesquisa: “Eu quero ser professor, amo ensinar, ou pelo menos mostrar o caminho para que o aluno aprenda por si mesmo”. (Gabriel Felipe, relato colhido em novembro de 2019).

A aluna Ingrid Gabriela, de 2019 enfatiza em seu relato a felicidade com a experiência e afirma que realizaria o Projeto mais vezes. Já o aluno Thiago, do mesmo ano, além de demonstrar satisfação, percebeu através do Projeto o quanto é difícil ser professor e estar na sala de aula; “Gratidão é a palavra... quando iniciamos esse projeto nunca imaginamos o impacto e a felicidade que nos causaria, e se eu pudesse desde o início fazer tudo de novo eu faria” (Ingrid Gabriela, relato colhido em novembro de 2019).

Temos que dar mais valor aos nossos professores... isso é educação. Agradeço a quem gostou, aos meus amigos e companheiros de grupo, e aos alunos que presenciaram às aulas... e é lógico a professora Sílvia Motta que nos proporcionou esse momento fantástico e de muita aprendizagem (Thiago Henrique, relato colhido em novembro de 2019).

São importantes também os resultados que os alunos levam para além da escola, da Jornada, da apresentação prática. A aluna Samira afirma que mostrou aos jovens que o machismo pode ser desconstruído por todos, através de ações do dia a dia, e esse é um resultado que pode refletir em menos situações de violência, desigualdades e de machismo no dia a dia de cada aluno que assistiu as suas oficinas;

[...] foi algo muito especial passar para os alunos um pouco no nosso conhecimento sobre feminismo, e foi importante mostra para eles que é importante pra que as mulheres não sejam oprimidas mais, e para que elas continuem em busca dos seus direitos (Samira Cristina Americo Viana, relato colhido em novembro de 2019).

Apesar das dificuldades que também surgem no trajeto e no desenvolvimento do Projeto “Escola Dá Vida”, como mostramos situações de denúncias, de desistência, de confronto, é gratificante ver que os estudantes conseguem superar os seus obstáculos individuais ou educacionais, que muitos após a experiência decidem por cursar o Ensino Superior e ainda mais, cursar alguma licenciatura, pois se sentem realizados perante uma sala de aula e vêem a importância e o poder de uma educação crítica, libertadora e emancipadora. Também são valiosas a mudança de pensamento e forma de compreender os problemas sociais, que muitas vezes são naturalizados a vida toda, e a maioria dos jovens finalizam o Projeto com outras percepções sobre o tema e sobre a sociedade, e essa é uma das principais chaves para se alcançar as mudanças para uma sociedade mais justa e igualitária.

E não é por acaso que ele se chama “Escola dá Vida”, pois foi pensando justamente no papel que a escola e a educação podem exercer positivamente em nossas vidas para além dos muros de concreto que as cercam e no potencial criativo das nossas juventudes que reafirmamos ano após ano nesse que agora completa sua 12ª edição. Nossa confiança renova-se nos muitos depoimentos colhidos entre os alunos das turmas de 2019, tendo como exemplos os alunos Caio e Gabriel Felipe; “[...] foi a melhor experiência que tive na vida. Se por algum momento eu

reclamei mil perdões, o dia de hoje valeu a pena, por mim apresentava mais um monte amanhã” (Caio Okuma, relato colhido em novembro de 2019).

O projeto é difícil no começo, as coisas não saem como desejamos, pois não temos experiência com esse tipo de exercício, mas a sensação de ter feito um bom trabalho após as apresentações da cada vez mais vontade de repetir, por isso participo disso, como oficinairo, há 4 anos e pretendo voltar várias vezes ainda. (Gabriel Felipe, relato colhido em novembro de 2019).

Não podemos deixar de reconhecer que essa caminhada só é possível graças ao apoio do LENPES e outros parceiros da UEL, bem como a direção e a equipe pedagógica do Colégio Villanueva. Foram muitos desafios enfrentados juntos durante esses 10 anos. A diretora do Colégio, Neuza Petrin, destaca em seu relato, disponibilizado por e-mail, no ano de 2018, os resultados do Projeto Escola Dá Vida, de acordo com as suas percepções de professora e diretora;

A Jornada de Sociologia é um projeto que é desenvolvido no Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, pela professora Sílvia Conceição Longuin Motta, em parceria com o Departamento de Sociologia da UEL – Universidade Estadual de Londrina. Os temas trabalhados são atuais e relevantes, pois os alunos se envolvem com pesquisas científicas, discussões em sala de aula, seminários, e percebe-se claramente o crescimento pessoal dos mesmos e as suas posições frente aos obstáculos encontrados com os temas escolhidos. A temática escolhida pelos estudantes vem de encontro com os problemas enfrentados atualmente na sociedade, tais como preconceito, racismo, xenofobia, aborto, suicídio, e o desconforto que esses assuntos causaram na maioria das pessoas. Para a formação dos nossos alunos é um projeto que sempre trouxe resultados positivos uma vez que envolve diversas áreas do conhecimento e direcionam os mesmos para escolher o curso superior que mais atende suas expectativas. Vale destacar também a parceria com o LENPES/UEL que todos os anos promove encontros/cursos para os professores do nosso colégio (Neuza Aparecida Petrin Schuster, 2ºsem/2018).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização desta pesquisa, objetivamos reescrever sociologicamente o Projeto “Escola dá Vida” de modo que fosse possível dimensionar a abrangência socioeducacional do mesmo na vida de seus principais agentes, ou seja, as juventudes do Colégio Professor Francisco Villanueva da cidade de Rolândia/PR. A metodologia de pesquisa utilizada, História Oral, demonstrou ser suficientemente adequada para análise do objeto, uma vez que seriam colhidos relatos (orais ou escritos) de ex-alunos e participantes do Projeto, dando-nos a oportunidade de enxergar as muitas disposições que foram mobilizadas a partir dessa experiência.

O desenvolvimento do tema no Mestrado Profissional em Rede nos permitiu acessar e articular uma vasta bibliografia no campo da Sociologia, da Educação, da Pedagogia, da Sociologia das Juventudes e da Sociologia da Experiência, possibilitando assim o embasamento necessário para fundamentarmos nossa hipótese inicial de que, o Projeto “Escola dá Vida” é uma metodologia capaz de tornar os alunos sujeitos ativos do processo ensino aprendizagem. Esse conhecimento nos propiciou também um olhar mais apurado e confiante para nossa prática pedagógica, para compreender mais profundamente as juventudes e a educação. Nessa caminhada, ficou também bastante evidente que a pesquisa como princípio pedagógico é vital para o desenvolvimento do pensamento científico, tanto do aluno quanto do professor, e que por várias razões ainda não é uma prática comum para a grande maioria das escolas, mesmo sendo contemplada em diversos documentos da legislação educacional.

Reescrever sociologicamente o Projeto “Escola dá Vida”, nos mostrou que, embora em muitos momentos tenhamos buscado demonstrar a sua utilidade para a comunidade escolar e para a sociedade, legitimando assim a Sociologia como ciência, principalmente diante de tantos ataques que temos sofrido, sua relevância foi para além da noção neoliberal de utilidade, permitindo que os alunos simplesmente usufruíssem do prazer do conhecimento.

Podemos dizer que um dos maiores benefícios do Projeto, está no fato de que ele dá vida aos alunos à medida que dá voz a eles, mesmo que essas vozes não sejam as que nós, as instituições e sociedade, queremos ouvir. Vimos também

que, os muitos desafios enfrentados ao longo desses onze anos de existência, aciram-se e tendem a aumentar a partir de 2013, em consonância com o contexto da época as chamadas “Jornadas de 2013”, que abrem espaço para novas formas de mobilização popular, através das redes sociais, deflagrando uma intensa crise de representatividade política. Ainda sobre os obstáculos, conseguimos observar que parte destes são de natureza pedagógica, revelando assim o quanto ainda somos signatários de um modelo bastante engessado de educação.

Passamos a compreender, através da Sociologia das Juventudes, que a “Juventude não é apenas uma palavra”, mas são muitas palavras personificadas em diferentes condições e realidades, bem como pela riqueza de sua diversidade. São essas junventudes, segundo a Sociologia da Experiência, que têm pressionado as instituições, em especial a escola a mudar suas perspectivas como educadora e socializadora. Esse novo olhar para as juventudes nos permitiu compreender diversas situações, por vezes adversas do cotidiano em sala de aula a partir de uma visão mais empática, que se distância do calor do momento e dos antigos estigmas e nos revela uma educação mais justa.

Vimos também que a presença da Universidade na escola, como parceira no desenvolvimento do Projeto e em outras ações pedagógicas, representa um grande avanço e um esforço de romper com a dicotomia entre a academia e a Educação Básica. Os frutos dessa aproximação serão tão mais vindouros quanto maior for essa parceria. O Projeto “Escola dá Vida” é prova que esse encontro pode dar certo.

Por fim, como já pontuamos por diversas vezes no decorrer dessa dissertação, temos plena consciência de que o Projeto “Escola dá Vida” não é o “salvador da pátria”. Porém, temos consciência, hoje muito mais ainda após o término do Mestrado Profissional, de que o conhecimento só fará sentido para o aluno quando partir de sua realidade e este ocupar o espaço de sujeito do processo de ensino e aprendizagem. Esperamos que essa pesquisa possa servir de inspiração para outros professores, não por se tratar de algo novo, porque não é. Toda metodologia do Projeto aqui apresentada reúne velhas conhecidas metodologias nossas. A diferença está no modo como foram colocadas em prática.

Os resultados do Projeto “Escola dá Vida” não podem ser avaliados através de competências e habilidades, mas podemos afirmar, com toda certeza,

que valeu a pena, porque “Escola dá Vida” não é um projeto que se limita à escola, mas que se leva para a vida.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMEIDA Tatiani Maria Garcia de. **A dimensão política da educação : fundamentos Gramscianos capazes de indicar os limites dos decretos n.2.208/97 e n.5.154/04**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000175611>. Acesso em: 2 maio 2020.

ALVES NETO, Henrique Fernandes. **As definições, funções, sentidos atribuídos ao ensino médio após a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996: disputas para além da emancipação e competências**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000196057>. Acesso em: 2 maio 2020.

ALVES, Cíntia. **Zygmunt Bauman: “a solidão é a grande ameaça”**. [S. l.]: Fronteiras, 2018. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/zygmunt-bauman-la-solidao-e-a-grande-ameaca>. Acesso em: 13 fev. 2020.

ANDRADE, Pedro Henrique. **As ações afirmativas na UEL: um estudo sobre a sociabilidade dos estudantes negros na universidade**. 2010. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000153963>. Acesso em: 2 maio 2020.

BERNARDO, André. **O que Marielle tem a ensinar sobre a educação aos jovens carentes**. [S. l.]: Nova Escola, 2018 Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/11017/o-que-marielle-tem-a-ensinar-sobre-educacao-aos-jovens-carentes>. Acesso em: 22 fev. 2020.

BEZERRA NETO, Luiz ; BEZERRA; Maria Cristina dos Santos. Educação do campo: referenciais teóricos em discussão. **Exitus**. v.1, n. 1, Jul./Dez. 2011. Disponível em: <file:///E:/Downloads/209-418-1-SM.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

BORGES, Adriana Cristina. **Tecnologias e ensino de sociologia: interfaces problematizadas pelos professores no ensino médio**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000198102>. Acesso em: 2 maio 2020.

BORGES, Adriana Cristina; GUSMÃO, Franciele Priscila. LIMA, Ângela Maria de Sousa. **A disciplina de sociologia no ensino médio: uma desnaturalização das relações sociais**. [S. l.]: UEL, [20--?]. Disponível em: <http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/arquivos/GT2%20Artigo%20Borges%20e%20Gusmao%20a%20disciplina%20de%20sociologia%20no%20ensino%20medio.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2019.

BORGES, Aline Grazielle Rodrigues de Sales; SCHMIDT, Jéssica Josiane; MOREIRA, Wesley Sanches; LIMA, Ângela Maria de Sousa. **Projeto semanas de sociologia nas escolas de rede pública: as jornadas de sociologia e humanidades no Colégio Estadual Prof. Franscico Villanueva**. Disponível em: [http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/projeto\\_semanas\\_de\\_sociologia\\_nas\\_escolas\\_de\\_rede\\_publica\\_as\\_jornadas\\_de\\_sociologia\\_e\\_humanidades\\_no\\_colégio\\_estadual\\_prof\\_franscico\\_villanueva.pdf](http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/projeto_semanas_de_sociologia_nas_escolas_de_rede_publica_as_jornadas_de_sociologia_e_humanidades_no_colégio_estadual_prof_franscico_villanueva.pdf). Acesso em: 24 fev. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A Juventude é apenas uma palavra**: questões de Sociologia Tradução: Jeni Vaitsman. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. Classificação, desclassificação, reclassificação. **Atos da pesquisa em ciências sociais**, v. 24, n. 1, p. 2-22, 1978. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/arss\\_0335-5322\\_1978\\_num\\_24\\_1\\_2613?pageid=t1\\_15](https://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1978_num_24_1_2613?pageid=t1_15). Acesso em: 2 maio 2020.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros, os estudantes e a cultura**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 280 p.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 5 out. 1988. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 2 maio 2020.

BRASIL. **Diretrizes curriculares de Sociologia para o Ensino Médio**. Curitiba: SEED-PR, 2008.

BRASIL. Lei nº 11.684, de 2 de junho de 2008. Inclui a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, ano 146, n. 104, p. 1, 3 jun. 2008. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=03/06/2008>. Acesso em: 2 maio de 2020.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, ano 155, n. 35, p. 1, 17 fev. 2017. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=17/02/2017>. Acesso em: 2 maio 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, ano 134, p. 27839, 23 dez. 1996. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/LF9394\\_96.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/LF9394_96.pdf). Acesso em: 2 maio 2020.

BRASIL. **Medida Provisória nº 746 de 22 de setembro de 2016**. Presidência da República. Secretaria Geral. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm). Acesso em: 26 de janeiro de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação Básica**. Brasília: MEC, 2013. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 2 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 03/2018, de 21 de novembro de 2018**. Atualiza as Diretrizes Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2018b. Disponível em: <http://novoensinomedio.mec.gov.br/resources/downloads/pdf/dcnem.pdf>. Acesso em: 2 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 04/2018, de 17 de dezembro de 2018**. Institui a Base Nacional Comum Curricular na Etapa do Ensino Médio (BCNN-EM). Brasília: Ministério da Educação, 2018a. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2018-pdf/104101-rcp004-18/file>. Acesso em: 2 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 02/2012, de 30 de janeiro de 2012**. Define Diretrizes Nacionais para o Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2012. Disponível em: [http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/res\\_ceb\\_2\\_30012012.pdf](http://educacaointegral.mec.gov.br/images/pdf/res_ceb_2_30012012.pdf). Acesso em: 2 maio 2020.

BRASIL. **Orientações curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias**. OCNs. Secretaria de Educação Básica. v. 03. 133 p. Ministério da Educação; Brasília: MEC, 2006. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_03\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf). Acesso em: 2 maio 2020.

BRASIL. **Orientações educacionais complementares ao parâmetros curriculares nacionais (PCN+)**. Ciências Humanas e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. **Resolução nº1/12, de 30 maio de 2012**. Estabelece as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=17810&Itemid=8](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17810&Itemid=8). Acesso em: 28 jan. 2020.

CAPELO, Maria Regina Clivati. Diversidade sociocultural na escola e a dialética da exclusão/inclusão. *In*: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (org.). **Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados**. São Paulo: Biruta, 2003.

CHARLOT. Bernard. **Da relação do saber às práticas educativas**. São Paulo: Cortez, 2014. 133 p. *E-book*.

COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR FRANCISCO VILLANUEVA – ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO E PROFISSIONAL. **Projeto Político Pedagógico**. Rolândia: CEFV, 2010. Disponível em: [http://www.rlafranciscovnueva.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/18/2260/38/arquivos/File/PPP\\_2010.pdf](http://www.rlafranciscovnueva.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/18/2260/38/arquivos/File/PPP_2010.pdf). Acesso em: 29 abr. 2020.

COLÉGIO ESTADUAL PROFESSOR FRANCISCO VILLANUEVA – ENSINO FUNDAMENTAL, MÉDIO E PROFISSIONAL. **Projeto Político Pedagógico**. Rolândia, CEFV, 2018.

CORRÊA, Cristiano Pinheiro. **Múltiplos olhares dos estudantes do ensino médio de Londrina e Rolândia/PR**: uma caracterização sociológica. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000208942>. Acesso em: 2 maio 2020.

COSTA. Osmani. **Livro conta a saga de judeus-alemães que fugiram do nazismo para Rolândia**. [S. l.: s.n.], 1997. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/cidades/livro-conta-a-saga-dos-judeus-alemaes-que-fugiram-do-nazismo-para-rolandia-20965.html>. Acesso em: 31 jan. 2020.

CRUZ, Andréia Cristina da. **Gênero nos currículos e nas percepções das/dos estudantes do ensino médio**: uma caracterização sociológica. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000215329>. Acesso em: 2 maio 2020.

CRUZ, Edilaine Rizzuto; IVANO, Rogério. **Um ensaio sobre a preservação da cultura alemã em Rolândia – PR**. Londrina: UEL, [20--?]. Disponível em : <http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/PDF/edilainerizzuto.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2020.

DAYRELL, Juarez (org). **Por uma pedagogia das juventudes**: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Belo Horizonte: Mazza, 2016. Disponível em: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/livro-por-uma-pedagogia-das-juventudes/>. Acesso em: 2 maio 2020.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.** Campinas, vol. 28 n.1105-1128, out. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>. Acesso em: 29 abr. 2020.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, dez. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300004&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 29 de abr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>.

DORIGÃO, Antonio Marcos; **As escolas públicas de tempo integral: reprodução e transformação social em Apucarana**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000123281>. Acesso em: 2 maio 2020.

DUARTE, Magali Saddi. O que é uma escola justa? A escola das oportunidades. **Polyphonía**, v. 21/1, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sv/article/view/353/9944>. Acesso em: 29 abr. 2020.

DUBET, François. **O que é uma escola justa?** A escola das oportunidades. São Paulo: Cortez, 2008, 120 p.

DUBET, François. O que é uma escola justa? **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v34n123/a02v34123.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

FERREIRA, Adriana de Fátima; LIMA, Ângela Maria de Sousa; MARIANO, Silvana Aparecida. **As experiências das semanas temáticas e do encontro regional de Filosofia e de Sociologia com alunos do Ensino Médios: Primeiros Retornos**. Londrina: UEL, 2010 (no prelo).

FERREIRA, Eduardo Carvalho. **Sobre a noção de conhecimento escolar de sociologia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000166517>. Acesso em: 2 maio 2020.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educ. Soc.** [online]. 2002, vol.23, n.79, pp.257-272. ISSN 1678-4626. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=pt&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000300013&lng=pt&tlng=pt). Acesso em: 29 abr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>.

FERREIRA, Wallace. Bourdieu e educação: concepção crítica para pensar as desigualdades socioeducacionais no Brasil. **e-Mosaicos**, [S.l.], v. 2, n. 3, p. 46 - 59, jun. 2013. ISSN 2316-9303. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/8846>. Acesso em: 29 abr. 2020. doi:<https://doi.org/10.12957/e-mosaicos.2013.8846>.

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Pedagogia da libertação em Paulo Freire**. [S.l.]: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980. 102 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da escola improdutiva 30 anos depois: regressão social e hegemonia às avessas. **Trabalho Necessário**, [S.l.], v. 13, n. 20, jun. 2015. ISSN 1808-799X. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/8619>. Acesso em: 29 abr. 2020. doi:<https://doi.org/10.22409/tn.13i20.p8619>.

FUENTES, Jorge Henrique Dias. 2014. **A precarização do trabalho docente e a disciplina de sociologia no ensino médio**: um estudo no município de Ourinhos/SP. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000204215>. Acesso em: 2 maio 2020.

GASPARIN, João Luiz; **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. [S.l.: s.n.], 2001.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Ed.ArtMed, 2005.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Tainan Rotter Begara. **Encontros com a escola e o mundo do trabalho**: uma caracterização sociológica das juventudes do ensino médio integrado de Cornélio Procópio/PR. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000217343>. Acesso em: 2 maio 2020.

GROPPO, Luís Antônio. **Juventude**: ensaios sobre Sociologia e História das juventudes modernas. [S. l.]: Difel, 2000.

HANDFAS, Anita. O estado da arte no ensino de Sociologia na Educação Básica: um estudo preliminar da produção acadêmica. **Inter-Legere**, v. 9. p. 286- 400, 2011. Disponível em: <file:///E:/Downloads/4403-Texto%20do%20artigo-10258-1-10-20131023.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

HANDFAS, Anita; MAÇAIRA, Julia Polessa O estado da arte da produção científica sobre o ensino de Sociologia na educação básica. *In*: Anita Handfas; Julia Polessa. Maçaira; Alexandre Barbosa Fraga (org). **Conhecimento escolar e ensino de Sociologia**: instituições, práticas e percepções. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015. p. 20-43. Disponível em:

[https://img.travessa.com.br/capitulo/7\\_LETRAS/CONHECIMENTO\\_ESCOLAR\\_E\\_ENSINO\\_DA\\_SOCIOLOGIA-9788542103335.pdf](https://img.travessa.com.br/capitulo/7_LETRAS/CONHECIMENTO_ESCOLAR_E_ENSINO_DA_SOCIOLOGIA-9788542103335.pdf). Acesso em: 2 maio 2020.

HELENE, Otaviano. **Educação e desigualdade**. [S.l.: s.n.], 2011. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/node/7045/>. Acesso em 13 de agosto de 2018

HIRO, Cássio Diniz; SOUZA, Carlos Bauher. **Trabalhadores em educação, sindicalismo docente e consciência de classe**: a história do movimento sindical docente em Minas Gerais (1979 – 1983). In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”, 9., 2012, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: UFPB, 2012. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/6.12.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/6.12.pdf). Acesso em: 24 fev. 2020.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. [S.l.: s.n.], 1931.

IBGE. **Rolândia**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/rolandia/panorama>. Acesso em: 22 abr. 2020.

ISSOPO, Keity Kristiny Vieira. Novo Ensino Médio: uma análise crítica. **Blog GeoEconomia**. [S. l.]: 1 maio 2017. Disponível em: <https://marciogedri.wixsite.com/geoeconomica/single-post/2017/05/01/NOVO-ENSINO-M%C3%89DIO-UMA-AN%C3%81LISE-CR%C3%8DTICA>. Acesso em: 3 abr. 2019.

JACINTO, Daniela. Criador da Pedagogia Histórico-Crítica fala sobre o papel da escola. **Cruzeiro do Sul**. Sorocaba, n. 33353, 13 mar. 2014. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/536125/criador-da-pedagogia-historico-critica-fala-sobre-o-papel-da-escola>. Acesso em: 18 jun. 2018.

LEAL, Sayonara; YUNG, Tauvana. Por uma sociologia do ensino de Sociologia nas escolas: da finalidade atribuída à disciplina à experiência social do alunato. Estudos de caso no Distrito Federal. **Sociedade e Estado**, v. 30, n. 3, p. 773-796, 31 maio 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6034>. Acesso em: 7 abr. 2019.

LIMA, Alexandre Jeronimo Correia. **Teorias e métodos em pesquisas sobre ensino de sociologia**. 2012. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000183730>. Acesso em: 2 maio 2020.

LIMA, Angela Maria de Sousa. [Entrevista cedida a] Franciele Sussai. [S. l.]: UEL, 3 jan. 2020, meio eletrônico.

LIMA, Angela Maria de Sousa; ARAÚJO, Angélica Lyra de. Lenpes e ensino de Sociologia: sua trajetória de 2015 a 2017. **Ensino de Sociologia em Debate**. **LENPES-PIBID de Ciências Sociais**. Londrina, n. 7, v. 1, jan./dez. 2017. Disponível em: [http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/7%20Edicao/03%20ARTIGO\\_ANGELA-ANGELICA.pdf](http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/7%20Edicao/03%20ARTIGO_ANGELA-ANGELICA.pdf). Acesso em: 29 abr. 2020.

LIMA, Ângela Maria de Sousa; ARAÚJO, Angélica Lyra de; FERREIRA, Jaqueline; MOTTA, Silvia Conceição Longuin. (org.). **Sugestões Didáticas de ensino de Sociologia**. Londrina: UEL, 2012, 470 p. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/Livros/LENPES%20Sugestoes%20Didaticas%202012.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

LIMA, Ângela Maria de Sousa; ARAUJO, Angélica Lyra de; LIMA, Alexandre Jeronimo Correia. Semanas de Sociologia nas escolas da rede pública: interface entre educação básica e universidade. In: **Práticas e debates na formação de professores de Sociologia/Ciências Sociais**. LIMA, Angela Maria de Sousa; ARAUJO, Angélica Lyra de; LIMA, Alexandre Jeronimo Correia; FERREIRA, Adriana de Fátima; CARVALHO, César Augusto de; SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli; SCHEVISBISKI, Renata Schlumberger; SILVEIRA, Ricardo de Jesus (org). Londrina: UEL, 2013. p. 343-345.

LIMA, Angela Maria de Sousa; ARAUJO, Angélica Lyra de; SOUSA, Claudiney José de. Atualidade da obra “pedagogia do oprimido” no contexto das reformas curriculares e das práticas dos professores de Sociologia. **Temas & Matizes**, Cascavel, v. 12, n. 23, p. 34-57, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temasematizes/article/view/21239>. Acesso em: 29 abr. 2020.

LIMA, Daniel. **A importância da construção do Projeto Político- Pedagógico**. Meu artigo. [S.l.]: Brasil Escola, 2010. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-construcao-projeto-politico-pedagogico.htm>. Acesso em: 3 fev. 2020.

MARTINS, Francisco André Silva; DAYRELL, Juarez Tarcísio. **Juventude e participação**: disputas e relações no cotidiano escolar. Minas Gerais: UFMG, [201-?]. Disponível em: <https://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/juventude-e-participacao-disputas-e-relacoes-no-cotidiano-escolar/>. Acesso em: 21 fev. 2020.

MATOS, Julia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História Oral como fonte: problemas e métodos. **Historiæ**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011. Disponível em: <file:///E:/Downloads/2395-6480-1-PB.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

MELLO, Fabio Mansano de. **A Desqualificação profissional na educação**: um estudo do trabalho dos professores do ensino médio. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2004. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000099592>. Acesso em: 2 maio 2020.

MENEGOLO, Elizabeth Dias da Costa; CARDOSO, Cancionila Janzkovski; MENEGOLO, Leandro Wallace. O uso da história oral como instrumento de pesquisa sobre o ensino da produção textual: an instrument of search in the ransom of a history. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro , v. 9, p. 02-13, nov. 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-58212006000300002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212006000300002). Acesso em: 2 maio 2020.

MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MORAES, Esmael. Lei da mordaca na educação avança na câmara. **Blog do Esmael**. [S. l.], 9 ago. 2018. Disponível em: <https://www.esmaelmorais.com.br/2018/05/lei-da-mordaca-na-educacao-avanca-na-camara/>. Acesso em: 29 jan. 2020.

MORENO, Meire Ellen. **Feminismos e antifeminismos na política brasileira: "ideologia de gênero" no Plano Nacional de Educação 2014**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000206286>. Acesso em: 2 maio 2020.

MOTTA, Átila Rodolfo Ramalho. **Que Sociologia é essa: análise da recontextualização pedagógica do conhecimento**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000181341>. Acesso em: 2 maio 2020.

MOTTA, Sílvia Conceição Longuin. Discriminação étnica: grilhões culturais. *In*: LIMA, Ângela Maria de Sousa; ARAÚJO, Angélica Lyra de; FERREIRA, Jaqueline; MOTTA, Sílvia Conceição Longuin. (org.). **Sugestões didáticas de ensino de Sociologia**. Londrina: UEL, 2012. p.141-158. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/Livros/LENPES%20Sugestoes%20Didaticas%202012.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

MOTTA, Sílvia Conceição Longuin. **Experiências de metodologias de ensino de Sociologia: projeto escola dá vida**. Londrina: UEL, [201-]. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/semanacsoc/pages/arquivos/GT%202/resumo/RESUMO%20-%20SILVIA%20MOTTA.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2018.

MOTTA, Sílvia Longuin; SANTOS, Tatiane Brito dos; LIMA, Angela Maria de Sousa; ARAÚJO, Angélica Lyra de; FERREIRA, Adriana de Fátima. *In*: Jornada de Sociologia do Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, 11., **Anais [...]**. Rolândia: UEL, 2018. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/lenpes/pages/arquivos/ANAIS-MAIO2019.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

MOTTA, Vânia Cardoso da; FRIGOTTO, Gaudêncio. Por que a urgência da reforma do Ensino Médio? Medida Provisória nº 746/2016 (LEI nº13.415/2017). **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, n. 139, p. 355-372, abr.-jun., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v38n139/1678-4626-es-38-139-00355.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

NOGUEIRA, Claudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, ano 23, n. 78, abril. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

NUNES, Fabiano Elias; FALEIRO, Wender. Reflexões de Emile Durkheim sobre (re)socialização de adolescentes submetidos à medidas socioeducativas de internação. **Saberes**, Natal RN, v. 1, n. 14, p. 108-120, 31 out. 2016,. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/10024/7275>. Acesso em: 29 abr. 2020.

NUNES, Nataly. **Os processos de moralização na escola pública brasileira: estudo das disciplinas de educação moral e cívica e de ensino religioso**. 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000172391>. Acesso em: 2 maio 2020.

OLIVEIRA, Ana Cláudia Rodrigues de. **Percepções dos estudantes da rede pública estadual de ensino nos debates sobre família, gênero, política e religião**: região de Londrina-PR. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000223854>. Acesso em: 2 maio 2020.

OLIVEIRA, Diego Greinert de. **Nos bastidores do estado**: uma análise da construção das diretrizes curriculares para a educação básica do Paraná (2008) na disciplina de sociologia. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000205210>. Acesso em: 2 maio 2020.

OLIVEIRA, Natália Braga de. **A imaginação sociológica em sala de aula**. [200-]. Disponível em [http://www.salesianoniteroi.com.br/RO/destaques/documentos/anexos\\_71/sociol.pdf](http://www.salesianoniteroi.com.br/RO/destaques/documentos/anexos_71/sociol.pdf). Acesso em 2 maio 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **UNFPA**: “os jovens não são o problema, como muitos pensar, mas a solução”. Direitos humanos. [S. l.]: ONU, 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/unfpa-os-jovens-nao-sao-o-problema-como-muitos-pensam-mas-a-solucao/>. Acesso em: 23 fev. 2020.

PARMIGIANI, Jacqueline. **Uma escola igual a dos ricos**: a escola rural na visão dos atingidos por barragens do Rio Iguaçu. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2003. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000101253>. Acesso em: 2 maio 2020.

PATROCINO, Luis Gustavo. **Escola e religiões**: estudo sobre desdobramentos das práticas religiosas no ambiente escolar e suas interfaces com a disciplina de ensino religioso. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000194424>. Acesso em: 2 maio 2020.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. **“A maior zoeira” na escola**: experiências juvenis na periferia de São Paulo. São Paulo: Unifesp, 2016.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais. **Ponto Urbe**, n.1, p.01-10. 2007. <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1203>. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1203>. Acesso em: 18 dez. 2018.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória na São Paulo da pixação. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 1, n. 2, p. 55-69, 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/631?file=1>. Acesso em: 2 maio 2020.

PEREZ, Ana Paula Lopes Bogas. **As equipes multidisciplinares das escolas públicas do Paraná e suas ações para a efetivação da Lei federal nº 10.639/2003**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

PRADO. Gregório Antonio Fominski do. **Quando o ensino desafia a ciência: algumas questões presentes nos processos de ensino-aprendizagem da sociologia**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000190219>. Acesso: em 2 maio 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ROLÂNDIA. **Plano diretor de desenvolvimento integrado**. Rolândia: Governo Municipal, 1969.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ROLÂNDIA. **Plano Diretor Municipal de Rolândia/PR**. Rolândia, 2018. Disponível em: <https://portaldosmunicipios.pr.gov.br/download/public/arquivos/documentos/273/2019/02/21/gOO0soOQv9pjbuoLS4caTC6TANWeBy2hIJaSxEUR.pdf>. Acesso em: 2 maio 2018

REPTS. **Relatório de monitoramento global de educação para todos: jovens, competências e trabalho**. UNESCO, 2012. Disponível em: <http://www.UNESCO.org/new/es/education/themes/leading-the-international-agenda>. Acesso em: 23 fev. 2020

ROCHA, Ruth. **Este admirável mundo louco; uns pelos outros; quando a escola é de vidro**. Rio de Janeiro: Samandra, 1986.

SANTOS, Claitonei de Siqueira; MENDES, Gardene Leão de Castro. **Jovens como agentes sociais e culturais na sociedade contemporânea**. [S. l.]: UNICAP, 2012. Disponível em: <http://www.unicap.br/jubra/wp-content/uploads/2012/10/TRABALHO-40.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2019.

SANTOS, Jaqueline Fabeni dos. **Experiências de ensino de Sociologia/Ciências Sociais no Ensino Fundamental: uma análise das práticas dos professores**. 2014. 148 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000200270>. Acesso em: 19 fev. 2020.

SANTOS, Jaqueline Fabeni; LIMA, Ângela Maria de Sousa. **Semanas de Sociologia nas escolas da rede pública e GEEMAS (grupo de estudos e extensão sobre materiais didáticos de Sociologia)**: em busca da articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Londrina: UEL, [2010?]. Disponível em: [http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/semanas\\_de\\_sociologia\\_nas\\_escolas\\_da\\_rede\\_publica\\_e\\_geemas.pdf](http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/semanas_de_sociologia_nas_escolas_da_rede_publica_e_geemas.pdf). Acesso em: 19 fev. 2020.

SANTOS, Tatiane Brito dos. Apresentação. *In*: Jornada de Sociologia do Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, 10., **Anais [...]**. Rolândia: UEL, 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/projetos/lenpes/pages/arquivos/ANAIS%20VILLANUEVA%20outubro002018.pdf>. Acesso em: 2 maio 2020.

SANTOS, Tatiane Brito dos. **Caracterização Sociológica dos estudantes do Ensino Médio e Profissional do Colégio Estadual Prof. Francisco Villanueva – Rolândia/PR**. 2018. 128 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: [http://www.uel.br/cch/cdph/portal/pages/arquivos/Instrumentos-Pesquisa/TRAB-ACADEMICOS\\_DIGITALIZADOS/CIENCIAS\\_SOCIAIS/CARACTERIZACAO%20SOCIOLOGICA%20DOS%20ESTUDANTES%20DO%20ENSINO%20MEDIO%20E%20PROFISSIONAL%20DO%20COLEGIO%20ESTADUAL%20PROF%20FRANCISCO%20VILLANUEVA%2096%20ROLANDIAPR.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/portal/pages/arquivos/Instrumentos-Pesquisa/TRAB-ACADEMICOS_DIGITALIZADOS/CIENCIAS_SOCIAIS/CARACTERIZACAO%20SOCIOLOGICA%20DOS%20ESTUDANTES%20DO%20ENSINO%20MEDIO%20E%20PROFISSIONAL%20DO%20COLEGIO%20ESTADUAL%20PROF%20FRANCISCO%20VILLANUEVA%2096%20ROLANDIAPR.pdf). Acesso em: 29 abr. 2020.

SAVIANI, Demerval. Florestan Fernandes e a educação. **Estudos Avançados**, v.10. n. 26, p. 71-87, 1 abr. 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8917/10469>. Acesso em: 29 abr. 2020.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeira aproximação**. 10. ed. rev. Campinas-SP: Autores Associados, 2008. (Coleção educação contemporânea). Disponível em: [https://gepelufs1.files.wordpress.com/2011/05/pedagogia-histc3b3rico\\_critica.pdf](https://gepelufs1.files.wordpress.com/2011/05/pedagogia-histc3b3rico_critica.pdf). Acesso em: 29 abr. 2020.

SILVA, Aline Oliveira Gomes. **Nome social como política pública nas universidades estaduais do Paraná: coalizões, permanências e persistências**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000217327>. Acesso em: 2 maio 2020.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. A Imaginação Sociológica: desenvolvendo o raciocínio sociológico nas aulas com jovens e adolescentes: experiências e práticas de ensino. *In*: SIMPÓSIO ESTADUAL DE SOCIOLOGIA. 2005. Curitiba. **Anais [...]** Curitiba: Secretaria de Estado de Educação do Paraná, 2005. p. 1-15. Disponível em: [https://www.academia.edu/6843286/A\\_Imagina%C3%A7%C3%A3o\\_Sociol%C3%B3gica\\_desenvolvendo\\_o\\_racioc%C3%AAdnio\\_sociol%C3%B3gico\\_nas\\_aulas\\_com\\_jovens\\_e\\_adolescentes](https://www.academia.edu/6843286/A_Imagina%C3%A7%C3%A3o_Sociol%C3%B3gica_desenvolvendo_o_racioc%C3%AAdnio_sociol%C3%B3gico_nas_aulas_com_jovens_e_adolescentes). Acesso em: 29 abr. 2020.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli; LIMA, Angela Maria de Sousa. LIMA, Alexandre Jeronimo Correia. As percepções dos jovens sobre a escola e as pistas sobre as causas da desistência juvenil – estudo em três colégios do Paraná. *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 37., 2013, Águas de Lindoia. **Anais [...]**. Águas de Lindoia: ANPOCS, 2013.

SILVA, Marcos Maia da. **Juventudes e protagonismo**: um estudo de caso das ocupações nas escolas de ensino médio em Ivaiporã - PR. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000223760>. Acesso em: 2 maio 2020.

SILVA, Monica Ribeiro da. A BNCC da reforma do Ensino Médio: o resgate de um empoeirado discurso. **Educ. rev.** Belo Horizonte, v. 34, ed. 214130, 22 out. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v34/1982-6621-edur-34-e214130.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

SILVA, Rodrigo Manoel Dias da. O conceito de experiência social em François Dubet: possibilidades analíticas. **Mediações**, v. 14, n.1, p. 275-290, Jan/Jun. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/2176-6665.2009v14n1p275>. Acesso em: 4 out. 2018.

SILVA, Samira do Prado. **As interseccionalidades entre gênero, raça/etnia, classe e geração nos livros didáticos de sociologia**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000204848>. Acesso em 2: maio 2020.

SILVA, Thayara Rocha. **Desafios da permanência estudantil para a população alvo da educação especial nas universidades estaduais do Paraná: foco na UEL**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000217377>. Acesso em: 2 maio 2020.

SOLANO, Esther. O que foram, afinal, as Jornadas de Junho de 2013. E no que elas deram. **Nexo**. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram>. Acesso em: 22 fev. 2020.

SOUZA, Luis Gustavo. **Percursos da educação profissional técnica de nível médio integrado no IFPR de Telêmaco Borba/PR: uma análise sociológica**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000214762>. Acesso em: 2 maio 2020.

TOLEDO, Elizabete Humai de; VITALIANO, Célia Regina. Formação de professores por meio de pesquisa colaborativa com vistas à inclusão de alunos com deficiência intelectual. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.18, n.2, p. 319-336, Abr.-Jun., 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbee/v18n2/v18n2a10.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

TRICHES, Jocemara; LOTTERMANN, Josimar; CERNY, Rosely Zen (org.). **Os rumos da educação e as (contra) reformas**: os problemas educacionais do Brasil atual. Florianópolis : NUP/CED/UFSC, 2019. 155 p. *E-book*. Disponível em: <https://nup.ced.ufsc.br/files/2019/06/Os-rumos-da-Educa%C3%A7%C3%A3o-e-as-contrareformas.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2020.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL). **Resolução CEPE/CA Nº 107/2014**. Londrina: UEL, 2014. Disponível em: [http://www.uel.br/prograd/docs\\_prograd/resolucoes/2014/resolucao\\_107\\_14.pdf](http://www.uel.br/prograd/docs_prograd/resolucoes/2014/resolucao_107_14.pdf). Acesso em: 2 maio 2020.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político Pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização. 24. ed. São Paulo: Libertad, 2014.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento**: projeto de ensino-aprendizagem e político pedagógico. São Paulo: Libertad, 2002.

VICENTE, Daniel Vitor. **Fatores relacionados ao desempenho escolar**: uma análise a partir do Exame Nacional do Ensino Médio. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000205714>. Acesso em: 2 maio 2020.

**ANEXOS**

## ANEXO A

## Consentimento esclarecido para os gestores

UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

PROFSOCIO

**AOS CUIDADOS DA DIREÇÃO DA ESCOLA**

Eu, **SILVIA CONCEIÇÃO LONGUIN MOTTA**, portadora do RG 3517452-4, Professora de Sociologia da Escola Estadual Professor Francisco Villanueva, do município de Rolândia/PR e estudante regular do Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO), do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), esclareço minha intenção de pesquisa e peço autorização à equipe diretiva da referida escola para a realização de um ESTUDO DE CASO que fará parte do Projeto de Pesquisa de minha Dissertação de Mestrado, orientada pela Profa. Dra. Angela Maria de Sousa Lima (RG: 56921885) e que tem por título provisório **“PROJETO ESCOLA DÁ VIDA: 11 ANOS DAS JORNADAS DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA”**. Pretendo realizar pesquisa com alguns estudantes do Ensino Médio (do 1º ao 3º ano), com alguns estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) e com egressos desta mesma Instituição de Ensino, que queiram, voluntariamente, contribuir com a referida pesquisa, de preferência aqueles estudantes que tenham participado diretamente das Jornadas de Sociologia organizadas pelo Colégio. O objetivo principal do projeto é evidenciar a apreensão dos conteúdos sociológicos pelos estudantes/egressos nas Jornadas anuais e escrever a trajetória histórica dos onze anos do Projeto “Escola dá Vida”, desenvolvido no Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, a partir das percepções destes sujeitos entrevistados. Esclareço que os resultados finais da pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins científicos e acadêmicos e que serão publicizados para a escola e para a comunidade em geral assim que defendida minha dissertação no Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO). Por ser verdade, assinamos em\_/11/2018:

Silvia Conceição Longuin Motta  
Sousa Lima Discente

Profa. Dra. Angela Maria de  
Orientadora da Pesquisa

**AOS CUIDADOS DA DIREÇÃO DA ESCOLA**

Eu, abaixo assinado, \_\_\_\_\_ (nome completo), autorizo a realização da pesquisa **“PROJETO ESCOLA DÁ VIDA: 11 ANOS DAS JORNADAS DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA”**, na Escola Estadual Professor Francisco Villanueva, do município de Rolândia/PR, à professora **SILVIA CONCEIÇÃO LONGUIN MOTTA**, Professora de Sociologia da mesma Instituição. Estou esclarecido/a de que os resultados finais da pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins científicos e acadêmicos e serão publicizados para a escola e para a comunidade em geral assim que defendida a referida dissertação no Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO), do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH), da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Foi-me garantido que a participação é voluntária e que poderei retirar meu consentimento a qualquer tempo, antes ou durante o desenvolvimento da entrevista, sem penalidades ou prejuízos para a minha pessoa.

Tendo sido devidamente informado/a e esclarecido/a sobre os propósitos deste estudo, os procedimentos a serem realizados e as garantias de confidencialidade das informações por ele fornecidas, assino:

Nome completo:	
Assinatura:	
RG:	Cidade/Estado:
Cargo:	Data: ___/___/2018

(via da professora pesquisadora)

## ANEXO B

## Consentimento esclarecido para os professores



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

PROFSOCIO

**AOS CUIDADOS DO/A PROFESSOR/A DA ESCOLA**

Eu, **SILVIA CONCEIÇÃO LONGUIN MOTTA**, portadora do RG 3517452-4, Professora de Sociologia da Escola Estadual Professor Francisco Villanueva, do município de Rolândia/PR e estudante regular do Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO), do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), esclareço minha intenção de pesquisa e peço  
autorização do/a professor/a

\_\_\_\_\_ da referida escola, a fim de que o/a mesmo/a possa participar voluntariamente da realização de um ESTUDO DE CASO que fará parte do Projeto de Pesquisa de minha Dissertação de Mestrado, orientada pela Profa. Dra. Angela Maria de Sousa Lima (RG: 56921885) e que tem por título provisório **“PROJETO ESCOLA DÁ VIDA: 11 ANOS DAS JORNADAS DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA”**. Pretendo realizar a pesquisa com alguns estudantes do Ensino Médio (do 1º ao 3º ano), com alguns estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) e com egressos desta mesma Instituição de Ensino, que queiram, voluntariamente, contribuir com a referida pesquisa, de preferência aqueles estudantes que tenham participado diretamente das Jornadas de Sociologia organizadas pelo Colégio. O objetivo principal do projeto é evidenciar a apreensão dos conteúdos sociológicos pelos estudantes/egressos nas Jornadas anuais e escrever a trajetória histórica dos onze anos do Projeto “Escola dá Vida”, desenvolvido no Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, a partir das percepções destes sujeitos entrevistados. Esclareço que os resultados finais da pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins científicos e acadêmicos e que serão publicizados para a escola e para a comunidade em geral assim que defendida minha dissertação no Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO). Por ser verdade, assinamos, em   /2018:

---

Sílvia Conceição Longuin Motta  
Lima Discente

---

Profa. Dra. Angela Maria de Sousa  
Orientadora da Pesquisa

### AOS CUIDADOS DO/A PROFESSOR/A DA ESCOLA

Eu, abaixo assinado, \_\_\_\_\_ (nome completo), autorizo a inserção da minha entrevista na pesquisa **“PROJETO ESCOLA DÁ VIDA: 11 ANOS DAS JORNADAS DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA”**, na Escola Estadual Professor Francisco Villanueva, do município de Rolândia/PR, à professora **SILVIA CONCEIÇÃO LONGUIN MOTTA**, Professora de Sociologia da mesma Instituição. Estou esclarecido/a de que os resultados finais da pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins científicos e acadêmicos e serão publicizados para a escola e para a comunidade em geral assim que defendida a referida dissertação no Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO), do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH), da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Foi-me garantido que a participação é voluntária e que poderei retirar meu consentimento a qualquer tempo, antes ou durante o desenvolvimento da entrevista, sem penalidades ou prejuízos para a minha pessoa.

Tendo sido devidamente informado/a e esclarecido/a sobre os propósitos deste estudo, os procedimentos a serem realizados e as garantias de confidencialidade das informações por ele fornecidas, assino:

Nome completo:	
Assinatura:	
RG:	Cidade/Estado:
Docente da disciplina:	Data: ___/___/2018

(via do/a professor/a da escola)

## ANEXO C

## Consentimento esclarecido para os técnicos

UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

PROFSOCIO

**AOS CUIDADOS DO/A PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO (FUNCIONÁRIOS/AS)**

Eu, **SILVIA CONCEIÇÃO LONGUIN MOTTA**, portadora do RG3517452-4, Professora de Sociologia da Escola Estadual Professor Francisco Villanueva, do município de Rolândia/PR e estudante regular do Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO), do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), esclareço minha intenção de pesquisa e peço autorização do/a profissional da educação \_\_\_\_\_ da referida escola, a fim de que o/a mesmo/a possa participar voluntariamente da realização de um ESTUDO DE CASO que fará parte do Projeto de Pesquisa de minha Dissertação de Mestrado, orientada pela Profa. Dra. Angela Maria de Sousa Lima (RG: 56921885) e que tem por título provisório “**PROJETO ESCOLA DÁ VIDA: 11 ANOS DAS JORNADAS DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA**”. Pretendo realizar a pesquisa com alguns estudantes do Ensino Médio (do 1º ao 3º ano), com alguns estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) e com egressos desta mesma Instituição de Ensino, que queiram, voluntariamente, contribuir com a referida pesquisa, de preferência aqueles estudantes que tenham participado diretamente das Jornadas de Sociologia organizadas pelo Colégio. O objetivo principal do projeto é evidenciar a apreensão dos conteúdos sociológicos pelos estudantes/egressos nas Jornadas anuais e escrever a trajetória histórica dos onze anos do Projeto “Escola dá Vida”, desenvolvido no Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, a partir das percepções destes sujeitos entrevistados. Esclareço que os resultados finais da pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins científicos e acadêmicos e que serão publicizados para a escola e para a comunidade em geral assim que defendida minha dissertação no Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO). Por ser verdade, assinamos, em     /     / 2018:

---

Sílvia Conceição Longuin Motta  
Lima Discente

---

Profa. Dra. Angela Maria de Sousa  
Orientadora da Pesquisa



CONSENTIMENTO

PROFSOCIO 

**AOS CUIDADOS DO/A PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO (FUNCIONÁRIOS/AS)**

Eu, abaixo assinado, \_\_\_\_\_ (nome completo), autor a inserção da minha entrevista na pesquisa **“PROJETO ESCOLA DÁ VIDA: 11 ANOS DAS JORNADAS DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA”**, na Escola Estadual Professor Francisco Villanueva, do município de Rolândia/PR, à professora **SILVIA CONCEIÇÃO LONGUIN MOTTA**, Professora de Sociologia da mesma Instituição. Estou esclarecido/a de que os resultados finais da pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins científicos e acadêmicos e serão publicizados para a escola e para a comunidade em geral assim que defendida a referida dissertação no Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO), do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH), da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Foi-me garantido que a participação é voluntária e que poderei retirar meu consentimento a qualquer tempo, antes ou durante o desenvolvimento da entrevista, sem penalidades ou prejuízos para a minha pessoa.

Tendo sido devidamente informado/a e esclarecido/a sobre os propósitos deste estudo, os procedimentos a serem realizados e as garantias de confidencialidade das informações por ele fornecidas, assino:

Nome completo:	
Assinatura:	
RG:	Cidade/Estado:
Funcionário/a na escola desde:	Data: ___/___/2018

(via da professora pesquisadora)

## ANEXO D

## Consentimento esclarecido para os estudantes



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

PROFSOCIO

**AOS CUIDADOS DO/A RESPONSÁVEL PELO/A ESTUDANTE**

Eu, **SILVIA CONCEIÇÃO LONGUIN MOTTA**, portadora do RG 3517452-4, Professora de Sociologia da Escola Estadual Professor Francisco Villanueva, do município de Rolândia/PR e estudante regular do Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO), do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), esclareço minha intenção de pesquisa e peço autorização ao/à responsável pelo/a estudante \_\_\_\_\_ da referida escola, a fim de que o/a mesmo/a possa participar voluntariamente da realização de um ESTUDO DE CASO que fará parte do Projeto de Pesquisa de minha Dissertação de Mestrado, orientada pela Profa. Dra. Angela Maria de Sousa Lima (RG: 56921885) e que tem por título provisório **“PROJETO ESCOLA DÁ VIDA: 11 ANOS DAS JORNADAS DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA”**. Pretendo realizar a pesquisa com alguns estudantes do Ensino Médio (do 1º ao 3º ano), com alguns estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) e com egressos desta mesma Instituição de Ensino, que queiram, voluntariamente, contribuir com a referida pesquisa, de preferência aqueles estudantes que tenham participado diretamente das Jornadas de Sociologia organizadas pelo Colégio. O objetivo principal do projeto é evidenciar a apreensão dos conteúdos sociológicos pelos estudantes/egressos nas Jornadas anuais e escrever a trajetória histórica dos onze anos do Projeto “Escola dá Vida”, desenvolvido no Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, a partir das percepções destes sujeitos entrevistados. Esclareço que os resultados finais da pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins científicos e acadêmicos e que serão publicizados para a escola e para a comunidade em geral assim que defendida minha dissertação no Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO). Por ser verdade, assinamos, em /\_/2018:

---

Sílvia Conceição Longuin Motta  
Lima Discente

---

Profa. Dra. Angela Maria de Sousa  
Orientadora da Pesquisa

**AOS CUIDADOS DO/A RESPONSÁVEL PELO/A ESTUDANTE**

Eu, abaixo assinado, \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_ (nome completo), autorizo a  
 \_\_\_\_\_ participação de  
 \_\_\_\_\_ na da  
 pesquisa

**“PROJETO ESCOLA DÁ VIDA: 11 ANOS DAS JORNADAS DE SOCIOLOGIA NA**

**ESCOLA”**, na Escola Estadual Professor Francisco Villanueva, do município de Rolândia/PR, à professora **SILVIA CONCEIÇÃO LONGUIN MOTTA**, Professora de Sociologia da mesma Instituição. Estou esclarecido/a de que os resultados finais da pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins científicos e acadêmicos e serão publicizados para a escola e para a comunidade em geral assim que defendida a referida dissertação no Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO), do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH), da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

Foi-me garantido que a participação é voluntária e que poderei retirar meu consentimento a qualquer tempo, antes ou durante o desenvolvimento da entrevista, sem penalidades ou prejuízos para a minha pessoa.

Tendo sido devidamente informado/a e esclarecido/a sobre os propósitos deste estudo, os procedimentos a serem realizados e as garantias de confidencialidade das informações por ele fornecidas, assino:

Nome completo:	
Assinatura:	
RG:	Cidade/Estado:
Grau de parentesco:	Data: ___/___/2018

(via do/a responsável pelo/a estudante)

## ANEXO E

Consentimento esclarecido para os egressos



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

PROFSOCIO

**AOS CUIDADOS DO/A ESTUDANTE EGRESSO/A**

Eu, **SILVIA CONCEIÇÃO LONGUIN MOTTA**, portadora do RG

3517452-4, Professora de Sociologia da Escola Estadual Professor Francisco Villanueva, do município de Rolândia/PR e estudante regular do Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO), do Departamento de Ciências Sociais, do Centro de Letras e Ciências Humanas (CLCH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), esclareço minha intenção de pesquisa e peço autorização à/ao estudante egresso/a

---

\_\_\_\_da referida escola, a fim de que o/a mesmo/a possa participar voluntariamente

da realização de um ESTUDO DE CASO que fará parte do Projeto de Pesquisa de minha Dissertação de Mestrado, orientada pela Profa. Dra. Angela Maria de Sousa Lima (RG: 56921885) e que tem por título provisório **“PROJETO ESCOLA DÁ VIDA: 11 ANOS DAS JORNADAS DE SOCIOLOGIA NA ESCOLA”**. Pretendo

realizar a pesquisa com alguns estudantes do Ensino Médio (do 1º ao 3º ano), com alguns estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental (8º e 9º anos) e com egressos desta mesma Instituição de Ensino, que queiram, voluntariamente, contribuir com a referida pesquisa, de preferência aqueles estudantes que tenham participado diretamente das Jornadas de Sociologia organizadas pelo Colégio. O objetivo principal do projeto é evidenciar a apreensão dos conteúdos sociológicos pelos estudantes/egressos nas Jornadas anuais e escrever a trajetória histórica dos onze anos do Projeto “Escola dá Vida”, desenvolvido no Colégio Estadual Professor Francisco Villanueva, a partir das percepções destes sujeitos entrevistados. Esclareço que os resultados finais da pesquisa serão utilizados

exclusivamente para fins científicos e acadêmicos e que serão publicizados para a escola e para a comunidade em geral assim que defendida minha dissertação no Programa de Mestrado Profissional em Rede Nacional – de Sociologia (PROFSOCIO). Por ser verdade, assinamos, em /\_/2018:

---

Sílvia Conceição Longuin Motta  
Lima Discente

Profa. Dra. Angela Maria de Sousa  
Orientadora da pesquisa